



**UnB**

Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**Cuidado, militância e saúde mental:  
A produção coletiva de dignidade no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem  
Terra (MST)**

**Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas  
2025**

Fc Freitas, Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira  
Cuidado, militância e saúde mental: A produção coletiva  
de dignidade no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
(MST) / Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas;  
orientadora Soraya Resende Fleischer; co-orientadora  
Christine de Alencar Chaves. Brasília, 2025.  
210 p.

Tese(Doutorado em Antropologia) Universidade de Brasília,  
2025.

1. Cuidado. 2. Saúde Mental. 3. MST, 4. Movimentos  
Sociais. 5. Antropologia. I. Fleischer, Soraya Resende,  
orient. II. Chaves, Christine de Alencar , co-orient. III.  
Titulo.

Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas

Cuidado, militância e saúde mental: A produção coletiva de dignidade no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília como um dos requisitos para a obtenção do título de doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Resende Fleischer

Co-Orientadora: Profa. Dra. Christine De Alencar Chaves

Banca examinadora:

Profa. Dra. Soraya Resende Fleischer (UnB - Presidente)

Profa. Dra. Christine De Alencar Chaves (UnB - Presidente)

Profa. Dra. Gretel Echazú (Fiocruz/Brasília - Membro titular)

Profa. Dra. Lucineia Miranda de Freitas (Coordenação Nacional do MST/Brasília - Membro titular)

Profa. Dra. Érica Quinaglia (FCE/UnB - Membro titular)

Profa. Dra. Ellen Woortmann (DAN/UnB - Membro suplente)

Brasília, 2025

Para Camila Gomes de Mesquita Oliveira,  
Para todos aqueles que buscam uma vida mais justa e para os que foram medianos,  
Ninguém será descartado.

## Agradecimentos

Nenhuma das conquistas que alcancei até aqui pode ser afirmada como uma conquista individual. Cada passo adiante foi alcançado com muitos apoios e cada momento no qual não foi possível caminhar, contou com o auxílio de alguém.

Agradeço imensamente à Camila, minha esposa e companheira nos momentos felizes e também nos difíceis. Camila foi a primeira leitora e debatedora do que está nessa tese. Seu olhar crítico e aguçado trouxe sempre perspectivas interessantes, impedindo que eu perdesse de vista os motivos pelos quais essa pesquisa foi realizada. Fazer o doutorado só foi possível porque fizemos casa, junto com nossas gatas, Tallulah e Pagu. Construimos um lar um no outro. Parafraseando uma música, quando cheguei perto do limite, difícil de aguentar, foi importante ter a possibilidade de ficar em silêncio, só ficar.

Agradeço ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que me acolheu de forma tão aberta e sincera. Escutar de pessoas inspiradoras, como Vera, que acreditavam em meu potencial e no resultado a ser feito, foi importante para continuar apesar de tantas dúvidas. Iniciei essa pesquisa com o MST buscando também inspiração para como lidar com as diversas dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora e encontrei lições valiosas. Agradeço a todos os militantes que me acolheram, em especial à Aspásia Mariana, Vera Mariano, Stephanie Lorena, Elisa Rebeca, Carmen Gabriele, Clarice Rodrigues, Missias Dias, Toni Sabino, Neném (Antônia Ivoneide), Alexandre da Conceição, Ana Moraes, Rita Zanotto, Chicão (Francisco Dal Chiavon), Pequi (Paula Coelho), Camila Miranda, Camila Livramento, Caroline Schon e Gabriel Pini.

O doutorado me trouxe à Brasília, cidade que conheci e aprendi a me sentir muito acolhido e gostar de me relacionar com ela. Tal acolhimento passou por amigos que fiz na pós-graduação que foram também grandes responsáveis por me mostrar uma cidade onde eu decidi ficar. Agradeço pela gentileza que foi além das discussões acadêmicas à Luiza Rosa, Ana Paula Jacob, Joana Dias, Diego Flores, Maria Luiza Vietes e Thais Brayner. Tudinha (Gertrudes), Ninosa e Vanusa me forneceram abrigo logo quando cheguei em Brasília e não poderia esperar algo melhor do que me ofereceram. Agradeço ainda ao grupo do vôlei da 411 por lembrar que não se faz tese só com mente, mas que existe também um corpo precisando de movimento.

No Departamento de Antropologia da UnB, tive a oportunidade de trabalhar com docentes extremamente qualificados. Contei com uma dupla de orientação com uma

produção reconhecida e que também são ótimas docentes. Agradeço a Soraya Fleischer por me receber como orientando na ocasião de minha chegada ao doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Ao chegar em uma universidade e cidade nova, cada acolhida foi bem-vinda. Também é justo e correto agradecer à professora Christine Chaves por aceitar ser minha co-orientadora nesse longo processo de escrita da tese e por contribuir com seu profundo e sensível conhecimento sobre o MST.

Estar em Brasília significou estar longe de meus pais (José Elder e Maria José), irmã (Monalisa) e sobrinhos (Guilherme e Vinícius), de quem senti saudades, mas felizmente recebi deles mais do que jamais serei capaz de retribuir. Por isso, agradeço mais uma vez. Agradeço também ao apoio constante de meus sogros, Marcos de Oliveira e Alberice Maria. Agradeço profundamente aos professores que desde minha graduação em Ciências Sociais alimentaram um interesse crescente pela antropologia e pela docência. São eles Kleyton Rattes, Cristina Maria da Silva e Romain Bragard. Minha formação passou também pelo Kung Fu (uma arte marcial que me levou ao encontro de muitos amigos, minha esposa e também me levou ao MST), ao que agradeço ao Sifu Giovani Nunes, que sempre me lembrou de nunca parar com os estudos e os treinos. Em Fortaleza, onde passei boa parte de minha vida, agradeço aos amigos que, mesmo à distância, continuaram sendo uma fonte de risadas e acolhimento. Obrigado a Bruna Araújo, Izabel Accioly, Diego Curumim, Sulamita Lino e Victor Cunha.

Ao longo da tese, recebi e participei de um formato de orientação coletiva, que me permitiu ler e ser lido por diversos colegas. Tal formato contribui para evitar um problema sério nas pós-graduações: o isolamento dos pesquisadores, principalmente durante o período de escrita. Agradeço a Thais Valim, Amanda Santos, João Paulo Siqueira, Mariana Petrucelli, Mariana Simões, Laura Coutinho, Vanessa Ponte, Will Pena, Tomás Kierszenowicz, Clarissa Cavalcanti e Caio Mader. Agradeço também a todos que foram meus alunos durante meu estágio docente. Tive, com vocês, minha experiência profissional mais engrandecedora até hoje. Mais uma vez me encontrei na sala de aula e fizemos isso juntos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

*E se não resistir e desocupar  
Entregar tudo pra ele então, o que será?*

Criolo

*A morte faz da vida uma aventura. O único milagre que existe no mundo para cada um de nós é ter nascido. (...) Me dediquei a mudar o mundo e não mudei porcaria nenhuma, mas estive entretido. E gerei muitos amigos e muitos aliados nessa loucura de tentar mudar o mundo para melhorá-lo. E dei um sentido à minha vida. Vou morrer feliz, não por morrer, mas por deixar uma turma que me supera com folga. Só isso.*

Pepe Mujica

## **Resumo**

Esta tese investiga as práticas de cuidado coletivo e concepções de saúde mental desenvolvidas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), analisando-as como elementos fundamentais para a sustentabilidade da luta política e social. Através de pesquisa realizada entre 2020 e 2024 em diferentes espaços do movimento no Ceará, Distrito Federal e na Rede de Saúde Mental, examino como militantes constroem mecanismos de proteção e resistência frente aos desafios da militância. A pesquisa demonstra que o MST desenvolveu um sistema contínuo de cuidado que integra aspectos intersubjetivos e coletivos, de forma que a saúde é compreendida como intrinsecamente ligada à capacidade de luta e transformação social. Argumento que as práticas de cuidado no MST são simultaneamente terapêuticas e políticas, criando um repertório próprio que responde às especificidades da vida militante e constrói o militante como um modo específico de estar no mundo. A militância emerge não apenas como potencial fonte de desgaste laboral e físico, mas como fator de proteção e fortalecimento psicossocial, onde a vulnerabilidade compartilhada torna-se base para a resistência coletiva. A tese aponta para como o MST implementou uma "militância para dentro", - um cuidado voltado aos próprios integrantes - especialmente visível na criação da Rede de Saúde Mental. Esta pesquisa contribui para os estudos antropológicos sobre movimentos sociais ao evidenciar como as dimensões emocionais e afetivas são centrais para compreender o engajamento político, além de oferecer diálogos para pensar modelos de atenção à saúde mental fundamentados na inserção social e na transformação coletiva.

**Palavras Chave:** Cuidado; saúde mental, MST; Militância; Movimentos Sociais



## **Abstract**

This thesis investigates the collective care practices and mental health concepts developed in the Landless Workers' Movement (MST), analyzing them as fundamental elements for the sustainability of political and social struggle. Through research conducted between 2020 and 2024 in different areas of the movement in Ceará, the Federal District, and the Mental Health Network, I examine how activists build mechanisms of protection and resistance in the face of the challenges of activism. The research demonstrates that the MST has developed a continuum of care that integrates intersubjective and collective aspects, understanding health as intrinsically linked to the capacity for struggle and social transformation. I argue that care practices in the MST are simultaneously therapeutic and political, creating a unique repertoire that responds to the specificities of activist life and constructs the activist as a specific way of being in the world. Activism emerges not only as a potential source of labor and physical exhaustion, but also as a factor of protection and psychosocial strengthening, where shared vulnerability becomes the basis for collective resistance. The thesis highlights how the MST implemented an "internal activism"—a care focused on its own members—especially evident in the creation of the Mental Health Network. This research contributes to anthropological studies on social movements by highlighting how emotional and affective dimensions are central to understanding political engagement, in addition to offering dialogues for considering mental health care models grounded in social inclusion and collective transformation.

**Keywords:** Care; Mental Health; MST; Activism; Social Movements

## **Lista de siglas**

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CPT - Comissão Pastoral da Terra

ESP MG - Escola de Saúde Pública de Minas Gerais

ESS - Escola de Serviço Social

FAAB - Frente Ampla da Agropecuária Brasileira

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

FPA - Frente Parlamentar da Agropecuária

IALA - Instituto de Agroecologia Latino Americano

INCRA - Instituto da Reforma Agrária

MOP - Movimento de Organização Popular

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

OSC - Organizações da sociedade civil

Partido dos Trabalhadores (PT)

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PL - Partido Liberal

PP - Progressistas

PICS - Práticas Integrativas E Complementares Em Saúde

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

RCVD - Rede de Combate à Violência Doméstica

RSM - Rede de Saúde Mental

SUS - Sistema Único de Saúde

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UnB - Universidade de Brasília

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

## Sumário

<b>Introdução - Viver para lutar, lutar para viver.....</b>	<b>1</b>
Justificativa.....	4
Metodologia.....	8
Cuidados e o MST.....	12
Estrutura da Tese.....	26
<b>Capítulo 1 - Construindo resistência e cuidado por meio da coletividade: "Quando você faz junto, você se sente parte disso.".....</b>	<b>28</b>
1.1. A ponte de relações - ingresso como pesquisador.....	31
1.2. A Feira de Reforma Agrária.....	35
1.3. Debates sobre desenvolvimento do cuidado coletivo no MST.....	44
1.4. Criar cuidado no MST no Ceará.....	49
1.4.1. Jericó - "Fui me forjando".....	50
1.4.2. Cumaru - A militância não é uma profissão, não é um curso acadêmico.....	62
1.4.3. Bromélia - "Sou a melhor militante que eu consigo ser".....	69
1.4.4. Coroaá - "O MST também é minha família. Uma é do meu sangue, outra é da luta".....	75
1.5. Conclusão.....	83
<b>Capítulo 2 - Entre o Cuidado, a Articulação e o Confronto.....</b>	<b>86</b>
2.1. A CPI do MST.....	88
2.2. Fazer o MST no Escritório Nacional.....	99
2.2.1. Amburana - "você não está indo só, você está indo com o coletivo que está cuidando de você também".....	100
2.2.2. Saccharino - "MST pega esse bagaço e devolve a doçura, devolve a esperança, a vontade de lutar, a vontade de estar junto".....	114
2.2.3. Crassiflora - "Pouco importa o teu nome o teu sobrenome. Quando eu chego, eu sou Crassiflora do MST".....	122
2.2.4. Aroeira - "O movimento sabe trabalhar com as dores também".....	132
2.5. Conclusão.....	139
<b>Capítulo 3 - A Rede de Saúde Mental - "Saúde é encontrar respostas possíveis diante das condições que nos encontramos".....</b>	<b>141</b>
3.1. Esboços de uma compreensão coletiva de saúde mental no MST.....	142
3.2. A Rede de Saúde Mental (RSM).....	147
3.3. Os militantes da RSM.....	157
3.3.1. Pequi - "Acho que essa coisa de ser militante também, alguma medida é parte do que você é".....	158
3.3.2. Pinheiro - "tem um ódio, tenho uma insatisfação, tenho uma revolta".....	166
3.3.3. Mauritia - "Tirar isso que as pessoas estão sentindo do lugar do fracasso pessoal".....	171
3.3.4. Mirabilis - "É ver na prática a possibilidade de mudança da sociedade".....	175
3.4. Conclusão.....	179
<b>Conclusão.....</b>	<b>184</b>
<b>Referências.....</b>	<b>189</b>

## **Introdução - Viver para lutar, lutar para viver**

Exaustão. Um sentimento comum e cada vez mais recorrente de encontrar, principalmente dentre aqueles que se dividem em diversas tarefas e que se encontram pressionados por condições sociais adversas. Buscar forças, nessa situação, parece uma tarefa ingrata. O que acontece, portanto, quando escuto militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) falando de encontrar forças para seguir em frente, mesmo diante de jornadas exaustivas e retornos no mínimo incertos? O que suas atividades podem ensinar sobre o engajamento e sobre o significado de cuidar? Para o MST, saúde é a capacidade de lutar contra o que oprime seus militantes. Entender o que isso significa é do que se trata essa tese.

Mais especificamente, essa pesquisa trata de uma investigação sobre a construção da noção de saúde mental dentro do MST. Elegi saúde mental e bem-estar para tratar especificamente de um tipo de sofrimento mais próximo do que Duarte chama de perturbações físico-morais (DUARTE, 1994, p.85), ou seja, uma aflição que pode perpassar simultaneamente aspectos físicos como morais, como é o caso, referente ao estudo desta tese, da exaustão ou da perda de ânimo para as atividades coletivas. Saúde mental é aqui também um conceito êmico em construção no sentido em que essa tese acompanha parte da gênese de uma compreensão coletiva acerca do tema dentro do MST. É objetivo dessa tese identificar como a carreira militante se relaciona com o bem-estar de sujeitos engajados no MST, assim como entender as estratégias de cuidado com seus militantes empregadas dentro do MST e os sentidos de saúde mental, bem-estar e dignidade dentro do MST.

Como forma de alcançar seu propósito, essa tese se debruça principalmente sobre histórias de vida de militantes do MST, com foco na sua relação com o Movimento Social, em busca das formas como o cuidado é realizado para dentro do movimento. O que se busca aqui é uma espécie de militância movimento adentro, como dirá um dos interlocutores desta pesquisa, ou seja, quais formas de cuidar estão imbricadas na construção do sujeito enquanto militante e que são renovadas em sua prática. Também faço uso da investigação de determinados episódios ou cenários relevantes para os militantes, como as Feiras da Reforma Agrária, a Comissão

Parlamentar de Inquérito do MST e um coletivo de cuidado em saúde mental, a Rede de Saúde Mental (RSM).

A pesquisa que fundamenta essa tese teve início de fato em agosto de 2020, porém sua motivação surgiu nos últimos meses de 2018, na ocasião do fim da eleição presidencial no Brasil que levou Jair Bolsonaro e um grupo de extrema direita à cargos centrais na política nacional. Havia então, no campo progressista, um enorme desânimo quanto aos rumos políticos e sociais que precisariam ser enfrentados. Em diversos debates que acompanhei, via a indicação de que seria importante estar junto, em coletivo, para enfrentar as dificuldades que viriam e também para ser capaz de organizar o misto de sentimentos que surgia naquele momento. Eu já mantinha certa proximidade com o MST no Ceará, motivado por afinidades políticas, mas também por razões diversas — como a busca por alimentos, os debates nas Feiras da Reforma Agrária e as amizades com militantes. Assim, pude acompanhar como as emoções que afligiam a mim e a outros localizados à esquerda do espectro político aparentavam ser amortizadas pelo coletivo do movimento social, levando à mobilização e não à paralisação e à ansiedade. Segundo Ayala Ferreira, da direção nacional do MST

Quando houve a posse do Bolsonaro, teve vários aliados muito preocupados com a segurança do MST que vieram oferecer asilo para o movimento. “Olha, tomem cuidado, vocês serão os inimigos”. Mas ao mesmo tempo que fechou a porta do governo federal, teve várias outras portas que se abriram. No campo dos municípios, de governos dos estados que foram parceiros ali nessa construção, mesmo limitado no município ou no estado, de políticas de reforma agrária que ajudou a gente a sobreviver, nesses anos duros do governo Bolsonaro. (FERREIRA, LOERA e ROLEMBERG, 2025, p.14).

Esse relato não é à toa, pois traz elementos centrais a esta pesquisa, como a organização coletiva (seus significados e efeitos) e o trabalho realizado sobre os sentimentos dos militantes. Conforme apresentado ao longo da tese, o interesse que tive no MST nesse momento também ocorreu com alguns interlocutores com quem essa pesquisa foi feita.

Faço ainda outra pequena explicação introdutória, para introduzir o tema desta pesquisa. Ao longo dos anos desta investigação, venho tentando conciliar, com maior ou menor sucesso, estudos, trabalhos, aperfeiçoamento profissional, relações familiares,

cuidados com a saúde e uma proximidade com a militância do MST. Nesse percurso, dificilmente sou capaz de dar conta de todos os aspectos mencionados satisfatoriamente, sempre havendo algum setor da vida que sai prejudicado. Em outra pesquisa (FREITAS, 2019, p.112), pensando sobre aspectos relacionados à saúde mental e demandas por produtividade, afirmei que o que não é contabilizado tende a ser preterido em prol de aspectos mais competitivos, ou seja, a maximização dos processos racionais é obtida ao custo da expulsão de idiosincrasias essenciais aos sujeitos. Dito isso, a rotina dos militantes que acompanhei ao longo desta pesquisa tem sido tão ou, frequentemente, mais exigente que aquela que eu enfrentava. São pessoas que se dedicam a seus trabalhos, estudos, cultivos, cooperativas, filhos, saúde e a um trabalho de militância exigente e árduo. Uma dedicação que por diversas vezes exige satisfações e também traz algumas amargas derrotas. No meio destas trajetórias, há o conforto do sentimento de companheirismo e de poder ser cuidado por outros enquanto também se é um cuidador. A materialização do cuidado dentre os militantes ocorre por meio das diversas formas de encontrar equilíbrio entre campos diversos da vida, não apenas com a motivação ou o trabalho dos sentimentos, mas também com as condições materiais para tal. A noção de cuidado do MST demanda extrapolar campos insulares das vidas de seus militantes.

O objetivo da presente investigação é duplo. Primeiramente, desejo entender o que caracteriza a trajetória dos militantes do MST e como estes lidam com o enfrentamento de longuíssimo prazo que o movimento social exige. Como se sustentam esses sujeitos? A que tipos de sofrimentos eles estão submetidos? O que o MST faz ou deixa de fazer, explicitamente ou não, para cuidar de seus militantes? Por outro lado, entendo também que a perspectiva de saúde e construção de sujeito que este movimento social traz é significativamente distinta da noção de indivíduo e todos os tipos de cuidado e tratamento centrados em uma interpretação insular de autonomia. Desta forma, compreendo que a trajetória dos militantes é capaz de ensinar, em termos de resistência, esperança e saúde, aqueles que não vivem as mesmas atividades. Em outras palavras, meu primeiro objetivo é entender como o bem-estar de militantes e bandeiras de luta do MST se relacionam, se alimentando de forma virtuosa ou não. O segundo objetivo é, ao entender em quê a construção da ideia de bem-estar, de cuidado e de saúde mental feita pelo MST contribui para o debate fora deste movimento social.

Caso eu tenha sucesso no duplo objetivo delineado, pretendo atuar como aquilo que entendo ser o fundamento do ofício antropológico (WAGNER, 2010, p.62;

CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p.27; RATTES, 2015, p.283): operar como ponte entre perspectivas, contribuindo para misturar o que estava separado, de forma que, ao final, nenhuma das partes envolvidas seja mais a mesma.

Um último comentário. Trata-se de falar sobre o que essa tese não é: ela não é um meio para alcançar o que Crary apresenta como a exploração dos limites do cansaço em relação ao trabalho, tornando plausível a ideia de trabalhar sem pausa e sem limites (CRARY, 2014), nem é o que Boltanski e Chiapello entendem como a dissolução simultânea entre tempo privado e profissional e entre trabalho e consumo (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009). Ou seja, não há confusão entre o meio pelo qual o MST busca motivar seus militantes e aquele utilizado dentro de uma lógica produtivista. Dois motivos essenciais garantem isso. O primeiro é que enquanto um modelo é fortemente individualista, focando em um indivíduo competitivo que precisa se manter produtivo para se destacar diante de seus concorrentes, o outro modelo é enraizado em um caráter cooperativo e de justiça social, que pode ou não ter retornos para o próprio indivíduo, mas que espera retornos para arranjos sociais maiores, como para uma classe social como um todo. Segundo, o entendimento de saúde e de cuidado aqui levantado é um que permite ao sujeito questionar e modificar as condições estabelecidas para ele. Não se trata de uma lógica de adaptação, mas de possibilidade de mudança. Dito isso, acredito que é importante estudar o risco do entrecruzamento entre essas duas lógicas: a aplicação de um modelo produtivista dentro de um movimento popular de esquerda, o que poderia resultar em um militante super produtivo em detrimento de seu bem-estar. Entretanto, este não é o caso estudado nesta tese.

## Justificativa

O MST é um dos movimentos sociais com maior constância e volume no Brasil. Fundado em 1984, é decorrente de uma longa série de movimentos camponeses, com destaque para as Ligas Camponesas. Durante a redemocratização do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra já nasceu marcado por lutas e disputas extremamente desiguais entre camponeses e latifundiários, não raramente apoiados pela máquina estatal. Hoje, o Movimento está presente em todas as regiões do Brasil e conta com centenas de milhares de assentados. A origem do MST está ligada à Comissão Pastoral da Terra (CPT), que participou da organização do I Encontro Nacional dos Sem

Terra, em 1984 (CHAVES, 2000, p.16). Entretanto, desde sua origem o MST definiu a direção política como prerrogativa de seus próprios militantes, podendo outros coletivos, como CPT, atuarem na função de assessoria (*Ibidem*).

Desde 1985, a Comissão Pastoral da Terra divulga anualmente o relatório conflitos no campo e o Brasil, que documenta as diversas formas de violência sofridas por camponeses e apresenta dados que constantemente geram preocupação. A própria CPT pode se enquadrar no conjunto de movimentos sociais populares do Brasil e entende a luta dos camponeses como “um ritual celebrativo desta presença e da esperança que anima o povo” (CPT, 2023, p.11). A busca sobre o que é a luta dos militantes é significativa para esta tese, pois discute aspectos que, como pretendo demonstrar, são essenciais na construção da trajetória dos militantes: celebração, presença, esperança e animação.

Visto que mencionei a luta dos militantes do MST, cabe aqui uma observação sobre esse conceito tão central. "Luta", na forma como é enunciada por diversos vezes em diversos movimentos sociais populares e que surgirá recorrentemente ao longo desta tese, possui um significado central, polissêmico e profundamente enraizado nas concepções e práticas do MST e em contextos mais amplos de movimentos sociais e condições de trabalho precárias. Essa palavra é ressignificada conforme diferentes situações são vivenciadas e interpretadas, e distintas práticas são implementadas, constituindo variados conjuntos de relações. John Comerford (1999), por exemplo, estudou como a luta é feita por diversos meios nos movimentos sociais camponeses, tanto em estratégias formais e explícitas (marchas, protestos, etc), como por relações sociais e práticas cotidianas. A noção de “luta”, conforme surgirá nesta tese, é analisada principalmente pela ótica de uma construção cotidiana de trabalho e dignidade. É ainda importante, sobre a ideia de “luta” que ela é descrita recorrentemente como parte importante do cotidiano dos militantes e não como um momento à parte. A "luta" é frequentemente associada à caracterização do cotidiano de trabalho dos empobrecidos e/ou vulnerabilizados socialmente, sendo vista como uma dimensão da vida diária que exige enfrentamento de dificuldades e sofrimento (COMERFORD, 1999, p.19). A exploração por meio do trabalho e de condições econômicas é uma realidade contra a qual os militantes que acompanhei precisam se preparar e combater de forma contínua. A noção de “luta” é talvez uma das mais centrais e haveria muitos aspectos relevantes ainda a levantar: como atividade organizativa e de formação (FRIGO, 2008; LERRER, 2009). A “luta” surge na própria definição sintética que o movimento social faz de



saúde. Ao longo desta tese, todas essas definições surgirão em conjunto, e discuto justamente como luta e saúde se entrelaçam e se desenvolvem mutuamente, tendo como foco o exercício das atividades cotidianas dos militantes.

Não me deterei aqui em fazer uma revisão da história de criação do MST e de suas relações com o Estado. Por mais que tais informações sejam bastante relevantes para constituir o cenário no qual a militância do MST e o próprio movimento se forma e se atualiza, tais análises estão melhor descritas em trabalhos destacados para esse motivo (LERRER, 2009; CHAVES, 2000). Porém, não me furtarei a ressaltar informações pontuais que contribuam para esta análise. Um ponto essencial na análise do MST e da construção de seus militantes é que mesmo que a presença de governos posicionados mais próximos de seu espectro político, a criminalização, a negligência da classe política frente ao cerceamento e, não menos importante, extermínio e perseguição de lideranças populares faz parte da história política do Brasil (SPOHR, 2020, p.4).

Os movimentos sociais populares têm sido sistematicamente perseguidos e criminalizados por políticas de Estado, seja em regimes políticos democráticos ou de caráter autoritário (SPOHR, 2020). Alguns trabalhos têm se debruçado sobre a complexa existência do MST durante governos de esquerda, como os casos de quando presidentes do Partido dos Trabalhadores (PT) ocupavam o cargo máximo do executivo federal. Se, por um lado, houve uma redução das animosidades e alguma menção de algumas pautas importantes ao MST dentro dos programas federais, por outro lado, houve também uma “uma espécie de desencanto” (FERRAZ, 2020, p.106) com a baixa efetivação das promessas que garantiram a aliança entre PT e movimentos sociais. Ainda mais grave, por mais que tenham existido medidas favoráveis às demandas do MST, os assassinatos de lideranças do campo continuaram, chegando ao total de 73 em 2003 (*Ibidem*).

De acordo com a CPT, em 2024, foram contabilizadas 2.185 ocorrências de conflitos no campo (por terra, água, trabalho e resistências). É o segundo maior número de conflitos no campo de toda a série histórica, desde 1985, abaixo apenas de 2023 (2.250) (CPT, 2025, p.10). O relatório da Comissão Pastoral da Terra ressalta ainda, como uma novidade que acirra os conflitos no campo, o surgimento do “Movimento Invasão Zero”, que será novamente abordado no capítulo 3. Adianto que trata-se de um movimento de proprietários de terras, inicialmente na Bahia, que se opunha às ocupações de terra por movimentos sociais e que também conseguiu significativa presença nas casas legislativas brasileiras promovendo propostas de lei que buscam,

sobretudo, a criminalização das ocupações de terras e das retomadas de posse por comunidades tradicionais e movimentos sociais. (*Ibidem*, p.157).

As diversas situações de opressão, ataques aos direitos humanos, violências variadas acarretam em potencial agravo à saúde dos militantes (COELHO, 2024, p.25). Ademais, a pandemia de COVID-19 tornou-se um fator importante no movimento que veio a resultar na criação da Rede de Saúde Mental do MST. O período de isolamento social prejudicou alguns pontos essenciais da organização social dos militantes, como o intenso trabalho coletivo presencial e a presença nas ruas. Além disso, o isolamento trouxe outros desafios, como o combate à violência doméstica.

O MST, ao longo de suas décadas de existência, passou pela multiplicação de suas bandeiras de luta. Se a Reforma Agrária continua sendo seu objetivo central, também é necessário compreender que hoje o movimento multiplica suas abordagens, não só para realizar demandas aos governos, mas também para formação e cuidado de seus próprios militantes, como ocorre dentro dos setores LGBT, de Gênero ou de Juventude<sup>1</sup>. O setor de saúde, que foi criado em 1998 opera também tanto interna quanto externamente. Ele tem como papel primordial “pressionar o Estado para que este cumpra com sua função nas áreas de assentamentos e acampamentos, e que implemente políticas públicas de soberania, segurança alimentar, de condições de vida dignas, como medidas de saúde preventivas às doenças” (MST, 2023). A prática do setor envolve a realização de cursos de formação para os militantes, realização de parcerias com instituições de saúde e de ensino e valorização dos saberes e técnicas populares de cuidado. Boa parte das ações do setor, entretanto, dizem respeito a uma defesa da saúde pública como princípio, porém, uma abordagem de saúde voltada também para dentro do MST vêm ganhando espaço.

Essa pesquisa se justifica tanto pelo seu objetivo de contribuir teoricamente para as reflexões sobre cuidado na antropologia e no debate público e como também na forma de um registro de um momento histórico em um movimento social de grande influência na história do Brasil.

---

<sup>1</sup> Atualmente o MST se organiza em quatorze setores, a saber: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Finanças, Formação, Frente de Massas, Gênero, Juventude, LGBT Sem Terra, Produção, Projetos, Relações Internacionais, Saúde.

## Metodologia

Esta pesquisa aconteceu em três etapas, com três grupos de militantes. A primeira ocorreu no estado do Ceará, principalmente na capital, Fortaleza, entre o ano de 2020 e 2022. Na segunda etapa, no Distrito Federal, acompanhei um grupo de militantes que exercia tarefas no Escritório Nacional do MST durante o ano de 2022. Por fim, acompanhei a Rede de Saúde Mental, que operava de forma online com atividades presenciais de forma excepcional, em 2023 e 2024. Conforme detalharei em cada capítulo a seguir, cada um desses momentos de pesquisa possui um grupo de pessoas e um espaço de atuação diferentes, porém foi pelas relações tecidas em cada um deles, em sequência, que foi possível abrir um novo campo de investigação.

A estrutura desta tese, dividida entre Ceará, Distrito Federal e Rede de Saúde Mental, reflete a própria metodologia e desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa iniciou junto aos militantes do Ceará por ser esse o local onde morava e tinha contato com os militantes. Com o ingresso no doutorado em Antropologia Social, em Brasília, os próprios militantes com quem fiz a pesquisa em minha cidade natal abriram espaço para que eu fosse recebido também pelos militantes lotados no Distrito Federal. Por fim, foi também por meio das relações estabelecidas na capital federal que tomei conhecimento e fui apresentado à Rede de Saúde Mental do MST. A composição dos tópicos se justifica também porque cada um desses espaços revelou dimensões complementares mas distintas do cuidado no MST: no Ceará, destaquei as práticas cotidianas de cuidado e a formação dos militantes; no DF, dei continuidade aos pontos elaborados na primeira etapa, mas com a adição da atuação na política institucional e os impactos da criminalização do movimento na saúde dos militantes; e na Rede de Saúde Mental, investiguei uma iniciativa específica e formal de cuidado em saúde mental. Apesar das particularidades, em todos os campos de pesquisa mencionados, se mantém uma unidade perceptível do que é ser militante do MST.

Antecipando pontos que serão aprofundados nos capítulos seguintes, a primeira etapa do campo de pesquisa, no Ceará, especialmente em Fortaleza, possibilitou o contato com militantes que atuavam na base do movimento, na organização das Feiras da Reforma Agrária e no Centro Frei Humberto, observando o cotidiano e a formação dos militantes. O segundo campo, no Distrito Federal, permitiu acompanhar um grupo de militantes que exercia tarefas no Escritório Nacional do MST, focando na atuação política e articulação nacional. Já o terceiro campo, com a Rede de Saúde Mental,

representou um espaço predominantemente virtual com atividades presenciais excepcionais, permitindo observar uma iniciativa específica de cuidado em saúde.

Para realizar pesquisa no MST foi muito importante a construção gradual de relações com os militantes, mesmo antes de seu início propriamente dito. De tal modo que não cheguei ao Movimento como pesquisador, mas inicialmente como alguém que já circulava em alguns de seus espaços. Porém, ao atuar como pesquisador, foi necessário (além de didático e estimulante) uma participação mais constante e sistemática. Em especial, integrei da construção das Feiras da Reforma Agrária durante dois anos e das reuniões e atendimentos da Rede de Saúde Mental por sete meses. Tais atividades me permitiram não só realizar a pesquisa como também me fazer útil ao trabalho realizado pelos meus interlocutores. Um outro efeito importante foi que, enquanto eu fazia as atividades, os militantes também podiam me observar e avaliar minha aproximação.

A Feira da Reforma Agrária foi a principal forma que tive para estar junto dos militantes em Fortaleza e também a entrada primordial nesse campo de pesquisa. As feiras aconteciam mensalmente e seus preparativos duravam por três dias, envolvendo trabalhos, reuniões, organizações e também celebrações. Ainda em Fortaleza, participei também de outras atividades, como cursos, debates e viagens a assentamentos, mas a principal forma de contato ocorreu por meio da dinâmica que envolvia a organização e execução das feiras. Durante a pesquisa no Distrito Federal, minha participação ocorreu de forma mais pontual, com visitas ao Escritório Nacional, que será apresentado no capítulo 2. Porém, é possível adiantar que o escritório é um espaço localizado no setor comercial da capital federal e onde alguns dos militantes desempenham tarefas de coordenação do movimento em nível nacional. Dessa forma, tal local serviu de âncora metodológica para encontrar os militantes no Distrito Federal. Ainda em Brasília, o acompanhamento da CPI do MST foi importante tanto metodologicamente como para compor o argumento central desta tese. Metodologicamente, a CPI representou um evento significativo que me permitiu tanto ter um atividade menos pontual, como experimentei nas etapas da pesquisa em Fortaleza e junto a Rede de Saúde Mental, e também me permitiu observar como o MST enfrentou processos de criminalização em tempo real. Este episódio específico forneceu um recorte temporal e político definido para analisar as respostas coletivas do movimento diante de ataques externos. No que diz respeito aos argumentos centrais da tese, a CPI revelou tentativas de criminalização que impactam a saúde e a legitimidade social dos militantes. Em outras palavras,

acompanhar a CPI permitiu investigar a conexão entre a dimensão política e a saúde mental dos militantes. Desta forma, o Congresso Nacional foi outro espaço de pesquisa na etapa ocorrida em Brasília. Acompanhei tanto de forma presencial quanto virtual as atividades da CPI nesse espaço, o que me forneceu perspectivas diferentes. Circular neste local também me deu uma visualização melhor da atuação dos militantes do Escritório Nacional, principalmente no que diz respeito a como estes precisam tecer diálogos com um ambiente que muitas vezes lhe é hostil. Por fim, esse espaço ainda me permitiu ver um ator importante para a pesquisa do bem estar no MST, a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA).

Por sua vez, em relação à Rede de Saúde Mental, o modo de realizar a pesquisa envolveu também participar de reuniões e treinamentos e realizar acolhimentos feitos aos militantes. Toda essa etapa da pesquisa envolveu uma participação que foi frequente e também virtual. Em geral, apenas poucos eventos da Rede de Saúde Mental ocorriam de forma presencial, sendo o exercício central de suas atividades, desde os encontros até os atendimentos, feito de forma virtual. As reuniões com esse coletivo ocorriam de forma semanal, sempre às quartas-feiras, e os acolhimentos, por sua vez, poderiam ocorrer a qualquer dia da semana, a depender da disponibilidade dos envolvidos. O que trago para esta pesquisa não são os conteúdos dos acolhimentos realizados na Rede de Saúde Mental, visto que os militantes que procuravam esse suporte não eram meus interlocutores de pesquisa. Em vez disso, o que trago são experiências e reflexões que tive junto com os militantes que faziam o coletivo de saúde mental do MST.

A forma de realizar essa pesquisa, em todas suas três etapas seguiu os seguintes passos: a) participação em atividades juntos com os militantes e inserção em espaços e coletivos; b) discussões sobre os temas desta pesquisa com os interlocutores; c) participação em eventos relevantes para o tema pesquisado; e d) seleção de pessoas centrais para a realização de entrevistas semi-estruturadas de modo a condensar e discutir temas vividos nos meses de atividades de campo e nas trajetórias de vida dos interlocutores. Pretendi, assim, balancear as entrevistas e os nítidos riscos da construção de uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006, p.183), no sentido em que as entrevistas eram momentos que não serviam unicamente para relatar e rememorar, mas também para debater com base nas experiências do campo e na bibliografia levantada. Concordo com Saez na orientação de que, idealmente, a pesquisa começa pelas variantes mais abertas, podendo chegar paulatinamente às mais fechadas (SAEZ, 2013, p.159). Ou seja, a participação nas atividades, a escuta dos debates e a partilha das tarefas serviram

como o momento de maior abertura, para, então, construir uma estrutura viável para a realização das entrevistas. Em todas as entrevistas recebi autorização para realizar gravações de áudio que foram posteriormente transcritas e complementaram os diários de campo. Ao longo desta tese, todos os nomes dos interlocutores são fictícios. Os pseudônimos foram eleitos por mim, tendo por base o nome de plantas que de alguma forma se relacionavam com as trajetórias dos interlocutores ou das regiões onde exerciam suas atividades.

O ambiente virtual foi essencial para a realização desta pesquisa em todas as suas etapas. Muitos dos contatos iniciais com os militantes foram feitos por meio de ferramentas on-line, especialmente durante a pesquisa no Distrito Federal e, principalmente, na realizada na Rede de Saúde Mental. No período em que comecei a acompanhar as atividades do MST no Ceará, as feiras estavam acontecendo de forma remota. Essa configuração acarretava uma nova dinâmica e formas de sociabilidade em seu funcionamento. Paradoxalmente, isso também me permitiu estar próximo dos militantes. À medida que houve alguma flexibilização das medidas sanitárias da COVID-19, passei a me encontrar com os militantes no Ceará. Dado que as Feiras da Reforma Agrária, inicialmente, ainda não contavam com a circulação intensa de pessoas externas ao MST, tive a oportunidade de passar momentos com os militantes acompanhando suas conversas e debates. Já a Rede de Saúde Mental realizava suas atividades quase que completamente de forma virtual. Tanto as reuniões quanto os acolhimentos utilizavam ferramentas de troca de mensagens, de chamadas de vídeo e/ou de compartilhamento de documentos.

A etnografia de Julia Garcia (2022) é um dos exemplos que demonstra, com qualidade, como uma pesquisa virtual não é sinônimo de afastamento dos interlocutores. A pesquisadora demonstrou como, no caso de sua pesquisa, realizada durante a pandemia de COVID-19, com mães de filhos acometidos com a Síndrome Congênita do Vírus Zika, o ambiente virtual facilitou (e possibilitou) a aproximação com as interlocutoras ao possibilitar uma conexão mais contínua (GARCIA, 2022, p.33). Diversas ferramentas digitais permitiram uma presença constante, a troca de mensagens e a observação do movimento diário das mulheres, o que contribuiu para uma compreensão mais aprofundada de suas vidas, fortalecendo o laço de confiança e facilitando o diálogo em um nível mais íntimo. Sua pesquisa, iniciada na pandemia de COVID 19, também se beneficiou dos caminhos virtuais de pesquisa para ser realizada em diversos momentos.

Na primeira etapa, no Ceará, durante as restrições da COVID-19, algumas etapas da Feira da Reforma Agrária ocorreram inicialmente em formato virtual ou híbrido. Apesar de nesse momento eu ter conseguido participar de maior parte das atividades presenciais, o ambiente digital pautou a organização dos militantes diante das limitações de encontros presenciais. Além disso, participei virtualmente das reuniões semanais de formação dos Agentes Populares de Saúde do Campo, que aconteciam via plataforma Zoom às segundas-feiras. Já na etapa no Distrito Federal, muitos contatos iniciais com os militantes foram realizados por ferramentas online. Por fim, a pesquisa com a Rede de Saúde Mental foi conduzida quase integralmente de forma virtual utilizando ferramentas de troca de mensagens, chamadas de vídeo e compartilhamento de documentos para participar das reuniões e dos acolhimentos realizados pela rede.

Como materiais complementares, essa pesquisa ainda fez uso de diversas matérias sobre o MST em jornais, sites e redes sociais. Essas publicações serviram para localizar algumas situações vividas pelos militantes. Não raramente, encontrei vídeos e textos com entrevistas dos meus interlocutores em outros espaços relacionados a sua militância. Detalhamentos relevantes sobre as formas de fazer pesquisa serão revisitadas no capítulos respectivos a cada etapa. Considerando que os militantes com quem essa pesquisa foi feita eram também militantes com longas trajetórias dentro do MST, não era raro que houvesse uma quantidade razoável de registros sobre suas atividades, seja em eventos, cursos e protestos. Mas como parte da trajetória dos militantes é também uma de formação por meio de cursos, também tive a oportunidade de ler suas produções (artigos, monografias, dissertações e teses) quando disponíveis.

## Cuidados e o MST

Alguns avanços na teoria antropológica do cuidado, ainda que desenvolvidos em outros contextos de pesquisa, constituem fundamentos importantes para esta investigação. Além disso, as múltiplas abordagens das antropologias feministas têm oferecido contribuições significativas para o aprofundamento do tema. Joan Tronto entende que o cuidado está ligado a aceitar alguma responsabilidade, que é algo que não pode ser resumido a uma relação individual ou unicamente entre um sujeito que cuida e um sujeito que é cuidado (TRONTO, 1993, p.103). Cuidado, conforme a definição da autora, é necessariamente uma prática, e não apenas uma disposição. Ou seja, para cuidar é preciso se engajar na logística de fazer o cuidado chegar a quem precisa. Outro

ponto relevante para esta pesquisa de sua discussão sobre cuidado é que o processo de cuidar envolve, em seu esquema, uma série de fases que incluem tanto dar cuidado quanto receber cuidado e que prestar atenção ao cuidado serve como uma mudança de perspectiva. O que os militantes do MST trazem para o diálogo nesta pesquisa é justamente a noção de que a referência ao cuidado é circular, um militante depende do outro, e isso é tanto uma responsabilidade como uma segurança. Se por um lado se percebe que é possível contar com outros, por outro lado, é preciso ter forças para dividir o fardo dos companheiros. É uma prática diretamente ligada a uma perspectiva de como entender as relações em sociedade, que diz respeito às posições dos Sem Terra na sociedade e sua capacidade de agir ou não sobre as realidades em que vivem.

Um modelo diametralmente oposto a essa abordagem é a do *self made man*, do homem que se faz sozinho. Uma figura que não só teria dificuldade em admitir o grau em que o cuidado tornou sua vida possível, mas tal admissão minaria a legitimidade da distribuição desigual de poder, recursos e privilégios da qual é beneficiário (TRONTO, 1993, p.111). Quando um movimento como o MST traz para seu debate político noções de cuidado e de emoções, está invertendo uma lógica que colocaria esses pontos como uma fraqueza, algo fora do campo político e restrito ao mundo doméstico. A ideia do indivíduo se fortalece pela lógica da autonomia, enquanto a noção evocada pelos militantes é a do coletivo que encontra força na sua mútua dependência.

Tronto (1993, p.120) descreve o privilégio de negligenciar o cuidado como uma forma de irresponsabilidade, evidenciada pela possibilidade de desconsiderar seus processos e, conseqüentemente, todo o esforço envolvido em sua realização. Já Butler, argumenta que a liberdade só pode ser exercida se houver apoio suficiente para o exercício dela (BUTLER, 2016, p.14). As teorias de cuidado fornecem um olhar crítico às redes de poder que mantêm determinados grupos subalternizados pelo cuidado. Um dos papéis que essas teorias cumprem é o de empoderar essa posição.

Se cuidado é denúncia de relações de poder, para o MST é muito nítido que cuidado é a capacidade de lutar. Butler defende a vulnerabilidade não como um valor em si, mas como um componente da resistência (BUTLER, 2016, p.22). A vulnerabilidade não se dá apenas nas relações interpessoais, mas também diante de uma condição mais ampla de dependência e interdependência (*Ibidem*, p.21). Em resumo, vulnerabilidade é o próprio meio pelo qual é exercida uma forma de resistência política. É disso que se trata a noção de cuidado que trabalho junto ao MST e seus militantes nesta tese.



Existem nuances importantes na definição de saúde como capacidade de lutar. As trajetórias dos militantes acompanhados nesta tese mostram que não se trata de um impulso de sempre ir em frente. Por meio das trajetórias aqui apresentadas, é possível perceber que o cuidado é também uma forma de questionar quando seguir e quando não seguir e de questionar inclusive o próprio movimento. Cuidado é também uma “arte da prudência”, como refletiu Amburana (capítulo 2). É agroecologia, formas de sociabilidade, mística, lazer e arte, como disse Pequi (capítulo 3). O cuidado que se transforma em saúde é também um processo de formação e construção de identidade mais amplo do que uma definição estrita de luta.

Para Butler, vulnerabilidade é uma das condições de resistência de grupos subalternizados no sentido em que ela é o motor da mobilização e também o meio pelo qual esta ocorre (2016, p.20). A saúde como capacidade de lutar tem esse sentido: a vulnerabilidade social e econômica é fator importante a ser organizado dentro do MST (ao longo desta tese isso surgirá como tomada de consciência ou organização de sentimentos como medo ou da raiva), e é também a condição prática do exercício das atividades cotidianas, no sentido em que os militantes tornam-se uma força política potente na medida em que agem em conjunto e, portanto, em dependência mútua. Tanto Butler (2016) quanto Tronto (1993) enfatizam a interconexão entre vulnerabilidade, dependência e interdependência, desafiando a noção de um indivíduo totalmente autônomo.

Por outro lado, se Tronto falava de cuidado como algo que envolve manter, continuar e reparar nosso "mundo" (TRONTO, 1993, p.102), é interessante aqui trabalhar também com a ideia de cuidado como ruptura, mais próximo da ideia do MST de cuidado com o objetivo de habilitar o sujeito para lutar e mudar suas condições de vida em coletivo. Heike Drotbohm fala de cuidado além do reparo, "o cuidado é uma lente incômoda para se analisar seriamente a natureza contingente das transformações e das persistentes instabilidades da vida" (DROTBOHM, 2022, p.13). Esta visão reconhece o cuidado não como uma solução bondosa para os problemas do mundo, mas como uma perspectiva crítica que busca capacitar para agir sobre situações sociais.

De forma semelhante a essa noção de que o cuidado é manejado em meio a rupturas, Cintia Engel que tem pesquisas relevantes no tema dos cuidados e dos cuidadores, mostra como o estresse compõe o cuidado (ENGEL, 2021, p.4). Carregar a responsabilidade pelo cuidado é também uma tarefa penosa. Para Engel, os

medicamentos têm um papel importante em pacificar as relações de cuidado, substituindo alguns desconfortos e opressões por uma amortização.

O cuidado, quando estressado por um excesso de demandas, desconfiança, falta de reconhecimento, não acesso, racismo, relações trabalhistas violentas, entre outros, tem sido mantido e garantido por meio de medicamentos como antidepressivos, calmantes, ansiolíticos e antiácidos. Os medicamentos, assim, aparecem como uma tecnologia que remedia tensões do cuidado— realizado nos moldes de centros urbanos imersos em relações capitalistas (ENGEL, 2021, p.4)

Não se trata, entretanto, de negar que os remédios são necessários, mas de reconhecer e avaliar as relações sociais envolvidas nos processos de cuidado. Dito de outra forma, trata-se de olhar quando os medicamentos são utilizados diferentemente para “lidar com problemas sociais” ou problemas biológicos, que é um binômio problematizado por Engel (2021, p.5). Para o caso desta tese, a indicação do peso do cuidado é relevante também para entender que engajar-se no cuidado como forma de militância é assumir uma tarefa a mais que inclui dedicação e cuidado com os próprios cuidadores. Dentro do MST, isso significa que o movimento social cuida de seus militantes, que por sua vez são apoiados por outros militantes. O cuidado aqui é justamente essa dependência do coletivo.

Em afinidade com a forma como o cuidado é trabalhado aqui, para Povinelli, cuidar é não apenas realizar práticas necessárias para uma boa vida, mas também questionar como e em que condições uma boa vida pode surgir (POVINELLI, 2011, p.160).

O que acreditamos ser o cuidado está diretamente relacionado a onde acreditamos que reside o fracasso ou em que acreditamos que consiste o fracasso. Talvez as artes do cuidado devam ser orientadas para a potencialidade dentro do real, para remover os obstáculos reais que impedem o esforço dos grupos — estejam eles se esforçando para mudar seu mundo por meio de um projeto social ou para permanecer como estão em um mundo em transformação ao seu redor. As artes do cuidado então se concentrariam na distribuição diferencial da "facilidade de enfrentamento". O cuidado se aprofundaria nos recessos do cotidiano, do ordinário e do mundano. O que descobriria ali é que tudo é improvisado. Em vez de ameaçar terroristas, elas encontrariam pessoas tentando construir um pequeno e frágil abrigo. (POVINELLI, 2011, p.160)

Mais adiante nesta tese, um dos interlocutores fará uma diferenciação entre cuidado como forma de transformar e cuidado como forma de adaptar para produzir

mais. Conforme mencionei anteriormente, sobre o que não é contabilizado ser preterido em prol de aspectos mais competitivos, Povinelli argumenta que dentro de uma lógica de mercado qualquer investimento social que não tenha um fim claro não é apenas economicamente suspeito, mas moralmente suspeito, não importa a natureza de melhoria de vida do investimento (2011, p.161). Para Thelen, cuidado é um processo com resultados em aberto, podendo resultar inclusive em rupturas e inovações (THELEN, 2015, p.12). Sua visão de cuidado como uma forma de organização social favorece a interdependência bem mais que a independência como uma boa lente para entender as relações sociais (*Ibidem*, p.14). Há em comum em todas essas teorias a ideia do cuidado como uma prática corriqueira e cotidiana, um processo que precisa ser executado e não apenas planejado ou pensado. O cuidado é também uma prática de questionamento de hierarquias sociais e que pode ser utilizado para modificar estruturas.

Há também uma literatura desenvolvida no Brasil sobre a antropologia do cuidado que é interessante ressaltar, inclusive por fazer um diálogo com contextos de pesquisa mais próximos em alguns casos. Tal literatura tem se desenvolvido pelos mais diversos campos, como os cuidados com pessoas idosas ou com crianças, cuidados e deficiências, cuidado e trabalho, em relação aos problemas de saúde crônicos, em relação à institucionalização do cuidado e também em relação ao cuidado familiar. Alguns autores têm destacado o papel da tecnologia e da ciência como parte do cuidado (ENGEL, 2019; MARINHO e FLEISCHER, 2025). A tese de Cíntia Engel (2019) investiga as demências, com foco na Doença de Alzheimer e, dentre outros tópicos, investigou como os familiares das pessoas adoecidas agiram para tornar os cuidados relativos a esse adoecimento um tema de saúde pública. Destaco também que a autora coloca as pessoas que vivenciam as demências como relações sociais e não como fardos, algo semelhante ao que foi feito por Daniela Feriani (2017). Há nos estudos sobre adoecimento uma certa vulnerabilidade implícita e que é também problematizada. No caso estudado nesta tese, o adoecimento não ocupa o papel central, mas a forma como a vulnerabilidade é mobilizada para se transformar em objeto de luta não é única ao MST e encontra reverberação nas pesquisas mencionadas.

Outra referência nas antropologias feitas no Brasil sobre cuidado é Octavio Bonet (2014, 2004) que explorou as relações entre médicos e usuários nos sistemas de saúde, focando nos itinerários de cuidados com a saúde e na circulação dos usuários pelo sistema. Os itinerários de cuidado são um conceito central para esse pesquisador e dizem respeito às trajetórias pelas quais os pacientes transitam ao buscar e receber

cuidados de saúde ao longo do tempo (2014, p.337). As trajetórias incluem uma boa dose de criatividade e improvisação (o que é colocado em oposição a ideia de que o sujeito cuidado é passivo). Ao seguir as trajetórias de vida dos militantes dentro do MST, busquei identificar como foram sendo criadas as estratégias de cuidado e como também os objetivos primários do Movimento Sem Terra foram dialogando com as demandas por cuidados com a saúde de seus próprios militantes. Uma conclusão de Bonet (2014, p.339) que se aproxima muito desta pesquisa é a de que as práticas de cuidado são relacionadas a um contexto específico. A noção de cuidado que essa tese investigou é inseparável do contexto de lutas e desafios enfrentados pelos militantes, sendo portanto inseparável da sua formação enquanto militantes e dos objetivos do MST.

Um tema que surgirá ao longo desta pesquisa é também o da divisão entre o exercício das tarefas como militante e da maternidade. A família continua sendo acionada como lugar de cuidado em diversos eventos de saúde contemporâneos. Entretanto, tanto na literatura sobre cuidado como nas práticas do MST, há um nítido questionamento sobre o lugar do cuidado recair sobre mulheres ou mesmo recair apenas sobre as famílias. Débora Allebrandt e Waleska Aureliano questionam sobre a divisão tradicional dos cuidados entre estado, família e mercado, problematizando o lugar do primeiro e a necessidade de o cuidado ser visto como uma demanda política (2019, p.14). A criação de ambientes de cuidados coletivo dentro do MST e a centralidade do setor de gênero do movimento trazem algumas das ações pelas quais tais debates são materializados dentro da militância.

No que diz respeito à discussão sobre movimentos sociais de modo geral e o MST em particular, trata-se de um campo vasto e clássico das ciências sociais. Porém, a relação entre esses movimentos e saúde mental já possui uma quantidade bem reduzida de produções. Segundo Clara Santos (2022), em pesquisa realizada com militantes de “partidos políticos brasileiros da esquerda radical” para o Mestrado Profissional Em Educação Profissional Em Saúde da FIOCRUZ, há um debate irrisório no interior destas organizações acerca da saúde mental e do sofrimento psíquico. De forma semelhante aos objetivos da presente pesquisa, essa autora investigou como os partidos políticos que se reivindicavam críticos à ordem, no campo da esquerda radical, percebiam e reconheciam os casos de sofrimento psíquico dos militantes jovens, e como intervinham (caso o fizessem) nestas situações mais frágeis. Santos identificou uma bibliografia escassa e relativamente recente acerca da elaboração da atividade militante

revolucionária e seu diálogo com a saúde mental (SANTOS, 2022, p. 29). No material obtido, há distintas abordagens. Enquanto alguns trabalhos apontam para uma relação de risco entre o exercício da militância e o sofrimento social (KEPPLER, 2011; MINETTO, 2018), outros apontam, de forma contrária, para um grau de proteção do bem-estar dos militantes justamente devido a suas tarefas dentro dos movimentos sociais (BOULOS, 2016). Na primeira vertente, alguns dos fatores que colocam os bem-estares dos militantes em risco são o acúmulo de tarefas, visto que geralmente os objetivos são grandiosos e as capacidades materiais poucas, os conflitos das exigências da atividade militante com os projetos pessoais, os atritos em relações sociais fora da militância, a reprodução dentro do movimento do sofrimento combatido pelo mesmo e uma concepção de saúde mental interna tratada apenas como emergência. Já na segunda abordagem, uma hipótese desenvolvida é que “as lutas sociais poderiam apresentar ‘lampejos terapêuticos’” (SANTOS, 2022, p.31). Na abordagem desenvolvida por Boulos (2016), o movimento social opera como um resgate da autoestima e fornece um sentimento de pertencimento o qual pessoas marginalizadas não sentiam anteriormente seu ingresso. O que funciona como um cuidado é que o movimento social insere o sujeito em uma rede de relações com importância, significado, propósito e meios de realização.

Ainda segundo Clara Santos (2022), fatores que contribuem para o sofrimento psíquico de seus interlocutores, militantes de partidos políticos revolucionários, são o choque entre uma concepção de saúde individualista e outra mais coletiva, as contradições sistêmicas de uma sociedade com diversas desigualdades e sobre as quais os militantes se debruçam de forma mais direta assim como o baixo mapeamento das condições de saúde e bem-estar dos sujeitos que compõem as organizações estudadas. As consequências diretas seriam o pouco conhecimento das causas dos sofrimentos dos militantes e o baixo nível de cuidado incorporado ao programa de ação dos movimentos (SANTOS, 2022, p.129). O que funcionaria como fator de cuidado aos membros destes partidos seria “a coletivização das expressões de sofrimento e o fortalecimento de vínculos políticos de cunho humanizador e emancipatório, personificados nas relações de camaradagem” (*Ibidem*).

Valaci (2023) discutiu especificamente sobre a representação e reconhecimento das mulheres enquanto militantes nos movimentos sociais populares no Brasil. Seu trabalho buscou discutir sobre as relações de memória via narrativas de oito ex-militantes femininas que passaram por trajetos de tortura, estupro, sequestro e

demais atrocidades durante o período de ditadura civil-militar brasileiro (1964-1985). Na análise da autora, as mulheres militantes surgem com um aspecto duplamente desviante, tanto pela sua atividade militante como por serem mulheres (VALACI, 2023, p.21). A autora traz a categorização das mulheres militantes, durante a ditadura militar, como “puta”, “vaca” (*Ibidem*, p.55), que demarcam a posição dessas mulheres como desviantes não só enquanto militantes, mas também em relação a um local social, o ambiente doméstico. As mulheres com quem a autora fez sua pesquisa, “para se constituírem como sujeitos políticos, estabelecem identidade com o discurso masculino, diluindo as relações de gênero na luta política mais geral” (*Ibidem*, p.22). O gênero demarca uma posição importante na construção das trajetórias militantes, visto que as violências, físicas ou não, sofridas por estas pessoas as ataca também em sua posição de gênero.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra está entre os mais antigos e mais estudados movimentos sociais no Brasil. Assim, não há dúvidas que há uma grande profusão de pesquisas sobre este movimento popular, não só no campo da antropologia e das ciências sociais. Os temas das teses, dissertações e artigos são bem diversos. Grande parcela das pesquisas produzidas sobre o movimento investiga sua concepção de educação, gênero, educação do campo, atuação política do movimento, sua relação com a mídia, relações de gênero e suas formas de luta. Outra quantidade, bem mais reduzida, de trabalhos investiga aspectos ligados à saúde mental, aflições ou emoções.

Parte considerável da literatura que aborda a saúde dentro do MST tem focado no uso abusivo de álcool e outras drogas e nas concepções e práticas de saúde realizadas no movimento (BARROS e TEIXEIRA, 2018; RÜCKERT et al, 2014). Outros temas tratados são a saúde das mulheres, a segurança alimentar e o acesso a serviços de saúde. Identifiquei, porém, um baixo volume de pesquisas que tratem da relação entre saúde e militância ou engajamento no movimento. Não obstante, há uma aproximação entre as pesquisas feitas e os interesses desta pesquisa, a saber, a concepção de saúde do movimento.

As pesquisas de Lygia Sigaud (2000, 2005), em especial na Zona da Mata pernambucana, estão dentre os estudos mais clássicos sobre as formas de luta utilizadas por movimentos sociais camponeses no Brasil, como o MST. A autora ressaltou o que chamou de Forma Acampamento, uma linguagem simbólica de luta do movimento. Sigaud já notava como a participação no acampamento era uma linguagem prática e

também simbólica da luta. As ocupações, no período analisado pela antropóloga, serviam como uma linguagem legitimada pelo próprio Estado, ao escolher as ocupações como uma forma adequada de saber quais terras seriam ocupadas. Para esta pesquisa, porém, o foco está menos na relação com o Estado e mais nos efeitos que as formas de luta têm na vida dos militantes.

Nashieli Loera (2019) investigou também como a comunicação com o estado empreendida por movimentos sociais e seus integrantes era marcada por diversas emoções. Um vocabulário baseado em sacrifício, sofrimento, dignidade e coragem é mobilizado durante toda a trajetória dos militantes e, de forma muito particular e intensificada, durante as ocupações. O estudo destes vocabulários ajuda a compreender os efeitos concretos nas vidas das pessoas de engajar-se em um movimento como o MST (LOERA, 2019, p.39). Loera analisa os assentamentos e as ocupações não apenas como demanda política, mas também como “experiências que fazem possível a vida e põem em movimento a produção de vínculos com espaços mutuamente interconectados” (*Ibidem*, p.40). Ou seja, participar das formas de luta é também uma forma de se engajar e de se tornar militante, o que é obtido por, dentre outros fatores, a identificação com um sujeito coletivo e suas causas. Loera fala do “tempo de acampamento” como uma medida não de dias, semanas ou meses, mas como um relato de experiência, que revisita o sofrimento, a lealdade, as relações estabelecidas e um certo conhecimento adquirido acerca das formas e motivos para lutar (LOERA, 2015, p.28).

A luta dos militantes no MST não se encerra no assentamento, ela permanece como um vínculo social e moral para além da obtenção da terra. Assim, a luta dos militantes não é apenas por um pedaço específico de terra, mas assume objetivos mais amplos e, em alguma medida, mais difíceis de mensurar o quão próximo estão de alcançar, como a construção de um mundo mais justo ou reforma agrária e soberania alimentar para todos. Isso faz com que estar no MST vincule o militante a um estado praticamente interminável de luta pela reforma agrária (SEYFERTH, 2011, p.415). Essa luta interminável é exatamente um dos pontos centrais desta pesquisa. Há também que se considerar que a identidade Sem Terra que se forma em torno dessa luta aglomera não só distintos campesinatos (SEYFERTH, 2011, p. 411), mas também públicos urbanos que não seriam classificados dentro dos diversos critérios de camponês, mas que se associam ao MST e assumem a identidade sem terra dentro do movimento.

Por sua vez, a pesquisa de Christine Chaves (2000) fornece um vislumbre do dia a dia de uma intensa, longa e importante tarefa dentro do MST, a Marcha Nacional de 1997. A autora relatou a rotina da marcha em uma de suas colunas e nele é possível observar um intenso trabalho de renovação dos objetivos coletivos e a existência de diversos conflitos, externos e internos. A luta é um termo que aparece constantemente quando se fala de movimentos sociais. Sua pesquisa trata da investigação aprofundada de uma das principais formas de atuação política do MST, porém por meio dela é também possível vislumbrar o que compõe as dores e alegrias, as aflições e proteções da trajetória militante, e entender os significados da luta no MST. Chaves mostra como, no MST, a luta é um meio e um fim, pois, ao mesmo tempo que ela representa a execução de ações do movimento, ela também surge como forma de educação e, portanto, adequação das trajetórias individuais ao sujeito coletivo. A luta coletiva vai se destacar dos objetivos individuais, “preeminência das decisões “do coletivo” sobre quaisquer posições individuais” (CHAVES, 2000, p.16).

As pesquisas de Chaves sobre o cotidiano dos militantes e sobre o papel da mística (logo voltarei a esse assunto) dentro do MST ressaltam a construção e renovação do compromisso com a luta. Esta torna-se, segundo um de seus interlocutores, um casamento, um sentido de vida (CHAVES, 2000, p.51) e surge “nas canções, nas palavras de ordem, nos lemas, nas falas e discursos, em todas as ocasiões e lugares. Ela circunscreve tanto as ações coletivas do Movimento quanto às motivações pessoais de seus militantes.” (CHAVES, 2000, p.81). O compromisso solicitado é de dedicação integral. Em pesquisa anterior (FREITAS, 2019), em outro contexto, eu sugeri que a dedicação integral poderia levar ao apagamento dos diversos papéis sociais em favorecimento de um único, o que pode levar a um congelamento da identidade e a impossibilidade de metamorfoses que podem inclusive ser importantes para funções de cuidado e acolhimento. Ao que parece, porém, é que o MST busca manter o dinamismo da identidade de seus militantes. Aqueles que permanecem, na realidade, passam a ver na sua atuação não a fixação de suas atividades, mas sim o alcance a experiências e aprendizados inéditos, que se encontravam fora de seu horizonte pré-engajamento. Analisar as trajetórias de vida dos militantes é importante para compreender como essa diferença de percepção ocorre na prática.

Assim, se a luta é um compromisso moral, ela é também a fonte de segurança de sujeitos que se encontram em tamanha vulnerabilidade social, pois é preciso contar com o apoio da organização por meio da ação dos outros militantes. Chaves identifica o uso



dos termos “picuinha” e “lumpen” como formas de desqualificar aqueles que perturbam a organização coletiva. Interessa-me particularmente essa perturbação, pois diversas pesquisas têm demonstrado que um dos principais fatores que chamam atenção e convocam à ação no adoecimento psíquico é a redução da velocidade e capacidade produtiva daqueles que sofrem.

Se a organização e disciplina são fatores essenciais na formação dos militantes, as emoções também desempenham um pilar desta identidade. Algumas emoções decorrem de forma mais imediata do engajamento, como sentir-se útil ou fazer parte de um objetivo coletivo. Tais aspectos podem servir como fatores de proteção destes sujeitos. Eles são contrapostos à vida de trabalho e exploração fora do movimento, que seria caracterizada por objetivos individuais e por serviços sem significados morais. Em outra análise, Chaves (2021) ressalta o papel das emoções ao traçar uma genealogia da mística dentro do movimento.

Assim, os sem terra costumam recordar as ações de ocupação, experiência que constitui uma das matrizes mais poderosas da mística sem terra. Nessas ocasiões, eles experimentam a potência de ocupar uma terra em ato transgressor que **mistura desejo e culpa, às vezes revolta e indignação, junto com medo, coragem e uma indescritível sensação de poder**. O amálgama e a intensidade das sensações e emoções, ideias e julgamentos morais que conformam a experiência realçam-na tanto quanto o caráter ritualizado da ação coletiva (CHAVES, 2021. p.20, grifos meus).

A mística é uma destas ações dentro do movimento que traz de volta estas emoções das ações diretas, dos enfrentamentos, das vitórias e das derrotas e busca transformar sentimentos como melancolia em esperança (CHAVES, 2021, p.22). Porém, Chaves identificou um problema crescente ao longo da Marcha Nacional e que representou um grande desafio para militantes e o movimento: o cansaço. Na situação estudada, o vigor moral e físico foi uma virtude e um dever do militante e não o demonstrar era uma falha e um peso para outros companheiros (CHAVES, 2000, p.78). Entretanto, a autora, ao acompanhar o dia a dia de tarefas extenuantes, observou como o poder dos mecanismos elencados para renovar o vigor dos militantes enfrentam o sentimento de cansaço do corpo.

As pesquisas de Chaves com o MST encontram eco naquelas desenvolvidas por Débora Lerrer (LERRER, 2008; LERRER, 2020; LERRER e FORIGO, 2019). Em sua tese a autora se propõe a “estudar a trajetória de alguns militantes sulistas que foram

para o Nordeste de meados dos anos 80 até meados dos anos 90, de modo a levantar aspectos culturais, sociais e políticos deste padrão de migração desenvolvido pelo MST, que ocorreu não só no Nordeste, mas em outros estados da federação” (LERRER, 2008, p.12). Por meio da trajetória desses militantes sulistas que migraram para o Nordeste, a autora identifica a criação de um habitus militante, que é mantido e ensinado por meio da luta. Esse habitus é marcado pela disposição para a vida coletiva, o engajamento total, a entrega pessoal, a positividade da imagem do Sem Terra, a percepção e exaltação dos ganhos simbólicos de estar no movimento e a militância como um serviço coletivo, com a valorização do “espírito de sacrifício” (LERRER, 2008, p.116).

Vários destes pontos podem ser observados no cotidiano da marcha, observada por Chaves, e também vêm sendo observados por mim ao longo desta pesquisa. Lerrer ressalta a existência de uma disposição para a vida coletiva antes mesmo do engajamento no movimento social, disposição esta manifestada, em muitos casos, em grupos religiosos. Outro ponto central desta identidade militante, identificado na pesquisa de Lerrer, que reverbera nesta proposta de tese, é a valorização da categoria camponês ou sem terra não como sinônimo de atraso, mas sim de modernidade. Neste sentido, debates como soberania alimentar e agroecologia são contrapostos ao agronegócio, invertendo a dicotomia primitivo/moderno.

O engajamento total do qual Lerrer e Chaves falam, porém, não significa a total sobreposição do coletivo sobre o indivíduo. Os militantes são solicitados para tarefas que geralmente exigem sacrifícios em termos de planos de trajetórias individuais, mas há flexibilidade e suporte na distribuição das tarefas. Ao tratar da migração de militantes dos estados da região Sul para a região Nordeste do país, por exemplo, Lerrer aborda que a possibilidade de um militante resolver não aceitar a tarefa proposta e ficar em seu estado não é descartada (LERRER, 2008, p.122).

Na literatura que tive acesso, encontrei poucos casos de acesso direto aos militantes que deixam o movimento. Porém, de forma indireta, tanto na literatura quanto na pesquisa que estou propondo, o principal motivo que surge como motivo para a saída (voluntária ou não) é o que é nomeado como a inadequação ao espírito coletivo do movimento ou aos princípios da organização. Um fator ressaltado pelos militantes com quem tenho feito pesquisa é a oposição entre individualismo e coletividade. Lerrer afirma que “o MST desenvolveu mecanismos sociais de vigilância que neutralizam o poder dessas personalidades exuberantes. Ou elas se adaptam, ou saem, o que geralmente implica em altos custos pessoais” (2008, p.116). E, visto que a entrega total

leva a criação de laços de amizade e de parentesco dentro do movimento, o custo de saída pode se tornar mais alto que o custo de permanência (*Ibidem*, p.129).

Há também contribuições importantes sobre militância, gênero e maternidade no MST. Mainara Frota (2021) escreveu uma tese com a análise da construção de questões de gênero e raça no MST a partir das trajetórias de três mulheres negras de gerações distintas e dirigentes deste movimento. A autora evidencia que o MST, embora seja um espaço de resistência, está atravessado por contradições e desigualdades que refletem a complexidade da sociedade, tornando a subversão uma estratégia necessária para a sobrevivência e existência das mulheres que o compõem (FROTA, 2021, p.19). Tal ponto reverbera nesta pesquisa, pois se as ideias e práticas de solidariedade e confiança em uma organização atuam como fatores de cuidado aos militantes, a existência de um contexto individualista que vai para além do movimento é um desafio e uma preocupação explícita nas falas de dirigentes e militantes.

Ao abordar a trajetória de três dirigentes, Frota parte de três hipóteses (FROTA, 2021, p. 223) que poderiam justificar a presença destas mulheres na coordenação nacional: 1. Influência de familiares; 2. Educação formal; 3. Dedicção às atividades. Destas hipóteses, apenas a última se mostrou relevante nas trajetórias analisadas pela autora. Inclusive a autora destaca como a militância se relacionou com a maternidade destas mulheres, de forma que elas fazem uma crítica do modelo de maternidade que exige uma entrega total que elas não podem dar, pois estão também dedicadas à militância. A dedicação aos ideais coletivos é um fator primordial e reconhecido dentro da comunidade formada pelos participantes do movimento.

Um conceito êmico interessante abordado por Mainara Frota é o de Engajamento. Assim como meus interlocutores têm narrado, as interlocutoras de Frota distinguem um período de estar próximo ao movimento de um período de engajamento, que seria o momento no qual a militância começa de fato. Engajar-se significa “marcar a diferença entre conhecer e envolver-se politicamente” (FROTA, 2021, p.219). O processo de engajamento, afirma ainda a autora, é essencial para o reconhecimento das entrevistadas como militantes e pertencentes a uma organização. Segundo estes militantes, ser subversivo, ou seja, participar ativamente da luta, é condição de existência. Tal condição não se fundamenta em um ideal abstrato, mas sim em um embate que está muito bem representado na literatura acerca do campesinato e dos movimentos de precarização de classes trabalhadoras.

As trajetórias das militantes entrevistadas por Frota são marcadas por conquistas, dores, vitórias e sofrimentos, assim como diversas outras, mas algo que as particulariza é a demarcação de um sujeito coletivo. A organização, para além de um movimento com diretrizes, hierarquias e ações, forja a identidade militante (FROTA, 2021, p.214). Outra percepção de Frota que reverbera para os objetivos desta pesquisa é a proximidade com a militância por meio de uma escolha feita enquanto adulto ou pela presença desta atividade na esfera familiar desde os primeiros anos de vida. No caso em que estudo, boa parte dos militantes se referem a uma escolha explícita feita quando adultos. Essa escolha é contraposta à posição social que estas pessoas ocupam, de trabalhadores ou camponeses, que seria, por sua vez, resultado de uma estrutura social, mas não de uma escolha pessoal. Tomar a escolha de integrar um sujeito coletivo é então uma forma de retomada de agência.

Rafael Bastos é um antropólogo e ele mesmo um militante do MST, “sou um militante, como as pessoas que descrevo” (BASTOS, 2018, p.13). Quando escreveu sua dissertação estava há cinco anos engajado em atividades de luta, como ocupações e participações e assentamentos no Distrito Federal. Bastos fala da luta, dele e de seus interlocutores, como uma profissão de fé, significando um “trabalho sem remuneração ou retorno direto, sigo por esse sentido, pela fé na transformação social, verdade na sua prática” (*Ibidem*, p.14). É de particular interesse para o recorte desta pesquisa a investigação de Bastos pelas contradições da luta pela terra no movimento, pela percepção que esta “faz sorrir, sofrer, tem vida e mortes, muitos problemas e um processo constante de procura de soluções para fazer avançar” (*Ibidem*, p.15).

Um dos pontos que compõem a identidade militante, de acordo com Bastos, é a família, pois a terra é vista como um bem familiar e que, portanto, a luta deve ser feita por todos os que vão viver na terra. Barros descreve bem como essa luta pode assumir formatos distintos, seja na participação em ações diretas, seja no trabalho nas cidades, que contribui na manutenção econômica das famílias nos assentamentos. Estes últimos são mencionados em alguns momentos como pilares da luta ou a sustentação das condições de militância (BASTOS, 2018, p.28). A família, assim, se divide entre estrutura organizacional e de trabalho, mas não no formato clássico de trabalho camponês na terra, e as distintas formas de engajamento na luta. Ou seja, a família é um pilar fundamental e uma forma de sustentação para a militância e o bem-estar dos seus integrantes, simultaneamente.

Neste tópico, revisei como, de forma direta ou indireta, é possível perceber concepções de cuidado no MST e como essa prática surge sempre vinculada à coletividade e à ação política. O movimento compreende o cuidado como uma resposta às condições de vida impostas por contextos opressivos ou de exploração socioeconômica, articulando-o à militância e à construção de vínculos entre os sujeitos. A saúde, enunciada pelo MST como a capacidade de enfrentar o que oprime os sem terra, é, como argumento na presente pesquisa, sustentada por relações de interdependência, pela partilha dos sofrimentos e pela organização coletiva. Essa abordagem permite aos militantes não apenas resistir às adversidades, mas também elaborar formas de existência que propõem outras formas de participação social, evidenciando que o cuidado é parte constitutiva da luta e da formação política no MST.

## Estrutura da Tese

Esta tese está organizada em três capítulos, além desta introdução e da conclusão, que investigam as dimensões do cuidado e da saúde mental no MST, articulando trabalho de campo, narrativas de militantes e contextos de inserção das histórias de vida e atuações.

No capítulo 1, analiso como o MST no Ceará organiza práticas cotidianas de cuidado, desde as Feiras da Reforma Agrária até as místicas. O espaço central deste capítulo é o Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto. Argumento que a Feira da Reforma Agrária é um espaço de trabalho, formação e confraternização, onde se reforçam laços de solidariedade e a mística funciona como ritual político e terapêutico, transformando dor em motivação para a luta. As trajetórias de militantes mostram que a formação dos militantes no movimento redefine noções de saúde, dependência e autonomia.

No segundo capítulo, examino a atuação política do MST em Brasília e os impactos da criminalização do movimento na saúde e na legitimidade social dos militantes. Aqui, o principal espaço é o Escritório Nacional, um local de forte articulação política, e também de desafios pela distância da base e proximidade com outras questões daquelas enfrentadas em seus territórios de origem. Também nesse capítulo discuto um evento em particular, a CPI do MST, que tentou deslegitimar o

movimento, associando-o ao "terrorismo", e atacou questões diretamente ligadas as possibilidades de cuidado ofertadas pelo MST. Um dos temas em questão aqui é a disputa entre uma noção de eficácia econômica versus uma de dignidade, que serve para discutir modelos de saúde vinculados à produção de saúde.

Por fim, antes da conclusão, trago um capítulo para abordar a Rede de Saúde Mental do MST. O objetivo aqui é investigar as iniciativas do MST para lidar com o adoecimento psíquico. Defendo que a Rede de Saúde Mental apresenta contribuições importantes para uma noção de saúde mental intrinsecamente conectada ao modo militante de estar no mundo. O cuidado é uma atividade de coletivização dos sujeitos, buscando encontrar redes de proteção. O foco neste capítulo é o próprio coletivo de cuidado e alguns de seus integrantes.

Para concluir, há um breve capítulo em caráter de síntese das discussões desenvolvidas ao longo dos capítulos, indicando as descobertas e contribuições teóricas deste trabalho, assim como suas limitações.

## **Capítulo 1 - Construindo resistência e cuidado por meio da coletividade: "Quando você faz junto, você se sente parte disso."**

Neste capítulo, abordo a primeira fase desta pesquisa de campo, concentrada no Estado do Ceará, com ênfase em Fortaleza, durante o período entre 2020 e 2022. Foi durante esses anos que as portas se abriram para que eu pudesse ingressar no MST não apenas como pesquisador, mas também como colaborador e amigo. O material que abordo nesta seção é resultante de uma lenta e prolongada aproximação, que me permitiu observar parte do cotidiano dos militantes do MST, inicialmente na capital cearense, assim como também participar das atividades nas quais pude me inserir e que apresentarei ao longo do capítulo. As reflexões tecidas aqui também fazem uso de entrevistas semi estruturadas que foram realizadas com militantes com os quais eu tive a oportunidade de acompanhar de forma mais próxima. As entrevistas foram realizadas ao final deste período de campo e serviram para rememorar e debater alguns dos temas caros a esta pesquisa.

Será por meio da apresentação e discussão de alguns ambientes e atividades que concentram grupos de militantes do MST e também de suas trajetórias de vida, com foco no seu ingresso na militância, que investigarei o que há de cuidado e o que há de risco na formação e socialização dos sujeitos enquanto militantes. Inicia-se aqui, neste capítulo, um trajeto que levará a um cuidado explícito na forma de saúde mental. Aposto em uma construção lenta e gradual da noção de saúde, por entender, como pretendo demonstrar ao longo da tese, que o que constitui saúde e bem-estar para os militantes do MST está inseparavelmente conectado a suas tarefas e objetivos dentro do movimento.

Uma das noções centrais que identifiquei nas trajetórias dos militantes diz respeito à relação entre vulnerabilidade e resistência. Me refiro a vulnerabilidade aqui no sentido utilizado por Butler (2016), como uma abertura a múltiplas relações das quais o sujeito se torna dependente. Ser militante no MST, como pretendo mostrar, é depender de várias outras pessoas e também ser suporte para elas. É esse aspecto de mútua dependência que funciona como cuidado, uma forma de atenuar os impactos dos riscos da militância na vida dos sujeitos.

A relação entre dependência e cuidado não é novidade na literatura sobre o tema na antropologia. Joan Tronto (2013), por exemplo, sugere, a partir de uma ética

feminista do cuidado, que a ideia de indivíduos autônomos e independentes é mais exceção do que regra. A regra é que somos todos cuidadores e cuidados, estamos sujeitos à fragilidades e vulnerabilidades (*Ibidem*, p.31). Por consequência, a visão abordada por autoras como Tronto e Butler, e que trago para essa análise, é de enxergar a necessidade de cuidado inserido nas relações sociais, aqui no caso do próprio núcleo do que significa ser militante, é não uma falha ou algo que deu errado na socialização ou desenvolvimento dos sujeitos, mas sim uma condição que existe de partida. Assim, ser militante é, como pretendo demonstrar, a internalização de uma ética do cuidado ao reconhecer seus companheiros e a si mesmos como pessoas que precisam de cuidado e que cuidam.

Tal ponto, porém, não é tão óbvio. Pois dentro do movimento social há também a figura exaltada de um militante que está pronto para tudo e para todos os desafios. Um sujeito invulnerável ou, nas palavras de Carlos Marighella, o militante como uma espécie de “super soldado”, alguém que precisa não ter medo, um guerrilheiro urbano sempre alerta e sempre afiado para a ação (MARIGHELLA, 2003, p.25). Portanto, espero demonstrar na trajetória dos militantes, como a relação entre vulnerabilidade e prontidão é construída, tensionada e pode ou não chegar a processos de exaustão ou adoecimento.

O principal cenário no qual a primeira etapa desta pesquisa ocorreu foi o Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto<sup>2</sup>. Este local, situado na capital cearense, a cerca de quatro quilômetros do centro da cidade, concentra muitas das atividades do MST que ocorrem na capital, em especial as etapas de organização, articulação e formação. O Centro é também espaço de trânsito e de permanência de diversos militantes. Alguns passam pela cidade para atividades rápidas, como participar de uma reunião ou vender os produtos de suas colheitas nas Feiras mensais. Outros tomam o Centro como morada, mais ou menos permanente. Os motivos para residir neste local são diversos. Alguns militantes lá permanecem por motivo de vulnerabilidade socioeconômica, outros por estarem em processo de mudança de cidade e ainda não possuírem residência ou outras conexões estabelecidas no novo local de residência. Há ainda aqueles que buscam refúgio neste local devido a conflitos que

---

<sup>2</sup> O Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto será mencionado ao longo desta tese como Centro Frei Humberto ou Frei Humberto. Tal denominação tem a finalidade de evitar a repetição, mas também de utilizar a forma como os próprios militantes costumavam se referir a este local.



ocorrem nas regiões onde moram, ou por alguma necessidade que afete sua condição de moradia.

Acerca do espaço físico, o Centro Frei Humberto ocupa uma área de cerca de 840m<sup>2</sup> em um bairro residencial de classe média baixa na Regional 2 de Fortaleza. Em relação à sua distribuição no espaço, o Centro Frei Humberto é formado por um prédio com térreo e um andar superior e um pátio em L, com uma das retas descobertas e outra coberta. Na parte coberta há mesas, uma churrasqueira, e um balcão para a cozinha. Esse é o espaço geralmente utilizado para alimentação e para as principais atividades públicas realizadas pelo MST no local. A simultaneidade entre espaço de comensalidade e confraternização pública com o MST não é trivial.

Na parte fechada do prédio, há o térreo e o primeiro andar. No térreo, estão localizados a cozinha, os banheiros, uma secretaria, uma sala de estar com sofá e TV e os quartos. A sala é utilizada em alguns momentos como um espaço de descanso ou ainda de encontros, mas de forma mais reservada do que o pátio externo. Já os quartos possuem beliches e armadores para rede e costumam abrigar até três ou quatro militantes. Há ainda, no térreo, um quintal onde são realizados alguns serviços como lavagem de roupas e corte de carnes. O quintal e os quartos são geralmente espaços onde circulam apenas os residentes e pessoas mais íntimas ao movimento. No andar superior ficam as salas de reunião, o auditório, a biblioteca, um escritório e uma pequena sala utilizada para alguns atendimentos, como terapia, massagens e reiki.

O Centro de Formação Frei Humberto é também o local onde ocorrem mensalmente as feiras da reforma agrária, um dos eventos centrais e mais regulares na agenda do local. As feiras constituíram o principal ingresso que tive no campo de pesquisa durante esta primeira etapa. Por meio das feiras, pude conhecer os militantes que passei a acompanhar de forma mais próxima ao longo desta pesquisa e também pude ser observado e me tornar conhecido.

Ainda sobre os eventos ocorridos no Frei Humberto, o local também abrigava, ao longo desta pesquisa, o “Forró do Frei”, um evento musical de confraternização no período noturno. As noites de Forró costumam contar com bastante gente e também foram local para, por exemplo, acompanhar a apuração dos votos para o cargo de presidente da república em 2022. No Centro Frei Humberto, se reúnem ainda militantes para cursos de formação. Por fim, o local é sede de diversas reuniões entre grupos políticos e sociais de Fortaleza, como partidos políticos, pesquisadores, organizações sociais e outros movimentos sociais.

Há um grupo de militantes que trabalha de forma regular para manter o funcionamento de todas essas atividades, além de outros que comparecem para atividades específicas. Os militantes que exercem suas atividades de forma mais constante no Centro atuam na limpeza, jardinagem, alimentação, transporte, comunicação e coordenação. A maior parte dos interlocutores que apresentarei nesta pesquisa fazem parte desse núcleo fixo de atuação no Centro Frei Humberto. Esse ambiente é importante para essa pesquisa pois nele ocorrem atividades de formação, confraternização e de cuidados em saúde (como atendimento psicológico com profissionais voluntários e com práticas integrativas e complementares em saúde). As abordagens terapêuticas integrativas ocorriam de acordo com a disponibilidade dos parceiros do movimento que dispunham de um espaço em suas agendas para atuação junto ao MST. O que defendo é que todas essas atividades - formação, confraternização e cuidado - são constituintes de uma mesma noção de saúde.

No curso desta etapa da pesquisa, houve ainda outros espaços importantes, além do Centro. Um deles foi um escritório do movimento, localizado próximo ao Centro Frei Humberto, onde acontecem outras atividades administrativas do MST com menos participação do público externo. Outro espaço foi um dos assentamentos mais antigos do MST no Ceará, no município de Crateús. Não menos importante, a pesquisa e o contato com o cotidiano dos militantes também aconteceu nas ruas da cidade. Participei, com eles, de diversas passeatas e protestos nas ruas de Fortaleza. Além de ter o prazer de encontrá-los, interlocutores e “companheiros”, também tinha alguma importância dividir aquele espaço de lutas, pois, como pretendo demonstrar, poder contar com outros e “dividir a luta” é aspecto essencial na trajetória dos militantes e na experiência dentro desse movimento social.

### 1.1. A ponte de relações - ingresso como pesquisador

Dedico algumas reflexões sobre o modo de entrada nesse campo de pesquisa. Ao longo desta investigação, mais frequentemente do que não, fui, além de pesquisador, também um colaborador em algumas atividades e mesmo um amigo, o que pode ser também entendido como uma categoria êmica que significa alguém que partilha, pelo menos em parte, das atribuições do movimento, além de seus objetivos sociopolíticos.

Tal relação não é qualquer novidade dentro das pesquisas antropológicas (WHYTE, 2005; WACQUANT, 2002), mas faz-se necessário comentar algumas implicações desse modo de trabalhar. Com exceção da etapa da pesquisa realizada no Distrito Federal (presente no capítulo dois), as demais, no Ceará e na Rede de Saúde Mental, fui progressivamente participando também como um colaborador nas tarefas realizadas pelos meus interlocutores. Defendo que tal envolvimento simultâneo enquanto pesquisador e colaborador foi importante para captar as nuances do que significa ser militante no MST. Essa imersão é importante inclusive por eu mesmo não ser um militante formado no movimento. Minha aproximação do MST se deu como um apoiador externo, alguém que possui simpatia por esse movimento social e pelas suas bandeiras, mas que não possui o mesmo engajamento que fornece esse grau de camaradagem que constitui a proteção e o peso descrito nesta tese. Cultivar relações de confiança é só uma possibilidade aberta pela pesquisa como também um aspecto altamente recomendável para uma investigação antropológica (MINAYO e GUERREIRO, 2014; GOLDMAN, 2003).

Assim, um passo importante para a realização desta pesquisa, e que é interessante para compreender as relações entre os militantes, é que foi necessário ser intermediado por alguém já de dentro do movimento. Desta forma, uma amiga que já era militante do MST há muitos anos assegurou para os dirigentes do movimento que eu seria alguém de confiança. Considerando um movimento social que, mesmo com tantos anos de existência, é alvo de constantes ataques e perseguições, as relações de confiança são parte essencial do cotidiano dos sujeitos.

Com a indicação feita, entrei então em contato com a então coordenadora estadual de saúde do movimento, Jericó<sup>3</sup>. Passei por algumas entrevistas com ela para apresentar minha pesquisa. Naquele momento, os objetivos da pesquisa se centravam especificamente na saúde mental dos integrantes do MST no Ceará, em como esta era afetada durante o processo de militância e como isso se envolvia com o dia a dia do movimento e com suas condições de existência. Interessava-me entender tanto como o movimento se comportava como instituição, como entender as trajetórias de algumas pessoas. Em nossa reunião, que foi noturna, online e teve a participação de mais duas militantes, notei que as mulheres com quem falava já vinham de outras reuniões e atividades relacionadas ao movimento ao longo do dia. Além disso, a nossa reunião

---

<sup>3</sup> Nome fictício utilizado para interlocutora desta pesquisa.

tinha um horário certo para acabar, pois logo depois elas teriam outro compromisso com o MST.

A conversa seria inicialmente apenas com Jericó, porém, como ela ressaltou, "para a gente é bom sempre conversar em coletivo". O ponto da importância do coletivo é um aspecto central e reiterado em todas as falas dos militantes. Na ocasião, Jericó quis saber se o foco da minha pesquisa seria a "militância", no sentido de o que significava o próprio ato de militar e se manter no MST. As participantes da conversa ressaltaram como as pesquisas feitas junto ao movimento no Ceará geralmente se concentravam em outros aspectos, como educação e agricultura, e raramente no campo da saúde dos militantes ou da dinâmica da militância.

Jericó e as militantes presentes foram receptivas com a proposta e, ainda naquela ocasião, recebi algumas possíveis orientações acerca da pesquisa que seria iniciada. As trajetórias dos militantes, foi-me afirmado, são muito diferentes. Há uma grande maioria que tem o percurso do campo, mas nos últimos anos tem avançado o perfil de militantes vindos das cidades e também ligados às universidades ou aos "movimentos de rua". Há ainda um bom número de "dirigentes políticos" em Fortaleza. O movimento está presente em todo o estado, separado em brigadas<sup>4</sup> dentro e fora dos assentamentos e, por mais que todos tenham atuação "nos territórios", quem está nas atividades de coordenação ficava mais centrado em Fortaleza, a capital. Dado essa diferença de perfil e o volume de pessoas, Jericó ressaltou que seria interessante iniciar a pesquisa com alguns desses recortes. Esta pesquisa lidou, com exceção da etapa realizada junto a Rede de Saúde Mental (capítulo 3), com militantes que estavam em cargos de direção política ou que estavam bastante próximos das direções.

O campo da saúde mental, segundo Jericó, que era coordenadora do setor de saúde do MST no Ceará, é algo que estava sendo melhor desenvolvido naquele momento no movimento e, portanto, não tinha sido pensado de forma mais específica anteriormente. Segundo Jericó, não havia ainda uma proposta sistematizada de cuidado dentro do movimento, "aparece o problema e a gente cuida". Ela ressaltou ainda que a conjuntura política que o país passava naquele momento, em 2020, vinha afetando muito a militância, tanto no MST como fora dele. A elaboração desta proposta de

---

<sup>4</sup> No contexto do MST, brigada é uma forma de organização coletiva, de caráter mais temporário, que reúne militantes para atuar em diferentes frentes de trabalho. Elas podem ser organizadas de forma temática e/ou territorial. As brigadas podem ser locais, nacionais ou internacionais. Além disso, as brigadas são também uma forma de organização laboral e social das famílias dentro dos assentamentos e acampamentos. Em comparação, as brigadas, pode-se relacionar os coletivos, que tratam de questões transversais a vários núcleos do MST e os setores, que organizam pautas mais estruturantes para o MST.

compreensão do que é e, portanto, de como deve ser cuidada a saúde mental dos militantes é algo que voltou a surgir em outras instâncias do movimento. No capítulo 3, que trata da Rede de Saúde Mental, essa questão será melhor abordada. Porém, ressalto, é na trajetória dos militantes que já começa a ser apresentada neste capítulo que encontram-se as raízes do que será efetuado como um cuidado em saúde mental mais a frente. No conjunto desta tese, é possível perceber um processo de institucionalização do cuidado em saúde para os próprios militantes por parte do MST.

Ao fim desta conversa inicial, em agosto de 2020, Jericó quis saber como eu faria a pesquisa dentro do movimento e fez algumas recomendações. No período da pandemia muitas ações e encontros foram interrompidos, "se fosse no período normal, só o que teria era atividades ao longo do ano para você se inserir e conhecer os processos". Ela lembrou que a Feira da Reforma Agrária continuava acontecendo, com algumas adaptações, e falou que iria conversar com os organizadores para que eu passasse a participar. Havia ainda as reuniões organizadas pelo setor de saúde, para a formação dos Agentes Populares do Campo, que apresentarei a seguir, com presença de militantes de todo o Estado e de alguns que estavam estudando medicina em Cuba. Eu também fui convidado a participar destas reuniões e prontamente aceitei as duas indicações de Jericó para iniciar a pesquisa de campo (a feira e o curso). Dado a envergadura do MST, havia múltiplos caminhos de ingresso à pesquisa. As atividades de cuidados dos "bruxos e bruxas" do movimento - que são pessoas dedicadas a práticas oriundas do saber popular, em especial no uso de plantas medicinais para a realização de cuidados - ou da participação direta em acampamentos seriam outros caminhos. Entretanto, naquele momento os dois caminhos que segui foram os que se apresentaram como possibilidades dentro das minhas capacidades para o início dessa pesquisa. Defendo que tais abordagens, principalmente pela Feira da Reforma Agrária, podem não parecer tão um caminho ortodoxo para o objeto em pesquisa nesta tese, mas foram muito frutíferos justamente por me permitirem conhecer os militantes em suas atividades mais corriqueiras, ao mesmo tempo em que me tornava observado e conhecido por eles. A seguir, trago o relato destes ingressos de pesquisa, por meio da Feira da Reforma Agrária e da Formação de Agentes Populares do Campo, assim como situações decorrentes destas entradas.

## 1.2. A Feira de Reforma Agrária

Nesta seção, apresento a Feira da Reforma Agrária. A importância deste tópico se dá tanto por aspectos metodológicos quanto teóricos. Em relação à metodologia, a Feira de Reforma Agrária foi o principal modo de contato que tive com os militantes do MST no início desta pesquisa. Já no que diz respeito às questões teóricas desta pesquisa, as Feiras me permitiram também conhecer e partilhar do cotidiano dos militantes.

O objetivo central desta seção é descrever os espaços, relações e funções exercidas e identificar a forma como os significados das atividades e sentimentos dos militantes eram manejados juntamente aos alimentos de uma Feira do MST. Faço a distinção entre dois momentos de pesquisa em relação às Feiras da Reforma Agrária. O primeiro se refere ao período no qual, ainda sob algumas restrições de encontros devido a Pandemia de COVID-19, a Feira ocorria em um formato virtual ou híbrido. O segundo momento, que relatarei aqui, ocorre com a volta das Feiras ao formato presencial e, portanto, com uma participação e programação distintas do momento anterior.

As Feiras da Reforma Agrária no Centro Frei Humberto iniciaram em 2016 e já seguiam um roteiro semelhante ao que funcionava no curso desta pesquisa. Havia um formato marcado por comercialização de alimentos, debate e almoço no local. Desde seu início, os eventos vêm acontecendo mensalmente e, como mostrarei a seguir, para manter essa regularidade foram necessárias algumas adaptações e uma base constante de pessoas para realizar as atividades necessárias.

No total, participei de 17 Feiras ao longo de 24 meses. Esse evento ocorria sempre no segundo sábado de cada mês, no Centro Frei Humberto, e mobilizava vários militantes e apoiadores, além de servir como um meio de contato recorrente com simpatizantes do MST em Fortaleza. A experiência nas Feiras foi ainda importante para me permitir ser conhecido, observado e fazer amizades. Os ambientes compartilhados foram tanto de atendimento dos clientes da feira, preparo e organização dos alimentos e demais produtos a serem comercializados como também espaços de festa e confraternização.

O início da pesquisa coincidiu com o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Nesse contexto, o Movimento Sem Terra adotou uma postura oficial de apoio às medidas de contenção do vírus e de oposição ao então governo federal. As diretrizes do MST durante esse período, que incluíam o isolamento social, a produção

de alimentos para seus membros e grupos em situação de vulnerabilidade, assim como a manutenção de uma postura crítica ao governo Bolsonaro, foram observadas e vivenciadas ao longo da pesquisa. Também no mesmo período houve, por parte do MST, a doação de alimentos para organizações ou restaurantes populares, ou diretamente para comunidades com dificuldades no acesso à alimentação.

Conforme já mencionado, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia, surgiram duas possibilidades de participação junto aos militantes: acompanhar como ouvinte o 1º curso de formação em Agentes Populares do Campo, promovido com apoio do Setor de Saúde, e colaborar na reorganização das Feiras, que precisaram se adaptar a um novo formato. Optei por participar de ambas. Enquanto este subtópico trata da pesquisa realizada na Feira, o próximo abordará o curso de formação dos Agentes Populares do Campo.

Em abril de 2020, as feiras passaram a ser mediadas por meios eletrônicos, com os pedidos feitos por um site recém criado e adaptado para esta função. Os produtos cultivados pelos militantes no Ceará eram então enviados para a capital e chegavam entre quinta e sexta, antes do segundo sábado do mês, quando seriam feitas as entregas. Apesar do formato virtual para a realização dos pedidos, a data corriqueira, no segundo sábado do mês, continuou sendo a referência para este evento. Durante dois ou três dias, a depender da necessidade, diversos militantes se encontravam no Centro Frei Humberto para então preparar todos os pedidos e organizar as rotas de entrega. Foi nesta etapa de pesquisa no Centro Frei Humberto que comecei a acompanhar os militantes.

De forma a poder realizar a pesquisa para esta tese, busquei me fazer útil na organização das feiras. Ao chegar, fui apresentado aos militantes, ao espaço e às tarefas que ocorriam. Ao longo dos meses, ao ser reconhecido recorrentemente presente na feira, passei a ser chamado por alguns de “companheiro” e para alguns parceiros e admiradores do movimento que encontrava pela cidade, eu era reconhecido como alguém “do MST”. Esse reconhecimento certamente se fortaleceu à medida que, com o arrefecimento da pandemia, a Feira voltou a acontecer de forma presencial e eu passei a trabalhar junto a outros militantes no atendimento às pessoas que visitavam o evento.

Para os militantes, porém, eu estava lá como um pesquisador. Inicialmente, é importante notar que a figura do pesquisador em um programa de pós-graduação não é distante aos interlocutores com quem esta investigação foi feita. Muitos dos militantes com quem pesquisei eram eles mesmos também estudantes universitários, tanto em

nível de graduação, como de pós-graduação, resultado de um forte investimento do MST na educação de seus militantes, tanto nas formações internas ao movimento quanto na educação formal. Além de trabalhar na Feira, era comum que eu tivesse pequenas folhas e uma caneta para tomar notas rápidas sempre que julgasse necessário. Estas notas contribuía para a escrita do diário de campo, que acontecia no retorno para casa ou no dia seguinte. Ao me ver tomando notas e dentre brincadeiras entre os militantes, eles olhavam para mim e afirmavam jocosamente que eu estava anotando que “o povo do MST era louco ou que ninguém ali estava bem”. Esta brincadeira serve para notar alguns pontos. O primeiro é que os militantes percebiam a mim como alguém que estava ali com eles fazendo uma pesquisa e que houve confiança o suficiente para eles não se privarem de brincar entre eles ou comigo. Outra observação é que, mesmo que eu não houvesse discutido o tema de pesquisa com todos, esta havia sido comunicada de forma mais ou menos informal internamente (e a piada com a “loucura” mostra um pouco disso). Essa dinâmica, que se desenvolveu gradualmente, foi fundamental para a realização da pesquisa de campo.

Tomarei o caso de uma dessas feiras como exemplo para apresentação e descrição. Em julho, participei da organização, como em outros meses, durante os três principais dias de organização no Centro Frei Humberto. Assim como eu, alguns dos outros militantes que preparavam a feira também tinham seus trabalhos fixos ao longo da semana, enquanto outros tinham dedicação total ao MST.

Nesta feira em particular, que ocorreu entre os dias 9 e 11 de julho de 2021, quando cheguei, ainda na sexta pela manhã, já encontrei alguns militantes descarregando alimentos de carros que vinham de outros municípios do Estado. Eram alfaces, batatas, queijo, cajuína, manteiga da terra, etc. Um dos militantes que acompanhei, e que será apresentado mais adiante, Corotá, estava em uma reunião com outros dois militantes. As atividades que eu realizava permitiam-me também conversar com os militantes que dividiam o trabalho comigo ou que passavam pelo local. Nesta feira de julho, por exemplo, foi quando tomei conhecimento de que haveria uma doação de alimentos feita pelo MST. De acordo com a militante que estaria nas doações ao longo do final de semana, houve uma reunião com a coordenação do MST na qual foi debatido como era difícil escolher para quem enviar as doações, visto que a necessidade era grande e maior do que as capacidades do movimento. Eleger quem receberia as doações passava pelo debate com as organizações de bairros e movimentos sociais.



Na ocasião desta feira, interrompi a montagem das caixas de papelão (a tarefa que eu estava executando para o preparo dos envios) para realizar outro serviço junto aos militantes. Era o momento de descarregar os automóveis que vinham dos acampamentos e assentamentos com alimentos. Esse era talvez o trabalho mais pesado e que costumava gerar muitas dores nas costas dos que participavam. Devido a uma dor crônica na coluna, normalmente eu era poupado desta tarefa, mas em algumas vezes, dentro das minhas limitações e também para não ficar parado diante do serviço pesado de outros, eu participava. Nestas ocasiões, era curioso como alguns militantes ressaltavam que essa não era uma atividade esperada de um “doutor”. Essa fala demarca algumas questões. Por um lado, informa que a imagem do pesquisador que se aproxima do MST para estes militantes é, em alguma medida, a de alguém que se mantém a uma certa distância de algumas atividades mais braçais. Por outro lado, também demarca uma diferença entre mim, como um parceiro do movimento e não como um militante propriamente dito, visto que vários outros militantes também passavam a ingressar na faculdade por meio de graduações e pós-graduações, mas não havia estranhamento quanto a sua participação nas atividades mais pesadas. Nos casos em que pude perceber ao longo dessa pesquisa, o militante que se torna um acadêmico permanece tendo como identidade primordial a de militante, de alguém comprometido com as bandeiras do movimento social e que o levaram à academia com um sentido específico de aprender em prol desses objetivos sociais.

O primeiro dia de organização da Feira em questão terminou com o armazenamento dos alimentos que foram enviados para o Centro Frei Humberto. Eu fui para casa e voltei na manhã seguinte, sábado, enquanto vários militantes dormiram no próprio local. Os dias de sábado costumavam ser mais agitados pois eram os dias nos quais a maior parte dos pedidos eram enviados. Era preciso preparar rotas, dividir carros e preparar os pedidos corretamente. Este também era o dia no qual é comum haver mais pessoas trabalhando na feira. Nesta ocasião, éramos cerca de 20 pessoas, sendo que uma parte dos militantes estava voltada para a entrega das doações que havia sido mencionada no dia anterior e, portanto, não permanecia no Centro e sim rodava a capital realizando as entregas. Durante o trabalho, ouvíamos música e conversávamos sobre diversos assuntos. Em um momento dessa tarde, uma militante recebeu uma caixa com cópias de um livro que ela havia ajudado a escrever, que falava sobre desaparecidos políticos. Ela distribuiu algumas cópias entre os presentes e esse também foi um tema de conversa que pautou o dia, junto a outros temas da política nacional e estadual. As

referências políticas e debates são constantes. Elas aparecem nas camisas, canções e livros que circulam pelo local e também surgem em conversas sobre eventos vividos pelos militantes. As Feiras são um momento de trabalho, de descontração e de trocas políticas. Já então, começava a ficar nítido que a formação dos militantes acontece na prática de suas tarefas, mais do que em momentos de estudos apartados de suas vivências.

Por fim, a última etapa da Feira nesse formato híbrido era dedicada a realizar as últimas entregas e, principalmente, a receber aqueles que optavam por buscar seus pedidos presencialmente. Nesse caso, a diferença em relação à Feira no formato presencial é que os que visitam não circulam pelo espaço, o que muda significativamente a dinâmica. No domingo do período que estou narrando, quando cheguei ao Centro Frei Humberto, notei que os militantes que dormiram no local haviam festejado um aniversário e assistido a um jogo de futebol juntos. Não raramente, após finalizado o momento de trabalho e aberto ao público, o espaço é fechado e os militantes confraternizam entre si. As relações entre os militantes dificilmente poderiam ser caracterizadas como relações puramente ou majoritariamente com fins funcionais. Os militantes formam também uma rede de amizades e parentesco. Rede essa que é essencial para momentos de enfrentamento e de crises e para o cuidado cotidiano.

O formato presencial da Feira da Reforma Agrária possui mudanças significativas. As atividades são mais concentradas no sábado, que conta com intensa circulação de pessoas no Centro Frei Humberto, e também com a criação de espaços de diálogo, no qual os ideais e objetivos do MST são apresentados, debatidos e performados. De forma semelhante ao que foi feito para descrever o modelo híbrido, utilizarei meu diário de campo de uma das feiras como modo de apresentar o cenário. Os encontros presenciais ocorriam também no segundo sábado de cada mês, geralmente das 9 às 17h. A parte da manhã possui, além da venda dos alimentos e produtos do MST, um momento de debate e o almoço. A Feira que tomo como base para o relato aqui foi a primeira na volta ao modelo presencial após o isolamento social decorrente da Pandemia de COVID-19.

A organização da Feira estava conforme acontecia antes do isolamento. No corredor central, por onde em outras ocasiões passam os carros, estavam colocadas as barracas. O pátio estava preparado para o formato do debate. Na parede onde a frase "Aos nossos mortos nenhum minuto de silêncio" está pintada havia um sofá e atrás do sofá uma grande pintura com o rosto de Carlos Marighela e duas bandeiras do MST,

uma de cada lado da pintura. Na pintura de Marighella havia também uma frase sua: "É preciso não ter medo, é preciso ter coragem de dizer...". Na frente do sofá havia um conjunto de alimentos da reforma agrária, instrumentos de trabalho agrícola, como uma enxada, e também um busto de Paulo Freire. Também havia uma bandeira do Brasil estendida, o que naquele momento tinha um nítido teor de retomar um símbolo que havia se tornado central em representações da extrema direita brasileira. A temática dos debates feitos neste dia foi em torno da necessidade de continuar resistindo nas pautas defendidas pelo MST, que naquele momento incluíam, além das pautas clássicas, a defesa da democracia e o posicionamento contra o governo Bolsonaro.

Muitas pessoas circulavam pelo Centro Frei Humberto, fazendo com que todos os espaços estivessem lotados. Muitos assistiram ao debate e participaram com canções, palmas e registros. Na feira eram vendidos bolos, livros, artesanatos, caldo de cana, cachaça, cajuína, além dos legumes e frutas. Havia ainda uma pequena banca da candidatura de um deputado estadual do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) que coletava assinaturas com a intenção de barrar uma lei que ampliaria o uso de agrotóxicos no Ceará. Na Feira presencial, eu tanto circulava para conversar com os militantes como ficava durante a manhã e tarde na banca onde eram vendidas as frutas e verduras.

O debate, iniciado geralmente às 10h30, era precedido por uma mística que, na situação aqui descrita, começou com uma canção. A mística, que ainda voltará a aparecer algumas vezes ao longo desta pesquisa, é quase onipresente nas ações do MST. Ela normalmente é expressa no começo das atividades e faz uso de expressões artísticas (canções, poesias, performances, etc) que buscam impulsionar características desejadas nos militantes e/ou levantara debates sobre temas caros ao movimento social. Segundo Pirro, a mística é definida enquanto um pequeno espaço ritualístico em que os militantes usam recursos e elementos diversos do seu modo de vida para trazer à tona a força interior que impulsiona a militância e a energia vital para a luta (PIRRO, 2023, p.58). Ou, segundo Chaves, a mística são as cerimônias mais ou menos elaboradas feitas de elementos variados, cuja finalidade é “animar a militância” (CHAVES, 2021, p.16).

O conteúdo das místicas feitas pelo MST é significativo para esta pesquisa e merece um aprofundamento. No caso da Feira da Reforma Agrária que comecei a relatar, a primeira etapa da mística foi uma canção cantada por vários militantes espalhados pelo espaço do Centro Frei Humberto. A canção falava sobre estar feliz por “ter um pedaço de terra” onde viver e de onde se sustentar, porém continuava

ressaltando que a luta não acabava aí. Ao fim da canção, uma palavra de ordem do MST foi gritada pelos que haviam cantado e repetido pelos que assistiam à mística - “MST! Essa luta é para valer!”. A mística teve continuidade com mais duas etapas. Em uma delas os cantores falaram dos símbolos que deveriam ser retomados por todos aqueles que se identificam com as lutas populares de esquerda. Dentre os símbolos a serem retomados estava a bandeira do Brasil. Foi retomado o debate entre a bandeira verde e amarela do Brasil e a bandeira vermelha do MST, tema comum desde 2018, durante e eleição na qual a direita representada por Bolsonaro identificava a bandeira do Brasil como símbolo de seu grupo político, enquanto as bandeiras vermelhas (como a do Partido dos Trabalhadores ou do MST) eram vinculadas à esquerda. Segundo um dos militantes que conduzia a mística, “o vermelho da bandeira do MST não é só um símbolo”, fazendo referência à luta e ao sangue dos Sem Terra. Os alimentos produzidos pelos assentados e acampados também foram ressaltados como um símbolo da ação do movimento, algo para além da alimentação.

A etapa final da mística que marcou o debate nesta Feira da Reforma Agrária foi a exibição de um vídeo com entrevistas de moradores de um assentamento no Ceará. Os moradores desse assentamento em questão enfrentavam várias tentativas de despejo, incluindo uma em andamento durante aquela feira, apesar de o grupo já residir no local há cerca de sete anos. No vídeo apresentado, os moradores falavam como a feira era também uma forma de resistência do movimento. Por isso, pediam no vídeo que as pessoas conhecessem a história do assentamento, visitassem o local e compreendessem a pressão que o grupo recebia do agronegócio na região.

Após a mística, houve um debate, momento que sempre faz parte das Feiras da Reforma Agrária no Centro Frei Humberto, e que evidenciou algumas questões sobre a resistência do MST: acusações, tentativas de despejo e preconceitos diversos contra os Sem Terra em acampamentos, incluindo racismo e LGBTfobia. O medo da marginalização urbana e o apoio recebido de parceiros, especialmente da universidade, são elementos importantes para compreender como os militantes encontram forças para resistir apesar das adversidades. O apoio angariado nos debates e nas feiras é importante também como uma forma de obter um reconhecimento social para a trajetória dos militantes. Conforme demonstrarei na análise das trajetórias, esse ponto tem peso significativo para o bem estar dos militantes. O momento dos debates nas feiras é também um momento para disputar visões sobre o MST que circulam na sociedade. No capítulo seguinte, apresentarei uma discussão acerca de uma CPI sobre o MST, instalada

no Congresso Nacional e voltarei, de forma mais detalhada, a essa disputa da imagem dos movimentos sociais. Na Feira da Reforma Agrária, diferentemente de outros espaços, o foco não está na disputa pela imagem do movimento, mas sim em convidar simpatizantes a apoiarem suas causas.

Após o debate, veio um dos momentos mais esperados pelos visitantes da Feira, que é o almoço. Como das outras vezes na qual participei, fui convidado a almoçar com os militantes, o que constitui uma oportunidade tanto de confraternizar como de conversar sobre temas desta pesquisa. Talvez devido a pesquisa que eu estava realizando, algumas conversas com os militantes traziam à tona temas que os afligiam. Em uma destas conversas, falei com uma jovem militante que me contou que fora assaltada em diversas ocasiões nos últimos anos, o que a levava a sentir ataques de pânico. Ela mencionou que estava tomando medicamentos psiquiátricos, mas parou por conta própria há alguns meses, quando sua mãe pegou COVID-19 e ela ficou isolada em casa, sem conseguir pegar a receita para os medicamentos. Outra militante, naquele mesmo momento, estava também passando por crises intensas de saúde mental e vinha sendo cuidada por algumas militantes mais próximas. Essas conversas indicavam que os problemas de saúde mental enfrentados pelos interlocutores desta pesquisa não necessariamente dizem respeito às suas tarefas dentro do MST, mas que dificilmente as soluções deixavam de passar pelas relações lá estabelecidas.

À noite, após o fim da feira, os trabalhadores se reuniram novamente. Houve uma festa no Centro Frei Humberto. Era aniversário de uma das crianças, filha dos militantes, e também haveria um jogo de futebol que os presentes se reuniram para assistir juntos. Após encerrar a Feira, rapidamente o ambiente de trabalho se tornava um ambiente de lazer, no qual os militantes usam sua própria produção para compartilhar, se alimentar e confraternizar.

Um ponto interessante a ressaltar ainda diz respeito ao fim do dia de Feira da Reforma Agrária. Geralmente, ao término do período de trabalho, acabada a Feira, eu recebia, junto com os outros militantes que trabalhavam, uma cesta de alimentos. Essa cesta era sempre muito bem-vinda e sortida. Era comum eu agradecer dizendo que a semana que eu recebia essa cesta era a que melhor me alimentava. Todos os militantes pareciam apreciar muito o recebimento da cesta que tinha ares de dádiva, no sentido maussiano (2003), uma troca que não cancela relações, mas que, pelo contrário, as fortalece e as prolonga. Em algumas ocasiões, recebi dinheiro como pagamento pelas minhas “diárias de trabalho”. Esse tipo de pagamento me gerou dúvidas sobre a

interpretação correta: tanto poderia significar que eu era pago como os outros que participavam ativamente, quanto que eu era pago como alguém de fora que prestava um serviço. Compreendo que ambas as interpretações são válidas pois o pagamento se referia a um trabalho que eu realizei de forma mais dedicada a convite dos dirigentes, que o aceitaram e acompanharam. E também marca uma distinção, pois eu era pago por algo específico e não por um trabalho de dedicação integral.

Sobre esse aspecto do pagamento é ainda importante notar que o valor pago pelo MST nessas ocasiões é também uma forma de reconhecimento pelo trabalho executado e era pago tanto a mim quanto aos outros militantes. Não aceitá-lo configuraria uma desfeita com meus interlocutores, podendo colocar em dúvida as relações constituídas até o momento. Porém, é comum que trocas comerciais gerem alguma desconfiança e por isso ressalto que não havia no pagamento a exigência de qualquer contrapartida em relação à pesquisa. No contexto da antropologia da saúde há uma discussão sobre, principalmente no campo da ética, sobre o pagamento de participantes. Um bom exemplo dessa discussão pode ser vista em Castro (2008). Suas discussões dizem respeito principalmente a relação entre riscos e pagamento em pesquisas biomédicas. Porém, conforme ressaltado por Lucineia Freitas, que participou da avaliação desta tese e compõe o MST, o valor pago é mais reconhecimento do que remuneração.

Com esses recortes de meu diário de campo, pretendo apresentar algumas das dinâmicas recorrentes das atividades dos militantes na Feira da Reforma Agrária. Inicialmente, verifiquei que existe uma associação do MST com outros movimentos sociais, como organizações da sociedade civil (OSC), partidos políticos e universidades. Desse ponto, gostaria de destacar dois aspectos. O primeiro é a necessidade de gerir recursos e parcerias, que faz parte do cálculo operacional e também político dessas colaborações. Quando se fala de escassez de recursos, parece-me necessário analisar como esse ponto se trata não só da falta de recursos materiais, mas também de recursos humanos para o MST. A quantidade de pessoas no coletivo para lidar com o volume de atividades solicitadas é insuficiente. Isso transparece no dia a dia observado ao longo desta pesquisa, por meio da diversidade de tarefas exercida por cada militante, em vários casos superando algumas resistências ou preferências pessoais. Em segundo lugar, destaco a fluidez com que os espaços e as pessoas operam entre atividades laboriosas e diversão. O mesmo espaço em que os militantes trabalham durante todo o final de semana, geralmente após terem trabalhado também durante a semana, é o espaço no qual estão várias de suas relações sociais e vínculos de amizade.

Ser capaz de contar com o outro significa, no cotidiano e de formas muito práticas, a divisão de tarefas e a redução de sobrecarga. Todos os militantes que participam da Feira possuem também outros afazeres ao longo da semana, sejam eles ligados ao MST ou não. Destarte seja comum que estejam cansados, a partilha de afazeres é característica comum dentre aqueles que permanecem recorrentemente nas atividades realizadas no Centro Frei Humberto. Em outro nível, é possível afirmar que essa partilha não ocorre apenas nas tarefas realizadas, mas também em outros meios, ora em conversas, canções e reflexões, ora em místicas, debates, eventos e mesmo em vestimentas. Em todos esses momentos são compartilhados também ideais em comum que estão embutidos no trabalho realizado assim como na diversão gozada. Como explicitado por um dos militantes que apresentarei adiante, a militância não é equivalente a uma profissão, mas sim a um modo de vida. Isso significa que o trabalho é bastante motivado também pelas bandeiras sociais defendidas pelo coletivo e por uma noção de si que é criada na experiência das tarefas realizadas.

### 1.3. Debates sobre desenvolvimento do cuidado coletivo no MST

Em 2021, durante o período de isolamento social devido à pandemia de COVID-19, ocorreu a formação da primeira turma de Agentes Populares de Saúde do Campo. O curso foi resultado de uma parceria entre MST e Fiocruz Brasília, iniciou em 2020, durou 13 meses e formou 35 militantes assentados no estado do Ceará. Segundo a Fiocruz, “o curso foi desenvolvido a partir de uma demanda do próprio grupo [de militantes] que, durante a pandemia de COVID-19, em uma região com cobertura ainda escassa do SUS, decidiu contribuir para os cuidados, as orientações e o acompanhamento de mais de 700 famílias [...]” (Fiocruz Brasília, 5 de out. de 2021). O curso foi coordenado por dois mestrados do Mestrado Profissional em Políticas Públicas em Saúde, pela Fiocruz, e que eram parceiros do MST. Também aconteceu uma turma dessa formação em Pernambuco.

Ao iniciar esta pesquisa fui convidado pela coordenadora do setor de saúde do MST no Ceará a participar dos encontros online, que ocorriam semanalmente, por meio da plataforma *Zoom*, às segundas-feiras, às 19h. Além de ser uma forma de estar em contato frequente com os militantes, foi também uma forma de acompanhar debates

sobre o tema da saúde tanto dos camponeses quanto dos militantes. No terceiro capítulo será melhor desenvolvida uma ideia de uma militância para dentro por meio de um cuidado em saúde que tinha como público seus próprios militantes. O curso de Agentes Populares do Campo, por sua vez, já antecipa algumas questões como a conexão com o SUS e suporte mútuo entre os militantes.

A noção de saúde do MST é, em seu fundamento, coletiva e política. Como está bastante afirmado em diversos documentos do Movimento e reiterado no Curso de Formação, “saúde é a capacidade de lutar contra tudo aquilo que nos oprime”. O que pretendo demonstrar nesta seção é como esta noção de saúde é discutida a partir desta formação junto a um grupo de militantes assentados.

Essa noção de saúde presente no MST é semelhante à de outros movimentos sociais. Nelson (2011), em etnografia sobre o Partido dos Panteras Negras mostrou como a noção de saúde elaborada por esse movimento social é profundamente contextual e holística, reconhecendo a saúde como um direito humano fundamental e uma peça central na luta de libertação das comunidades oprimidas. Assim como o MST, os Panteras Negras viam a saúde não apenas como a ausência de doença, mas como um estado que está intrinsecamente ligado às condições sociais, econômicas, raciais e políticas das comunidades marginalizadas. De forma semelhante ao que ocorreu com o curso de formação dos Agentes Populares de Saúde, ou com a Rede de Saúde Mental, as clínicas do Partido dos Panteras Negras e ações tinham o objetivo de empoderar os pacientes para que fossem agentes na sua própria saúde, desmistificando o poder do médico e promovendo o conhecimento comunitário (NELSON, 2011, p.80).

Voltando à participação nas atividades do MST, na ocasião de cada seção de formação dos Agentes Populares, a então coordenadora do Setor de Saúde no estado do Ceará me enviava o link para acessar a sala virtual de reunião pelo whatsapp. Os militantes que participavam da formação já estavam em um grupo desse mesmo aplicativo e recebiam o convite nesse espaço. Eu entrava na sala alguns minutos antes da hora marcada para o início, para observar os processos de organização, conversar com as organizadoras do encontro e me dispor a ajudar com algo, caso necessário. Eram recorrentes os problemas de conexão durante a chamada virtual, pois o acesso a internet era precário para muitos. Todos os encontros do curso de formação de Agentes Populares de Saúde do Campo iniciavam com uma mística e o responsável por ela ia sendo alternado a cada encontro. Por vezes alguém lia um poema, cantava uma música ou passava um vídeo. Ou ainda, uma mescla dessas atividades.



A formação passou diversos temas relacionados aos cuidados em saúde dos camponeses, como por exemplo saneamento básico, descarte adequado, vacinação e cuidados preventivos. No que interessa essa a pesquisa, focarei em um encontro que teve como tema o cuidado dos militantes por meio da mística.

Em março de 2021, aconteceu o 8º encontro de uma turma de formação de militantes. Eu fui convidado pela coordenadora do Setor de Saúde no estado a participar especialmente desse encontro por ela entender que haveria bastante aproximação entre o debate do dia e a pesquisa que eu estava realizando. Nessa ocasião, uma das organizadoras do curso abriu seu microfone durante a reunião virtual para dizer “Aproveitar aqui para apresentar o Rafael de Mesquita que é pesquisador do MST”. Essa foi a primeira vez que fui mencionado como alguém "do MST". O suplemento “do MST”, junto ao nome carrega um sentido de identificação com o coletivo, conforme será demonstrado na análise das trajetórias, especialmente no capítulo seguinte.

A reunião em questão era sobre "A mística revolucionária que alimenta o espírito" e contou com dois palestrantes: Padre Rino (médico psiquiatra e parceiro do MST) e Lourdes Vicente (professora e militante). Enquanto Padre Rino defendia o equilíbrio entre cuidado individual e coletivo, Lourdes enfatizou a dedicação ao coletivo mesmo em momentos difíceis.

A mística inicial apresentou os sete princípios organizativos do MST: Divisão de tarefas, Disciplina, Profissionalismo, Estudo, Vinculação com a massa, Crítica e autocrítica e Direção coletiva. Estes princípios enfatizam valores comunitários nas decisões, compartilhamento de responsabilidades e a importância da formação dos militantes. Como parte desse mesmo momento, foi recitado um poema que falava das dificuldades de ser militante, do qual destaco alguns trechos.

Não esperem facilidade, nossa luta é cheia de sacrifícios  
Não esperem privilégios  
não esperem mordomias  
ser militante não é levar vantagens, é perder o direito a ociosidade  
se não quiser ter seus passos vigiados, não caminhe  
Ser militante não é ser estrela, mas é ser parte do firmamento.  
Construído com massa e com sonho, sem ser herói, mártir ou santo, sendo apenas um grande companheiro.  
(Entrevista concedida em, março de 2021)

Os aspectos trazidos na mística antecipavam a relação entre o espírito militante o qual era tema do encontro e do caráter disciplinado da formação desses sujeitos. A

noção de sacrifício é recorrente, assim como a de que o que deve prevalecer são os interesses coletivos. Isso não significa um apagamento do indivíduo, dadas as diversas nuances e negociações realizadas nas trajetórias dos militantes, mas não só por isso. Há também a construção de uma localização no mundo que leva o sujeito a ver possibilidades de alcançar melhores condições de vida e maiores possibilidades de influenciar nos rumos sociais por meio do coletivo. A noção de espírito de sacrifício será retomada, ainda nesse capítulo, na trajetória de Coroatá. Conforme destacarei nesta tese, também há ganhos significativos no engajamento junto ao MST no sentido de pertencimento e amparo coletivo, assim como o desenvolvimento pessoal e formação contínua, empoderamento e agência sobre a própria vida e a conquista da dignidade e autoestima.

Nas falas do encontro, o Padre Rino discutiu "como vivenciamos uma mística revolucionária como forma de transformar os mundos" e os "valores nas místicas e no movimento: bem comum, partilha, solidariedade", bem como valores cristãos como amor, paz e justiça. Um dos motivos que alimenta os militantes, segundo o Padre, é a utopia dos militantes, que fornece uma esperança por um novo futuro e combate o desânimo. Considero importante essa fala pois o desânimo mencionado pode ser entendido justamente como um sentimento que afasta os militantes de suas tarefas ou que os leva a não se verem mais capazes de continuar no movimento social ou com interesse em suas causas.

Para o Padre Rino, a mística serve para cuidar do indivíduo sem esquecer do coletivo.

[A mística é uma forma de] integrar a questão do unitário, no sentido de não esquecer de si ao trabalhar para o próximo. Não esquecer da dimensão individual. O desafio é ser unitário e comunitário [...] Não podemos anular o ser humano, o indivíduo. As pessoas se esgotam, não continuam na luta porque ficam frágeis e perdem a consciência de si. *(Entrevista concedida em, março de 2021)*

Desta forma, segundo Rino, autoconhecimento, auto aceitação, auto estima saudável seriam aspectos necessários para se empoderar e aprender a conviver com as próprias sombras, “se eu me empodero, aí eu posso empoderar os outros”. Ao final do seu tempo de fala, ele mencionava que o problema da saúde mental é um dos problemas mais debilitantes do mundo e que isso se multiplicou com a pandemia. Nos comentários no chat da sala virtual, alguns militantes comentavam que ainda queriam escutá-lo mais. Algumas disseram que queriam ouvi-lo mais sobre saúde mental dos militantes. Mas,

seguindo a programação, a palavra foi passada à segunda palestrante, Lourdes Vicente, com a ressalva de que o tema poderia ser retomado após a fala da segunda palestrante.

Para Lourdes, o MST deixa dois grandes legados e novidades para os movimentos sociais na sua forma de lutar: a ocupação como pressão política e a mística. Para a professora e militante, a mística precisa ser uma atividade posicionada contra uma ideologia do desenvolvimento e do capital. Seria ainda uma resposta a uma forma de elaborar a experiência humana no mundo, uma condição de existência dos camponeses e dos Sem Terra a derrocada do sistema capitalista. A relevância política e cultural da mística, portanto, seria elaborar um conjunto de convicções profundas que mobilizam as pessoas e os movimentos na vontade de mudanças. Segundo sua apresentação, a mística numa visão político-social está vinculada a uma utopia, “é aquele sentimento que impele a não desistir, resistir e fazer acontecer, através da luta, uma nova realidade”. A mística seria, portanto, uma prática coletiva e socialmente organizada para organizar a rebeldia e fazer os militantes se manterem em um processo de resistência. Segundo Lourdes, a mística é tanto motivação para superar os desafios enfrentados pelos Sem Terra com é memória para lembrar dos que servem de inspiração para o presente.

Talvez um dos pontos que mais interesse ao argumento deste tópico seja a dimensão apresentada de mística enquanto compromisso, “mística é pois o motor secreto de todo compromisso; aquele entusiasmo que anima o militante; fogo interior que alenta as pessoas nas tarefas cotidianas”. Esse compromisso é o que faria com que os militantes permanecessem motivados apesar do cansaço e do esgotamento. O papel da mística seria, à vista disso, mobilizar a indignação em prol de um projeto de futuro. Para Lourdes, o cuidado de si é realizado por meio do cuidado com os outros. O egoísmo, individualismo e consumismo seriam mazelas que desviam os militantes desse cuidado coletivo. Chaves (2000, p. 207) já identificara em sua etnografia, o personalismo e o individualismo como vícios, segundo seus interlocutores, que podem surgir no cotidiano dos militantes. Há um trabalho contínuo de valorização do coletivo e para que “sujeitar-se ao coletivo [seja] a maneira de realização dos indivíduos no MST. Essa preeminência do coletivo como valor impõe que, sendo o MST uma ‘Organização’, sua hierarquia apresente-se de maneira impessoal, simultaneamente garantia de legitimidade e de eficácia na obediência” (*Ibidem*, p.301). As trajetórias dos militantes mostraram como essa aderência ao coletivo é, na realidade, uma forma de

conseguir forças que não estavam presentes nos camponeses apenas enquanto indivíduos isolados de uma classe trabalhadora explorada.

Assim, de acordo com Lourdes, algumas “mazelas humanas” a serem combatidas na formação dos militantes são egoísmo, individualismo e o consumismo. Segundo sua abordagem, o esgotamento físico e o sentimento de vazio de sentido são resultantes da má condição sistêmica de precarização da classe trabalhadora que encontraria solução na organização coletiva. Durante a reunião em questão, no *chat* da sala virtual, uma militante havia comentado que era importante “não se tratar como máquina que não pode descansar e parar”, ao que outras confirmavam e responderam que “vamos nos sucumbindo nas atividades e esquecemos do corpo e da alma”.

Ao final das falas do Padre Rino e Lourdes, foi aberto um momento de debate. Ao retomar o debate sobre saúde mental e mártires dentro do MST, Lourdes mencionou que uma característica do movimento era resgatar a memória e a vida de pessoas em prol de alguma causa. Para exemplificar, ela mencionou a história de várias militantes que conheceu pessoalmente ou que foram relatadas a ela e que, segundo ela, a inspiram a continuar. Em suas palavras, “desconheço no MST pessoas que se entristeceram ao falar de alguém que morreu, a gente lembra dos grandes exemplos”. Por sua vez, Padre Rino iniciou lembrando que os militantes têm uma tendência a se esgotar, trabalhar além de seus limites. Retomando uma conhecida frase dos movimentos de esquerda, ele afirmou que se deveria endurecer sem perder a ternura. Para o Padre, os militantes seriam cuidadores, no sentido de trabalhar por um bem comum, porém estes esqueceriam de cuidar de si para cuidar dos outros e conclui afirmando que há uma resistência considerável dos militantes, em sua experiência, com o processo terapêutico.

#### 1.4. Criar cuidado no MST no Ceará

Ao final da primeira etapa desta pesquisa, dediquei-me a realizar entrevistas com alguns militantes que identifiquei como interlocutores centrais. Nesta fase, eu possuía mais proximidade com os meus interlocutores, o que possibilitou ter conversas mais abertas, nas quais eu pude expor minhas questões, dúvidas e incompreensões. Neste estágio de pesquisa, fiz entrevistas com quatro militantes do movimento.

Como já mencionei anteriormente, Jericó era a coordenadora do setor de saúde e a primeira interlocutora deste estudo. Ela é uma mulher, negra, com idade por volta de

60 anos, mãe de três filhas e de origem pobre. Apesar de ser uma pessoa mais tímida para falas públicas, está sempre presente nas ações do movimento e na sua organização. Todas suas filhas são também militantes do MST, sendo duas de forma muito próxima e uma com menos permanência.

Bromélia foi outra pessoa central nesta pesquisa, tanto pela sua atuação intensa dentro do MST como pela sua atividade na coordenação das Feiras da Reforma Agrária e do espaço do Centro Frei Humberto como um todo. Seu pai já era militante do MST e ela cresceu em um dos assentamentos mais antigos e bem estabelecidos no Ceará. Durante esta pesquisa, ela residia em Fortaleza, apesar de retornar bastante a sua cidade de origem, estava casada com um outro militante da mesma região e tinha dois filhos.

O esposo de Bromélia, Coroatá, é um homem que ingressou no movimento por meio da luta pela terra. Ele, assim como sua esposa, são pessoas com centralidade na organização do movimento no Ceará. Atuou como dirigente de brigada e coordenador de setor no Ceará. Durante o período desta pesquisa, ele viria a “assumir uma tarefa” nova, se candidatar a deputado estadual, tendo se tornado, afinal, “o primeiro Sem Terra a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa”.

Por fim, dentre os militantes, há Cumaru. Ele é um homem que tinha entre 35 e 40 anos de idade, militante residente em um assentamento do MST no Ceará. Cumaru se tornou membro do movimento em sua juventude, tendo vindo de origem urbana e se vinculado ao movimento, inicialmente, não por ser Sem Terra, mas por se aliar às causas e formas de luta do MST.

Esse tópico tratará especificamente dos diálogos tecidos com esse grupo de interlocutores. Alguns dos temas centrais que foram tratados com estes sujeitos se repetirão também na etapa do campo de Brasília. Entretanto, considero que vale a pena abordá-los de forma separada, para, assim, destacar as particularidades de cada modo de militar no MST e o que isso representa nas trajetórias e no bem-estar destas pessoas. Há especificidades e continuidades entre cada contexto de pesquisa. Em termos de continuidade, há alguns contextos de trajetórias militantes que são recorrentes ou bastante complementares, porém há também cenários e dilemas enfrentados que são particulares a cada tarefa assumida.

Os temas centrais que abordarei neste tópico são: a trajetória dos militantes, buscando entender o que significa para a sua formação, bem-estar, sociabilidade e experiências no ingresso no movimento; a centralidade da noção de coletivo e comunidade na formação do militante; as formas de dar significado e de renovar ou

cuidar da manutenção dentro do movimento, seja por meio das místicas, dos momentos de afirmação ou de ações de base. Todos estes aspectos serão também interpretados por meio das emoções que eles trazem. Em suma, pretendo apresentar, a partir destes cinco interlocutores, os significados de militar no MST, as formas de se manter dentro do movimento diante das dificuldades que surgem devido a essa tarefa e as relações entre suas trajetórias e o cuidado que eles recebem ou provêm.

#### 1.4.1. Jericó - “Fui me forjando”

Jericó é uma mulher de baixa estatura e aparência um tanto frágil na faixa dos 50 anos, porém é reconhecida entre os militantes como alguém de muita força. Desde muito jovem, Jericó assumiu a responsabilidade de cuidar de seus irmãos enquanto a sua mãe trabalhava para sustentar a família. Assim como muitos camponeses, morava em uma fazenda onde os pais trabalhavam, enfrentando situações de dificuldades financeiras e instabilidade. Um ponto caro a Jericó é ressaltar as formas de maus tratos sofridas e invisibilizadas por mulheres e que ela se acostumou a enxergar desde cedo e passaram a ser objeto de questionamento ao longo de sua trajetória. Os maus tratos eram tanto de agressões, como de sobrecarga de trabalho e patrimonial. Esse é um ponto importante em sua história, inclusive pelas ferramentas que ela encontrou dentro do MST para dar sentido a essas experiências. Sua migração do interior do estado para a capital é decorrente da separação dos pais e a busca por melhores oportunidades.

A entrevista que realizei com Jericó ocorreu no escritório administrativo do MST no Ceará, em um dia de chuva, com temperatura agradável. Quando cheguei ao local da nossa conversa, ela parecia bem ocupada. Jericó e outros militantes estavam arrumando o espaço, varrendo e organizando móveis. Ela disse que precisava fazer uma organização no escritório, pois ele estava fechado desde o Encontro Estadual (que ocorreu cerca de 3 semanas antes de nossa conversa) e havia algumas coisas que vieram do encontro que precisavam ser limpas também. Me ofereci para ajudar e o fiz lavando a louça. Ainda tive algum tempo para circular pelo espaço antes de podermos fazer a entrevista e enquanto mais pessoas iam chegando ao local, o que me permitiu também observar as paredes do local. Reparei em uma folha que organizava as “tarefas dos militantes nos espaços”. As tarefas eram divididas sem distinção de gênero e afirmavam que mesmo a militância que estava de passagem pelo espaço ou que fosse de outras organizações deveria também contribuir com as tarefas de organização. A exceção feita

para poder se ausentar das tarefas era com os educadores que estavam nas cirandas<sup>5</sup>. Em outra parede, havia um quadro feito pelos Sem Terra que mostrava uma cena de um acampamento no qual os militantes resistiam diante de uma tentativa de remoção. No quadro havia o seguinte poema:

... Para um mundo melhor  
é preciso lutar  
As injustiças impostas  
não debes aceitar.  
Sozinho é impossível  
a situação mudar.  
Junta-te a teus pares  
para um compromisso assumirem.  
Lutar por liberdade  
e nunca, nunca, desistirem.  
Ensinem seus filhos, sabedoria  
para a vitória  
usufruirem  
(Diário de Campo, janeiro de 2023)

Tanto o poema acima, com sua preocupação com as emoções e o legado dos militantes, quanto às recomendações de divisão dos trabalhos são temas que apareceram na conversa com Jericó e também com outros interlocutores. Quando Jericó conseguiu algum tempo entre suas atividades, fomos para uma sala de aula que há no escritório. A sala continha vários livros, uma lousa e um busto de Paulo Freire. Sentamos próximo a porta aberta para aproveitar o vento e enquanto conversávamos, alguns militantes passavam pelo lado de fora da sala ou vinham até ela para solicitar alguma informação sobre os trabalhos que estavam sendo realizados.

Em Fortaleza, Jericó viveu na periferia da cidade, onde continua a morar, porém agora com mais estabilidade de apoio. A sua situação quando chegou à capital do estado era “uma situação muito de pobreza, de extrema pobreza”, mesmo que ela e a irmã também estivessem trabalhando e assumindo responsabilidades sobre os cuidados dos irmãos mais novos. O que ela descreve como sua primeira experiência profissional enriquecedora, no sentido de ampliar seu horizonte de possibilidades, foi como vendedora de jornal, “você escolhia, ou você ia trabalhar em casa de família, que eu já fiz isso, já fui da babá e tudo, mas nessa época optei e fui trabalhar no jornal. Foi uma experiência muito rica, comecei a ter outros diálogos”. Um aspecto que recorrentemente

---

<sup>5</sup> As cirandas infantis do MST são espaços pedagógicos criados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para acolher e cuidar de crianças, especialmente durante atividades do movimento, como encontros, marchas e acampamentos. São espaços de importância política tanto para a vivência das crianças que crescem no MST como para os pais que precisam desse suporte para exercerem suas tarefas.

é transformador na trajetória dos militantes é a ampliação dos horizontes que ocorre, geralmente, por meio dos estudos e da ocupação de diferentes espaços antes vistos como inalcançáveis. Com o nascimento da primeira filha, Jericó deixou o trabalho no jornal e logo conseguiu um trabalho na indústria têxtil, que foi outro “divisor de águas”, como ela afirma. Desta vez, o motivo foi o primeiro contato que ela teve com as lutas por direitos sociais de trabalhadores.

Lá na [fábrica têxtil] fiquei de [19]87 a [19]88. Eu saí numa greve, nós tivemos uma greve de 14 dias. **Foi muito importante para mim a minha entrada no movimento sindical operário.** A partir dessa greve eu tive outros contatos, eu **conheci a resistência da greve, que estar todo dia numa greve, não é fácil.** Muitos companheiros furando greve, fazendo as piores barbaridades para entrar, para trabalhar, para não perder né [o emprego], que é a questão também de sobrevivência. E quando a greve foi entrar nos 14 dias, eu e alguns companheiros fomos demitidos. A partir daí, já numa relação com a direção do sindicato e fui entrando para o sindicato. Fiquei no sindicato até a minha última filha. Quando eu engravidei, que foi para parir, aí eu negocieei que não voltaria. Foram muitos anos, foi muito importante a trajetória no sindicato. Participei de muitas lutas, participei do Fora Collor, participamos da luta pelo fim do trabalho nos sábados à tarde no comércio. Fui para a direção do sindicato na época também por conta de ter sido demitida na greve. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

É a partir do ingresso nos movimentos sociais, inicialmente no movimento sindical operário, que começam a surgir valores e um léxico de resistência e luta. Nesse sentido, a abertura de mundos que vai acontecendo para Jericó é a de se situar em coletivos de luta por melhores condições de vida. O que antes era naturalizado, como a pobreza e as diferenças de gênero, passam a ser questionadas dentro de um coletivo. Também será recorrente em sua trajetória, como para outras militantes, a necessidade de equilibrar suas tarefas de militante com outras formas de cuidado, principalmente relacionadas à família. O mesmo dilema aparece com bem menos intensidade nos militantes do gênero masculino com quem conversei.

Foi a partir do sindicato que Jericó conheceu o MST. Segundo ela, "não na sua essência, conheci assim nas relações públicas do MST. Eu conheci algumas companheiras, principalmente as mulheres lá". O que Jericó menciona como a diferença entre a essência do movimento ou apenas suas relações públicas, seria a diferença de compartilhar da mesma luta no cotidiano de uma militância ou de atuar como uma apoiadora ou simpatizante. Também é importante notar que seu primeiro contato se dá



por meio das mulheres do movimento, o que dialoga com suas questões sobre as tarefas assumidas por ela e pelas mulheres em sua família.

Como mostrarei ao longo desta tese, é recorrente a menção a algum momento de transição na aproximação ao MST. Esse movimento ocorre, geralmente, ao partilhar de experiências nas reivindicações do movimento e, desta forma, viver suas dinâmicas organizativas e de formação de sujeitos.

Quando foi em [19]92, numa marcha de Madalena a Fortaleza eu pedi férias no sindicato e fui, com outros companheiros da direção também que foram acompanhar. **Foi, assim, um divisor de águas no sentido de você conhecer.** Daquela greve, nessa marcha, eu fiquei mantendo relações com o MST, quando nos encontrávamos, e [também] continuava no sindicato. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

No caso de Jericó, a transição, o “divisor de águas”, foi participar de uma marcha do movimento. Segundo o que está declarado na página do MST, “as Marchas chamam a atenção para a realidade da população e os problemas dos trabalhadores Sem Terra, além de estimular o debate com os brasileiros sobre as desigualdades sociais, os processos de exclusão e violações de cidadania que os trabalhadores e trabalhadoras do campo enfrentam” (MST, 2024). São uma forma essencial para o MST, na qual o movimento busca tanto tornar determinado tópico uma pauta da agenda política e popular, como uma questão partilhada para além de sua organização interna.

Curiosamente, a participação na marcha, por mais que tenha desempenhado papel central na relação de Jericó com o MST, ainda não foi o momento que ela passou a se identificar enquanto militante. Jericó veio a trabalhar no MST, na secretaria do movimento, mas, como ela ressalta, “não como militante”. Há aqui uma diferença recorrente e interessante, a militância não costuma ser equalizada a um trabalho, por mais que essa ocupe grande ou toda parte das atividades profissionais dos militantes. Enquanto secretária do movimento, Jericó continuou experimentando condições financeiras difíceis, inclusive chegando a precisar se afastar, para cuidar de si e das três filhas que tinha no momento. Após um ano afastada, ela voltou ao MST e passou a participar de forma constante das atividades do movimento, seguindo nele de forma ininterrupta por mais de 20 anos quando essa pesquisa foi feita. O processo de formação de Jericó como militante é algo que foi construído lentamente, por meio de “uma relação de participar de lutas”.

A minha trajetória aqui, como te falei, passei muito tempo na Secretaria. E aí, assim, no movimento, na minha época, **a gente sempre falava da nossa época, estar e entrar no movimento, participar das instâncias, era um processo longo. Mesmo eu tendo uma relação de participar das lutas, eu vim para a Secretaria e fui me forjando**, porque eu fui pra lá pra atender telefone pra fazer os encaminhamentos e tudo. Quando foi em 2005, que eu entrei para o curso de Pedagogia da Terra eu vim e acabei me inserindo no setor de educação. Fiquei muitos anos. **Minha grande referência de formação política foi o setor de educação.** Então foram muitos anos nesse coletivo. **A importância, que aprendi muito, foi a de estar no coletivo.** Aí em 2018, na formação, no final de 2017, que é a formação da direção do movimento, me foi delegada a tarefa de vir para o setor de saúde a partir de 2018. Então, foi um desafio assim, porque a minha relação porque mesmo que eu tenha muitos contatos e tudo, a minha experiência é com o setor de educação. Saúde é negócio assim, bem é distante do cotidiano, mas vim a partir daí dessa tarefa dada, né? **A gente sempre diz que tarefa dada é tarefa cumprida. Mas como as ressalvas, eu sempre tive muita dificuldade da fala pública, então assim, eu sempre fui do trabalho coletivo, do trabalho de base.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

A transição de antes e depois da militância ocorre por meio da participação e guarda um paralelo com o que Sigaud falava como estar debaixo da lona preta (SIGAUD, 2005, p.259). Sigaud verificou como esse sentimento de ingresso no movimento Sem Terra ocorria por meio da “forma acampamento” (*Ibidem*). Pretendo mostrar aqui também como essa transição para o MST ocorre fora do ambiente da ocupação da terra. A inserção no MST se faz por meio das tarefas que vão sendo assumidas, um longo processo de participação, como fala Jericó. No caso de Jericó, essas tarefas passaram pelo Setor de Educação e pela seu próprio acesso à educação formal. Durante o período desta pesquisa, Jericó já estava à frente do Setor de Saúde, a tarefa que ela assumira pelo movimento.

**O setor [de saúde] sempre foi, eu acho que no MST, até antes da pandemia, foi muito secundário. Era aquela coisa de resolver os problemas de alguém que adoecia, de fazer os encaminhamentos, e alguns projetos que teve anteriormente.** Já havia um embrião, quando eu peguei em 2018, que era a experiência do espaço de cuidar da militância, já tinha isso. É uma ação que a gente procurou fortalecer e ampliar. E a gente aqui, a nível de capital, aqui tem um desafio que é articular esses cuidados. Espaço de cuidado tanto nos assentamentos como nas brigadas, como a nível de região. A gente tem o desafio de avançar. Mas isso tem sido muito importante, a gente tem que

garantir para essa militância que está aqui nos espaços, como garantir também nos encontros, nas lutas, nos cursos, então a gente tem procurado muito é ter esse cuidado. **É muito nessa coisa mesmo, do cuidado, não do atendimento médico, mas esse atendimento multidisciplinar, esse atendimento com as PICS [Práticas Integrativas e Complementares em Saúde]. Ou seja, com as práticas integrativas, então, tem avançado muito.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

A noção de saúde praticada dentro do Setor de Saúde do MST está muito ligada à noção de prevenção. O espaço de cuidado mencionado por ela diz respeito aos diversos momentos de cuidado que geralmente envolvem o uso de chás, massagens e algumas práticas integrativas e complementares em saúde (PICS). Nesse sentido, se fala mais em construir condições de vida saudáveis para sujeitos que viveram muitos anos em pobreza, insegurança alimentar e falta de moradia, do que no tratamento medicamentoso dos adoecimentos. A partir da fala de Jericó, é interessante notar como o papel do setor de saúde era algo visto como um auxílio para as bandeiras centrais do movimento. Tal formulação é condizente com a noção central de saúde evocada pelo MST: saúde é lutar contra tudo aquilo que nos oprime. Assim, o papel do setor de saúde seria atuar em prol das garantias para que a luta por condições justas de vida aconteçam. É apenas com a pandemia de COVID-19 que o setor de saúde ganhará mais centralidade, como ficará nítido no capítulo 3.

Retomando um ponto já mencionado, o acesso à educação também é importante na criação da visão de mundo de Jericó. Foi dentro do MST que Jericó conseguiu retomar e avançar seus estudos. Tanto o ensino médio como a graduação foram feitas com apoio e mesmo direcionamento do movimento.

Terminei meu ensino médio aqui no movimento. [...] Na época tinha um projeto, “Tempo de Avançar”, que era para quem estava fora da faixa etária. Eu estudava a partir das 17:30. Eu vinha para cá [para o local onde trabalhava com o MST], saía um pouco mais cedo. **O movimento sempre teve essa, essa valorização do estudo**, mesmo naquela época. Assim, eu terminei meu ensino médio. Quando saiu a primeira turma de pedagogia... o movimento, a companheira do setor de educação veio dialogar comigo e eu acabei me envolvendo. **Até tive uma resistência por medo, era uma faculdade, assim, eu fui a primeira da minha família a fazer uma faculdade**, né? Então, da geração dos meus irmãos, dos meus primos mais velhos, nenhum [fez faculdade]. Principalmente da minha família paterna, que sempre fomos muito próximos. Então foi um desafio, pensei ainda para depois dar um retorno. Então essa

oportunidade é uma oportunidade única. **Porque também... é um universo, a universidade, esse estudo, o que trouxe para mim.** Por exemplo, eu tinha escutado falar do Paulo Freire, mas eu sabia lá quem era Paulo Freire? Aquela coisa bem distante da minha realidade. Eu quando tive contato assim na com certas figuras.. quem era, eu não sabia nem que era Vigostky e tantos outros pensadores. Eu às vezes fico refletindo, lembrando desse processo. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Conforme verificou Lerrer, o MST, “desde o início, deu muito valor à formação dos “não-iniciados”, ou seja, à formação ideológica, educacional, técnica e, mais recentemente, acadêmica, de seus membros” (LERRER, 2009, p.155-156), de modo que a “autoridade intelectual” dos militantes estava também ligada ao MST (*Ibidem*). Onde Lerrer usou a expressão autoridade intelectual, que é válida para as disputas de ambientes que os militantes possuem em suas tarefas, eu trago aqui, em complemento, a ideia de uma “auto estima intelectual”, no sentido de concentrar a atenção em como o estudo funciona também como forma de cuidado por permitir acesso a outras perspectivas sobre o mundo e para si. Para Jericó, a oportunidade de terminar os estudos e iniciar uma graduação a leva a conhecer algo que não parecia fazer parte de sua realidade. A realidade acadêmica era algo que não estava em seu horizonte de possibilidades anteriormente.

Além de ter apoio do movimento para trabalhar e estudar, também foi essencial o suporte com suas filhas. As filhas mais velhas ajudavam a cuidar das mais novas, assim como as outras militantes do movimento também partilhavam desse cuidado. Segundo ela, “se não fosse isso talvez eu não tivesse [conseguido cursar pedagogia]. Na época, eu sempre morava longe dos familiares e o povo também tinha que cuidar da sua vida, de sua sobrevivência”. Segundo Jericó, as dificuldades financeiras e de conjuntura não eram fáceis e não se tornaram fáceis por ela estar no movimento. De certa forma isso surge como parte de sua condição de proletária. Porém, o que ela encontra no MST é uma forma de enfrentar tais situações de forma menos solitária e com convicção de seus objetivos.

Eu estou aqui consciente das condições do movimento, que nunca foi fácil e nunca será fácil. Apesar que nós estamos vendo uma outra conjuntura, que você compara essa conjuntura de hoje à de 23 anos atrás é outra bem diferente, não é? A realidade, os acessos, todas as condições, acesso a alimentação, essa alimentação que a gente tem hoje, tanta coisa naquela época era muito difícil, mas a gente sobreviveu. **E hoje, das coisas que**

**mais me deixam bem como ser humano, como mulher, como militante, é ver assim que as minhas filhas estão do lado certo, que a gente acredita, que a gente defende, que a gente sonha. Pra gente ir pras lutas, de estarem inseridas nos processos de militância, isso assim, eu acho que é um dos legados que a gente fica feliz.** E inserindo já as novas gerações, que são os netos, já nos processos.

Por exemplo, estar ontem naquela mobilização [passeata em Fortaleza onde encontrei com Jericó, as filhas e os netos], eu vejo a minhas 3 filhas e meus 3 netos, um irmão, o companheiro da minha filha. **Então isso para mim é muito importante, sabe? Eu acho que vale a pena, porque quando, nesse momento de conjuntura para que a gente tá vivendo no país, aí você ver a família, aquele núcleo que é central de cada família, você vê assim nos processos [da militância], para mim isso valeu a pena.** Esperamos que essa geração futura, a gente consiga dialogar, orientar, discutir, inserir e formar para que esses sujeitos contribuam para essa história. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Conforme discuti no capítulo anterior, baseado na etnografia de Bastos (2018), a família é um aspecto central na construção do trabalho dos militantes. Acredito que o ponto discutido por Jericó complementa ao demonstrar que a família não apenas complementa a execução material do trabalho dos militantes nos assentamentos, mas é também a realização de um aspecto da formação subjetiva do militante. Sonhos e legados são importantes para entender o que fornece suporte e cuidado aos militantes do MST. A noção de cuidado sugerida pelo MST precisa ser ampla o suficiente para abarcar essas questões. Por isso, é tão importante também a disputa de imagem do MST na sociedade, em episódios como a CPI do MST (apresentada no próximo capítulo). Atacar o coletivo em sua capacidade de imaginar e construir uma utopia, é também atacar sonhos e legados que mantêm os militantes de pé. Para Jericó, o legado é a partilha de objetivos da sociedade em comum.

Como mencionado anteriormente, o setor de saúde passou a ter um papel de maior responsabilidade durante a pandemia de COVID-19. Diante da necessidade de cuidar dos militantes em um cenário que os colocava em direto risco e ao mesmo tempo demandar por políticas de saúde condizentes com a situação da pandemia.

**E aí veio a pandemia, na pandemia foi muito... a gente conseguiu fazer um trabalho de orientação, de cuidado porque a gente não podia descer para os assentamentos nem a companheirada do assentamento vir.** Aí, a nível nacional, a gente teve a história dos agentes populares, que hoje tem sido uma referência para nós. [...] Na primeira turma, a gente formou

35 pessoas e a partir dessa experiência o movimento conseguiu um projeto a nível nacional. [...] E depois, com o transcorrer em 2021, o nosso movimento conseguiu o projeto com uma emenda parlamentar e fez uma parceria com a Fiocruz de Pernambuco, e nós implementamos outra turma de agentes populares. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

A estratégia nacional do movimento durante a pandemia foi a do “isolamento produtivo” (MST, 2021), que significou uma diretriz de aderir ao isolamento social para o povo Sem Terra, mantendo, porém, a produção de alimentos tanto para alimentar os assentados como para contribuir ao combate da “pandemia da fome”. Outra medida recomendada foi a de disseminar os cuidados em saúde dentro dos territórios do movimento, garantindo o uso correto de equipamentos e medidas de segurança, além de fortalecer a atuação do movimento nas “terapias de cuidados, homeopatia e fitoterapia, alertando que nada substitui a vacina e o atendimento médico quando necessário” (Jericó em entrevista concedida em, Janeiro de 2023). É neste cenário que o setor de saúde ganha destaque durante a pandemia, inclusive com a ação da Formação dos Agentes Populares do Campo.

Um dos aspectos que, segundo Jericó, demandaram cuidado na relação com os militantes, foi a saúde mental. Jericó descreve no trecho seguinte como o movimento se mobilizou para lidar com o impacto emocional da pandemia em suas comunidades, implementando formações e debates sobre saúde mental e estabelecendo uma rede de cuidados que inclui psicólogos e psiquiatras.

**Então um dos grandes desafios nosso foi esse cuidado com a saúde mental, principalmente durante a pandemia.** Então assim, foi muito difícil porque quando começamos a ter óbito nas nossas comunidades, foi muito difícil, **a comunidade se sentiu muito sensibilizada, muito medo, muito dor por conta das perdas, inclusive fizemos formações, tanto nas 2 turmas dos agentes populares, a gente fez debate sobre a saúde mental, como também fizemos isso em casos específicos.** Então, assim no nosso coletivo de cuidado a gente tem psicólogos, nosso setor tem articulação com alguns psiquiatras, poucos, mas nós temos. Companheiras que contribuem em casos mais.. a partir da avaliação da psicóloga, tendo necessidade, a gente consegue fazer essa articulação. **E é isso, assim tem tido muitos casos de adoecimento e às vezes a gente não dá conta e outras vezes não procuram por medo. Mas a gente tem conseguido fazer alguns alguns acompanhamentos e conseguindo de fato compreender. Eu acho que hoje a gente está muito mais tranquilo assim, na nossa militância sobre a importância desse cuidado.** Então, assim, esse cuidado com

Reiki que estava assim um pouco distante de nós, com auriculoterapia, com os escalda-pés. Principalmente na militância, tem avançado muito essa compreensão das massagens. Ainda tem militantes que têm resistência, mas a gente tem avançado, sabe? [...] Então assim, tem sido muito importante, mas eu lhe digo uma coisa. Nós somos muito endurecidos pelos processos históricos de trabalhadores e filhos da classe trabalhadora, então ainda tem companheiros e companheiras que têm resistência ao toque. Sabe, ao tocar e sentir o outro, às energias, às vezes não consegue compreender, mas tem avançado, sabe, sim, muito importante, [...] a gente tem reduzido muito o uso de medicamentos. O setor de saúde também acompanha casos assim bem [mais graves]... então a gente já sabe hoje como avalia, a psicóloga avalia, encaminha para o psiquiatra. **As demandas foram fazendo com que a gente se desafiasse a compreender, a aprender, a coordenar os processos, a encaminhar. Mas assim é lento.** Acho que a gente tem muitos desafios.

[...] a saúde mental é um negócio muito silencioso, porque quando ele explode, você já estava em processo muito avançado. E tem outros problemas que a gente não trata que a gente não cuida e a gente precisa. **Um dos desafios nossos como setor de saúde é isso. É avançar mais, é dialogar mais com as nossas comunidades, com os nossos grupos de mulheres.. e homens! Porque a saúde é muito delegada à mulher e não é assim. Então a gente precisa escutar os sinais, né? Esses alertas tanto para o mental, o psicológico, como para outras dores. Que a gente tem adoecido.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

O aprendizado do MST sobre como lidar com a saúde mental de seus militantes de uma forma mais específica é um processo de aprendizado em curso e um tanto inicial. O mecanismo adotado tem sido uma junção de métodos psicoterapêuticos, psiquiátricos e terapias complementares. A partir do trecho ressaltado acima, também destaca-se a menção à resistência ao tratamento. Uma das características presentes, principalmente entre os homens, é a conexão entre seu valor social e moral à sua resistência e força, o que choca com a imagem do sujeito que precisa de cuidados. Klass Woortmann (1990) mostrou como a reprodução do campesinato, condição na qual incluiu também o cuidado com os militantes do MST, diz respeito não apenas a uma relação econômica com a terra, mas também uma relação de moralidade, que inclusive é também marcada por gênero. Segundo o autor, a ética camponesa valoriza a reciprocidade, a honra e outros princípios éticos que orientam as interações sociais dentro da comunidade camponesa. Portanto, a ética camponesa não se limita apenas ao

trabalho como uma atividade econômica, mas permeia todas as relações sociais e a forma como os camponeses se relacionam com a terra, com a família e com a comunidade (*Ibidem*, p.12). Por vezes, o cuidado pode surgir como uma fragilidade na capacidade de cuidar. Paralelamente, a noção de cuidado do MST está, como mencionado anteriormente, a uma ideia de depender de muitos. Há, portanto, um conflito entre um valor de provedor e outro de alguém que, por estar coletivo, é também objeto de cuidado. Essa resistência ao cuidado está ligado principalmente a uma noção de masculinidade. Não à toa que Jericó traz também o debate sobre gênero para sua reflexão sobre saúde mental.

**Tem sido muito importante também no setor de saúde, uma das coisas que eu tenho avaliado e conversado com as meninas, é a questão das mulheres no campo, sabe. A gente tem discutido muito, tenho participado inclusive de atividades com os coletivos de mulheres, onde a gente tem atuado bastante e que esse desafio nosso, enquanto mulher, seja ela da cidade ou do campo, é essa tarefa que... e de muitas dores também, porque acaba que tendo a gente assumindo uma responsabilidade muito grande. E é isso que a gente tem debatido enquanto setor de saúde também, porque eu acho que a gente precisa, juntamente com o setor de gênero, nessa parceria, avançar muito, porque é muito desafiador. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)**

Em conexão com a menor receptividade ao cuidado por parte dos homens, há uma sobrecarga do trabalho de cuidado por parte das mulheres militantes. Como mostrarei no capítulo 3, a gênese da Rede de Saúde Mental do MST parte do setor de gênero, que posteriormente se alia ao setor de saúde. Um dos pontos nos quais as questões de gênero surgem é nos debates acerca da maternidade e do cuidado com os mais jovens. A noção de ser militante é também marcada por questões de gênero e raça.

Na experiência de Jericó, mulheres têm sido mais cobradas a dividir as suas atividades de militância com as atividades de cuidado. Entretanto, um debate que encontrei com certa recorrência foi o de mulheres que afirmam que não querem ter que escolher entre uma destas duas atividades.

Mas é uma coisa que eu também tenho visto e que às vezes é cobrado, e eu tenho sentido na pele. Eu não abri mão da minha militância. Porque quando você chega a determinada idade que você já passa a ser avó é como se automaticamente você tivesse que abdicar das coisas, porque tem sempre um neto para cuidar, tem sempre o apoio aos pais, então eu tento não deixar que isso



seja... o meu final, tu tá entendendo? **Porque é cobrado, é cobrado. Mas eu digo assim, ‘olha, eu sou tão militante quanto você’.** Então, eu não quero abrir mão disso, porque isso é um negócio que eu tenho sentido muito a nós, principalmente nós, mulheres que vão ficando mais velhas. **É como se a gente já tivesse predestinado a algumas tarefas que eu me recuso.** E uma outra coisa que eu acho que também precisa, quando a gente se entrega muita militância, nós falamos da família, mas digo que eu estava sempre próximo, sempre cuidei, mas nós tínhamos militantes que saíam pelo mundo, não via os filhos, não acompanhava o crescimento dos filhos, não estava lá, deixava sempre com a companheira. Nós temos muitos casos assim. Hoje a gente está dialogando mais, também esse diálogo da família, das pessoas estarem mais presente, acompanharem. E ver esses processos é muito importante, para evitar, inclusive, esses adoecimentos. Porque quando você adocece, você é acolhido na família. Você pode viajar o mundo que for, fazer o que for, ser o bam bam bam, mas quem te acolhe ... você precisa, de fato, estar construindo essa relação, para estar próximo. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

A recusa explícita de Jericó em ser aposentada de sua militância em troca da exclusividade às atividades de cuidado com a família encontra eco nos setores de gênero dentro do movimento. Entretanto, esse eco existe também porque há uma disputa de como operacionalizar essas divisões de tarefas. Como fala Jericó, sua recusa vem diante de uma cobrança. As andanças dos militantes são, diversas vezes, caracterizadas como atividades dos homens, enquanto às mulheres resta o trabalho de cuidado doméstico. Em outros trabalhos, André Guedes abordou de forma aprofundada as “andanças, febres e paixões” que fazem parte dos movimentos camponeses (GUEDES, 2013; GUEDES, 2014; GUEDES, 2015; GUEDES e VIDAL E SOUSA, 2021). As mobilidades não são apenas um aspecto periférico, mas sim um elemento fundamental na vida de diversos militantes e na maneira como concebem e expressam seus deslocamentos espaciais e movimentos (VIDAL E SOUSA e GUEDES, 2021). Eles exploram como as questões de gênero influenciam e são influenciadas pelos deslocamentos e movimentos das pessoas em diferentes contextos. Há porém, como ressaltado por Jericó, diferenças em como essas tarefas são dispostas para gêneros distintos. Esse é um dos desafios que Jericó afirma que vem avançando dentro do MST é a melhor separação destes aspectos e é uma de suas preocupações com o futuro da militância: a preocupação com os cuidados para com os militantes de gerações anteriores e o legado deixado para as novas gerações de militantes.

A trajetória de Jericó no MST traz aspectos de como o movimento social se torna um espaço onde sonhos individuais e coletivos se entrelaçam como forma de cuidado. O legado não se resume apenas à transmissão de valores entre gerações, mas também à construção de uma rede de apoio que permitiu que ela, como mulher e mãe solo, pudesse estudar e se desenvolver politicamente. Analisar sua trajetória em vista do cuidado, leva a ver como essa prática engloba a formação política, o suporte coletivo e a construção de uma visão de mundo onde a transformação social não é apenas um sonho distante, mas uma prática cotidiana de resistência e esperança.

#### 1.4.2. Cumaru - A militância não é uma profissão, não é um curso acadêmico

Cumaru era um dos militantes do movimento que, ao longo desta pesquisa, esteve sempre presente nas Feiras da Reforma Agrária. Ele é um homem com cerca de 35 anos, assentado pelo MST e que vive com sua companheira no estado do Ceará. Cumaru foi constantemente uma companhia agradável ao longo desta pesquisa, sendo uma pessoa bem humorada e tranquila. Apesar de não possuir tanta idade e não ter se aproximado do movimento na infância, tinha bastante experiência com as dinâmicas, significados e tarefas da militância.

A entrevista que fiz junto a Cumaru ocorreu em um espaço onde eu já havia passado bastante tempo: nas mesas do pátio do Centro Frei Humberto. Era uma tarde de movimento menos intenso no centro. Antes de iniciarmos a entrevista, Cumaru me chamou para ir na cozinha pegarmos um pedaço de bolo que acabara de ser feito. Durante a conversa, que durou cerca de duas horas, outra militante que estava lá ainda trouxe mais um pedaço de bolo para nós dois e também avisou que a Cumaru que estariam precisando da ajuda dele quando terminasse a entrevista para ir ajudar um outro militante, que estava precisando de cuidados naquele momento. Ao fim da nossa conversa, ajudei Cumaru e a outra militante com as louças que haviam na pia e recebi um convite para jantar lá, mas disse que precisava regressar para fazer comida em casa.

Por volta dos seus vinte anos, Cumaru veio a ter seu primeiro contato com o Movimento Sem Terra. Por convite de um irmão, ele conheceu uma ocupação que o movimento havia organizado com cerca de 40 famílias próximo a onde morava. O que

deveria ter sido apenas uma visita com o irmão durante as férias dos seus estudos se tornou uma atração da qual ele não voltou a esquecer por décadas a seguir.

[...] E para mim, pô, era tudo muito louco, porque eu apontei assim para os baldes que vinha comida, eu perguntei ‘aqui é que a gente coloca os restos da comida é?’ Ela disse ‘não, Cumaru, aí é que vem nossa comida’. Onde é que nós dorme? Em qualquer canto dessa calçada. Então, para quem nunca tinha dormido fora de casa, que eu não tinha costume de comer no alpendre de casa, na área de casa, ter que comer numa BR, dormir no chão. Era muito...[rindo] como eu estava de férias, estava me deixando. Aí daí fizemos uma marcha, ocupamos o INCRA e depois retornamos para casa, teve a posse dos assentados e minhas férias assim, entre aspas, tinha acabado. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Nas ocupações e protestos é por meio da organização coletiva do Movimento Social que “a vida em comum se torna possível”, o que é realizado por meio de uma intensa “circulação de pessoas, objetos, afetos, cuidados e considerações” (LOERA, 2019, p.47). Cumaru conta que a partir da sua primeira experiência em uma ocupação passou a sentir uma mística que o encantava e o fazia querer estar de volta. Identificar o que Cumaru se referia ao falar dessa mística foi um dos principais temas de nossas conversas e que procurei evidenciar por meio das experiências e reflexões dele ao longo desta seção.

A trajetória de Cumaru no MST é um tanto singular por ele não ter iniciado como um Sem Terra buscando terra, mas sim por se identificar com as causas do movimento. Sua primeira atração foi pela perspectiva de vida coletiva que contrastava com suas experiências individualistas anteriores. Após se tornar militante, participou do 5º Congresso Nacional do MST em Brasília (2007) e de uma ocupação no Ceará, onde enfrentou ameaças de violência por parte de latifundiários e do Estado durante oito meses. Por meio de cursos de formação e da vivência nos assentamentos, Cumaru passou a perceber a importância da terra não só como militante, mas como garantia de segurança alimentar e econômica. Sua transição de militante urbano para agricultor exigiu um período de experiência e adaptação, culminando em sua aceitação no assentamento.

Durante toda a trajetória de Cumaru, um fator constante foram os estudos. Seu ingresso no MST se deu enquanto ele estudava para o vestibular e, posteriormente, como assentado, ele foi incentivado pelo movimento para cursar Serviço Social da Terra. A orientação do MST, e que Cumaru também desenvolveu, foi que seria

importante que o conhecimento acadêmico também estivesse nas mãos dos camponeses, para criar profissionais que entendessem a dinâmica da luta dos Sem Terra. Durante a pandemia de COVID-19, Cumaru retomou os estudos, primeiro com uma especialização e depois com um mestrado.

Ao longo de sua trajetória dentro do movimento, Cumaru enfrentou a violência na disputa com latifundiários e também uma violência política disseminada contra militantes do MST durante o governo Bolsonaro e, posteriormente, com a confluência deste governo com a pandemia de COVID-19. Durante nossas conversas, Cumaru falava do seu desejo por tranquilidade, apesar de não negar a necessidade de lutar, e mantinha sua preocupação com a violência crescente na sociedade. Nesse sentido, a potencial violência contra militantes de esquerda era um espectro presente nas conversas e relatos.

Sentimos medo, vem tudo na mente, tá entendendo? Vem. Vem a possibilidade de você morrer, de você ser um mártir somente, que ninguém quer ser. Vem. E passa um filme na cabeça. Todo dia, tipo, por exemplo, nós passamos dias com o pistoleiro, nós vigiando os passos do pistoleiro e o pistoleiro vigiando uma oportunidade de nos atacar. **Todo dia a gente tinha medo, só que era um medo coletivo, mas só que era fortalecido pela coletividade. Aliás, era um medo individual, mas que ele era fortalecido, trazia uma força de coragem dentro da coletividade.** Eu me apoiava no Rafael. Rafael se apoiava em mim. Nós se apoiava no outro companheiro e que aquele medo individual se tornava uma coisa tão pequena, tão pequena dentro daquela coletividade que nos possibilitava fazer o enfrentamento direto. Lógico, e depois a gente está curado disso? Não. Temos problemas psicológicos. [...] Mas tipo, hoje, por conta da violência urbana que está tão polarizada entre dois grupos que, de vez em quando, se guerreiam entre si. [...] Do mesmo jeito, eu não acreditava que essa violência urbana chegaria tão nível de barbaridade dentro da sociedade. E isso me impacta... **isso é mais cruel, porque eu estou sozinho, está entendendo? Antes, eu estava com um coletivo lá dentro do acampamento e quando eu vou pra buodega, eu estou sozinho. Quando eu vou, ou estou só eu e minha família, não tô.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

O escudo contra as violências é o suporte coletivo, é tanto poder contar com outros militantes como estar disponível para eles. Cumaru relata a diferença da iminência da violência experimentada no assentamento, durante ameaças de despejo e conflito com latifundiários, em contraposição à violência urbana a qual ele se encontrava potencialmente sujeito por ser um militante de esquerda e poder ser

reconhecido ou por usar símbolos do MST em momentos individuais. O coletivo é visto como uma forma de lutar contra a vulnerabilidade de sujeitos que operam em uma desvantagem histórica, em termos políticos, econômicos, legais e sociais. O coletivo é, simultaneamente, a fonte de força e de sentido para a militância.

Que é a mística, ela é primeiro, ela é uma coisa muito difícil você contar, dizer o que é místico, dizer o que é que você sente, aquilo que você está sentindo. Porque eu acho que a mística vai fluindo em cada pessoa de forma diferente. Não é nenhum aspecto religioso, não é nenhum aspecto físico, ele é um aspecto mesmo que flui todo do seu organismo, você se sente vivo quando você está mistificado. **Você tem uma força que não é a força que vem do céu ou debaixo do chão, mas uma força que a gente vê em cada olhar de cada companheiro quando a gente tá ali, aquela força mesmo daquela convicção de que você, pô, nós estamos no rumo certo.** Está entendendo? É aquela certeza de que você está indo acolá, numa trajetória, e sabe que vai chegar a um objetivo, eu estou bem pertinho, e a gente vai dar aquele pico, aquela corridinha, aquela corridinha. mística é aquela sensação que você chega, estou quase lá, mas tentando um pouco materializar assim, fala, o que é que é a mística. Mas, para cada militante que tu for perguntar e indagar o que é a mística, ele vai sentir alguma emoção, que é diferente em cada sujeito, para outros. **Então a mística para mim, foi aquela... uma possibilidade de ter saído de uma sociedade individualista, por exemplo, de ter visto a coletividade, como é possível ter um mundo diferente.** Só que a mística vai também sendo construída e ela vai sendo alterada a partir das convicções e das certezas que tu vai tendo na vida. **Quando tu vai compreendendo que a militância é um modo de vida, a tua mística ela é mais sólida,** entendeu? Tu não é abalado por qualquer fala no meio da rua, por qualquer ameaçazinha. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Na descrição de Cumarú, a mística não se resume a um momento ou uma cerimônia dentro do movimento. Ela é um sentimento ativado e renovado por meio da ação coletiva, é uma força que Cumarú encontra “em cada olhar de cada companheiro”. Não à toa, ele descreve como um momento de renovar suas convicções as ocupações, congressos e formações, pois nesse momento o grupo de militância se fortalece uns nos outros. É justamente a mudança da perspectiva individualista para uma mais social que Cumarú encontra nesses momentos. Em outra passagem de nossa conversa, Cumarú descreve que a mística “são os sentimentos que nos dão coragem, são sentimentos que nos trazem lembrança” e, de forma mais materializada, que a mística, em um momento de ameaça como o governo Bolsonaro, era o momento de estar mais próximo dos

demais militantes e tornar-se mais unidos. A própria atividade de militância é, para Cumaru, produto e matéria-prima desse sentimento de mística. Desta forma, ela é uma mescla de tarefa e dedicação com atribuição de significado e coletivo.

**A militância não é uma profissão, não é um curso acadêmico, não é uma peregrinação. A militância é um modo de vida que você projeta, que é possível alterar as leis vigentes que estão.** Alterar a ordem que está. Só que para a gente alterar, não vamos necessariamente esperar vivenciar algum processo revolucionário ou um processo mais coletivo, uma próxima sociedade, que também temos a convicção que poucos de nós não vamos chegar a ver. Mas vamos começar a vivenciar ela na prática, dentro dos nossos assentamentos, em casa com a companheira, no coletivo de trabalho, lá dentro do colégio, no ambiente de trabalho, porque é o que nós projetamos. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Ao longo da tese ficará mais evidente como há grande proximidade entre a militância e o cuidado com os militantes como uma forma de “alterar as leis vigentes”. Se os objetivos maiores da militância, como definidos por Cumaru, são bastante amplos - “alterar a ordem que está” - a realização cotidiana desta mudança não precisa esperar tanto. Para ele, o resultado da militância são as atividades cotidianas construídas nas relações familiares, na produção dos alimentos, na divisão das tarefas, na premência do coletivo sobre o individual e na consciência política.

É nesse sentido que os alimentos produzidos pelo trabalho dos Sem Terra servem como materialização de parte da utopia batalhada pelos militantes. Cumaru, como um sujeito que passou a ser agricultor, passou a assumir também a alimentação como um objetivo político. A agroecologia é mencionada por Cumaru como uma forma de produção que liga desde a relação com a terra, passando pelas relações de trabalho até chegar à alimentação de quem precisa.

Não foi à toa que o MST, quando foi fazer as suas ações, ele viu que era necessário, além de lutar, de fazer a ocupação nas fazendas, a gente fazer grandes campanhas de doação de alimento, porque era um desgoverno gigantesco. Então não dava para dialogar com os pessoal da cidade com fome. Não é dialogar com a classe média que fez campanha pro Bolsonaro. Esses daí já estão se alimentando. Então a gente pra gente poder dialogar com os camaradas, a gente foi fazendo ações para que eles, pelo menos, tenham o que se alimentar. E a gente nesse nosso sentimento místico, aquela certeza que, pelo menos naquele momento, hoje aqueles companheiros vão se alimentar com alguma coisa. **Então, você vai ter naquela mística que vai**

**te alimentando a tua consciência política. Acho que a mística, sim, é isso, é o alimento para a consciência política.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Os alimentos são objetivo político, significado de militância. Cumaru, ao descrever as ações do MST de doação de alimentos durante o governo Bolsonaro, revela uma estratégia política e social, que vai além da luta pela terra. Ele demonstra a percepção de que a fome e a miséria são elementos que fragilizam a luta por justiça social e dificultam o diálogo com as classes populares. Cumaru reconhece que a fome é um problema que ultrapassa a questão da terra e impacta diretamente a capacidade de organização e mobilização política das classes populares. As ações de doação de alimentos, portanto, transcendem a mera caridade e assumem um caráter estratégico, buscando aproximar o movimento de outros grupos sociais e fortalecer a luta por um futuro mais justo. A solidariedade e a compaixão se entrelaçam com a consciência política e com a necessidade de construir um movimento que abrace a diversidade e as necessidades da sociedade.

Por fim, se a mística é o alimento para a luta, esta última é ela mesmo um conceito central na atividade de Cumaru como militante. Luta é uma atividade em construção e que sua necessidade é reafirmada em cada novo enfrentamento e necessidade social enfrentada.

**Luta é viver. Isso em uma palavra. Para nós que somos pobres, lutar é viver. Se eu tô lutando, eu tô vivendo, porque eu tô me reafirmando enquanto sujeito.** Eu acho que o objetivo dela... quando vamos parar de lutar? Quando não tiver mais injustiça. Aí não vai fazer mais sentido lutar, vamos lutar por que? Quando todas as injustiças forem resolvidas e finalizadas, aí chegamos a um fim, não tem mais um objetivo pra lutar. Porque todo mundo vai viver tranquilamente. (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

A luta é vista como uma condição de vida. Luta-se porque é necessário para viver com dignidade. Portanto, a noção de saúde como ter condições de lutar faz com que não se possa desenvolver uma noção de bem-estar ou de cuidado descolada da prática dos sujeitos que compõem o MST. Essa relação entre cuidado e luta precisa ser vivenciada por meio da educação obtida na própria luta e nos estudos em comunhão com a parceria.

Meu objetivo é a transformação da sociedade e essa transformação ela só vai finalizar quando não tiver injustiça. Porque eu acredito nisso. Acredito na sociedade, comunal.

Acredito que a via é por uma sociedade socialista. **Pode ser que tu não visualize isso porque não está no teu campo de vida, na tua militância e tal. Mas na minha tá, porque eu acredito.** Vai ser daqui aos meus 70 anos? Não sei, mas acredito que não. A gente vai ver o processo histórico do sistema capitalista, ele é recente, é novo ainda, comparado aos outros sistemas de produção. Mas **não é porque eu acho que não vai ser resolvido daqui uns 70 anos que eu vou parar de lutar, de viver.** E quando tu falou aí eu fiquei na dúvida, será que ele tá pensando assim... quando a gente tem um descanso ou quando a gente para de militar dentro das instâncias da organização ou dentro da organização, a gente não para de lutar, entendeu? Porque a luta continua lá no assentamento, continua nos menores fragmentos que tem dentro do MST, que é o assentado, é a associação, é a cooperativa. Não se para. **Ele [o militante] parou de estar organicamente dentro das estruturas do movimento, mas ele continua lá, lutando. Ele não se aposenta, não para. Não tem isso, parar de lutar.** (Entrevista concedida em janeiro de 2023, grifos meus)

Como mencionado anteriormente por Cumarú, militância não é uma profissão e sim um modo de vida. Desta forma, Cumarú não está aguardando um momento de não existência da luta em si, pois essa é sua própria condição de vida para um horizonte atingível. A luta é algo que se adapta ao momento de vida do militante, seja nas instâncias organizativas do MST, seja na sua atividade camponesa.

#### 1.4.3. Bromélia - “Sou a melhor militante que eu consigo ser”

Bromélia foi uma das pessoas centrais na etapa desta pesquisa ocorrida no estado do Ceará. Coordenadora das atividades que ocorriam no Centro Frei Humberto, boa parte das ações do MST que pesquisei passava pela organização dela. Bromélia é uma mulher, filha de militantes, assentada pelo MST, com dois filhos e casada com um militante. Ela é também uma das diretoras do setor de produção no Ceará.

A entrevista com Bromélia ocorreu no Centro Frei Humberto. Era nítido que ela estava bastante atarefada, como foi possível perceber pela necessidade de remarcar algumas vezes nossa conversa e pela quantidade de chamadas que chegavam ao seu celular enquanto conversávamos. As mensagens eram tanto de outros militantes como de seus filhos. Conseguimos uma sala reservada para conversarmos por pouco mais de uma hora. Quando nossa entrevista finalizou, ela foi atender ligações de seu filho e depois para outras demandas do MST.



Bromélia está bastante inserida em militâncias de esquerda desde sua infância. Seu avô e seu pai eram militantes de grupos do campo progressista e, dessa forma, ela foi inserida no ambiente das reuniões e ações dos movimentos sociais desde cedo. O processo de chegada do movimento a um município é bem narrado na tese de Lerrer (2008), quando esta narra um padrão de migração militante (*Ibidem*, p.21)<sup>6</sup>. Esse padrão é um dos responsáveis pela presença do MST por quase todo o Brasil. Nessa tese, interessa acompanhar os efeitos da chegada do MST para Bromélia e as transformações ocorridas em sua trajetória de vida.

Para Bromélia, que cresceu embebida em um modo de organização militante, vendo as reuniões sindicais e de partido das quais seus pais participavam, a militância surgia como um legado familiar, o que lembra a noção que Jericó trouxe ao refletir sobre sua família, ainda neste capítulo. Mas em que momento ou por quais processos Bromélia passa a se aproximar especificamente do MST? O que leva à militância nesse movimento social?

eu mesma tenho dificuldade às vezes dizer qual é esse momento [de entrada na militância], porque eu lembro, eu tinha uns 13 anos e eu já participava das reuniões de coordenação de trabalho do assentamento, do trabalho coletivo do Palmares [um assentamento em sua região de moradia]. Teve um período assim de ser muito forte essa coisa do trabalho coletivo, nuclear, do grupo de 10 famílias e as pessoas se dividiram naqueles grupos para fazerem diversos trabalhos coletivos, como plantio, tinha a lida com gado, enfim, eram muitas coisas e existia um controle em relação a quem era que tinha que ir pro trabalho coletivo, enfim, existe uma dinâmica organizativa naquele trabalho. Existe uma coordenação de trabalho, [...] eu já participava de muita coisa desde muito cedo, né? E aí, isso também possibilitou que ... tinha necessidade de uma pessoa na Secretaria Estadual, então, eu era de menor ainda, foi feita a conversa com o pai, e aí vim pra cá [Fortaleza]. (Entrevista concedida em novembro de 2022)

A participação no trabalho coletivo é o que começa a operar a inserção de Bromélia no MST. Mas ainda restaria outras etapas para sua inserção no Movimento Social, a saber, assumir tarefas dentro do movimento e realizar estudos. Assim como

---

<sup>6</sup> Segundo Lerrer, o padrão de migração dos militantes do MST se refere às trajetórias de formação política dos militantes em determinada região resultando na nacionalização do MST, implantando efetivamente sua metodologia de lutas, assim como desenvolvendo sua identidade política e estilo de militância (LERRER, 2008, p.134).

ocorre com muitos militantes, a formação acadêmica daqueles que compõem o MST está conectada às suas tarefas dentro do movimento.

A ida para a capital, o ingresso no ensino superior e a convivência mais próxima com o MST, não mais mediada pelos pais, foram uma mudança de horizontes na vida de Bromélia. Um primeiro dilema enfrentado por ela foi ingressar em um curso superior que fazia parte do seu desejo individual ou aceitar um curso que contribuiria para as tarefas que ela vinha assumindo dentro do MST. Bromélia estava em dúvida entre cursar jornalismo, para o qual já havia passado na primeira fase do vestibular, ou aceitar uma das vagas para estudar administração em São Paulo pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Ela optou por administração principalmente porque ela já estava envolvida com atividades de coordenação e administração no MST que gostava de realizar. Como afirma Bromélia, “eu poderia ter dito ‘não, não vou’, mas pesou muito o fato de já estar fazendo isso e gostar de fazer isso”. Ou seja, a escolha recaiu não como uma imposição coletiva sobre ela, mas como uma construção dos desejos. Parte do que é tornar-se militante dedicada é essa construção de si como parte do coletivo, não apenas como sacrifício, categoria tão presente em diversos movimentos sociais progressistas, mas também como desejo adquirido.

Ao longo desta pesquisa, Bromélia assumia as tarefas de direção do Setor de Produção e na Coordenação do Centro Frei Humberto. Porém, segundo Bromélia, e o que é reforçado por outros militantes, “dinâmica do próprio movimento é de muitas atividades”, logo, suas tarefas dentro do movimento não se resumem àquelas as quais ela ocupa um cargo dentro da estrutura organizativa. Ao apresentar a dinâmica da Feira da Reforma Agrária, busquei demonstrar como as atividades da militância são também mescladas com os momentos de lazer. Há um investimento emocional e social intenso na formação dos militantes.

Como tem muitas atividades com muita gente o tempo todo, então acaba que o ponto de diversão acaba sendo mesmo esse aqui. Assim não tem muito porque tu já tá olhando, organizando, trabalhando... se diverte um pouquinho, então acaba que sendo isso muitas das vezes, muito misturado também. E isso, o tempo todo, quanto mais responsabilidade, mais tempo tu tem que ir ao achando para poder dar conta disso. (Entrevista concedida em novembro de 2022).

É nítido que há uma grande carga de trabalhos e funções para os militantes que fazem o MST. Me interessa perceber quais as consequências da dedicação a uma causa que é ao mesmo tempo tão cara aos membros desse movimento social e também pesada.

Sabe que tem um grito de ordem, que o pessoal grita nos encontros, é ‘Cansados? Não! Na luta do povo, ninguém se cansa’. A gente brinca, assim, é o grito de ordem mais mentiroso que alguém já fez, né? Porque não existe isso. Todo mundo cansa. Mas não sei, eu não sei explicar isso, mesmo, na verdade. Porque bate cansaço, é normal. Assim, alguém não vai dizer que tem uma dinâmica, uma rotina com tantas atividades, com tantas coisas e às vezes , tendo que decidir algumas questões e vai dizer que não cansa? Cansa! Bate muito cansaço, mas se tu não faz quem vai fazer? Entendeu? Muitas coisas não esperam. Tem que fazer, tem que decidir, tem que resolver ali. Pra mim funciona isso. Eu vou encontrando tempinhos assim para poder ir descansando, para poder ir dando uma parada um pouquinho, entendeu? (Entrevista concedida em novembro de 2022).

As palavras de ordem, a mística e os momentos de reunião funcionam como formas de equilibrar o cansaço com a necessidade de continuar. A pressão pelas necessidades que não esperam é algo muito presente no estudo sobre saúde mental. Em outra pesquisa (FREITAS, 2019, 2017), notei como os sujeitos que adoecem e buscam serviço de saúde mental são também sujeitos que não puderam mais dar conta de atividades, mesmo quando essas precisavam ser feitas. No caso desta pesquisa, alguns desses sujeitos são os que chegam à Rede de Saúde Mental (capítulo 3). Para Bromélia, porém, suas estratégias de pequenos descansos intercalados com os ritmos intensos de trabalho pareciam seguir funcionando. Um ponto crucial para as pesquisas que venho desenvolvendo, porém, é não uniformizar as capacidades de produção de diferentes sujeitos, o que pode levar a consequência de descarte daqueles que não se encontram em situação de tanta independência e autonomia.

Pode ser que daqui mais um tempo isso [o volume de atividades] seja demais... eu acho também que, com o passar do tempo, você vai... do mesmo jeito que você vai encontrando habilidades de ir tocando essas coisas, você vai cansando um pouco mais também. Mas, assim, até hoje tem sido muito tranquilo. Eu sempre fiz muitas coisas ao mesmo tempo, então uma coisa que eu tô muito... mas eu acho que cada um tem um jeito de lidar com as coisas. Tem gente que vai cuidar de uma tarefa e vai conseguir fazer bem aquela tarefa. Tem gente que vai conseguir pegar mais de uma tarefa e vai ficar bem. Tem gente que vai sobrecarregar um pouquinho mais, mas ainda vai estar bem. E tem gente que não vai conseguir de jeito nenhum ficar com

muitas atividades porque vai dançar mesmo, não vai... enfim, eu acho que é muito... tem uma coisa pessoal que conta muito também na quantidade de coisas que você está envolvido que você está fazendo, como você está fazendo. (Entrevista concedida em novembro de 2022).

Segundo Bromélia, há, dentro do MST, espaço para diversos perfis de militantes. Tanto pelos interesses que são capazes de desenvolver, como pelos níveis de intensidade encontrados em diferentes momentos da vida. Bromélia considerou que é necessário, para que o militante não se encontre desmobilizado que ele goste do que faz. Interpreto essa afirmação como uma reafirmação da tese que o movimento social trabalha também na construção do sujeito enquanto militante - assim como é transformado por aqueles que o compõem. Gostos, desejos e aspirações não são elementos presentes a priori nos militantes, mas são conquistados ao longo das diversas trajetórias.

Por fim, gostaria ainda de abordar um ponto caro a Bromélia, a relação de militância com a maternidade e a capacidade/necessidade de cuidar. Segundo Frota (2021), em pesquisa sobre mulheres militantes em posições de direção no MST, é a dedicação às tarefas distribuídas pelo MST que justifica a ascensão de mulheres às posições de direção dentro do movimento Sem Terra, é “a dedicação à militância praticamente integral delas – inclusive após a maternidade” com o objetivo de cumprir as tarefas que eram demandadas (*Ibidem*, p.223). A jornada de Bromélia foi marcada pela busca por equilíbrio entre a maternidade e a militância. Ela reconhece que há cobrança maior sobre as mulheres em relação aos cuidados com os filhos, mesmo com a divisão das responsabilidades com seu companheiro.

Parte das bandeiras do movimento diz respeito à igualdade de gênero em termos de direitos, proteção social e na divisão do trabalho. Porém, é possível notar que há uma marcação significativa de gênero da atividade militante a ser debatida dentro do MST. Ainda retomando o ponto das violências ocorridas durante as tarefas, Bromélia comentou sobre as decisões que são tomadas em relação aos filhos.

Com o X, com Y<sup>7</sup>, e eu acho que é muito o que o pai também fez conosco, comigo, com a minha irmã. Em nenhuma das ocupações, nós fomos na noite da ocupação. As duas ocupações tiveram conflitos, tanto a de Itauru, como a do Palmares, e o pai estava nas duas, mas nós duas não fomos. Ele ia, ficava o tempo inteiro, mas nós duas não. E meio que com o X e com a Y tem sido a mesma coisa. Eu nunca levei o X para a primeira noite de ocupação. Ele já foi no acampamento? Foi, mas na primeira

---

<sup>7</sup>X e Y são filhos de Bromélia que não terão seus nomes citados aqui em reserva as suas identidades.

noite de ocupação, não. [...] E a Y é menor ainda, então também não. Eu acho que é uma coisa de cuidado também. **Eu sei que eu vou estar lá com uma tarefa, além de militante dirigente, eu vou ter uma tarefa, uma responsabilidade com aquelas pessoas, com quem está ali e assim, a mim cabe, juntamente com a direção, puxar, motivar, estar na linha de frente daquela história.** Eu não vou ter como estar na linha de frente daquela ocupação com meus filhos, com a preocupação de que todo mundo entre, que faça a ação que nós íamos fazer e que todo mundo fique bem e com eles. Então, essa decisão de não levar para alguns locais, para algum espaço, isso é constante. **Em relação a nós irmos para essas atividades, eu acho que existe uma coisa do cuidado coletivo. Todo mundo quando vai para uma ação dessa, existe uma preocupação no sentido de quais são os riscos e o que se pode fazer para minimizá-los no sentido coletivo e existe uma preocupação também pessoal.** (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus)

O cuidado aparece de diversas formas na relação da militância com a maternidade: surge como cuidado com os filhos - ao reconhecer quais situações eles estarão em risco e quais não estarão; está no cuidado com os outros militantes - é preciso cuidar também daqueles com quem se milita junto; e há o cuidado coletivo - que é exercido pelo coletivo para ajudar no cuidado familiar. Ou seja, a execução da militância exige um círculo de cuidados que transborda limites entre individual e coletivo. Ao que volto a tese central desta pesquisa: uma das principais formas de cuidado está na dependência de várias pessoas, na abertura para ser cuidado e na disponibilidade para cuidar. O trecho a seguir detalha as decisões tomadas diante dos conflitos e das diversas preocupações que precisam ser equilibradas.

Mas tu tá lá com a tarefa de direção, então, vai estar na linha de frente sempre, né? Vai ter um pouco mais de cuidado. É real, tem que ter, mas não dá para dizer que não vai, até porque se tu tá lá com a tarefa de direção e não é tu que está puxando, não é tu que tá na linha de frente, tem um problema. Como é que as outras pessoas vão se sentir motivadas a resistir ou a se cuidarem se tu tá lá atrás e o povo está na frente, então os dirigentes sempre vão estar na frente, sempre. E vai ter sempre a preocupação contigo, com quem está em casa e também com quem está lá. **Acho que é muito isso, muito de cuidado mesmo, de planejar uma boa ação, de levar em consideração todas essas questões.** E sempre existe essa preparação de quando tu vai para uma ação mais complicada, de ocupação de terra. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus)

A responsabilidade de liderar, estar na linha de frente e motivar os militantes coexiste com a consciência de que "precisa voltar para casa", para os filhos. Essa dualidade exige um "cuidado redobrado", um senso de responsabilidade ainda maior, tanto em relação aos companheiros de luta quanto à sua própria segurança, como mãe. Bromélia reconhece que a posição de liderança impõe a necessidade de estar na linha de frente, servindo de exemplo e inspiração para os demais. A legitimidade da liderança, nesse contexto, está intrinsecamente ligada à coragem e à disposição de enfrentar os riscos, junto com os demais militantes.

A trajetória de Bromélia também apresenta como ela lida com as pressões sociais que recaem sobre as mulheres militantes em relação à maternidade. Ela reconhece a existência de cobranças externas, vindas principalmente de familiares, que questionam sua dedicação aos filhos em detrimento da militância.

No movimento, com as pessoas do movimento, essa cobrança, se ela existe, pra mim não bate. Assim, 'ah não, a Bromélia não fez atividade ou não é uma boa mãe, não é uma boa militante'. Em relação às pessoas do movimento, eu não sinto. Eu já senti isso de pessoas de fora. Que eu poderia estar muito mais dedicada aos meninos. Eu já ouvi isso muitas vezes de familiares, por exemplo, que acham que eu me dedico pouco, que poderia estar fazendo isso, poderia estar fazendo aquilo. Já vi, mas assim, eu também ligo pouco para isso, entendeu? Então é uma coisa que eu escuto e passa. [...] Numa boa, cara, eu sou a melhor mãe que eu consigo ser, acabou-se, entendeu? Assim, não estou sendo irresponsável, não estou deixando correr risco, não estou correndo perigo, eles estão bem cuidados. Se alguém acha que tem que ser mais cuidado do que isso, eu consegui até ali, eu faço até onde foi, entendeu? Eu relevo muita coisa assim, não é uma coisa que me atinge, que fique me doendo, sabe? **Sou a melhor mãe que eu consigo ser, sou a melhor militante que eu consigo ser**, se alguém acha que é mais do que isso, infelizmente o meu limite é esse. E eu acho que **pensar assim, agir assim, diminui o sofrimento que a gente pode ter com algumas coisas, porque vai ter sempre gente avaliando, vai ter sempre gente achando que você pode ser uma melhor dirigente, uma melhor mãe ou melhor não sei o que. Está sempre impregnado na cabeça das pessoas que você tem que ser o melhor em tudo.** E o melhor, meu pode ser que não seja o melhor para o outro, sabe? Eu estou fazendo o melhor que eu consigo ser. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus)

Bromélia encontra no MST um ambiente mais compreensivo da relação entre maternidade e sua atuação dentro do Movimento Social, diferente das cobranças

externas. Sua abordagem de aceitar seus limites e não buscar uma perfeição idealizada também reflete uma forma de cuidado que encontra eco principalmente entre as mulheres do MST, especialmente ao reconhecer que o sofrimento muitas vezes vem de cobranças e expectativas externas irrealistas.

#### 1.4.4. Coroatá - “O MST também é minha família. Uma é do meu sangue, outra é da luta”

Coroatá é um homem, com cerca de 40 anos, nascido no Ceará. Ele é um militante do MST com uma trajetória, até certo ponto, bastante tradicional no movimento. Ligado ao movimento desde sua infância, ele assumiu diversas tarefas até se tornar um dos coordenadores do setor de produção no Estado do Ceará e um dos dirigentes nacionais. Coroatá é casado com Bromélia, que foi apresentada anteriormente, e com quem tem dois filhos. Durante esta pesquisa, porém, Coroatá assumiu uma tarefa incomum na trajetória de um Sem Terra: ele foi candidato e eleito deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O MST lançou candidaturas próprias em 15 estados do Brasil, elegendo seis representantes, incluindo Coroatá no Ceará.

A entrevista que realizei com Coroatá ocorreu na biblioteca do Centro Frei Humberto, que estava sendo utilizada como sala de campanha para sua candidatura a deputado estadual. Antes da entrevista, uma militante que estava ajudando Coroatá na sua campanha perguntou se eu precisaria de algum equipamento para a conversa e permaneceu na sala trabalhando enquanto eu e Coroatá conversávamos por pouco mais de uma hora.

Por ser um militante com muita experiência em várias instâncias do movimento, e que teve papel importante na mobilização e formação dos militantes, em diversos momentos, a visão de Coroatá sobre o engajamento é particularmente informativa para esta pesquisa. Os primeiros contatos de Coroatá com o MST foram no começo da adolescência, quando sua família se juntou a um acampamento realizado pelo movimento social na cidade onde ele e sua família moravam e trabalhavam.

A minha primeira vinda para o MST, ela se deu numa articulação do MST na época de [19]93, quando o MST ocupou uma das fazendas em Crateús, fazenda Serrote, que hoje virou assentamento Palmares. Na época, nós éramos moradores da fazenda. Um, como se diz, um dos cancelheiros,[...] a gente

ficava numa das entradas da fazenda, como um dos moradores daquelas casas que fica na cancela para observar. Observar quem entra, quem sai. Então assim, a gente morou lá e na época a gente ficava sabendo que o MST tinha ocupado a fazenda e na mesma semana a gente foi procurado, a mãe, pelo pessoal da organização. E a gente, naquele momento, a gente decidiu ir ocupar junto com as famílias que estava lá. Então nós saímos do casebre que morávamos e nós acampamos. Então nós ficamos 2 anos no acampamento. Primeiro nós ficamos embaixo das Oiticicas, depois a lona preta e depois construímos as casinhas de taipa. (Entrevista concedida em novembro de 2022).

O processo de mobilização que Coroatá experimentou, primeiro como membro de uma família de agricultores em condições de pobreza e, posteriormente, com a possibilidade de obter melhor qualidade de alimentação e moradia, é o mesmo que Coroatá experimentaria depois como militante do MST que busca pessoas na mesma situação. Também é possível notar que a melhora de situação de moradia não ocorre rapidamente, mas que foram necessários dois anos de acampamento, em moradias precárias até obter condições mais estáveis de moradia.

Com o estabelecimento do assentamento, a partir de 1995, o processo de organização social e formação vai tomando outros formatos, com os coletivos do MST, com o incentivo à formação acadêmica e à produção de alimentos no território assentado.

Em 95 começou a construção das casas e ali a gente já começou um trabalho de formação da Juventude. E nós criamos o primeiro grupo de jovens do assentamento, na época. E começamos a participar das formações tanto pelo MST como pela igreja, que na época era muito forte. [...] E a partir da igreja a gente começou a participar dos processos de formação e eu fui adquirindo alguns conhecimentos a partir daquele trabalho. **E aí vamos nos empolgando, né? Vamos percebendo que o mundo é de outro jeito, a gente percebe que a gente poderia contribuir mais.** Então fomos organizando o grupo de jovens em outros territórios e a gente começou a participar de outros eventos fora. E a partir dali, a gente foi buscando se formar a compreender as realidades. Com 15 anos de idade [...] levado pelos dirigentes do MST da época. E depois eu fui convidado para militar na da região. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

A inserção de Coroatá dentro da dinâmica do assentamento traz para ele não apenas uma mudança de condições materiais de vida, mas também de mudança de perspectivas de atuação. A partir do aprendizado realizado dentro do MST, Coroatá fala que começa a perceber o mundo de uma forma distinta e sua capacidade de influência



em sua região é ampliada. Tal aspecto de mudança de perspectiva sobre suas possibilidades sociais é recorrente na trajetória dos militantes que foram acompanhados durante esta pesquisa.

A trajetória de Coroatá demonstra como o processo de inserção no MST é marcado de forma contínua por formações e aprendizados. É próprio do aprendizado dos militantes nesse movimento social o incentivo a trajetórias que mesclam os estudos teóricos e a adoção de práticas que incorporem seus ideais (PIRRO, 2023, p.108) Esses momentos de criação do militante ocorrem por formatos diversos, sendo essa uma das marcas indeléveis do MST. Parte da formação dos militantes é obtida durante a vivência nos acampamentos e assentamentos, com sua própria lógica organizativa e de integração ao coletivo. Outras partes são obtidas por meios de teorias e debates e ainda outras por meio da participação em instâncias políticas. Segundo Coroatá, "para cada tarefa que é dada, o militante se adequa de acordo com a sua realidade da tarefa que foi dada naquele momento".

Tu imagina um jovem que vem de uma fazenda, onde os pais nunca tiveram processo de formação, nem foram alfabetizados, conhecimento de ver o mundo, apenas nas suas praticidades, que era trabalhar na roça. O processo de consolidação de um assentamento, para se consolidar um assentamento, há muitas reuniões. E para isso precisa ter muitas formações. Formação para compreender as estruturas organizativas do movimento. **E depois a gente vê o mundo, vê como que o mundo é cruel conosco, como é a luta de classe no Brasil. E para isso se deu muito processo de estudos, de formação.** Então, eu participei de todos esses processos. O fato de ter estado em um acampamento por dois anos, tem muita formação no acampamento. E depois quando consolida o início do assentamento, também tem muita formação. Como depois segue também tendo outras formações no assentamento a partir das necessidades que vão surgindo e do processo organizativo do movimento. Claro que aí depois eu passei, com as formações que eu aprendi, quando passa a ser militante da brigada, eu comecei dar formações também, como dirigente também comecei a dar formação, então assim foi o processo natural. O que o movimento fez primeiro foi formar nós militantes, assentados, primeiro acampados, depois assentados e depois militantes, depois dirigentes. E o movimento, dentro da sua estrutura organizativa tem suas formações, seja a formação local, seja formação regional, seja as escolas de formação que é criada para militantes, seja os prolongados, seja as escolas estaduais, seja as formações no âmbito nacional, na regional. **Então o movimento tem na sua estrutura vários métodos**

**para buscar a formação do seu militante.** (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

A criação do sujeito como militante tem como um de seus objetivos fornecer agência a toda uma classe social, dos camponeses, que é social e politicamente invisibilizada (LERRER e FORIGO, 2019). O acesso à educação é uma das ferramentas que fornecem significado a permanência dos sujeitos em suas tarefas. E ao permitir que as pessoas assumam mais tarefas, também permite uma maior socialização dentro do MST. Assumir mais tarefas, como Coroatá relata, significa também assumir mais cuidado com os demais militantes.

Devido aos diversos cargos de liderança que foram assumidos por Coroatá ao longo de sua trajetória (por exemplo, comunicação, finanças e produção), é possível usar sua experiência para compreender fatores importantes de como o MST forma seus líderes. A militância no MST se molda às tarefas assumidas em cada momento social e político. A experiência de Coroatá revela a plasticidade da militância no MST, que exige adaptação constante a novos contextos e desafios.

No meu caso, quando eu fiquei como dirigente estadual na região, então tu tem que consolidar uma coordenação e direção de brigada, que são militantes que vão compor a direção da brigada. [...] Espalhado nas regiões, pelos assentamentos e o trabalho da direção da brigada é muito aquilo, é tu organizar o MST na região. Criar os grupos de jovens, formar os grupos de mulheres, consolidar o setor de produção, de comunicação, os setores do MST, setor de formação e cada setor desses tem sua dinâmica própria. [...] **Então, a militância nossa, ela se dá muito a partir da tarefa que ele vai estar realizando naquele momento.** E quando eu assumi uma reunião ou uma direção de região, ela tem uma dinâmica, que é organizar a brigada, que é organizar os assentamentos e toda aquela estrutura organizativa, considerando todos os setores que está ali. Mas quando tu vai para um setor é diferente, tu tem a tarefa de organizar aquele setor. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

Segundo Coroatá, é preciso haver um “encantamento” que possa mover a militância no MST. Esse encanto é chamado também de mística, que algumas vezes é traduzido como um sentido de significado e propósito ou como um sentimento de confiança mútua.

Tem uma coisa no MST que é algo diferente, que eu não vejo em outros movimentos, outras organizações, em outros partidos. Algo muito presente em nossas vidas que é esse **encantamento**. [...] O movimento tem uma força muito grande de conquistar a

sua militância de uma maneira em que ela se encanta e gosta de fazer aquilo que motiva, a partir da sua consciência, a partir da sua mística militante, que é de você querer mudar o mundo. Porque tem uma questão no movimento, que assim, você passa por momentos de testes. Você não está no MST porque você está numa aventura. **Você não veio para o MST porque você quer emprego, você não veio para o MST porque você quer status, ou porque você quer se promover. Você veio no MST porque você tem amor, porque você acredita.** E a causa que você quer construir junto. Então, quando você vem para o MST com esse espírito você faz aquilo dando o melhor de si. Dando aquilo que você... nada lhe abate. Mesmo os problemas internos, mesmo os problemas externos, mesmo o momento mais difícil, que é uma perda de um dirigente ou de um militante. Por que é que quando um dirigente é assassinado em um território nosso, ali mais dirigentes surgem, mais militantes surgem. O massacre de [19]97, de Eldorado dos Carajás, que nós tivemos 19 pessoas assassinadas, foi o ano que o MST mais cresceu. Como é que tu explica? Tu mata 19, a mídia faz uma tortura grande, a perseguição acontece. E como é que, com tudo isso, que é o extremo do extremo, que é tu morrer, tu ser assassinado, e tu consegue transformar a tua indignação, o teu ódio em mais lutas e mais mobilização? Então, é algo que não se explica, mas não se explica justamente por isso, porque quem está na base da trincheira da luta, do movimento, ela está fazendo aquilo ali por tua ação, por acreditar, por amor. E quando tu faz isso por dedicação, por amor, por convicção, daquilo que não acredita tu pode passar dois dias sem comer, tu pode ser torturado, pode dormir na rua, no chão, tu pode ser perseguido, pode ser preso, mas o que nos alimenta é que eu tenho clareza de que o que eu estou fazendo é certo. **O que eu estou fazendo não é algo para mim, indivíduo, pessoal, eu estou fazendo algo que eu estou transformando a vida de outras pessoas, como a minha foi transformada.** Que tem uma diferença no movimento que outros movimentos não têm que é de que você constrói o movimento. Quando você constrói, você é parte integrante desse processo. Você não faz aquilo como “ah eu estou no MST porque que fui contratado e tenho emprego” que aí se eu não gostar eu vou embora. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

Coroatá traz um aspecto de fé nas causas do movimento que seria capaz de superar o perigo e o cansaço. Por outro lado, gostaria de destacar que há também a menção a “momentos de testes”, o que também pode ser entendido como um momento de seleção dentre aqueles que permanecerão na militância. Segundo essa interpretação, pode-se afirmar que os militantes não se unem ao MST por conveniência, mas por amor, crença e compromisso e possuem uma dedicação profunda, que ultrapassa o individual e se torna coletiva, impulsiona a resistência do MST mesmo diante de grandes desafios e

perdas. Esta dedicação, entretanto, é resultado de uma construção e de uma assimilação que pode ou não falhar.

Novamente, ressaltado como são importantes as alusões à autopercepção dos militantes e como os ataques públicos feitos ao movimento não raramente buscam justamente desqualificar a existência de um benefício para os sujeitos se organizarem dentro de um movimento social. Um exemplo muito nítido, e que será abordado no próximo capítulo, é o que trata da CPI do MST. Para manter-se na ativa nas tarefas é preciso, dentre outros fatores, ter no que acreditar e ser capaz de visualizar a realização dos objetivos almejados.

Eu estou fazendo coisas concretas, real, eu estou junto fazendo. Então, essa é a diferença. **Eu não crio e penso para os outros fazerem. Eu penso, crio e faço com o povo. Talvez essa seja a diferença, talvez essa seja a diferença de tudo isso. Porque eu me sinto parte disso.** Porque eu vivencio isso, porque eu faço junto isso. Quando você faz junto, você se sente parte disso. Quando você cria algo para outro fazer, tu não é parte disso. **Aqui, eu tenho alegria juntos, aqui eu tenho a dor, aqui eu tenho sofrimento, aqui eu tenho ódio, aqui eu tenho tudo aqui, vivenciado nesse meio todo nesse meio aqui.** (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

Assim como para outros militantes, é a sensação de ser uma parte importante e capaz de agir sobre os rumos sociais que motiva Corroatá a estar na militância. Há uma descrição de deixar de ser um sujeito impotente da própria história e das relações nas quais está inserido para ser parte de um grupo capaz de mobilizar e decidir. Parte do processo de tornar-se militante, como pretendo demonstrar ao longo das trajetórias apresentadas aqui, é marcado primeiro pelo reconhecimento e tomada de consciência da situação de vulnerabilidade, invisibilização e impotência social para uma caminho de se reconhecer como sujeitos capazes de agir sobre os determinantes sociais que os colocam nessa situação.

Se por um lado, a mobilização é acompanhada por dotação de sentido, por outro, também é seguida pelo misto de sentimentos decorrentes das alegrias e derrotas do envolvimento nas tarefas cotidianas. Dentre estas derrotas, estão as remoções forçadas, as perdas jurídicas nas disputas de terra, as decisões legislativas que prejudicam o MST e, de forma mais drástica, a agressão à integridade ou à vida dos militantes. Episódios como assassinatos e agressões são lembrados nas cerimônias e encontros do MST com o

objetivo tanto de prestar homenagem como também de mobilizar. Assim, essa memória é também uma forma de dotação de significado das causas do MST.

Primeiro, que eu sei que tu tombou na luta porque tu tava fazendo aquilo que eu também estava fazendo, naqueles mesmos ideais que tu acredita e que eu também acredito. E que aquilo estava transformando vidas de sujeitos pobres, miseráveis, famintos, transformando aqueles em sujeitos da sua própria história. Então, **quando eu estou na luta eu tenho obrigação e a indignação, por ter sido um tombado na luta, essa indignação me transforma muito mais, que eu tenho que fazer mais do que eu já tinha feito.** Poxa, se um tombou na luta... ele tombou na luta por quê? Porque ele queria que teu pai tivesse terra, que você tivesse terra, que tivesse moradia, tivesse educação, que tivesse direito à moradia e acima de tudo ter direito à dignidade. E como ele, que faleceu, que tombou na luta, tem milhares na situação dele. **Eu tenho obrigação moral e política de honrar, de fazer a luta acontecer para que possa também como ele, que acreditou e sonhava ter, e que a gente possa fortalecer, no seu legado, e no seu nome, construir algo para outros também que estejam na minha situação.** Então, isso não se dá também porque isso é lindo, isso é bonito, isso é necessário, não se faz só por isso. **Você faz isso por consciência. Porque se eu não tiver consciência e clareza política... não basta sua indignação, a indignação me move, mas é uma junção. É uma junção do amor, é uma junção do espírito do sacrifício, é uma junção da solidariedade, é a junção da indignação, é a junção do companheirismo, é a junção de tudo isso que vai lapidando este ser humano nesse meio todo aí que a gente vai construindo.** (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

Para Coroatá, há uma profunda ligação entre a memória da luta e a força motriz da militância no MST. Ele articula a perda de companheiros durante a luta com a convicção de que a causa por eles defendida é justa e necessária. Essa memória se torna uma forma de mobilizar a indignação na obrigação de se empenhar ainda mais. A morte de um militante não é vista como um fim, mas como um recomeço, um reavivamento do compromisso com a luta por justiça social, que deve ser carregado pelos demais membros do movimento. Assim, há uma referência indelével ao que Coroatá chama de "espírito de sacrifício".

Ressalto ainda que a fala de Coroatá aponta para um pilar não material da luta da qual ele participa. Trata-se da conquista da dignidade, ao qual também é referida como uma construção do ser humano. A construção de dignidade é aspecto central na concepção de saúde do MST. Conforme mostrarei no capítulo 3, o cuidado no MST é

visto como meio de “resgatar a autoestima e a dignidade” (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DE MINAS GERAIS, 2014, p.24). Segundo Pequi, uma das pioneiras da Rede de Saúde Mental, saúde é “construção de dignidade”. Toda a trajetória de Coroatá até aqui e sua atuação enquanto dirigente em diversos momentos é a de construção de sentido e de condições de ação para si e seus companheiros.

Sua posição de dirigente o levou, em diversas conversas que pude presenciar ou participar, a refletir sobre o papel como responsável pelos outros militantes. No caso de Coroatá, quaisquer fronteiras entre família dentro e fora do MST é pouco eficiente, pois sua esposa, pais e sogros são também militantes, assim como seus filhos são reconhecidos, recebidos e cuidados pelos demais militantes. Ainda assim, busquei investigar como Coroatá encara essa possível fronteira.

Cara, primeiro assim, **filha é filha, família é família. Mas o MST também é minha família. Uma é do meu sangue, outra é da luta.** Então, para mim, todas as duas são importantes. Se as duas são importantes, vou ter que cuidar das duas com o mesmo amor, o mesmo cuidado, a mesma dedicação, mesmo carinho, mesmo respeito. Quando você coloca uma mais importante do que a outra, aí eu diferencio. Quando boto igual na importância de todas elas, eu tenho que fazer algo preservando as duas. Do cuidado com as duas. Algum momento, se a gente vier a tombar, eu estava fazendo pelas duas. A mesma luta que eu faço no MST hoje para que os filhos dos Sem Terra ou os filhos de que não tem Terra tenham a dignidade que nós tivemos, a minha família de sangue tem que compreender, de que a mesma luta que eu estava fazendo pra eles também era para ela. Eu também quero que meus filhos tenham, que os outros filhos também tenham dignidade, um Brasil melhor, um país justo, um país igualitário, onde as pessoas comam três vezes ao dia, as pessoas tenham uma casa para morar, as pessoas tenham educação. A luta é uma só. **Então, a mesma dor que eu vá tombar na luta, a família Sem Terra vai ter, a minha família de sangue vai ter. Com a diferença de que meus filhos vão perder um pai. E o MST vai perder um companheiro.** E a dor de perder um pai, para um filho, é bem maior, talvez. Mas é uma opção. Nós estamos no MST hoje por opção. E algo que se dedica à luta, principalmente no enfrentamento de classe, como é a luta que a gente faz. Toda luta tem seus altos e baixos. Então você não pode entrar no enfrentamento, qualquer que seja ele, se a gente botar suas particularidades acima disso. Se eu botar as minha particularidades acima de tudo isso, a minha vaidade pessoal, meu desejo individual, ou que a família seja a única razão e a prioridade de tudo isso, eu não vou conseguir fazer o que deveria fazer olhando talvez com mais firmeza e com mais... Assim, o que eu penso disso é de que todos são importantes e a razão do que eu estou fazendo e a luta que eu estou fazendo é

para as duas. (Entrevista concedida em novembro de 2022, grifos meus).

Há uma referência a sua família de sangue e sua família de luta - "Uma é do meu sangue, outra é da luta". O reconhecimento dessa diferença opera também na relação entre seu papel para cada um destes grupos, para uma, ele é um pai e, para outra, um companheiro. Porém, sua compreensão é de que as duas esferas da vida são igualmente importantes, exigindo o mesmo nível de cuidado, dedicação e amor. Desta forma, sua atuação enquanto militante também tem a intenção de ter significado para os dois núcleos.

## 1.5. Conclusão

Este capítulo enfatizou como a resistência e dedicação ao MST são construídas por meio de uma longa formação que constroi uma percepção coletiva e de práticas concretas de engajamento, que geram sentimentos intensos de pertencimento, alegria, dor e sofrimento. A trajetória dos militantes envolve não apenas atividades de organização, mas também emoções, cuidado coletivo e o fortalecimento das relações de amizade e parentesco, que sustentam sua resistência.

As ações práticas, como as feiras e os encontros de formação, são momentos de socialização, troca política e manutenção da memória do movimento, enquanto a identidade militante se manifesta na convivência diária e nas atividades colaborativas, incluindo tarefas que podem parecer distantes do perfil acadêmico de alguns militantes, mas que reforçam seu compromisso com as bandeiras do MST. A relação entre vulnerabilidade e resistência é fundamental nesse contexto, pois a militância implica dependência mútua e cuidado coletivo, construindo uma rede de apoio que favorece a saúde mental e o bem-estar dos integrantes, especialmente diante dos riscos e desafios do movimento.

A proposição, em Butler, para pensar a relação entre resistência e vulnerabilidade, ou entre autonomia e cuidado, serve para pensar os resultados da sociabilização dos militantes.

Somos não apenas vulneráveis uns aos outros – uma característica invariável das relações sociais – mas esta mesma vulnerabilidade indica uma condição mais ampla de dependência e interdependência que muda a compreensão

ontológica dominante do sujeito corporificado<sup>8</sup> (BUTLER, 2016, p.12, tradução minha).

Butler destaca que a vulnerabilidade não se limita a um estado individual, mas sim se configura como uma característica inerente às relações sociais. Isso significa que estamos constantemente interligados e dependentes uns dos outros, tanto física quanto emocionalmente, de formas muito práticas. Essa interconexão nos torna suscetíveis à influência e ao sofrimento dos outros, mas também abre espaço para a empatia, a compaixão e a solidariedade. Em consequência, a vulnerabilidade que faz parte do reconhecimento inicial dos militantes como parte de uma categoria marginalizada e invisibilizada é parte também do que permite a formação de um sujeito coletivo para agir sob a vulnerabilidade do indivíduo. A ênfase na vulnerabilidade como condição relacional desafia a visão tradicional do sujeito como uma entidade autônoma e independente. Conforme a autora resume sua compreensão acerca da vulnerabilidade como condição de um sujeito inserido e localizado politicamente,

Vulnerabilidade não é uma disposição subjetiva, mas uma relação com um campo de objetos, forças e paixões que nos impactam ou nos afetam de alguma forma. Como meio de estar relacionado com o que não sou eu e não totalmente dominável, **a vulnerabilidade é um tipo de relação que pertence àquela região ambígua em que a receptividade e a capacidade de resposta não são claramente separáveis uma da outra, e não se distinguem como momentos separados numa sequência**<sup>9</sup> (BUTLER, 2016, p.16, tradução minha, grifos meus).

Conforme argumentei previamente, a relação entre o militante individual e o militante inserido dentro de um movimento social, que se materializa na execução de tarefas no dia a dia, é algo que se retroalimenta. Essa é a chave para compreender como um sujeito coletivo não é pura imposição sobre os sujeitos individuais.

O envolvimento coletivo apresentado neste capítulo é uma construção lenta e gradual, na qual o conceito de saúde e bem-estar está ligado às tarefas e objetivos do movimento, refletindo uma dinâmica de cuidado e dependência que desafia a ideia de autonomia individual presente na sociedade mais ampla. Assim, a formação dos

---

<sup>8</sup> We are then not only vulnerable to one another – an invariable feature of social relations – but this very vulnerability indicates a broader condition of dependency and interdependency which changes the dominant ontological understanding of the embodied subject.

<sup>9</sup> Vulnerability is not a subjective disposition, but a relation to a field of objects, forces, and passions that impinge upon or affect us in some way. As a way of being related to what is not me and not fully masterable, vulnerability is a kind of relationship that belongs to that ambiguous region in which receptivity and responsiveness are not clearly separable from one another, and not distinguished as separate moments in a sequence.



militantes é marcada por uma estreita relação entre vulnerabilidade, resistência e cuidado, articulando as experiências pessoais e coletivas em um processo de fortalecimento interno e social.

## **Capítulo 2 - Entre o Cuidado, a Articulação e o Confronto**

O segundo capítulo desta tese busca aprofundar os temas iniciados no capítulo anterior, agora por meio da atuação de militantes do MST lotados no Distrito Federal e de disputas em torno da imagem e atuação política do movimento que aconteceram no cenário político federal. Ao acompanhar uma série de militantes com longas carreiras dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Distrito Federal, continuo buscando a construção de como o cuidado é tecido em suas trajetórias de militância. Os pontos trazidos pelos militantes nesse capítulo reforçam ou complementam a concepção de cuidado que vem sendo tecida por esse movimento social.

Este capítulo contém ainda uma análise da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do MST, que ocorreu enquanto a presente pesquisa estava sendo realizada. Entendo que a comissão em questão ataca algo que surgiu no capítulo anterior e voltará a surgir nesse, a saber, a capacidade dos militantes de imaginar e construir uma utopia, ataca sonhos e legados que mantêm os militantes ativos em suas atividades. Era objetivo explícito de um grupo de deputados que esteve à frente da CPI a demonstração mercadológica que seria mais lucrativo não participar da organização coletiva. Houve, portanto, uma nítida disputa entre modelos de sociedade distintos. Ademais, a imagem pública do MST é importante para o bem-estar dos militantes, pois caso a recorrente tentativa de criminalizar esse movimento social avance, isso coloca em risco também a vida e a segurança de militantes por todo o país.

Embora alguns dos órgãos centrais do MST estejam localizados em São Paulo, o escritório em Brasília, situado no Setor Comercial Sul do Plano Piloto, desempenha um papel crucial na articulação política do movimento. Assim como ocorreu na aproximação com os militantes no Ceará, o contato com os militantes neste espaço foi estabelecido por meio de uma rede de contatos e de confiança, com mediação de Jericó, coordenadora do Setor de Saúde do MST no Ceará, apresentada no capítulo anterior, e que facilitou o contato com Amburana, uma militante cearense que exercia a direção do setor de produção no Escritório Nacional no Distrito Federal.

Nos meses que antecederam minha ida para Brasília, estabeleci contato gradualmente com os militantes que atuavam na capital federal. Jericó me recomendou conversar com Amburana, uma militante cearense, sua antiga conhecida, que na época

ocupava uma função de direção na capital. Assim, a partir de junho de 2022, comecei a me encontrar com Amburana e os outros militantes que atuavam nesse espaço. Se, em minha cidade de origem, tive maior disponibilidade de tempo e possibilidades de inserção em atividades dos militantes, em Brasília frequentei de forma mais pontual seus locais de trabalho. A boa recepção junto aos interlocutores desta etapa, porém, diz respeito diretamente àqueles que atestavam minha confiabilidade para estar nos espaços que frequentei.

Minha passagem pelo Escritório Nacional em Brasília ocorreu por boa parte do ano de 2022. Porém, em 2023 foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) destinada a investigar a atuação do grupo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), na Câmara dos Deputados, colocando em palco nacional, novamente, a disputa sobre a imagem e atuação do MST. Acompanhei os eventos desta comissão por meio da transmissão das sessões, da participação presencial, quando possível, e das conversas com os militantes que a acompanhavam direta ou indiretamente.

Sigo na investigação de uma “política do sentido” (CHAVES, 2022, 2021) das ações dos militantes. A ideia de política de sentido é central para a compreensão do que faz os militantes se manterem em atividade. Chaves (2022, 2021) investiga essa noção tendo como aspecto central a mística do MST. Como a autora verificou, em diálogo com o trabalho de Peloso (1994), a mística é simultaneamente uma “força secreta” que anima as ações de luta” e um espaço de reinterpretação de eventos, sejam eles positivos (como a conquista da terra) ou negativos (como a morte de um companheiro) (CHAVES, 2022, p.3). Tal força ou mistério que anima os militantes apareceu em diversas das falas dos interlocutores no capítulo anterior. Para um movimento tão longo quanto o MST, é essencial a construção, reforma e defesa de uma política de sentidos, no que envolve a elaboração de discursos, rituais e símbolos que transformam experiências em referências compartilhadas, mobilizando pessoas em torno de valores e objetivos (CHAVES, 2021, p.22). Portanto, a capacidade de dotar de sentido as ações é central para compreender o que mantém os militantes no MST e faz com que o ataque feito ao movimento na CPI do MST, sem o sucesso almejado, seja de especial interesse para os objetivos dessa pesquisa. Se cuidado e saúde são também a capacidade de lutar, um ataque no centro da política federal que busca especificamente desmobilizar os militantes do MST é um rico objeto de investigação.

## 2.1. A CPI do MST

Em abril de 2023, começou a ser noticiado nos jornais que seria instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o MST (CARTA CAPITAL, 2023; AZEVEDO, 2023). Essa empreitada foi liderada pela oposição ao governo Lula no congresso, em especial na Câmara dos Deputados. Lula e seu partido tiveram o MST como uma de suas principais bases nos movimentos sociais durante a eleição para seu terceiro mandato. O objetivo anunciado para a CPI era o de responsabilizar os líderes do movimento pelas ocupações de terra e investigar possíveis relações do governo federal que poderiam facilitar as ocupações. Ao longo da Comissão, foram utilizadas estratégias diversas de criminalização e desmobilização em relação aos militantes e potenciais militantes do movimento social.

Ao dedicar parte desta pesquisa à CPI do MST, busco atender a dois aspectos da pesquisa, um metodológico e outro ligado ao objeto de interesse desta tese. Do ponto de vista metodológico, a CPI representou mais uma possível entrada para o objeto de investigação tratado aqui. Durante o curso da Comissão, em 2023, as investigações e transmissões da comissão concentraram boa parte das notícias nacionais sobre o MST. Se a investigação não tratava em seu cerne, de forma explícita, de temas como saúde ou do cuidado dos militantes, ele tratava diretamente dos motivos para estar em atividade. Como a ideia de saúde perpassa tanto as condições materiais como emocionais e políticas, minha argumentação é que esse evento político é elucidador para o objeto de pesquisa em questão.

Conceitualmente, a investigação da CPI permitiu compreender as construções discursivas que afetam o cotidiano dos militantes, revelando os conflitos políticos e interesses em torno da imagem social do MST. Além disso, o caso exemplificou debates centrais sobre o movimento, como reforma agrária, assentamentos e militância, destacando-se como um espaço de disputa por legitimidade. Assim, a análise justifica-se por oferecer insights sobre como grupos sociais constroem e defendem suas identidades coletivas, como faz o MST ao reafirmar seu lugar como movimento social. Segundo Pirro,

No MST, o sofrimento ético político se expressa subjetivamente no estigma vivido socialmente enquanto “invasores” - para além da interseccionalidade de raça, gênero e classe - e, fisicamente,

nas situações de despejos e violências enfrentadas nos últimos tempos (PIRRO, 2023, p.46)

A bancada ruralista, que esteve à frente da Comissão de Inquérito, é constituída por deputados e senadores com considerável influência política e representação bastante significativa. Este grupo político já encabeçou outras comissões para combater movimentos camponeses no Brasil e a bandeira da Reforma Agrária. Dalla Costa<sup>10</sup> (2019) compreende a bancada ruralista como um grupo político organizado que tem uma forte influência nas dinâmicas legislativas e nas políticas públicas relacionadas à terra e ao agronegócio no Brasil. A autora menciona ainda que a bancada ruralista se consolidou a partir da Assembleia Nacional Constituinte em 1987, inicialmente como a Frente Ampla da Agropecuária Brasileira (FAAB), e que, ao longo dos anos, passou por reestruturações, tornando-se a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) em 2008. (DALLA COSTA, 2019, p.37-38).

Para esta CPI, porém, há ainda outra denominação relevante para a composição dos deputados da oposição ao terceiro governo do presidente Lula. Com objetivos idênticos àqueles da FPA, foi formado em 2023 a “Frente Invasão Zero”. O grupo foi criado no contexto do julgamento do “Marco Temporal”, tese jurídica que busca limitar o direito constitucional do acesso à demarcação de terras pelos povos originários, considerando como correto apenas as terras que estavam ocupadas desde a promulgação da Constituição de 1988.

Acerca da tese do “Marco Temporal”, vale mencionar brevemente que tal tese ignora a história de conflitos e expulsões de populações de suas terras, além dos processos de perseguição e apagamento cultural e genocídio das populações originárias e outros Povos e Comunidades Tradicionais<sup>11</sup>. A descontextualização dos argumentos, como veremos, foi estratégia recorrente ao longo da presente CPI para lidar com as demandas dos camponeses brasileiros.

---

<sup>10</sup>Julia Dalla Costa realizou sua pesquisa nas Comissões Parlamentares de Inquérito da FUNAI e do INCRA. Em ambas houve influência significativa da bancada Agropecuária, sendo na CPI do INCRA também tido significativas menções e debates em torno do MST.

<sup>11</sup> Me refiro aqui a Povos e Comunidades Tradicionais no sentido utilizado pelo Decreto 6.040/2007, que entende esse grupo como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

A Frente Parlamentar Invasão Zero teve sua criação solicitada por meio do Requerimento 3.892/2023, com a assinatura de 204 deputados. Dentre eles, estão membros bastante atuantes na CPI do MST de 2023. Segundo seu estatuto, dentre os objetivos dessa frente parlamentar estão “fiscalizar e monitorar as invasões às propriedades rurais e urbanas em todo o território nacional”, “procurar, de modo contínuo, o aperfeiçoamento da legislação pertinente ao combate e prevenção às invasões” e “cooperar com entidades governamentais no que concerne à seleção ao acompanhamento das atividades que visem coibir as invasões”. O uso recorrente da palavra “invasões” é parte do vocabulário em disputa entre ruralistas e movimentos camponeses. A Frente Agropecuária busca, há anos, criminalizar as ocupações de terra enquanto, simultaneamente, busca nomear e classificar as repressões aos camponeses como apenas defesa.

Antes da criação da frente parlamentar, já existia o Movimento Invasão Zero. Ele também surgiu em 2023 e seu objetivo específico era impedir a ocupação de uma fazenda na Bahia, em uma disputa que envolvia o MST. O movimento dos latifundiários foi uma resposta às ações do “Abril Vermelho”, um conjunto de atividades que é promovido pelo MST e ocorrem no mesmo mês do Massacre de Eldorado do Carajás. Nesse massacre, a Polícia Militar do Pará atacou uma manifestação de 1.500 famílias Sem Terra. O ataque resultou na morte de 21 trabalhadores rurais e outras 69 pessoas ficaram feridas. O episódio aconteceu em 17 de abril de 1996 e é um dos marcos da memória do MST.

A CPI do MST em 2023 foi composta por 27 membros titulares e igual número de suplentes. Nos principais cargos, aqueles que detêm poder de influenciar de forma decisiva a agenda e o teor da investigação, estavam os deputados da oposição ao governo federal. O Tenente-coronel Zucco, do Republicanos-RS, assumiu a presidência, enquanto Ricardo Salles, do PL-SP, foi designado como relator. As vice-presidências foram ocupadas por Kim Kataguirí (União-SP) como primeiro vice-presidente, Delegado Fábio Costa (PP-AL) como segundo vice-presidente e Evair Vieira de Mello (PP-ES) como terceiro vice-presidente.

Um personagem político de grande notoriedade nesta CPI foi o relator Ricardo Salles, que fora ministro do Meio Ambiente durante o governo de Jair Bolsonaro e, por diversas vezes, manifestou-se contra movimentos sociais populares como o MST. Essa

oposição ao Movimento Sem Terra foi inclusive temática de sua campanha para deputado federal. Ainda em 2018, quando se candidatou a deputado, Salles divulgou um material de campanha em que dizia que contra “os javalis, a esquerda e o MST, contra o roubo de trator, gado e insumos e contra a bandidagem no campo” deveriam ser utilizadas armas de fogo (SATIE, 2021). Observa-se, assim, que a configuração de cargos na CPI do MST demonstrou uma clara predominância de partidos de oposição nos postos-chave da comissão, sinalizando uma abordagem crítica ao MST durante as investigações.

A composição da CPI é uma das maiores disputas no que diz respeito às comissões, pois reflete muito do tom que a investigação tomará. A composição da CPI revela uma dinâmica de disputa de poder político, onde grupos com interesses específicos tendem a direcionar as investigações para defender suas agendas econômicas e políticas (DALLA COSTA, 2023, p.7). A composição da CPI garante em boa medida uma série de medidas decisivas, como a agenda de temas debatidos, a preparação do relatório final e convites para atores externos (*Ibidem*).

No que diz respeito ao MST, na ocasião da instauração da CPI, o movimento adotou uma postura dupla: denunciou a falta de legitimidade da Comissão e defendeu a legalidade de suas ações, enfatizando o princípio do "uso social da terra" e destacando as denúncias recentes de trabalho escravo no meio rural brasileiro (MÁXIMO, 2024). O MST contava com um grupo de deputados aliados na CPI, sobre os quais falarei adiante, e também disputou espaço nas redes sociais. Em redes sociais e em seu site, o movimento usou a hashtag "#tôcommst". Conforme analisei em outro trabalho (FREITAS, 2021), o uso das redes sociais e de ferramentas como as *hashtags* é utilizado para buscar sensibilizar possíveis apoios populares.

Uma nota do MST (MST, 2023a), publicada em seu sítio na internet, em resposta à instalação da CPI revela alguns elementos da estratégia discursiva do movimento. Primeiro, o movimento buscou questionar a legitimidade da Comissão ao questionar a autoridade de seus principais condutores (Ricardo Salles e Tenente Coronel Zucco) e a ausência de um objeto determinado de investigação. Em segundo lugar, o MST localizou a instauração da CPI dentro de um cenário macropolítico (e não técnico e isento de outras influências, como é comum ser ressaltado pelos deputados nessa situação) e, principalmente, dentro da oposição entre campesinato e agronegócio, que

está no cerne das atividades do movimento e de seus militantes. Para dar mais materialidade à sua crítica, o MST ressaltou temas acerca dos quais vinham surgindo denúncias nos meses anteriores à instalação da CPI, como o desmatamento, a grilagem de terras e o trabalho análogo à escravidão.

Um terceiro aspecto notável é a forma como o movimento se posiciona em relação à legalidade. O MST enfatiza seu compromisso com a Constituição Federal, particularmente no que diz respeito à função social da propriedade, buscando assim se distanciar da imagem de organização que opera à margem da lei. Por fim, é significativo que, mesmo denunciando a CPI como uma tentativa de criminalização, o movimento declare sua disposição em participar das investigações, demonstrando uma postura de enfrentamento político dentro de um ambiente abertamente hostil, mas que é também um local no qual se discutiria a imagem pública do MST.

Logo no início das sessões da CPI, em 23/05/2023, o debate entre governistas e oposição foi fortemente demarcado. Os deputados da bancada ruralista buscavam enquadrar o MST como um movimento ilegal e até mesmo terrorista. O deputado Capitão Alden (PL-BA), falava da reforma agrária como forma de levar o terror para o campo e que a CPI iria mostrar a “verdadeira faceta do que é esse movimento” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023a). A deputada Carolina de Toni (PL-SC) disse que o MST seria um movimento terrorista para causar baderna (*Ibidem*). E, o deputado Delegado Eder Mauro (PL-PA) afirmou que “não é movimento social, mas um movimento, sim, de marginais” (*Ibidem*).

É possível identificar um padrão de acusações contra o MST, que podem ser resumidas em três pontos principais: (1) caracterização do MST como uma organização terrorista, (2) acusações de invasão de propriedades produtivas e (3) alegações de violência e destruição. Um elemento retórico comum nas falas foi a tentativa de deslegitimar o MST como movimento social, caracterizando-o como uma organização criminosa, o que fica evidente quando os deputados utilizam termos como "marginais", "criminosos" e "terroristas". Esta estratégia discursiva buscou deslocar o debate do campo sobre política de ocupação e repartição de terras no Brasil - onde se discutiria a reforma agrária e os modelos de produção e distribuição de alimentos - para o campo criminal.



É significativo que estas acusações tenham partido de deputados fortemente alinhados com o agronegócio e com histórico de oposição aos movimentos sociais do campo. O posicionamento deles reflete uma defesa do modelo do agronegócio e da concentração fundiária. Vale ressaltar, desde já, que, ao final da CPI, estas acusações não foram comprovadas com evidências.

O conjunto de deputados que atuaram em prol do MST nesta CPI (6 dentre os 27 titulares e 5 dos 27 suplentes) também buscou disputar o espaço da Comissão para denunciar os posicionamentos da bancada ruralista. Duas das deputadas mais atuantes ao longo da CPI foram Sâmia Bomfim (PSOL-SP) e Talíria Petrone (PSOL-RJ). Segundo a deputada Sâmia Bomfim, a CPI teria como resultado final “servir de uma grande propaganda para que mais e mais pessoas se engajem na luta dos movimentos sociais e saibam da necessidade na atualidade da luta pela reforma agrária do País” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023a). A deputada Talíria Petrone denunciava, na ocasião de abertura da CPI, que o objetivo dela era “um movimento que tem quase 40 anos e que tenta resolver a questão talvez mais fundamental do Brasil, que é o acesso à terra, a produção de alimentos saudáveis, sem veneno, o enfrentamento da concentração de terras” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023a).

Em suas falas, as parlamentares buscaram deslocar o debate do campo criminal para o campo dos direitos sociais e constitucionais, em oposição ao que foi apresentado anteriormente. Elas enfatizaram que a organização social e a luta por direitos são garantidas pela Constituição, ressaltando o papel histórico dos movimentos sociais no avanço de conquistas populares no Brasil. Um ponto central na argumentação das deputadas é a inversão do ponto sobre "crimes no campo". Enquanto a oposição acusa o MST de violência, as parlamentares apontam que os verdadeiros crimes são perpetrados pelo latifúndio: grilagem de terras, invasão de territórios indígenas, degradação ambiental e violência contra trabalhadores rurais. Elas também destacaram as contribuições positivas do MST, como a produção de alimentos orgânicos e projetos educacionais.

A CPI contou com 27 sessões no total e escutou 22 convidados. De acordo com o portal da Câmara dos Deputados, foram 89 horas de CPI, sendo cerca de 66 horas para debates e ouvir os convidados e o restante do tempo para votações, sendo que ambos os cenários continham bastante disputa. Algumas reuniões repercutiram mais que outras,

como aquelas que versavam sobre as diligências da CPI ou que contaram com a participação de João Pedro Stédile ou do ex-reitor da UnB, o Dr. José Geraldo de Souza. Para os fins desta tese, porém, darei destaque a uma seção que trata de um debate mais próximo aos fins da presente pesquisa.

A sessão do dia 13 de junho de 2023 tratou de uma tese do relator da CPI, o deputado Ricardo Salles sobre a vantagem ou não de alguém permanecer dentro do movimento social. Para desenvolver este argumento, foram utilizados dois mecanismos: um vídeo e um relatório de uma diligência<sup>12</sup> realizada pela CPI junto a um assentamento do MST e o convite para arguição a Francisco Graziano Neto, que fora presidente do INCRA durante o governo Bolsonaro.

A sessão foi marcada, como de costume, por debates acalorados entre membros da base do governo e da oposição sobre a eficácia da reforma agrária e o papel dos movimentos sociais. Os deputados da bancada ruralista buscavam enfraquecer o apoio ao movimento, apresentando uma visão de miséria dos militantes dentro MST, enquanto os deputados governistas buscavam denunciar a falsidade na montagem dos dados da comissão e situar a situação do campesinato brasileiro sob uma política de violência e má distribuição de terra.

A sessão estava agendada para iniciar às 14h, no Anexo II da Câmara dos Deputados. Na ocasião, cheguei anteriormente pois não estava ainda habituado com o ambiente legislativo. A plenária possui diversas salas, cada uma com suas programações, inclusive com outras CPI que estavam em curso naquele momento, como a CPI das Lojas Americanas, CPI da manipulação de resultado em partidas de futebol e a CPI sobre as pirâmides financeiras. Cada uma destas com seu próprio núcleo de debates e disputas. Porém, é seguro dizer que a CPI do MST era a que mais atraía atenção pública naquele momento. Quando cheguei na plenária, os deputados ainda não estavam presentes. Os jornalistas começavam a chegar ao local e os servidores da Câmara dos Deputados estavam testando os equipamentos e o vídeo de uma diligência que seria apresentada nesta seção. Desta forma, já pude ter uma amostra inicial das imagens do vídeo que seriam apresentados. Os repórteres também ficavam na entrada,

---

<sup>12</sup> Uma diligência, no contexto da CPI, se refere a uma visita feita pelos deputados para averiguar um ponto de interesse do que está sendo investigado. No caso da CPI do MST, a bancada ruralista aprovou algumas diligências para visitar assentamentos do MST e procurar comprovar uma tese de que os militantes do movimento vivem em situação de miséria.

buscando entrevistar os deputados logo na sua chegada, enquanto outros se acomodavam e preparavam seus computadores para tomarem notas. Cerca de meia hora antes do início da sessão, os deputados começaram a chegar à plenária. Havia uma nítida distribuição que concentrava os deputados governistas em um canto, enquanto os ruralistas ocupavam cerca de dois terços das cadeiras disponíveis. Antes da reunião iniciar, os deputados dialogavam bastante entre si e com o presidente da CPI, buscando fazer negociações antes do início oficial da reunião, que começou cerca de 14:30, com quórum de 21 deputados.

O primeiro ponto de debate foi uma inversão da pauta. A previsão era que a sessão começasse com a escuta do ex-diretor do INCRA, porém o relator, Ricardo Salles, propôs que o primeiro ponto da pauta fosse o relatório da diligência feita por ele e outros deputados aliados seus. Tal relatório, conforme acusavam as deputadas governistas, era uma peça produzida contra o MST. A bancada ruralista, por sua vez, tinha interesse em dar destaque a esse material produzido por eles. Apesar de todo o debate, ao ser colocada a proposta em votação, os ruralistas não tinham como ser derrotados, devido a composição majoritária da comissão.

No vídeo apresentado pelo relator, acerca da diligência realizada, os deputados entraram em barracas de militantes que não estavam presentes no momento da visita e também entrevistaram uma moça que afirmava ser a proprietária da terra ocupada e afirmava ter sido coagida pelo movimento social a ceder suas terras em troca de dinheiro. Além da acusação de terrorismo que buscavam colar ao MST, o principal argumento dos ruralistas nessa ocasião era afirmar que os acampados viviam em condições piores que as condições de trabalhadores em trabalho escravo. A alusão ao trabalho escravo não é por acaso, visto que, como já foi mencionado, havia naquele momento diversas denúncias sobre presença de trabalho escravo em latifúndios no Brasil. Por outro lado, os deputados governistas denunciavam que o relator havia montado o vídeo e seu relatório de forma a propositalmente omitir informações para criar um cenário de acusação contra o MST.

Às 16:37 o debate sobre a diligência foi encerrado de modo a dar início à audiência com o ex-presidente do INCRA. Ele foi recebido como convidado<sup>13</sup> pela CPI

---

<sup>13</sup> Existe uma diferença importante entre testemunha e convidado no âmbito de uma CPI. Enquanto o primeiro tem dever legal de comparecer e de dizer a verdade, o segundo é facultado a decisão de

(em oposição a convocação como testemunha) e havia uma nítida satisfação do relator em recebê-lo. Sob o argumento de uma racionalidade econômica, Graziano Neto defendeu a suspensão dos assentamentos e do processo de reforma agrária no Brasil, pois, segundo ele, haveria muitas irregularidades e o retorno econômico dos assentamentos era baixo. Segundo o deputado Ricardo Salles, a apresentação do ex-presidente do INCRA comprovaria dois pontos: que não faria sentido ter Reforma Agrária no Brasil e que estaria demonstrado “matematicamente” a suposta ausência de eficiência econômica dos assentamentos (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023b).

O argumento voltaria a ser debatido ainda na sessão que teve como convidado o ex-reitor e professor da Universidade de Brasília (UnB), José Geraldo de Sousa Junior. Segundo o convidado, a utilização de uma lógica unicamente mercantilista para avaliar a necessidade ou não de Reforma Agrária e, portanto, do movimento social e de seus militantes, era insuficiente - “a vida não está subordinada a um jogo contábil de contrapartidas de entradas e de saídas” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023b). A defesa do ex-reitor, era que a análise feita pelo relator, além de incorreta, deixava de considerar

**[...] a produção de uma riqueza social que se mede em vida, que se mede em bem-estar, que se mede em moradia, que se mede em titulação, que se mede em capacidade de se emancipar para não ser subordinado à espoliação de ninguém ou à exploração de ninguém ou à opressão de ninguém. [...] Eu diria que são opções. A eficiência se mede pelo conjunto de partidas de contabilidade de um orçamento que, depois, é até secretamente movido, não é isso? Ou se mede pelas vidas que são realizadas com a dignidade da moradia, do trabalho.** Essas pessoas não querem jatinhos, não querem jet skis, não querem viajar para Cannes, não querem viajar para a Disneylândia, na Flórida. Essa gente quer ter um lugar para trabalhar, quer ter uma escola para os seus filhos. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023b, grifos meus).

Há duas perspectivas de sociedade em embate nessa situação, uma que opera pela eficiência e outra pela dignidade de vida. Ao que voltamos ao objetivo da noção de saúde e de cuidado que vem sendo tratada nesta tese. Saúde é oferecer dignidade aos seres humanos. As trajetórias dos militantes que são apresentadas nessa tese mostram como a trajetória do MST é avaliada não pelos ganhos econômicos e sim pelos ganhos

---

comparecer ou não e não presta compromisso formal de dizer a verdade.. As CPI usam essas categorias conforme o papel que a pessoa tem na investigação e o direcionamento político das sessões..

subjetivos e coletivos alcançados. Em entrevista recente, Ayala Ferreira, membro da Direção Nacional do MST, fez pronunciamento semelhante:

O assentamento, na nossa perspectiva, não é apenas um espaço de realização econômica. Do ponto de vista de produzir alimentos, ir para o mercado, vender, etc. **O assentamento tem, obrigatoriamente, que ser um espaço de cultivo de afetos.** Como é que você cultiva afetos se você não tem famílias instituídas dentro daquele território? É limitado. (FERREIRA, LOERA e ROLEMBERG, 2025, p.6).

Sobre o argumento da eficiência, José Geraldo ainda defendeu que “a eficiência é uma operação de contabilidade” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023b), no sentido de que o deputado Ricardo Salles não levava em conta aspectos não puramente mercadológicos das motivações dos Sem Terra. Os deputados governistas argumentaram ainda que a apresentação utilizada pelo deputado relator deixava de considerar a situação de vulnerabilidade no qual os camponeses já se encontravam anteriormente e também que não se deve avaliar apenas os custos, comparando com subsídios dados ao agronegócio e que não estão presentes nos assentamentos.

Próximo ao fim da CPI, ocorreu uma mudança na balança de forças. A oposição ao governo federal perdeu sua maioria na composição do colegiado da CPI devido a negociações entre o governo federal e a ala conhecida como centrão. Uma grande derrota da bancada ruralista na CPI foi o encerramento sem a votação do relatório final, redigido pelo deputado Ricardo Sales.

O relatório final apresentado pelo relator ao fim da CPI, mas não votado, propunha retomar um Projeto de Lei que classifica a luta social como terrorismo. O texto da proposta caracterizava enquanto “ato de terrorismo a invasão armada de terras particulares, terrenos, lotes, casa ou imóvel rural, com intensão de ser o futuro proprietário, praticada com violência ou grave ameaça, mediante concurso de mais de duas pessoas”.

Em nota do MST (2023b), divulgada em 21 de setembro, o relatório foi criticado por apresentar diversas fragilidades e inconsistências. Na manifestação do movimento, a CPI funcionou por seis meses sem apresentar contraditório e teve como relator um deputado com nítidas posições contrárias à atuação do MST. Segundo a nota, o relatório buscou criminalizar a luta pela terra e a atuação dos militantes, inclusive incluindo um

PL que classifica a luta social como terrorismo. Por fim, o MST reafirmou a importância da reforma agrária e da luta pela terra em um país onde ainda existe fome e concentração fundiária.

Ao longo da CPI, o MST impulsionou a *hashtag* #tôcomMST em redes sociais como Instagram e Twitter (posteriormente transformado em X). O final da CPI coincidiu com a Marcha das Margaridas, uma manifestação de camponesas contra a violência contra as mulheres do campo e da floresta e pela reforma agrária. No canal de divulgação do movimento no aplicativo Telegram, foi transmitida uma foto na qual Jericó, de setor de saúde do Ceará, aparece com a bandeira do MST e com um cartaz com *hashtag* utilizada pelo movimento. E, com foco na busca de dignidade como forma de cuidado, passo agora a discussão das trajetórias de um grupo de quatro militantes que exerciam suas atividades no Escritório Nacional em Brasília em 2022.

A abordagem da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do MST no primeiro tópico do Capítulo 2 se justifica por sua importância tanto metodológica quanto conceitual para a construção da tese. Do ponto de vista metodológico, a CPI representou uma nova via de acesso ao objeto de estudo, oferecendo um recorte político e temporal preciso para examinar as reações coletivas do movimento diante de investidas externas. O acompanhamento dos trabalhos da comissão — mesmo que à distância ou em momentos presenciais pontuais — possibilitou observar, em tempo real, os esforços de criminalização que afetam diretamente a saúde e a legitimidade social dos militantes.

No plano conceitual, a CPI se configurou como um espaço de embate simbólico sobre a imagem e a atuação do MST, com tentativas explícitas de desqualificar suas ações e enquadrar sua luta como prática terrorista. Considerando que a tese entende saúde como a capacidade de resistir e construir dignidade, os ataques vindos do centro do poder federal, que buscam desmobilizar e corroer a utopia dos militantes, tornam-se objeto essencial de análise. Esses ataques incidem diretamente sobre os sonhos e os legados que sustentam a atuação cotidiana dos envolvidos. A comissão revelou, com nitidez, o confronto entre dois projetos de sociedade — um centrado na lógica da eficiência econômica e outro na valorização da vida digna — evidenciando como a criminalização da luta pela terra compromete a segurança e a existência dos militantes em diversas regiões do país.

Ao explicitar as estratégias de deslegitimação e os efeitos da criminalização sobre a imagem pública do MST pretendo demonstrar como o que está sendo atacado é também o reconhecimento social dos militantes na sociedade e, conseqüentemente, realizando um ataque contra a ressignificação das experiências de exploração e das novas capacidades adquiridas ao ingressar em um coletivo. Nesse sentido, a conquista da dignidade, algo tão central na discussão sobre saúde do MST é fator importante para compreender como as estratégias de deslegitimação incidem sobre os militantes e seu bem-estar.

Os militantes que atuam no Distrito Federal, apresentados na próxima seção, estão na linha de frente das articulações políticas e enfrentam, cotidianamente, o peso emocional e físico de sustentar o movimento em contextos muitas vezes adversos. A CPI exemplifica as pressões externas e as exigências por resultados que recaem sobre esses militantes, vindas tanto de opositores quanto de suas próprias bases. Nesse cenário, é relevante compreender as estratégias de cuidado que eles desenvolvem, capazes de transformar sentimentos como medo, raiva e exaustão em energia e propósito para a ação coletiva. A discussão sobre a CPI, portanto, funciona como pano de fundo para aprofundar a compreensão de como as dimensões afetivas e emocionais são fundamentais para o engajamento político e para a construção compartilhada de dignidade dentro do MST.

## 2.2. Fazer o MST no Escritório Nacional

Durante a etapa de Brasília desta pesquisa, tive menos oportunidades de compartilhar atividades cotidianas com meus interlocutores. No entanto, graças ao engajamento que construí junto aos integrantes do movimento em Fortaleza e a abertura dos militantes apresentados a seguir, pude circular e dialogar com os membros do MST que atuavam no Escritório Nacional em Brasília em 2022. O que apresento a seguir foi compilado principalmente em conversas ocorridas no Escritório Nacional. Nos tópicos a seguir, busco apresentar as trajetórias e reflexões de quatro militantes do MST que atuam no Escritório Nacional em Brasília ou na Via Campesina<sup>14</sup>. Por meio de suas histórias pessoais e experiências de militância, é possível compreender como se articulam as dimensões individuais e coletivas do engajamento político, bem como os

---

<sup>14</sup> A Via Campesina, fundada em 1993, é um movimento internacional de camponeses que atua fortemente em campos como agricultura camponesa em prol da soberania alimentar.

desafios e motivações que permeiam a atuação no movimento. Os relatos evidenciam não apenas aspectos da organização interna do MST, mas também as complexidades da militância em um contexto de articulação política nacional.

A primeira militante apresentada será Amburana, que foi também a militante que me recebeu em Brasília quando cheguei a esta cidade. Ela é cearense e já conhecida de muitos dos militantes com quem trabalhei em Fortaleza e que foram apresentados no capítulo anterior. Em seguida, apresento dois militantes pernambucanos, casados, Saccharino e Crassiflora, que também possuem uma longa trajetória no MST, tanto no Brasil como internacionalmente. Por fim, trago a trajetória de Aroeira, uma militante sulista que, no curso desta pesquisa, exercia suas tarefas na Via Campesina, no Distrito Federal.

### 2.2.1. Amburana - “você não está indo só, você está indo com o coletivo que está cuidando de você também”

Meu primeiro e principal contato com o MST em Brasília foi por meio de Amburana. Ela é cearense e compartilhou diversos espaços de militância com alguns de meus interlocutores na primeira etapa da pesquisa, como Jericó, Coroatá e Bromélia. Durante nosso contato, Amburana estava militando no Escritório Nacional do Movimento, em Brasília, e compunha a Coordenação do Setor de Produção do MST na capital federal.

A entrevista que fiz com Amburana ocorreu no Escritório Nacional, em agosto de 2022. Iríamos almoçar juntos, mas ela e outros militantes com quem estava chegaram de suas atividades já próximo ao meio da tarde, quando então foram almoçar. Participei da conversa do almoço de vários militantes que lá estavam. As conversas falavam sobre filhos, estudos e sobre a agenda de atividades que teriam ao longo daquele dia. Nessa conversa, ela me apresentou como um antropólogo que estava investigando a saúde mental no MST. De forma jocosa e amistosa, os militantes falaram que as pessoas ali no MST havia “muita gente doida”. As brincadeiras desse tipo são recorrentes ao anunciar o tema de minhas pesquisas, quando estou à vontade com meus interlocutores. Entendo que essa brincadeira é também uma forma de reconhecimento de um tema que circula



correntemente. Nossa entrevista iniciou após o almoço, quando todos saíram e ficamos apenas eu e Amburana na sala, onde havia uma grande mesa e alguns livros em estantes no local.

Amburana integra o MST desde 1994 e no momento desta pesquisa estava na coordenação nacional do setor de produção. Uma questão compartilhada foi a saudade que sente de estar em seu assentamento onde conquistou terra, mas que segue em Brasília para cumprir com as tarefas que lhe foram designadas. Durante nossa relação, ela relatou como geralmente se espera a presença de mulheres nos setores de gênero, saúde e educação, mas não no de produção. Às mulheres ficaria o cuidado e aos homens a política e economia. Uma das materializações da mudança nesta lógica é que Amburana e outras militantes fazem parte de um movimento que dentro do MST vem desenvolvendo uma política de paridade na coordenação dos setores.

Nossos encontros para esta pesquisa aconteciam em alguns dos seus espaços de militância, como o próprio escritório do MST e nos eventos que ela representava o movimento, como por exemplo o lançamento do “Dicionário de Agroecologia e Educação” na Universidade de Brasília, em agosto de 2022, como parte da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. Nos momentos que estive com ela no Escritório Nacional, Amburana foi me apresentando para quem chegava como alguém que estava junto ao MST fazendo uma pesquisa devido ao doutorado em Antropologia.

Um ponto central da minha relação com Amburana foram as reflexões sobre o que mantém uma pessoa na militância, apesar das dificuldades. Ela enfatizou algumas vezes a importância da motivação pessoal, das condições oferecidas pelo movimento e do reconhecimento do trabalho realizado, de forma simultânea. Pretendo passar por esses três pontos ao longo deste tópico.

Amburana cresceu na região do sertão de Crateús, próximo à divisa entre os Estados do Ceará e Piauí. Mesmo com pouco acesso à educação formal, ela exerceu a função de professora municipal, então como “professora leiga”. Por mais que não tivesse completado o ensino fundamental naquele momento, enquanto concluía seus estudos, ela exercia a docência de forma a lidar com escassez de escolas no município. Nesse sentido, ela entende o início de sua militância por volta dos 16 anos, primeiramente na igreja católica e depois como professora municipal.

Como professora, Amburana fundou e compôs um sindicato, após uma disputa com o prefeito, e construiu um grupo de educação de jovens e adultos. Este grupo foi influenciado por uma militante do MST que estava na cidade e havia trabalhado com Paulo Freire em São Paulo e foi por meio da experiência docente que Amburana conheceu e se aproximou do MST. Vários dos militantes com quem dialoguei no Ceará, e que vieram da região de Crateús, foram alunos de Amburana nesse período. A partir desse primeiro contato veio o convite para integrar o Movimento Sem Terra. Também já surgiu anteriormente como a presença de militantes em migração para diferentes estados é importante para a efetivação da nacionalização do MST (LERRER, 2008). O convite ocorreu por volta de 1992-93, embora, segundo Amburana, ela tenha começado a participar gradualmente em 1994-95, se envolvendo completamente em 1996 e 1997, quando assumiu seu primeiro papel significativo de liderança, ao coordenar seu primeiro acampamento estadual.

O acampamento ao qual Amburana se refere foi um acampamento urbano, na capital cearense, e que ficou conhecido como Acampamento Bezerra de Menezes e marcou a história do MST no estado do Ceará pelo confronto que lá ocorreu, em um evento que ficou conhecido pelos militantes como “Cercos da Bezerra de Menezes”. Essa foi a primeira mobilização estadual do MST no Ceará, em dezembro de 1997, e foi um episódio marcante no estabelecimento do Movimento Sem Terra nesse Estado. Os Sem Terra acampavam em frente à sede da Secretaria de Desenvolvimento Rural e reivindicavam do Governo do Estado, na avenida Bezerra de Menezes, a liberação de projetos de reforma agrária. O episódio que levou ao nome do evento ocorreu quando a polícia impediu a entrada ou saída de pessoas do local, inclusive para entrega de água ou alimentos, o que gerou conflitos e embates entre camponeses e polícia. O episódio foi registrado em um mini documentário chamado “Dia do Cerco”, que inclusive contém entrevistas com Amburana (GIRÃO e PONTE, 2015). Apesar de o episódio ter sido marcado por confrontos e por uma atmosfera de temor, também levou a uma mobilização de solidariedade aos militantes presentes no local e resultou em tornar-se, para o MST no estado e para os militantes que lá estavam, como uma celebração da resistência. No capítulo anterior, Coroatá se perguntava como explicar que diante de momentos de grande repressão, haja um crescimento no número de militantes e na força do MST. Sua resposta era de que as pessoas que aderem ao Movimento o fazem por compartilhar em sua própria compreensão de pessoa como algo essencial a se fazer.

Amburana, traz essa motivação pessoal, junto às condições materiais para militar e o reconhecimento do trabalho feito como condições para a permanência nessa e em outras empreitadas.

Ao longo de sua trajetória dentro do MST, Amburana passou pelo Setor de Educação, depois passou para Relações Públicas em Fortaleza em 1997-98, onde também começou a acompanhar o processo de produção. Em 1999, assumiu responsabilidades no setor de produção, eventualmente tornando-se parte da direção nacional pelo estado, e depois parte da direção nacional do setor de produção. Ao longo dos anos, Amburana transitou para o setor de produção e eventualmente ascendeu à direção nacional do MST. Um aspecto que Amburana ressalta no trabalho de militância em Brasília, e que faz muita falta a ela, é a distância das bases do movimento.

O melhor de quando você está no movimento, é quando você é dirigente de base, por exemplo, dirigente das brigadas, dirigente de regionais, que você está muito em contato com o povo, muito, muito perto. É a melhor forma, pelo menos o que eu acho, de direção. É essa parte que está lá. Você tem muito contato e tal. Quando você vai para a nível estadual, aí você, para não desvincular, porque o movimento é muito isso da não desvinculação com a base, então você viaja muito para participar para acompanhar as atividades a nível regional e que possibilite você conhecer todos os assentamentos, todas as regiões a nível municipal. [...] Aqui, a nível nacional, é mais complicado porque você fica longe de tudo. Assim, você está longe do seu estado, da sua base. Você acompanha o processo por lá, no entanto, você está aqui, mas você não faz parte dessa instância de base aqui. Eu acompanho né, não é que eu não acompanho, eu acompanho muito. Mas isso é uma das coisas que mais me faz falta. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

Um aspecto que diferencia a militância feita no Ceará, a nível estadual em seu estado natal, e a realizada em Brasília, “a nível nacional” é o acréscimo de distância aos locais onde criaram seus vínculos iniciais com o MST. Os militantes que apresentei no capítulo anterior, por exemplo, estavam, em boa parte, em atividades de direção tais quais a que Amburana menciona aqui. São atividades de direção de brigadas locais ou direção estadual, que envolvem presença mais constante nos assentamentos e acampamentos, inclusive naqueles que são moradia dos próprios militantes. Porém,

possuem a possibilidade de visitar os assentamentos e de estar vinculados de forma mais constante aos seus territórios de origem.

Para os fins desta pesquisa, interessa entender como esse deslocamento para assumir as tarefas do movimento implica também uma espécie de sacrifício pela causa defendida, visto que deixa aquele que assume a tarefa “longe de tudo”. Ao mesmo tempo, essas tarefas aproximam os militantes de uma outra atuação e do desejo de influenciar os rumos daqueles que estão nos assentamentos e acampamentos.

Principalmente estando aqui em Brasília, que eu acho que é uma das piores coisas, é você sempre achar que não está dando conta da tarefa que foi destinada para você. É uma questão muito de achar que mesmo que você está fazendo, você está trabalhando, você está aqui se envolvendo, você está aqui. É, mas **você não depende só da sua atividade, da sua, você depende de um conjunto de outras coisas. Aí você fica com uma sensação que não, que não dá conta da tarefa. Por conta das atividades, das questões todas que tem.** E também as cobranças. Há muitas cobranças em torno da sua atividade por estar aqui. Cobrança do próprio pessoal dos estados que está lá, mas da gente mesmo se auto cobrando, né? Para dar conta das atividades de fazer. E, nesse período que eu estou aqui, que têm pegado quatro anos e meio, os piores períodos que eu vim para cá depois do golpe. Então eu vim para cá em 2018. Então eu já vim em pleno golpe. O golpe já consolidado, já rumo a eleição de Bolsonaro. E aí a gente não consegue fazer as negociações, as atividades que tinha antes. E, para o povo, precisaria ter. Até que a turma compreenda que nesse governo não tem negociação, que ele nem nos recebe. É uma coisa que demora ter conhecimento sobre isso e depois você fica bom. Eu vim para cá para ter uma tarefa, [...] você termina tendo outras discussões, outros acompanhamentos, mas não aquilo diretamente. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

Prosseguindo com as atividades em Brasília e a distância da sua base territorial, Amburana nos traz uma tensão entre expectativas e realidade no trabalho militante em nível nacional. Ela expressa um sentimento de inadequação e sobrecarga que é intensificado pelo contexto político adverso pós-golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff. O trabalho militante é afetado não apenas pelas demandas internas do movimento, mas também pelo cenário político mais amplo que pode frustrar objetivos e estratégias estabelecidas. Se geralmente os militantes já dependem de muitos

companheiros, aqui, as atividades da Amburana dependem também de atores externos e até avessos ao MST, como membros da política federal durante o governo de Jair Bolsonaro, após 2018. A cobrança por resultados é uma característica que pressiona sua atuação, inclusive a auto-cobrança. Há um vislumbre aqui do que ocorre com militantes que migram para realizar atividades e precisam ir criando bases para sua atuação, mas sem necessariamente deixar de responder aos seus vínculos originais.

Dentre as principais questões desta pesquisa, estão saber o que mantém uma pessoa nas atividades de militância, com uma dedicação totalmente ou quase exclusiva. Alguns motivos levantados na literatura sobre MST e militância de uma forma mais geral são a socialização institucional ocorrida dentro do movimento social e um “habitus militante”, manifesto na incorporação de formas de falar, se vestir, se comportar (YON, 2005), o empoderamento alcançado na ação coletiva (CHAVES, 2000), a adoção de um “compromisso revolucionário” (LERRER, 2009) ou ainda a ressignificação de experiências individuais em coletivas (KAUSS et al, 2021). As respostas de Amburana e outros militantes nessa pesquisa, ao questionamento dos seus motivos de manutenção na militância passam, por diversos desses fatores.

Pois é, eu tenho me perguntado também sobre isso, o que que mantém, inclusive. E pra mim o que mantém é uma questão... porque não é nem uma questão econômica, até porque não tem ajuda de custo permanente, ajuda de custo alta. Portanto, não é uma questão salarial, mas é uma questão muito mais de.... eu poderia chamar, não sei se a palavra certa seria a segurança ou reconhecimento, eu não sei. Esse espaço que você se sente útil, você se sente, sabe que está fazendo alguma coisa. Que tá... Que está fazendo alguma coisa para mudar, tá fazendo alguma coisa para acontecer. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

A referência a sentir-se útil é recorrente na trajetória de militantes. Em pesquisa sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Boulos (2017, p.50) percebeu como o sentimento de sentir-se útil era fortemente ligado a uma forma de cuidado em saúde mental e era obtido por meio da cooperação dentro do movimento social. No próximo capítulo, Pequi falará do movimento como algo capaz de gerar resultados na vida da comunidade onde se vive em uma forma de combater a alienação do trabalho.

É pela importância que tem o reconhecimento mencionado por Amburana, que reforço que os acontecimentos da CPI do MST são relevantes para entender o que mantém os militantes no movimento social. A CPI buscou, aparentemente sem sucesso, minar esse aspecto de contribuição social, reduzindo a ação social a uma lógica individual e descontextualizada. Conforme anunciado anteriormente, Amburana elaborou a permanência na militância em torno de três aspectos: motivação pessoal, condições de militar e reconhecimento.

Eu sempre tenho dito que a gente tem 3 questões importantes que fazem a gente participar das coisas. Primeiro é você ter motivação, você está motivado para fazer aquilo, para ir para aquilo. Ter incentivo, ter ânimo, ter, sabe, alguém tá ali conversando e tal, você ter um... é, satisfação. Tem uma questão importante de dar, de estar ali, de você estar motivado para participar daquela coisa e tal. Um outro elemento são as condições de você fazer isso, e eu digo, às vezes que eu nem condição econômica. Mas, assim, é você ter decisão que o coletivo define que você faz isso, e que lhe dá proposição de você fazer, de lidar, sabe? Combina tentar casar o seu tempo familiar ou de saúde, ou de condição que você tenha com aquela necessidade da atividade, portanto, assim você adquirir essa condição dentro do movimento e com os limites que você tem com as necessidades você conseguir ser militante naquilo que você consegue fazer, que tem disposição. [...] Um terceiro elemento da participação, é você ver o resultado disso. E o resultado às vezes nem é pessoal. Às vezes o resultado é coletivo. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

A busca aqui é por entender o engajamento de longo prazo. É particularmente relevante como Amburana articula que os resultados não precisam ser necessariamente pessoais, mas podem ser coletivos. Esta distinção é central pois sugere que as justificativas para continuar passam por aspectos coletivos, por mais que as transformações na vida pessoal não sejam nada pequenas. De certa maneira, é possível afirmar que uma trajetória militante envolve mesclar o coletivo e o individual. A militância é uma interação entre fatores subjetivos (motivação), objetivos (condições) e práticos (resultados). No que diz respeito às condições para realizar ações, trata-se justamente do que venho falando como uma abertura de depender de muitos. As condições para realizar tarefas, além do aspecto econômico, passam pela possibilidade de inserir-se em uma rede de cuidados, na qual o cuidado com familiares possa ser compartilhado. No caso de mulheres que sejam mães, é comum que tal cuidado,

materializado principalmente no espaço das cirandas infantis, seja essencial para que elas possam exercer suas atividades.

Para entender a elaboração sobre a motivação pessoal, entendo ser importante ressaltar que, para Amburana, ser militante é uma escolha, em oposição a nascer na classe trabalhadora. Escolher a militância implica em uma vida dirigida por decisões coletivas, o que traz tanto desafios quanto um senso de propósito e utilidade. Por sua vez, nascer como alguém da classe trabalhadora a coloca em condição precária e, não menos importante, como um sujeito sem influência histórica e política. Não à toa que recorrentemente o processo de formação no MST fala sobre transformar os camponeses em sujeitos do processo histórico.

Ser da classe trabalhadora, você não escolhe se vai nascer na classe trabalhadora. Agora você ser militante de uma organização da classe trabalhadora, você escolhe. Você pode ser um trabalhador normal, conduzir sua vida lá. Mas você escolhe ser militante, então isso é uma questão de escolha. Só que quando você entra nesse processo da militância que você tem noção do que que é isso que passa, a sua vida, passa a ser dirigida por um coletivo assim, não é? E não é você que define as coisas diretamente da sua vida. Eu não posso definir que eu vou embora para o Ceará amanhã, porque eu vou permanecer aqui. Eu posso manifestar a minha vontade, ou eu posso definir, 'não, eu não topo essa tarefa porque eu não quero ir para Brasília, quero continuar aqui'. Aí eu não assumo a tarefa, não é, e permaneço na minha atividade lá, mas se eu topo assumir a tarefa e o movimento tem como condição de vir, então eu tenho que vir por uma decisão coletiva. Então é muito uma condução coletiva do processo da sua vida. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

Ao fazer a escolha da militância, sua vida passa a ser dirigida por decisões coletivas. Como Amburana descreve, o sujeito não pode decidir individualmente partir ou fazer grandes mudanças de vida independentemente - deve-se trabalhar dentro do processo de decisão coletiva. As escolhas passam a não ser puramente individuais. Porém, tal oposição entre liberdade e coletivo merece um adendo. Conforme demonstrado na trajetória de Amburana e dos outros interlocutores desta pesquisa, mesmo antes do engajamento mais intenso ao movimento social, as possibilidades de liberdade individual desses sujeitos eram extremamente limitadas. Partindo da reflexão, fundamentada nas trajetórias dos Sem Terra, que a liberdade só pode ser exercida se

houver condições suficientes para o exercício da liberdade (BUTLER, 2016, p.14), os sujeitos que compõem o MST experimentaram um grau intenso de submissão não apenas de si como de outras gerações de suas famílias a outras classes sociais. A ideia de uma troca por uma vida totalmente livre por outra tomada pelo coletivo não seria coerente, visto que a maior parte dos militantes, como sujeitos de uma classe trabalhadora, não possuía tal liberdade para guiar sua vida de acordo com seus próprios desígnios.

Caminhando para outro aspecto de permanência no MST, Amburana falou das condições que o movimento proporciona. Aqui, ela fala sobre a dedicação não ser apenas doação ao coletivo, mas também um processo de retroalimentação. Amburana abordou as condições oferecidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) aos seus militantes de várias maneiras ao longo da entrevista.

Ao relatar sua trajetória, Amburana conta como o MST não só empregou sua dedicação para a docência, mas como incentivou e buscou dar condições e propósitos para continuar sua educação formal. Amburana graduou-se em Serviço Social, com um trabalho sobre a titulação dos assentamentos de terra no Ceará. Amburana também falou sobre a oportunidade de transitar entre áreas diferentes do movimento e em diferentes regiões do país. No Ceará, Amburana estava assentada e ao ir para Brasília, conseguiu também um local de moradia na zona rural da capital federal, onde pôde manter suas atividades de subsistência e lazer. Em outros momentos, Amburana fala sobre as mudanças nas formas de militar, devido ao seu perfil de atuação, mas também devido a sua idade.

Eu digo que isso é uma condição, é... eu poderia não ser mais militante do movimento, porque eu estou com 58 anos. Já tenho algumas dificuldades que me limita de algumas coisas, mas, no entanto, o movimento vai dando condição para mim permanecer na militância com outras questões. Assim você não é obrigado a marchar o tempo todo no movimento, tendo essa idade. É claro que eu vou, né? Mas você tem todo um cuidado, uma orientação também sobre isso. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

Ou seja, para Amburana, as condições suportadas pelo movimento dizem respeito a sua capacidade de acomodar diferentes níveis e tipos de participação. Assim como Bromélia, no capítulo anterior trazia que era essencial para o MST acolher



diversos perfis de militantes, no que dizia respeito às atividades e ritmos, Amburana trouxe essa questão ao falar sobre sua idade e condição física. A flexibilidade organizacional permite a continuidade do engajamento político mesmo quando as condições físicas ou pessoais se alteram, evidenciando uma abordagem que valoriza a experiência e o compromisso de longo prazo de seus membros, ao mesmo tempo que reconhece suas necessidades individuais.

Atuar como militante possui custos emocionais, sociais e físicos. Para exemplificar, trago uma fala de Amburana que surgiu a partir de uma conversa dela com outros militantes sobre ter ou não filhos e como os ter dentro da militância.

Eu não sou mãe, eu não tenho filhos. Adiei muito isso desde o começo, quando eu entrei na militância, hoje não vou ser mãe solteira. Nem quero me casar agora para ninguém controlar a minha vida, mas também não vou ser mãe solteira pra minha mãe cuidar dos meus filhos. Então, vou adiando. Vou ter com 30 anos, 35 anos e tal, e depois, quando eu fui ter, não consegui. Mas não sou frustrada por isso. Eu não tenho filhos e **acho que também sou muito cuidada pela própria militância mais nova, pela turma. Então isso é uma outra satisfação que você encontra o resultado naquilo. Como que... você também é cuidado. Cuida e é cuidado.** Isso também é interessante. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

Em alguma medida, a fala de Amburana retoma aspectos já levantados no capítulo anterior, como as experiências de Bromélia e de Jericó com a maternidade e de como isso dialoga com sua militância, ora como cobrança por maior dedicação, ora como um cuidado compartilhado. Outro aspecto possível de ser retomado é aquele que aborda o MST como um ambiente de relações familiares e de cuidado.

A decisão de Amburana de adiar a maternidade demonstra como as escolhas pessoais são profundamente afetadas pelo compromisso com o movimento. No entanto, é notável como ela ressignifica essa experiência não como uma perda, mas como uma forma diferente de cuidado e conexão social. As relações dentro do movimento podem criar laços afetivos que substituem ou complementam as estruturas familiares tradicionais. Esta dinâmica de "cuidar e ser cuidada" é algo cultivado nos assentamentos e acampamentos, assim como nas formações do movimento. O mais interessante, porém, é entender os modos como esses aspectos tomam forma.

O sentimento de cuidar e ser cuidada, evocado por Amburana, funciona como uma síntese do argumento central que atravessa esta tese. É precisamente a vivência no coletivo, com suas tensões e possibilidades, que possibilita o desenvolvimento da capacidade de resistir e de lutar. No contexto das construções políticas e afetivas do MST, é essa potência que define o sentido de saúde: não como ausência de sofrimento, mas como a força para sustentar a dignidade e seguir em movimento.

Apesar dos desafios, Amburana sugere que o outros dos aspectos que mantém uma pessoa na militância é um senso de propósito e utilidade. É recorrente a menção a uma satisfação em contribuir para uma causa coletiva, que seja maior do que os anseios individuais. A permanência, portanto, parece estar intrinsecamente ligada à crença no impacto positivo que o trabalho do militante pode ter na sociedade e na vida das pessoas que o movimento representa. Impacto esse que é atacado frontalmente ao tentar-se anexar o rótulo de terrorista aos sujeitos que compõem esse movimento social.

O reconhecimento também pode ser percebido na confiança depositada em Amburana para coordenar atividades importantes. Ressalto, novamente, que meus interlocutores são pessoas que, na maior parte das vezes, se viam como sujeitos sem capacidades de produzir efeitos sociais significativos anteriormente ao seu ingresso no MST. Logo, ao se verem causando efeitos em comunidades inteiras, esse sentimento gera um reconhecimento que aparenta ser inédito em suas trajetórias. Amburana fala da sua experiência como líder de um acampamento no MST no Ceará, ou também de estar em universidades, palestrando ao lado de pessoas com trajetórias de estudo e trabalho muito diferentes das dela como algo transformador.

O outro lado da moeda, ao pensar em permanência no MST, seria a possibilidade de deixar o movimento e quais motivos levariam a isso. Também questionei Amburana sobre essa possibilidade.

Eu nunca tive vontade de me afastar do movimento, de sair do movimento. Mas eu já convivi com outros militantes que se afastaram. Militantes que não aceitavam o jeito de ser do movimento e que, portanto, resolveram sair porque não concordavam. Ou saíram ou o movimento afastou. Mas eu mesmo, eu nunca tive vontade de me afastar do movimento, assim, de sair de vez do movimento. Às vezes eu tenho vontade de ficar um pouco mais no assentamento, sabe? De produzir e de organizar

por ali, do que estar no dia a dia assim. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

A adaptabilidade percebida por Amburana parece ser essencial para a sustentabilidade do compromisso militante a longo prazo. Ela permite que os integrantes do movimento ajustem a intensidade e o tipo de sua participação sem romper o vínculo com a coletividade. Ao mesmo tempo, essa flexibilidade revela um aspecto que esta pesquisa não conseguiu explorar com profundidade: o caso daqueles que se afastam por não aceitarem o “jeito de ser do movimento”. Até aqui, esse “jeito de ser” tem sido compreendido como uma articulação entre o coletivo e o individual — ora percebida como união, ora como submissão. A forma como cada militante interpreta essa relação pode ser decisiva para distinguir dois perfis: os que permanecem e os que se afastam. Essa adequação a um modo de operar é também, para os interesses desta pesquisa, a adesão a um modo de cuidado que inclui necessariamente estar também disponível para cuidar dos outros que militam com o sujeito. Retomando a discussão de Tronto (1993), trata-se de não ser viável negligenciar o cuidado ao participar ativamente do MST.

As reflexões de Amburana também contribuem para outro aspecto. Trata-se de uma perspectiva sobre como os militantes do MST lidam com o medo, a violência e a falta de segurança em algumas de suas atividades. Amburana destaca um contraste interessante: enquanto os familiares, especialmente os pais, vivem em constante preocupação com a segurança dos militantes, os próprios militantes experimentam uma relação diferente com o medo.

É muito mais grave pros pais do militante do que para os militantes que estão no dia a dia. A gente tem uma adrenalina tão forte que a gente não consegue isso...perceber que a gente pode perder o companheiro ou a gente mesmo pode morrer. A gente nem se toca com isso, só que os pais da gente sofrem muito. Por exemplo, eu lembro que assim que eu vim para o movimento, eu cheguei em casa, onde a mãe estava chorando, desesperada porque uma irmã, uma irmã da igreja, tinha ido lá, porque eu era animadora da igreja e eles não queriam que eu sáisse para vir para o movimento. Aí foi dizer para a mãe assim ‘você pode esperar que você vai receber ela dentro de um caixão, quando vai para o movimento é isso, vai receber morto’. Aí, cheguei e a mãe estava desesperada. [Eu disse] mãe, deixa de ser besta, mãe. Morrer a gente morre em todo o canto, mas se preocupe não’. **A gente não está provocando para**

**morrer. A gente é cuidado e a gente cuida para não acontecer isso** e, se acontecer, todo mundo morre, mas é muito isso, mas a gente mesmo. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

Amburana relata, inclusive, que as ameaças a sua vida não iniciaram no MST, “Quando eu estava no sindicato, eu fui ameaçada por filho de prefeito e de vereadores. E no movimento também você sente ameaça, você é xingado, tem algumas coisas que você recebe, se apanha da polícia”. A diferença descrita por Amburana se deve principalmente a dois fatores: primeiro, a "adrenalina" do trabalho cotidiano que faz com que os militantes nem sempre percebam os riscos imediatos; segundo, e mais importante, o senso de segurança proporcionado pelo coletivo.

Eu defendo muito a prudência. Não estou defendendo a covardia. **Eu defendo a prudência, a arte da prudência. Você tem que ser cuidadoso, prudente, entrar com mais segurança, olhar bem, analisar bem antes de fazer as atividades para que você não coloque a vida da militância ou da própria base que vai em risco.** Então, eu sou muito cuidadosa e precavida nisso. A arte da prudência, assim como a arte da guerra. Para mim é importante analisar muito os cuidados para a gente não ser derrotado. Mas quando a gente entra, que vai lá e que têm enfrentamento, você não mede as consequências também assim. Você pensa bem, você cuida, mas quando a adrenalina sobe você vai. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

Como Amburana enfatiza, não se trata de ausência de medo ou imprudência, mas sim de uma segurança baseada no apoio mútuo e na organização coletiva. Ela defende o que chama de "arte da prudência" - um equilíbrio entre coragem e precaução nas ações do movimento, sempre priorizando a segurança dos militantes e da base. Porém, o receio da violência durante os conflitos existe. O acampamento que Amburana participou, no início de sua militância do MST, onde ocorreu o Cerco da Bezerra de Menezes, houve receio que se repetisse o que ocorreu no Massacre do Eldorado de Carajás. Ao ser questionada sobre o que fazer com o sentimento de perda e de medo, Amburana falou que quando ocorrem perdas, a resposta não é o medo paralisante, mas a revolta que se transforma em mais determinação para continuar a luta.

Perder um companheiro da gente na luta. Eu, para mim, por exemplo, eu não tenho um... eu não fico com medo, quando alguém nosso é assassinado. Eu fico... Eu choro

de revolta, eu posso ter raiva, ficar triste com a perda do companheiro ou da companheira, mas eu fico com muito mais revolta, com muito mais vontade de lutar a partir daquilo. É um negócio assim, bem estranho, você não.... eu não sinto medo porque eu sei que eu estou segura, eu estou cuidada também pelos outros, assim como eu cuido. Então você também não tem medo, que você não está indo só, você está indo com o coletivo que está cuidando de você também. (Entrevista concedida em agosto de 2022)

Quando ela afirma que não está "indo só", mas com um coletivo que cuida dela, Amburana fala da organização coletiva de forma que transcende a estrutura organizacional, tornando-se uma rede de proteção mútua. Este senso de segurança coletiva não elimina os riscos reais enfrentados pelos militantes, mas transforma a maneira como esses riscos são percebidos e enfrentados. A transformação destas sensações, inclusive, é parte essencial do que é o MST e, provavelmente, de outros movimentos sociais populares. Como exemplo para falar dos riscos da militância e da segurança coletiva, Amburana mencionou em nossas conversas o seguinte caso:

Eu estava vendo um menino [militante do MST] agora, dia desses que foi preso aqui. A polícia pegou ele. Eu fiquei preocupada com ele, aí que ele voltou. 'Não estava com medo não. Eu já sofri baculejo da polícia no meio das ruas, por ser negro, por estar lá. Eu sofri e como eu estava sozinho ali, eu tinha mais medo, mas aqui, que eu estava com o coletivo e que eu sabia que eu não ia ficar muito tempo na cadeia, porque se eu fosse preso, os advogados iam lá me tirar, a direção do movimento ia fazer isso, eu não senti medo, não. Quando eu estou lá, na minha favela, eu tenho medo que quando eles me pegam. Eu estou só, aí eu não sei se minha família vai saber, não sei se alguém vai cobrar, qual é a responsabilidade, se eles vão ser responsabilizados por mim, porque eu estou só. Aqui [com o MST], não fico com medo, não'. Eu, poxa, a força que tem você saber. Portanto, é isso que eu digo, é uma segurança. **É uma segurança de você saber que não está só. Que você está faz parte de um coletivo. Que se acontecer alguma coisa com você, que será cobrado.** (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus)

É particularmente interessante notar como essa perspectiva contrasta com experiências individualizadas de risco e medo. O apoio coletivo não apenas oferece proteção física, mas também proporciona um suporte emocional e psicológico que permite aos militantes enfrentarem situações de alto risco com maior confiança. Esta

dinâmica de cuidado mútuo emerge como um elemento fundamental da militância no MST, onde a segurança individual é vista como uma responsabilidade coletiva.

2.2.2. Saccharino - “MST pega esse bagaço e devolve a doçura, devolve a esperança, a vontade de lutar, a vontade de estar junto”

Saccharino tem uma trajetória bastante clássica e representativa do campesinato brasileiro e do Movimento Sem Terra. Pernambucano, da Ilha de Itamaracá, trabalhou em engenho de cana-de-açúcar, assim como seus pais. Dentro do MST, passou por diversas instâncias, dentro e fora do Brasil e, durante a escrita desta tese, trabalhava no Escritório Nacional e posteriormente veio a ocupar um cargo no Ministério do Desenvolvimento Agrário. Ele é um homem negro, pai de duas filhas e com cerca de 40 anos e com uma longa carreira pública em defesa do MST.

Conversar com Saccharino seguiu um padrão comum entre muitos militantes: a dificuldade de conciliar agendas. A sobreposição de atividades é uma constante entre os participantes desta pesquisa, que busca compreender como lidam com o cansaço, a exaustão e a sobrecarga. Ao longo da tese, já surgiram respostas a essa questão por meio da mística, do reconhecimento e do senso de responsabilidade com os outros. Saccharino acrescenta uma perspectiva fortemente marcada pela gratidão, especialmente em relação às transformações que vivenciou em sua vida e às novas possibilidades que se abriram para ele.

Nossas conversas precisavam de várias tentativas para ocorrer e eram interrompidas por diversas chamadas telefônicas ou presenciais para outras atividades. Porém, sua fala não era apressada de modo a finalizar a conversa mais rápido e passava a sensação de haver algum prazer em rememorar sua trajetória e em falar dos objetivos e cotidiano da militância.

Saccharino falou apaixonadamente sobre a militância no MST como um meio de “transformar vidas”. Conforme apresento a seguir, a partir de sua própria trajetória, ele descreveu a militância enquanto um meio de retomar a doçura do bagaço que os camponeses se transformavam ao ser explorados. Quanto à saúde e bem-estar,

Saccharino descreve o MST como um "colchão" que alivia problemas psicológicos e sociais, oferecendo suporte coletivo aos militantes

Adquirir consciência política é um termo chave na trajetória de Saccharino. Em sua etnografia sobre as primeiras gerações de militantes do MST, Lerrer (2008) analisou como a “formação de consciência” (*Ibidem*, p.30) era objeto da metodologia empregada pelo movimento para atrair e formar novos militantes. Também Chaves (2000) encontrou o convite a uma “nova consciência política e social”, mas dessa vez por meio da mística como meio de “trazer à consciência de seus membros” (*Ibidem*, p. 137). Ao contar sua trajetória, Saccharino relatou como teve, ao longo de sua vida, dificuldade de acesso à alimentação, ao sustento, de como parte grande de sua produção ficava com os donos dos engenhos e, depois, como até o pequeno pedaço de terra que possuíam, eles perderam. Segundo Saccharino, ele estava “contando essa história para localizar a dificuldade do que é produzir alimentos nesse país e a dificuldade de ter acesso à terra”.

Então, a situação de fome piorou muito. Mas eu não tinha nenhuma consciência de classe sobre isso. E só depois que eu, quando eu tenho uns 10, 11 anos de idade, que a minha mãe, doméstica em Recife, me leva para o Recife. Aí eu vou conhecer a escola pela primeira vez, aí eu vou ter conhecimento das coisas e vou conseguir... e sigo trabalhando lá junto com a minha mãe e voltando o tempo todo na Vila Velha, na minha comunidade. Daí eu conheci o movimento estudantil. Conheci um movimento estudantil através da formação de grêmios escolares, aí conheci as teses da luta de classe, o que é o explorado e o explorador, essa coisa toda. E a partir disso, então, eu fui tomando pé da situação, daquilo que a gente ouvia quando criança e daquilo que a gente viveu como criança e da injustiça que vivia nosso povo. Então é o movimento estudantil... quando eu fui mesmo para escola já me engajei. (Entrevista concedida em agosto de 2022).

Em consonância com os achados de Chaves (2000), a militância no MST produz um efeito de empoderamento no sentido em que a formação dos militantes “conduz à convicção de que ele, em conjunto com outros, é criador dos fatos” (*Ibidem*, p.111). A autora verificou isso por meio de um grande evento protagonizado pelo Movimento Sem Terra, que foi a Marcha Nacional, ocorrida em 1997, que foi um episódio que levou os camponeses a um ato de importância política nacional. Em sua fala, Saccharino trata, em outra escala, dessa transição de uma vida invisível para uma vida politicamente marcante. Sua tomada de consciência iniciou-se por meio do movimento

estudantil, e ganhou volume no engajamento junto ao MST, que lhe permitiu compreender sua situação não como algo inevitável, mas como parte de um sistema maior de desigualdades sociais. Por meio de marchas de protesto e cursos de formação, Saccharino foi se aproximando do MST e militando em suas fileiras, relacionando o que aprendia com sua experiência de vida.

E aí surge a ideia de fazer um curso chamado Realidade Brasileira, que era justamente estudar os clássicos brasileiros, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Milton Santos, a Geografia de Milton Santos. E aí a gente se aprofundou no estudo. Eu fui é... sem informação, sem graduação, eu fiz parte do primeiro curso de realidade Brasileira, que era um curso de pós-graduação. Para quem não tinha graduação, no meu caso, não serviu como pós graduação, mas **serviu muito para a minha formação como dirigente e como ser humano**. Então, a gente fez esse curso, o primeiro curso e depois a gente replicou eles nos vários estados. Inclusive, eu coordenei um na universidade federal de Pernambuco [...] Bom, aí eu saio desse curso, eu participo desse curso em Juiz de Fora, é sigo na militância da formação em Pernambuco e aí fui indicado pela direção de Pernambuco para coordenar o primeiro curso de técnico agrícola pelo PRONERA. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

A trajetória de militância de Saccharino é também uma de acesso à educação. Assim como no MST há essa noção de que conhecimento é prática como pilares inseparáveis, Saccharino segue aprendendo o que fornece novo sentido a sua experiência de vida. Mesmo quando os estudos não servem para um grau acadêmico, servem para sua “formação como dirigente e como ser humano”. Posteriormente, Saccharino viria ainda a concluir sua formação em nível superior. A valorização do conhecimento e da formação dos militantes, que mistura teoria e prática, é um elemento central na construção da identidade do MST e se manifesta também nas experiências de conflito e resistência.

Assim como Amburana relatou o episódio do cerco da Bezerra de Menezes, Saccharino rememorou com detalhes um episódio de conflito que teve ao longo de sua militância. Trata-se da ocupação de uma usina de açúcar, no interior de Pernambuco, em meados dos anos 2000. Assim como também ocorreu no caso de Amburana, a memória



do Massacre de Eldorado de Carajás era uma forte referência nesse episódio. A ocupação ocorreu durante o chamado Abril Vermelho, mês em que ocorreu a chacina.

Ao revisitar o episódio, Saccharino transita entre memórias de beleza e de medo. Ora ele define essa ocupação como “uma linda grande ocupação que virou um ícone nacional”, ora como “foi o despejo mais violento que eu já passei”. Saccharino descreveu o episódio como “era muita repressão, muita, não só do ponto de vista de material, de policiamento, cães e equipamentos, mas psicológica”. Como pretendo demonstrar nesta pesquisa, a motivação e o medo, união e enfrentamento, andam muito próximas na trajetória dos militantes.

A ocupação ganhava ainda mais notoriedade no momento em que aconteceu devido à concomitância com a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPI) da Terra, de 2005, que, de forma idêntica àquela ocorrida em 2023 e relatada nesta pesquisa, procurava definir a atuação dos militantes com atos terroristas e pressionar o governo federal. Por mais que as CPI ocorram em Brasília, elas têm influência sobre como militantes viverão suas experiências em cada território e sobre sua capacidade de angariar ou não apoio às suas causas. As disputas ocorridas nas CPI também são importantes para o que Amburana chamou de “reconhecimento do trabalho feito”. O reconhecimento em questão aqui, no caso, é social e reflete em como os militantes podem se apresentar diante da sociedade.

Fazendo jus ao destaque que Saccharino deu a este relato e entendendo que ele é importante na formação militante do meu interlocutor, trago aqui alguns detalhes do conflito que envolveu a remoção da ocupação na Usina. O cerco aos militantes iniciou-se às 9 horas da noite de um dia e foi até às 11 horas do dia seguinte. Assim, Saccharino nomeou esse período como as “13 horas de enfrentamento”.

O episódio começou com a Polícia Militar cercando o acampamento e fazendo sobrevoo de helicóptero. Muitas famílias que lá estavam iam ficando amedrontadas e sentindo efeitos como diarreia, febre, dores de cabeça. Saccharino classificou esse momento como um terror psicológico sobre os agricultores e teve o efeito de fazer muitos dos militantes se retirarem, reduzindo assim o número dos presentes no acampamento.

Mas quando às 4 e pouca da manhã eles [os policiais] começam a chegar lá, montar o circo, o helicóptero rodando, eles começam a montar os círculos. Só que ele monta e a gente monta também nossa estratégia. Nossa estratégia foi... geralmente, a gente vai com todo mundo para frente para resistir. A nossa estratégia foi de esvaziamento total. Então, quando eles chegaram lá, a gente não estava lá. Estava vazio. Uma fogueira e 8 ou 10 pessoas, inclusive eu, na frente da porteira, mais ninguém. Então eles chegaram. A gente tinha infiltrado jornalistas para filmarem, para acompanhar a coisa. Tem até umas fotos bonitas dessa madrugada. E aí começa a chuva, a garoar aquela chuvinha, tempo frio, 5 da manhã, 6 da manhã. Eles passaram a noite se movimentando, tentando expulsar psicologicamente a gente. E aí às 6 da manhã, que é o horário judicial para eles, começam então a fazer a primeira tentativa de leitura do mandado de reintegração de posse. Aí a gente impede eles de fazer, mesmo com pouca gente. O oficial de justiça vai chegar e não deixa ele entrar, passar. E não tinha quase ninguém. A gente dizia, ‘se vocês quiserem dar despejo, vai ter que ir de barraco em barraco. Nosso povo está no barraco esperando vocês.’ só que tinha muito barraco vazio já, porque o povo já tinha ido embora. Mas aí a construção dessa ideia de que todo mundo estava nos barracos, por isso que não tava lá na frente também, deixou eles em dúvida, né? (Entrevista concedida em agosto de 2022).

Apesar das tentativas de classificar o MST enquanto um movimento “terrorista”, é possível ver que, recorrentemente suas estratégias envolvem uma resistência pacífica. Cientes da discrepância no uso da força, os militantes buscaram empregar astúcia e apoio da imprensa, parlamentares e da população. Em outra frente de apoio, um deputado, então do Partido dos Trabalhadores, buscou entrar no acampamento, para dar suporte aos militantes, mas foi impedido pela Polícia Militar. O cerco, neste dia, terminou com uma vitória temporária para o MST, que Saccharino lembrou ter sido comemorada pelos movimentos sociais da cidade. Apesar de ter estado constantemente na frente do embate, com poucos militantes contra o cerco da Polícia Militar, Saccharino conta que precisava aparentar muita segurança, ou seja, ele considerou que era preciso esconder as ansiedades e medos naquele momento para dar suporte aos demais. Quando saiu do assentamento, porém, ele relatou que se sentia muito cansado e estressado. Essa necessidade de parecer mais forte é reforçada em diferentes gritos de guerra do movimento, como aquele comentado por Bromélia no capítulo anterior - “Cansados? Não! Na luta do povo, ninguém se cansa!”. Ou ainda outro, como “aos

nossos mortos, nenhum minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta”, assim como ‘Sem terra, sem medo!’. Recorrentemente, os interlocutores ressaltaram ao longo desta pesquisa que há sim, cansaço, medo e momentos de silêncio. É preciso achar formas diversas de cuidado para não sobrecarregar os limites dos militantes.

Com dois dias da estratégia narrada por Saccharino, a Polícia Militar conseguiu retirar os militantes que lá estavam. Devido a esse e outros episódios semelhantes e por estar à frente do enfrentamento em questão, Saccharino relatou que estava “muito visado” e poderia estar correndo risco. Então, ele passou por uma série de mobilizações proporcionadas por meio de tarefas que o movimento dava a ele em outros locais até chegar à coordenação do escritório do MST em Brasília. Todos esses trajetos foram feitos juntos com a sua esposa e também militante do MST, Crassiflora.

Essas experiências de Saccharino, desde os confrontos em Pernambuco até sua chegada a Brasília com Crassiflora, revelam como a militância no MST envolve um constante processo de adaptação e resistência. Militantes em posições de liderança recorrentemente trazem a estratégia como uma forma de cuidado com os que contam com ele. Cuidado esse que inclui a integridade física dos militantes, mas também supõe-se que abarque o bem-estar mental e emocional, visto que tais aspectos não são abarcados, um corpo saudável é um corpo também capaz de lutar, com conhecimento e sentimentos aflorados. A metáfora elaborada por Saccharino para pensar o bem-estar e a saúde dos militantes é boa para pensar as relações entre o corpo, a mente e os sentimentos. Ao ser questionado por mim sobre como ele enxerga o tema da saúde mental dos militantes dentro do MST, Saccharino elaborou sua resposta por meio de uma metáfora enraizada em sua trajetória.

Quando você se engaja no MST... eu sempre digo, o MST organiza aquilo que é de mais explorado na sociedade Brasileira. **Nós, acampados, somos como o bagaço de cana que os engenhos moem. Aquele bagaço tira a doçura, tira o mel, tira aquilo que é doce, de melhor, que tem o suor, o trabalho, a riqueza e te deixa um bagaço que não consegue nem ter vida. Então, o MST pega esse bagaço e devolve a doçura, devolve a Esperança, a vontade de lutar, a vontade de estar junto.** E o processo coletivo que o MST faz com que as pessoas também despertem para o que sozinhas, individualmente, não podemos ter na vida e nisso a gente vai incorporando outros elementos da vida humana e da

vida cotidiana. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

Esta metáfora tem uma conexão profunda com sua própria história, já que Saccharino vem de uma região de engenhos de cana-de-açúcar em Pernambuco. A transformação empreendida em sua história é, em alguma medida, a de alguém que enxerga possibilidades da quebra do ciclo de exploração experimentada por sua família e outros que partilham de sua posição social. Geralmente, o coletivo e o acesso à terra são as forças motrizes para essa transformação. Os camponeses são moídos em seu corpo e em sua doçura. Perder a doçura significa perder a dignidade como ser humano e perder a capacidade de imaginar condições melhores de vida.

Acho que... um pouco que resume isso, essa resistência nossa... essa bravura porque a gente... veja eu disse que a gente vem do bagaço. E agora, **depois que a gente ganha doçura, a gente não quer perder de jeito nenhum. E para não perdê-la, tem que ter luta.** Não tem jeito. Então, é melhor continuar doce dentro do movimento do que voltar a ser amargo no latifúndio. Então não tem como a gente recuar, não tem como a gente se cansar, entende. Porque quem já provou da doçura do que é o movimento não quer ser amargo novamente com um latifúndio, mesmo sob a ameaça de morte, e trazer presente os nossos mortos é para nós trazer presente que a morte dele não foi em vão. Nós lutaremos incansavelmente, porque tenho certeza que no dia que for a minha vez, a luta seguirá do mesmo jeito. Então isso nos alimenta, nos retroalimenta. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

A referência aos mortos do movimento como fonte de inspiração para continuar a luta demonstra como o discurso sobre a militância intenta constantemente transcender a experiência individual, conectando-se a uma luta histórica e coletiva. Há, em sua fala, uma compreensão de que a militância, apesar de seus perigos e dificuldades, oferece algo que o sistema do latifúndio jamais poderia oferecer: um sentido de pertencimento e propósito que "retroalimenta" os militantes.

A doçura readquirida pode ser perdida e isso motiva a luta. A trajetória rememorada por Saccharino é também uma trajetória de conflitos, indicando que há aspectos que o empurram constantemente a tornar-se um bagaço novamente. Saccharino falou sobre o estresse dos confrontos, sobre os desafios políticos, sobre precisar ir para outra cidade por não sentir-se mais seguro após um conflito. Ao continuar investigando

sobre esse tema, em nossa conversa, Saccharino trouxe um caso debatido entre ele e sua companheira, também militante do MST:

A minha companheira outro dia ela pegou uma foto, que é numa ocupação do Ministério aqui [em Brasília]. Tem uma foto assim, quase nariz com nariz, eu bafejando na cara do comandante da polícia militar daqui. Porque a gente tinha ocupado o Ministério, mas a gente já tinha combinado com ele que ia sair e já íamos sair em retirada. Então ele veio para cima querendo nos tirar a força de todo jeito. E eles eram poucos e nós éramos muito. E eu dei um grito nele, que ele baixou a guarda dele e teve que se retirar. Aí ela viu, o povo tirou muita foto, saiu no jornal. Ela disse 'Tu, como sempre, né, esse teu jeito? De enfrentar sem medo de nada. Olha as meninas em casa, visse?' Digo 'É verdade, mas isso é o momento'. É um segundo que a gente tem que tomar certas medidas, certa atitude que está para além de você está na força que te dá coragem, que te dá resistência, que te dá capacidade de dirigir, de enfrentar. Isso o que eu estou dizendo, nós não queremos perder mais a doçura, então não tem, não tem medo que nos faça não enfrentar. Os medos são bons para a gente medir a nossa força, mas não para impedir a gente de lutar. Então a gente trata o medo assim. **O medo como uma tática de como eu vou enfrentar**, mas não como um processo que vai me fazer e me esconder debaixo da cama. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

Quando Crassiflora, companheira de Saccharino, o questiona sobre seu comportamento aparentemente destemido, lembrando-o das "meninas em casa", suas filhas, Saccharino sugere que a coragem demonstrada não é uma característica pessoal isolada, mas sim uma manifestação coletiva que emerge da força do movimento. A metáfora da doçura, anteriormente elaborada por ele, reaparece aqui como a força motriz que supera o medo individual. O medo não é negado ou suprimido, é ressignificado como um instrumento tático - algo que ajuda a medir forças e planejar ações, mas que não pode paralisar. Esta transformação do medo de paralisia em instrumento tático representa uma elaboração intencional e aperfeiçoada que permite aos militantes continuarem sua luta mesmo em situações de grande tensão e perigo. A transformação do medo e da impotência é, talvez, uma das chaves de compreensão de um dos aspectos que mobiliza os militantes. Vale ainda notar que surge nesse episódio mais uma situação na qual o cuidado consigo e com a família é preciso ser mediado com o cuidado com a família. O ideal militante corresponde àquele apresentado por Coroatá,

de cuidado da família de sangue e da família do MST como uma só, os objetivos são para os dois. Não passa despercebido, porém, que tal equação não se resolve ao almejar esse ideal é constantemente renegociado, como ocorre na conversa relatada entre Saccharino e Crassiflora no trecho citado.

A seguir, apresento mais detalhadamente Crassiflora, que é companheira de Saccharino e também militante do MST. Sua trajetória se entrelaça com a dele em diversos momentos, compartilhando a vida pessoal e também os desafios e conquistas da militância. É interessante analisar os pontos concordantes ou complementares a partir das observações de Saccharino e de Crassiflora.

### 2.2.3. Crassiflora - “Pouco importa o teu nome o teu sobrenome. Quando eu chego, eu sou Crassiflora do MST”

Crassiflora Moraes, mulher de cerca de 40 anos, também integrava o Escritório Nacional do MST durante o ano de 2022, exercendo funções na articulação política do MST no Congresso Nacional. Sua tarefa era na defesa das pautas do MST no Senado Federal, com particular atenção à luta contra despejos e a projetos de lei prejudiciais ao movimento. Também em 2022, Crassiflora, que é graduada em Serviço Social na UFRJ pelo PRONERA, também estava envolvida na coordenação nacional da campanha do presidente Lula, trabalhando na equipe de mobilização, em 2022.

Em nossas conversas Crassiflora mencionou o cansaço mental decorrente do trabalho intenso e dos ambientes por vezes hostis que ela enfrentava, destacando a importância dos cuidados em saúde mental na militância. Ela também ressalta a importância da visibilidade política e das articulações com artistas, igrejas e outros setores para fortalecer as lutas do movimento. A trajetória de Crassiflora articula alguns aspectos centrais na formação dos militantes do MST, como trabalho de base, articulação política e desafios políticos e pessoais.

Uma de nossas conversas mais longas ocorreu em uma das salas do Escritório Nacional que continha quadros mostrando personagens marcantes para a esquerda, como Olga Benário, Carlos Marighella, Fidel Castro, Che Guevara, assim como Paulo Freire e Milton Santos. Esses são nomes que também são recorrentemente encontrados

como título dos assentamentos, acampamentos e brigadas do MST. Eles surgem como inspirações teóricas e também como ideais militantes em diversas ocasiões.

Crassiflora iniciou sua trajetória junto ao MST quando ainda era estudante do ensino médio. Seu primeiro contato foi por meio de uma ONG que também abrigava um centro de formação do MST. Já a partir do primeiro contato, Crassiflora relatou que passou a contribuir com o MST em Recife, onde o movimento estava montando um escritório e uma loja da reforma agrária. Por volta do ano 2000, Crassiflora participou da organização do curso Realidade Brasileira em Pernambuco, em parceria com a UFPE, como coordenadora, junto com Saccharino e outros companheiros. O curso reuniu cerca de 60 a 70 estudantes e funcionou como curso de extensão para os universitários e como formação política para o movimento. Em 2007, após o 5º Congresso Nacional do MST, Crassiflora, que já era casada com Saccharino e tinha uma filha, foi convidada para coordenar a brigada do MST na Venezuela. O contexto dessa mudança para Venezuela foi apresentado no tópico anterior, quando Saccharino mencionou a necessidade de sair de sua cidade natal por estar correndo risco. O que era para ser uma missão de dois anos na Venezuela acabou se estendendo por quatro anos, de setembro de 2007 a outubro de 2011.

Durante sua estadia na Venezuela, Crassiflora trabalhou na coordenação da brigada do MST, participou da construção do IALA (Instituto de Agroecologia Latino-Americano) e desenvolveu trabalhos de articulação com o governo venezuelano nas áreas de formação política e produção de alimentos. Enquanto ainda estava no vizinho latino-americano, ela recebia orientações do movimento e participava de reuniões com a direção que acompanhava as relações internacionais. Foi durante uma dessas reuniões que surgiu a indicação para que ela e Saccharino retornassem ao Brasil e se estabelecessem em Brasília. Nesse retorno, foi também à pedido do MST que Crassiflora cursou Serviço Social. O curso aconteceu em uma turma especial para assentados da reforma agrária na Escola de Serviço Social (ESS) da UFRJ e foi viabilizado por meio de uma parceria entre MST, INCRA (via PRONERA) e ESS/UFRJ. Como muitos cursos voltados para os militantes e camponeses, esse ocorreu em regime de alternância, que permite aos estudantes exercerem suas atividades no campo e no movimento social concomitantemente ao curso. Mais uma vez, é possível notar o direcionamento do MST de ocupar espaços acadêmicos com seus militantes.

O trabalho de Crassiflora em Brasília começou em janeiro de 2012, focando na articulação política no Senado, complementando o trabalho já existente do MST na Câmara dos Deputados. Inicialmente, ela fazia parte da “Brigada Salvador Allende”, que reunia membros do MST que trabalhavam em diferentes órgãos governamentais como Ministério da Justiça, Ministério da Agricultura e INCRA. A título de explicação, a brigada é um núcleo dentro do MST com uma atividade em comum. É usual que dentro dos assentamentos e acampamentos os militantes sejam divididos em brigadas de forma a organizar o trabalho a ser realizado na terra conquistada. Alguns setores de brigadas vistos tanto nesta pesquisa quanto em outras são o de frente de massa, de produção, de educação, de formação, de saúde, de gênero, de comunicação e de cultura (MIRANDA e CUNHA, 2013).

Por volta de 2014-2015, antes do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT), a brigada da qual Crassiflora participava foi reorganizada. A Brigada Salvador Allende foi dividida, e uma nova, focada no parlamento, chamada Adão Preto, foi criada. O nome desta unidade faz referência a um deputado estadual e federal, além de militante do MST. O trabalho de Crassiflora se expandiu além das questões agrícolas para incluir o monitoramento de legislação de segurança e antiterrorismo, que se voltava à criminalização dos movimentos sociais. Após o impeachment, o Parlamento tornou-se central para a estratégia política do MST, servindo como um "escudo" para o movimento, já que haviam perdido suas possibilidades de diálogo com o poder executivo. Grande parte do trabalho focou em prevenir despejos através da Comissão de Direitos Humanos.

Considerando a acirrada oposição no congresso e no poder executivo após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e exemplificado na CPI do MST, que ocorreria em 2023, questionei Crassiflora sobre como ela lidava com esses enfrentamentos.

**Em muitos momentos há um cansaço que você percebe que não é físico, né? Ele é um cansaço muito... muito mental, até mesmo pela insalubridade, que é alguns espaços.** Por exemplo, por mais que eu acho que é cansativo você estar em uma tarefa interna do movimento, não querendo comparar níveis e níveis, mas às vezes você tá em atividades onde o teu ambiente não é... o teu público é muito cansativo, porque você tem que lidar com vários níveis da questão de se lidar, com o machismo, você lida



com agressões, porque você está lidando com o público que não é seu, é de outro campo político. Então você lida também com níveis de agressões e você termina também lidando com pressões políticas que você termina sofrendo em alguns espaços. (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

Conforme apresentado anteriormente, o ambiente do Congresso Nacional, em especial em sua composição ao longo desta pesquisa, é bastante hostil aos movimentos sociais de esquerda e ao MST em particular. A frente de enfrentamento parlamentar soma-se aquela do enfrentamento nos territórios e ambas se retroalimentam. Se, anteriormente neste capítulo, Amburana trouxe a dificuldade de trabalhar longe da base, Crassiflora adiciona a sua análise outro aspecto: não só trabalhar longe da base, mas trabalhar com pessoas que defendem valores opostos ao MST e precisar ser negociadora nesse meio. Por isso, a tarefa de articuladora dentro do Movimento é tão custosa.

O cansaço que Crassiflora descreve se manifesta como um esgotamento mental derivado da constante exposição a ambientes largamente hostis tanto a causas defendidas por ela, como por sua atuação enquanto militante e, não menos importante, também por seu gênero. O engajamento dos militantes é caracterizado e potencializado por uma forte política do sentido das atividades realizadas. Conforme dito por Cumaru, no capítulo anterior, militância não é só um trabalho, ou seja, não apenas uma atividade realizada em troca de uma necessidade. Ela é também uma espécie de vocação. Lerrer (2009) fala da militância como devoção, apontando que entrar no MST pressupõe um "engajamento total", que é a base do engajamento "revolucionário". A militância é descrita como um serviço que exige espírito de sacrifício. Assim como o engajamento é parte do que, como Saccharino falou, recupera a doçura do bagaço, também pode ser algo que espreme os militantes.

E aí, por exemplo, uma das questões também, que para mim foi bem pesado, é que eu tive a minha segunda filha aqui [em Brasília]. E eu sou muito ativa. Então, ter que trabalhar durante um puerpério também é muito, muito angustiante, não é? Você está amamentando, você está no celular, você está escrevendo, você está ligando, você está fazendo contatos políticos. Muito mais não por uma pressão do movimento, mas uma posição minha, mesmo que não sabia parar. Às vezes olho para trás assim, eu podia ter parado pelo menos um mês assim, se desligar de um mundo. Mas talvez por opção também minha, não pressão do movimento. **Às vezes você cansa por isso**

**também, porque você não saber parar, sabe? Então, assume uma postura de que você tem que estar disponível 24 horas, 7 dias da semana, 30 dias do mês. Isso também, às vezes cansa, mas você não sabe dizer não. Você termina assumindo uma postura de que ‘não, é tarefa e isso é importante’.** (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

Um aspecto crucial dos custos pessoais da militância é a dificuldade em encontrar limites entre vida pessoal e militante. Como venho ressaltando, essa ausência de limite não é uma problema em si, ela potencializa certos aspectos enquanto inibe outros. Neste caso, mesmo em um momento fisicamente e emocionalmente delicado como o pós-parto, ela se manteve conectada ao trabalho político. Este comportamento ilustra como a militância pode se tornar tão incorporada à identidade pessoal que mesmo momentos que tradicionalmente demandariam pausa completa são permeados pela atividade política. Se a formação de muitos militantes é criada nas ocupações e assentamentos, algo que parece ser carregado para as atividades seguintes é a sensação de que deixar de estar presente em sua atividade, é aumentar o peso para os demais. Todos os militantes com quem me deparei nessa pesquisa buscavam suas estratégias de cuidado ou de freios. Para alguns era retornar ao seu assentamento, para outros era realizar um festejo mesmo no ambiente de militância, para outros era se dedicar a agricultura. Porém, em cenários nos quais as pressões aumentam, tais estratégias se tornam ainda mais tênues que o padrão.

O fenômeno da auto-imposição de disponibilidade integral indica caminhos de uma possível fragilidade no bem-estar dos militantes. Quando Crassiflora menciona que "não sabe dizer não", evidencia-se um padrão comum entre militantes: a dificuldade em estabelecer fronteiras entre dedicação à causa e autocuidado. Crary, em “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono” (2014) argumenta que a estratégia de disponibilidade integral seria um objetivo e um projeto do capitalismo, em prol de reduzir cidadãos a produtores e consumidores de forma ininterrupta. A consequência dessa disponibilidade integral ao fervor produtivista gera habitantes inofensivos e maleáveis de sociedades urbanas globais (Crary, 2014, p. 68). Por outro lado, a disponibilidade integral no MST, me parece gerar um outro tipo de sujeito. No lugar do sujeito inofensivo e maleável, cria-se um constante sujeito histórico. A imagem mais próxima seria a do “guerrilheiro urbano” descrito por Marighella (2003).

O guerrilheiro urbano nunca vai a nenhum lugar sem prestar atenção e sem precaução revolucionária, sempre alerta por se acontece algo. Olhos e ouvidos abertos, sentidos alertas, a memória gravada com todo o necessário para agora ou para o futuro, e para a continuação da atividade do soldado guerrilheiro. (MARIGHELLA, 2003, p.25)

Eis outro lado da moeda da elaboração de que mais do que uma profissão, a militância é vista como um modo de vida. É caracterizada por uma disposição para a vida coletiva, engajamento total, entrega pessoal e estar à disposição do movimento. Porém, quando observamos a prática da militância, as experiências não recaem na imagem idealizada do guerrilheiro urbano. Há nuances que são essenciais para a manutenção do bem-estar.

Um momento que apresenta bem essa dualidade do cuidado e do cansaço são as eleições de 2018, com a vitória de um candidato de extrema direita, com um discurso violento contra defensores de direitos humanos e pautas sociais. Crassiflora mencionou que lembrava de “quando saiu o William Bonner dizendo que ele [Jair Bolsonaro] era presidente, eu caí aos prantos. E foi uma questão assim, parece que foi um esgotamento também de todo o processo das eleições”. Essas eleições representaram uma mudança na forma dos militantes se relacionarem com as políticas públicas e com a sociedade. Em alguma medida, trata-se de uma mudança na sensação de coletividade para além do movimento social para os militantes, “já vivemos coisa pior, mas não de forma tão declarada. [...] Você sabia quem era o teu inimigo em outros governos. Por mais que você tivesse Fernando Henrique, Michel Temer, você tinha ali um processo de diálogo ainda do movimento. Com o Bolsonarismo você corta ali”. Diante do meu questionamento sobre como foi para Crassiflora lidar com aquele sentimento de esgotamento, ela traz o cuidado como uma estratégia:

Porque isso que tu fala que o movimento ele de fato, ele consegue conduzir a sua militância não para o recuo, ele consegue conduzir a militância para reconhecer o cenário. Então você faz uma leitura. O cenário é perigoso, o cenário requer cuidados? Requer. Por isso que o movimento recuou nas ocupações, porque a gente não pode colocar a nossa militância a colocar o seu peito a bala. **A gente tem o cuidado com a nossa militância e o recuo, ele não é uma questão de medo, é uma questão tática, de preservar a vida sempre** e por isso que o movimento recua nas ocupações, mas ao mesmo tempo

ele diz, olha, não vamos ficar em casa vendo a banda passar, a gente precisa manter uma resistência ativa e aí é quando o movimento, já nas eleições de 18, vai para articulação política muito forte, urbana. A gente precisa voltar a ter uma atuação na periferia, na cidade, de forma mais ativa e aí vem a pandemia. (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

Conforme elaborado por Amburana, há a “arte da guerra” e a “arte da prudência”. Por mais que haja o incentivo à disposição para as lutas, há simultaneamente o cuidado com os terrenos por onde é possível avançar. Daí vem a necessidade dos constantes estudos de conjuntura política e análise das forças sociais em ação em cada contexto de atuação do MST. A decisão tática de recuar das ocupações em um contexto político hostil representa uma estratégia de cuidado. Mesmo neste contexto de recuo tático, porém, há uma intensificação do trabalho político em outras frentes, especialmente no meio urbano. Este paradoxo entre cuidado e demanda ilustra como o bem-estar dos militantes é afetado por múltiplas tensões: a necessidade de preservação física e mental versus a urgência da luta política; o recuo estratégico versus a manutenção de uma "resistência ativa"; e a proteção individual versus as necessidades coletivas do movimento. O desgaste experimentado por Crassiflora não deriva apenas do trabalho em si, mas da constante navegação entre estas diferentes dimensões da militância, especialmente em um contexto político adverso que demanda adaptações estratégicas contínuas.

Outro aspecto que surge nas conversas com algumas militantes, de forma muito destacada entre as mulheres, são os cuidados com a família. De acordo com Frota (2021), a dedicação às atividades é o principal aspecto de construção da permanência das mulheres dentro do MST e é algo que recorrentemente dialoga com modelos de maternidade. O equilíbrio entre maternidade e militância é um ponto na trajetória de Crassiflora, que afirma que sua militância se desenvolveu junto com a maternidade.

Eu fui mãe muito jovem. **Então, esse processo de dividir a minha militância com a maternidade, ele basicamente foi junto. Não tinha uma separação, do que eu fazia antes e o que eu faço agora.** Ela basicamente foi dentro de toda a minha trajetória. E eu sempre assumi, Saccharino também, a ideia de que elas têm que ser preservadas, sabe? Então, nunca a questão de que o que eu faço tem que causar algum impacto na vida cotidiana delas. Então, por exemplo, várias coisas que

deixei de fazer por conta de preservar a vida, não a vida, mas assim o cotidiano delas, né? São crianças, tem que estudar. Você não pode viver viajando se tem uma criança que precisa ir para escola todos os dias. É, você não pode fazer determinadas coisas se tem uma rotina de uma criança, há de se dar conta, então todo esse processo foi feito respeitando também essa dinâmica. (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

Um aspecto da relação entre militância e maternidade é o compromisso consciente de preservar o cotidiano das filhas. Crassiflora e seu companheiro, Saccharino, assumiram como princípio que suas atividades militantes não deveriam impactar negativamente a rotina delas. Isso significa, na prática, adaptar suas atividades militantes às necessidades escolares e cotidianas das filhas como, por exemplo, limitar viagens para garantir a presença regular das crianças na escola. Esta postura demonstra como a militância, embora central em suas vidas, precisa ser constantemente negociada com as responsabilidades maternas, buscando um equilíbrio que permita tanto o engajamento político quanto o cuidado familiar. Novamente, ressalto que essa preocupação foi mais presente nas conversas com as militantes mulheres, que, apesar de citarem as divisões de tarefas, são elas que trazem a centralidade do tema.

Preservar a rotina das filhas não significa, porém, criá-las fora dos valores e dos sentidos que notabilizam suas atividades junto ao MST, assim como foi possível observar na experiência com os filhos de Bromélia e Jericó, no Estado do Ceará. Crassiflora enfatiza, por exemplo, que, embora morem em Brasília a trabalho, suas filhas são constantemente lembradas de sua identidade com a classe trabalhadora. O cuidado com as filhas, em relação com a militância, significa não exigir que elas participem das disputas políticas de seus pais, mas ao mesmo tempo proporcionar uma educação política: "você educa politicamente também, então elas sabem o que é o MST, elas crescem dentro do movimento". O legado político familiar é algo importante para os militantes com quem essa pesquisa foi feita.

Por fim, há um aspecto basilar da elaboração de Crassiflora acerca de sua militância, e que em muito reflete a experiência de outras militantes do MST, a saber, a relação e o pertencimento ao coletivo e a partilha de uma memória. Assim como Saccharino, Amburana, Coroatá, Bromélia e tantos outros militantes, Crassiflora distingue entre o medo como paralisia e como matéria prima de transformação política dentro do coletivo. Partindo de um caso de sua experiência, no qual, durante um velório

de um companheiro assassinado, ela e outros militantes, como Saccharino, enfrentaram uma emboscada policial. Na ocasião, inclusive, Crassiflora estava com sua primeira filha, que era criança.

Na minha trajetória em Pernambuco teve uma situação bem complicada. A gente foi para o velório de um companheiro que tinha sido assassinado. E na saída, tem uma emboscada da própria polícia, porque já queria prender uma liderança nossa. Ali, a minha filha devia ter o quê? Uns 2 ou 3 anos, a mais velha. E naquele momento, o medo veio assim na hora. Sim, eu posso morrer agora e eu estou deixando uma filha. **E não é um medo que te imobiliza, tipo, não quero mais isso, ele é um medo que te dá indignação, isso não pode acontecer, são vidas.** E eu acho que o movimento, até mesmo por não ser um sindicato, não ter uma figura que nos representa, uma figura que diz assim, esse nos comanda, ser numa linha muito circular, ele faz com que a gente se sinta parte do todo, não daquele pedaço nosso. Então você é Sem Terra. Você cumpre uma tarefa. **Mas quem é você? Você é sem terra.** Eu brinquei uma vez com João Pedro [Stedile], que eu dizia, **pouco importa o teu nome o teu sobrenome. E ele, como assim? Quando eu chego, eu sou Crassiflora do MST. [...] o que te importa, o que te dá a coletividade, é esse sobrenome, eu sou 'do MST'. [...]** Isso dá uma essência para nós, dessa coletividade. Quando falta um, aquela responsabilidade fica maior para você. Aquele companheiro se foi e o legado dele foi dedicado à luta, aquela memória, ela não pode deixar ser apagada. Ela termina sendo um legado do processo da própria luta. (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

A questão da identidade coletiva ("do MST") emerge como um elemento fundamental para a sua compreensão de si socialmente. O movimento oferece não apenas um sentido de propósito compartilhado, mas também uma rede de proteção e cuidado mútuo. Este aspecto é particularmente relevante quando se considera o contexto de violência e ameaças que os militantes enfrentam - a certeza de que não estão sozinhos e que seus companheiros darão continuidade à luta mesmo após sua partida fornece um importante suporte emocional e psicológico. Por outro lado, a certeza de poder contar com outros é também a necessidade de ser capaz de cuidar, o legado da luta é uma necessidade de continuar e se fazer presente na ausência dos que se foram. A relação entre militância, bem-estar e coletividade se manifesta, portanto, como um ciclo onde o cuidado mútuo fortalece o engajamento político, e este, por sua vez, reforça os laços de solidariedade e proteção coletiva. Esta dinâmica distingue o MST de outras

formas de organização política, onde muitas vezes o militante pode se sentir isolado ou desprotegido em sua atuação. Crassiflora resume esse seu ponto com a noção de amparo coletivo.

**Eu acho que é amparo coletivo, não existe outro. Você não tá sozinho,** entendeu? Por mais que exista esse medo e você se sinta desafiado a continuar, mesmo com esse medo, é que existe um amparo coletivo. Então você sabe que não vai ser abandonado nesse processo, não é? Por exemplo, uma trabalhadora comum na rua, morreu, morreu. O patrão quer saber se você tem 2 filhas? O patrão quer saber se você tem uma mãe? Patrão, quer saber se você tem uma vida que você precisa preservar? Então isso é o movimento, ele te dá na prática. Isso que eu disse, as filhas do J. [militante que falecera durante a pandemia de COVID-19], não vão ficar desamparadas. Muitos outros companheiros e companheiras que o companheiro morreu por questões naturais ou pelo próprio processo da luta aqui, o movimento assume aquele legado. **Então você não é um indivíduo individual, você é um ser coletivo.** (Entrevista concedida em setembro de 2022, grifos meus).

Crassiflora sintetiza um aspecto fundamental da militância no MST: a dissolução da individualidade em favor de uma identidade coletiva. Quando afirma "você não é um indivíduo individual, você é um ser coletivo", expressa como a militância transcende a simples participação em um movimento social para se tornar uma forma de existência compartilhada. Esta transformação não é unicamente discursiva, mas se materializa nas práticas de cuidado mútuo e proteção que o movimento oferece. A noção de militante só é possível dada a existência desse cuidado que Crassiflora nomeia como amparo coletivo. Sem esse aspecto, ruiria a segurança que os militantes depositam no coletivo. O amparo coletivo mencionado por Crassiflora não é apenas uma rede de segurança emocional, mas uma prática concreta que se estende às famílias dos militantes mesmo após sua morte.

A dissolução do "indivíduo individual" não significa, portanto, a perda da singularidade, mas sim sua reconfiguração dentro de uma estrutura de solidariedade e responsabilidade mútua. É uma forma de existência que encontra força precisamente na conexão com o coletivo, onde o bem-estar individual está intrinsecamente ligado ao bem-estar da comunidade.

#### 2.2.4. Aroeira - "O movimento sabe trabalhar com as dores também"

Ao longo desta pesquisa, na etapa de Brasília, tive ainda a oportunidade de conhecer uma militante que trabalhava em outra vertente do MST, o Internacionalismo. O MST tem como uma de suas bandeiras as relações internacionais, havendo um coletivo específico para isso, com a finalidade de conectar a militância e bandeiras de camponeses em diferentes regiões do mundo. Aroeira estava precisamente nesta tarefa ao longo desta pesquisa, visto que ela integrava a Via Campesina, uma organização internacional de movimentos sociais camponeses. Diferentemente dos outros que apresentei nesta tese, Aroeira não realizava suas tarefas no mesmo Escritório, e sim em um local destinado às atividades da Via Campesina, em Itapoã, ainda no Distrito Federal.

A Via Campesina é uma organização internacional de camponeses e camponesas, reunindo movimentos sociais na África, Ásia, Europa e América. Dentre seus principais objetivos, estão a alimentação saudável e a construção da soberania alimentar com base agroecológica. Entre as principais linhas políticas da Via Campesina estão o rechaço ao modelo neoliberal de desenvolvimento rural, a luta pela terra, água e território, a defesa da soberania alimentar com agroecologia, a justiça climática, os direitos humanos do campesinato e a construção de relações de gênero paritárias (ZANOTTO e FLORES, 2021, p.479).

Aroeira é uma cientista social do Rio Grande do Sul, uma mulher branca com cerca de 60 anos. Ela possui mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, com uma dissertação sobre a construção da noção de soberania alimentar na Via Campesina. A trajetória de Aroeira guarda alguma semelhança com a de outros militantes, como a influência de outros movimentos sociais e da Igreja Católica e a construção de uma trajetória de militância dentro do MST, mas também possui particularidades em relação a sua trajetória pregressa ao ingresso no MST e as suas formas de atuação dentro do movimento. Pretendo, por meio desse tópico, avançar na compreensão de como a construção coletiva do movimento fornece suporte emocional e busca meios de elaborar os significados dos confrontos e lutas constantes na saúde e bem-estar dos militantes.



Meu contato com Aroeira ocorreu por meio de indicação de Amburana. Quando entrei em contato com Aroeira pela primeira vez e informei quem fizera a ponte entre nós dois, ela respondeu “indicada por Amburana, topo”. Mais uma vez, ao longo desta pesquisa, a indicação de algum militante foi essencial para a aproximação. Já havia visto matérias e entrevistas com Aroeira na internet e tratavam especialmente da soberania alimentar e do internacionalismo.

Aroeira é filha de pequenos agricultores da região da serra gaúcha. Ainda bem nova, com 11 anos, saiu de sua cidade para estudar e depois para ingressar em um convento. Ainda enquanto estava no convento, Aroeira iniciou sua graduação universitária e foi por meio de sua atuação no convento que foi enviada para fazer trabalhos em um acampamento do MST. Por se sentir sensibilizada com a situação dos camponeses, resolveu sair do convento e se tornar militante do MST, em 1989. Ela iniciou sua atuação no movimento no setor de educação, em especial trabalhando com a educação de jovens e adultos e, ao contrário de outros militantes apresentados até aqui, Aroeira já chega ao MST com acesso à educação superior. Sua primeira atuação, foi de partilhar seus conhecimentos com os militantes, ajudando na formação, ao mesmo tempo em que aprendia sobre as lutas do MST. Se outros militantes tiveram seus horizontes ampliados pelas possibilidades de estudos adquiridas no contato com o Movimento Sem Terra, Aroeira encontrou um novo cenário nas partilhas, métodos e objetivos do MST.

O aprendizado de uma nova forma de agir socialmente, com a passagem da vida no convento para a vida no MST foi um grande choque para Aroeira. Representou uma mudança de um “mundo ideal” para um “mundo cão”, de um mundo no qual ela tinha todas suas necessidades supridas pela instituição para outro o qual ela precisava lutar para ter condições.

Eu estava lá no convento. [...] A construção da vida religiosa é um espaço ideal, que você tem tudo suprido. Eu não tinha uma economia própria, mas eu tinha comida, alojamento, viajava, fazia minhas tarefas, tudo. Elas trabalham e recebem, mas vai para uma caixa geral. Então é o socialismo de verdade lá. [...] Tenho as condições de tudo, de tudo. Tudo está coberto, e aí de repente, eu me vi sem nada disso. Eu me vi, a minha primeira vez na vida tendo que viver de um salariozinho assim, de uma ajuda de custo no movimento. [...] Eu quase pirei porque esse

mundo de fora desse mundo que era ideal, que seria ideal para todo mundo, mas que a gente não aguenta a construção ideal, até porque lá é tão ideal que tu não pode ter marido para disputar o espaço econômico e eu não sei o que. É um ideal limitado. Mas era sair para esse mundo cão. **E aí, com tudo isso eu me senti como se fosse numa matilha assim, desgarrada do cuidado de um coletivo, mas eu, por sorte, entrei na outra matilha, que foi o MST. E aí o MST que cuida, que te propõe, que sente as tuas capacidades e vai construindo.** Na verdade, **se eu sou o que eu sou hoje, eu sou por causa de toda essa construção coletiva que o movimento tem, por mais que seja na forma de que cada um tem que ser virar e que cada um tem que responder.** (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

Aroeira passou dos 13 aos 26 anos de idade no convento. Enquanto essa instituição oferecia uma estrutura que provia todas as necessidades básicas em um ambiente controlado e "ideal", o MST apresentava um contexto de luta constante, onde o bem-estar precisava ser construído coletivamente em meio aos desafios da militância. Este contraste evidencia como o bem-estar no contexto da militância não é algo dado ou garantido de partida, mas sim construído através das relações de solidariedade e suporte mútuo e por meio da luta contra condições adversas. O movimento social, apesar de não oferecer o mesmo tipo de segurança material que o convento, proporciona um senso de pertencimento e cuidado coletivo, da matilha, que ajuda os militantes a enfrentarem as adversidades. Esta dinâmica sugere que o bem-estar na militância está intrinsecamente ligado à capacidade de construir e manter laços de solidariedade em meio às lutas sociais.

Aroeira, ao contrário da maioria dos militantes com quem teve contato, vinha de condições que já a garantiram acesso a estudo, moradia e alimentação antes do MST. Por isso, a sua entrada no “mundo cão”, enquanto alguns camponeses já relatam as condições que caracterizam esse mundo como seu ponto de partida.

Foi como sair de dentro de um... desse lugar ideal e cair para um lugar que você não sabe o que que é, que é esse mundão aqui fora. O que que é esse mundão aqui fora? Cada um tem que seguir como pode, lutar como pode. E é difícil da gente criar opções mais coletivas, radicais. Inclusive o movimento tentou, viu? Eu fui parte de uma experiência, quando eu saí, em 89, que eu fui viver com o pai do meu filho e nós tínhamos uma cooperativa linda, linda, tu não tem noção. Ela toda tinha terra, nem sei

quantas famílias eram, não sei mais. E aí a terra, era tudo coletivo. E aí tinha um centro que a gente tinha aqui um refeitório que a gente comia junto, comida, tudo dividido, tudo as casas ali, vendo aqui e acabou. Acabou porque um começou a querer ter seu porco, sua galinha. Aí daqui a pouco começou a querer ter mais coisas e foi, quebrou tudo. Quebrou tudo, porque **não é fácil ser uma ilha dentro de um universo. Nós éramos uma ilha querendo ser socialista dentro de um universo capitalista.** Então foi assim, um desafio enorme pra poder sobreviver e... Mas **eu ainda era privilegiada porque eu tinha esse amparo coletivo.** (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

Deduzo, a partir da trajetória de Aroeira, que sua percepção é de que o convento, que oferecia uma estrutura totalmente provedora mas idealmente isolada, e o MST, que apresentava uma realidade mais desafiadora mas com forte senso de solidariedade. O MST quebra a possibilidade de um bem-estar fundado em "*Ceteris paribus*"<sup>15</sup>, ou seja, em condições controladas e ideais. A experiência de Aroeira dentro do movimento social lida com um contexto que circunda seus ideais, as tensões entre ideais coletivistas e as pressões do sistema capitalista dominante, na tentativa de criar uma "ilha socialista" dentro de um "universo capitalista". No entanto, mesmo com esses desafios, Aroeira reconhece o valor do "amparo coletivo" que o movimento proporcionava. Esta observação sugere que, mesmo quando as estruturas formais de coletivização enfrentam dificuldades, as redes de solidariedade e apoio mútuo continuam sendo fundamentais para sustentar o bem-estar dos militantes.

Aroeira nomeia a Solidariedade que ela encontrou dentro do MST como um dos aspectos mais marcantes de sua trajetória. A experiência que Aroeira passou a ter no MST era nova para ela. De certa forma, o bem-estar de Aroeira é resultante do equilíbrio entre, por um lado, as necessidades e vulnerabilidades que ela encontrou ao sair do ambiente do convento e, por outro lado, o sentimento de coletividade dentro do movimento social.

A solidariedade é um sentimento recorrentemente lembrado com carinho e apresentado como formador dos militantes do MST e é particularmente presente nos momentos de acampamento, quando os perigos são muito palpáveis. As etnografias de

---

<sup>15</sup> *Ceteris paribus* significa uma condição na qual apenas o objeto de análise é mutável e todo o mais é constante. É o tipo de condição buscada em estudos em laboratório ou em estudos de modelos matemáticos em algumas correntes das ciências econômicas.

Sigaud (2000, 2005) apresentam bem os efeitos coletivistas de, como diziam seus interlocutores, “estar debaixo da lona preta”. Essa partilha indica mais do que a divisão de um espaço, mas também o enfrentamento em conjunto da “penúria e de sujeição às intempéries”. A análise das trajetórias que apresento aqui, inclusive a de Aroeira, nos levam a um momento bem depois da partilha dos acampamentos, o qual a solidariedade não foi esquecida, mas foi ressignificada pelas experiências vivenciadas.

O que marca e o que eu fui sentindo depois é que, também falando de saúde mental, as condições físicas, as condições logísticas, elas também influenciavam muito no emocional. Nós tivemos no movimento muita gente que ficou doente, emocional, doente mental, né? Mas não é um mental, porque ficou doido, naquela ideia antiga. É a condição que levou. **Então é a própria militância, é o próprio você ser dirigente, ser militante, estar muito fora de casa, esse negócio de conectar e desconectar a família, que eu acho que é um trem que adoeceu bastante pessoas. O fato da luta ser muito de enfrentamento. [...], eu acho que essa dureza do enfrentamento também ela não é saudável. O enfrentamento, o enfrentamento em si, não é saudável** e você sabe que que nós tínhamos que fazer guarda, eu fiz guarda também. Tirar a guarda era por núcleo que a gente tirava guarda para dar segurança no acampamento. Depois no assentamento relaxa um pouco porque o pessoal vai para a sua casa, já é outro tipo, já é mais regularizado. **Mas o enfrentamento, ele não é saudável. Ele fortalece a luta? Fortalece, mas no pessoal ele eu acho que é muito...que é o que adoece bastante.** (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

O músico brasileiro Emicida, em uma entrevista sobre seu posicionamento na luta contra o racismo, comentou que o objetivo de sua luta é para de lutar - “Luto pra parar de lutar” (EMICIDA, 2020). A reflexão de Aroeira traz algo semelhante, no sentido que ela reconhece a necessidade de continuar lutando e mesmo a importância que a luta enquanto prática tem em sua formação política e como ser humano ao deixar o convento e ir para o MST. Porém, ela também almeja por não necessitar estar em enfrentamento constante, algo que ela vê como adoecedor. Estar pronto para enfrentamento constante, lembra o guerrilheiro urbano de Marighella, anteriormente mencionado, um militante sempre alerta e sempre preparado. A diferença aqui é que Aroeira não traz esse aspecto como um ideal, mas sim como uma necessidade.

Ainda sobre a transformação da solidariedade, tanto Aroeira quanto Saccharino mencionaram o que consideraram como uma radicalização da solidariedade durante a pandemia, quando o MST passou a fazer doação de alimentos. Para Aroeira, esse engajamento foi “psicologicamente, emocionalmente importante para o movimento”, no sentido que colocou o MST em uma posição não apenas de produzir alimentos mas também de alimentar quem precisava - “eu acho que foi a pandemia ensinou para a gente isso que nós não só criamos as condições logísticas para a gente viver bem, mas porque nós alimentamos. É o campesinato que alimenta. E aí, aqui, não é só um slogan, que nós, camponeses, alimentamos o mundo”. Sentir-se útil com essa doação de alimentos, segundo Aroeira, faz com que isso contribua com a autoimagem dos militantes e seu sentimento de contribuição social. Há, nitidamente aqui, um contraponto a imagem de “terroristas” que a bancada ruralista presente na CPI tentava anexar ao MST.

Ao descrever para mim uma experiência traumática do despejo, onde famílias foram separadas e transportadas forçadamente, Aroeira evidenciou como o medo e a angústia iniciais são posteriormente transformados em motivação para continuar a luta através do apoio mútuo. Segundo Aroeira, nesse momento de grande dificuldade “As pessoas buscam força, eu não sei onde. Buscam força na solidariedade”. O trauma coletivo, embora deixe marcas profundas, também serve como catalisador para fortalecer os laços de solidariedade e a determinação do grupo.

A forma como o MST lida com as perdas e traumas coletivos através do trabalho de memória indica uma dimensão do cuidado dentro do movimento. Ao transformar o luto, a indignação e a raiva em ação política, o movimento desenvolve práticas de trabalhar essa memória, o que também entendo que possa ser compreendido pelo conceito de “política do sentido” da forma como é mobilizado por Chaves (2022), e que servem tanto como homenagem aos que tombaram na luta quanto como fortalecimento do sentido coletivo da militância.

Muitos acampamentos, assentamentos, já perdemos vidas, já tivemos assassinatos, já tivemos, da minha convivência, inclusive. Mas é isso, dói. Não é que a gente supera. [...] Nós não podemos nos entregar porque eles querem nos matar, se a gente quiser vencer, se a gente quiser a reforma agrária, quiser um mundo novo. **Os que vão morrendo tem que ser a nossa força, mas isso é muito, muito**

**ideológico. Agora o sentimento, eu acho que ele é doloroso. [...] Mas as dores, elas são potentes e eu acho que o movimento sabe trabalhar com as dores também.** O fato de você manter viva a memória dos mortos, de reverenciar, de marcar, de dar nome para acampamento, para assentamento, no sentido de que vamos florescer, de plantar a árvore, esse negócio é bem interessante. (Entrevista concedida em agosto de 2022, grifos meus).

É parte importante da formação dos militantes e do MST conseguir transformar a dor em potência política. Não se trata de simplesmente "superar" as perdas, mas de mantê-las vivas de uma forma que alimenta a continuidade da luta e fortalece os laços entre os militantes.

Por fim, Aroeira fala de algumas mudanças que vinham ocorrendo no MST nos últimos anos, e que serão tema do próximo capítulo. Segundo ela, o MST desenvolveu uma compreensão mais ampla da saúde mental de seus militantes ao longo do tempo. O movimento passou a reconhecer que determinados fatores da militância estavam contribuindo para o adoecimento das pessoas e, em resposta, desenvolveu estruturas específicas de cuidado. Um exemplo significativo é a criação de um coletivo no setor de gênero do MST em São Paulo, durante a pandemia, que conta com suporte profissional de psicólogos e médicos, além do fortalecimento dos coletivos de mulheres que buscam criar redes de apoio mútuo. Esse coletivo viria a tornar-se a Rede de Saúde Mental, que abordarei no próximo capítulo.

Esta modificação na forma como o MST lida com a saúde mental reflete uma transformação mais ampla do próprio movimento. Embora mantenha seus princípios fundamentais de luta e suas bandeiras contra o capitalismo, o movimento demonstra uma capacidade de adaptação e resposta às necessidades de seus militantes. Aroeira reconhece que existem "formas de proteção" que ainda precisam ser descobertas e estruturadas, indicando que este é um processo em construção contínua. A pandemia, em particular, evidenciou ainda mais estas necessidades e impulsionou a criação de novas formas de cuidado, especialmente através das redes de proteção das mulheres, que estavam se expandindo no curso desta pesquisa.

## 2.5. Conclusão

Neste capítulo, segui investigando a importância do cuidado nas atividades dos militantes do MST e como esse cuidado está intrincado em suas trajetórias e suas lutas. Trouxe aqui a atuação do movimento no cenário político federal a partir das atividades acompanhadas no Distrito Federal e abordei as disputas em torno da sua imagem pública, sobretudo diante da instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) contra o MST, que buscava criminalizar a luta pela terra e deslegitimar suas ações. A CPI buscou causar um ataque frontal ao reconhecimento social da atuação do MST e de seus militantes. Busquei mostrar como esses fatores dialogam e são importantes como formas de cuidado.

O capítulo também discutiu o impacto dessas investidas no bem-estar e na segurança dos militantes, ressaltando que a tentativa de criminalização pelo grupo de deputados tentou desmobilizar o movimento ao usar estratégias de deslegitimação, além de estabelecer uma disputa entre modelos de sociedade distintos. A pesquisa passa agora para a investigação da formação e atuação da Rede de Saúde Mental do MST.

Neste capítulo, segui ainda com o desenvolvimento entre cuidado, articulação e formação política na militância do Movimento Sem Terra. As trajetórias de Amburana, Saccharino, Crassiflora e Aroeira ampliaram as acepções de estratégias de cuidado desenvolvidas pelos militantes. A elaboração de Amburana organizou de forma bastante interessante o cuidado em uma tripé que conta com motivações para militar, condições oferecidas para as tarefas e o reconhecimento pelo trabalho realizado. Amburana também introduziu uma noção interessante, a "arte da prudência", um equilíbrio entre coragem e precaução nas ações, onde a segurança é priorizada por meio do apoio mútuo e da organização coletiva, oferecendo suporte emocional e psicológico para enfrentar situações de risco.

Saccharino, por sua vez, elaborou de forma poética e potente a motivação para se manter na militância como um desejo de não voltar a ser um bagaço. Sua atividade na militância é nitidamente uma de transformação social e subjetiva, que ele nomeia como "devolver a doçura, a esperança e a vontade de lutar e de estar junto". Assim, o medo é manejado em sua trajetória como forma de lutar contra a possibilidade de voltar a ser explorado, uma forma de alimentar a luta e não paralisá-lo. Crassiflora demonstrou

como participar do MST é uma transformação de si por meio do sobrenome “do MST” que passa a seguir seu próprio nome e que passa a identificá-la por onde anda. Assim como Amburana falou de arte da prudência, Crassiflora trouxe uma preocupação preservar a vida das filhas enquanto as educa nos valores do movimento, dialogando com o que já havia sido trazido por Jericó no capítulo anterior, da importância do legado. Por fim, Aroeira refletiu como o cuidado é encontrado na coletividade e nas redes de proteção que se expandem e oferecem suporte mútuo diante das dores e desafios da militância. Para ela, o enfrentamento constante pode até ser necessário, mas não é saudável. O que o torna possível, entretanto, é a parceria mútua entre os militantes.

Em síntese, o capítulo reafirma que o cuidado no MST transcende a noção individual de saúde, estando intrinsecamente conectado à coletividade, à dignidade e à capacidade de lutar por uma transformação social. As experiências desses militantes revelam que o bem-estar é construído na interdependência e na ativa renegociação das tensões, oferecendo um modelo de cuidado enraizado nas práticas cotidianas e na resistência coletiva do movimento.



### **Capítulo 3 - A Rede de Saúde Mental - “Saúde é encontrar respostas possíveis diante das condições que nos encontramos”**

O terceiro capítulo vai, pela primeira vez nesta tese, adentrar uma discussão explícita sobre saúde mental proposta a partir do MST. Os capítulos anteriores operaram em uma construção lenta e gradual, porém essencial, do que compõe a saúde mental no Movimento Sem Terra. Entretanto, nas partes da tese que tratam das etapas desta pesquisa realizadas junto a militantes no Ceará e no Distrito Federal, o termo saúde mental é mais deduzido do que elaborado de forma direta, o que não quer dizer que não estivesse presente. Até então, o foco esteve nas questões que constituem o “militante do MST” e como elas são essenciais para a manutenção do sujeito em um processo de luta sem perder de vista a noção de construção de um bem-estar dentro do movimento social, um bem-estar em luta, das formas de cuidado encontradas e de algumas disputas relevantes a esse cuidado. Este capítulo está dividido em três tópicos. No primeiro, traço a construção coletiva de uma noção de saúde mental dentro do MST, um processo em curso enquanto essa tese estava sendo redigida. O segundo e terceiro tópicos são voltados a Rede de Saúde Mental, um coletivo voltado para cuidados com os militantes do MST. No segundo tópico apresento a criação da RSM e no terceiro reflito sobre saúde mental e militância junto a alguns dos militantes que compõem esse coletivo.

A noção de cuidado está no centro desse capítulo, trazendo de volta a relação dessa prática com a interdependência, tema que também já foi abordado anteriormente. Por meio da Rede de Saúde Mental, o cuidado sai do campo da “prática corriqueira, cotidiana” (DROTBOHM, 2022, p.1) para uma prática sistematizada. Porém, será possível perceber que essa sistematização tem como horizonte sempre voltar ao cotidiano dos militantes.

O cuidado é uma forma de reprodução do MST e também de mudança social. Ao cultivar as condições de militância em seus integrantes, o movimento também se transforma por dentro e permanece sendo capaz de agir sobre os problemas aos quais se propõe refletir. Cuidar e ser cuidado trazem à tona a discussão sobre o quê e quem merece ser cuidado. Por isso, a Rede de Saúde Mental como uma “militância para dentro”, conforme será abordado neste capítulo, é relevante ao voltar o ponto de partida atenção do cuidado não para a sociedade como um todo, mas para os próprios agentes do MST, seus militantes. O cuidado é uma lente para se analisar seriamente a natureza

contingente das transformações e das persistentes instabilidades da vida (DROTBOHM, 2022, p.13). Cuidado, na forma como é elaborada dentro do MST, é também uma forma de “quebrar um ciclo e construir algo em cima disso” (ENGEL, 2021, p.6), uma forma de abrir “espaço para desejos e afetos revolucionários”, como um “processo coletivo, extenso, abrangente” (*Ibidem*). O MST materializa a noção bem presente na literatura antropológica sobre cuidado como algo que descompartmentaliza áreas da vida.

Como parte do material que compõe os tópicos 2 e 3, nos quais me volto à RSM, fiz uso da produção acadêmica recentemente sobre a própria Rede de Saúde Mental (COELHO, 2024; PIRRO, 2023; ROSA e COELHO, 2022), feita por militantes que exercem atividades na Rede e também possuem uma carreira acadêmica. Esse capítulo também trata da minha participação na Rede de Saúde Mental, em sua composição, reuniões e atendimentos entre junho de 2023 e abril de 2024. Enquanto o primeiro tópico é resultado de uma construção transversal a toda esta pesquisa e se nutre principalmente dos documentos produzidos pelo Movimento Sem Terra, os tópicos 2 e 3 tratam da experiência em primeira mão dentro da Rede de Saúde Mental e com seus militantes.

### 3.1. Esboços de uma compreensão coletiva de saúde mental no MST

Até a conclusão desta pesquisa, o MST não possuía uma definição coletiva e estabelecida sobre saúde mental. Diferentemente de temas como Educação, Agroecologia, Gênero e até mesmo a Reforma Agrária (posteriormente reformulada como Reforma Agrária Popular), que já contam com elaborações e guias nacionais de ação no Movimento, a compreensão sobre saúde mental ainda está em processo de construção – processo que esta pesquisa pôde acompanhar até certo ponto. Assim, esta tese, especialmente este capítulo, registra um momento específico e importante na história do MST.

No que diz respeito à noção de saúde, há uma discussão já bem enraizada dentro do Movimento Sem Terra. Esse tema figura entre as preocupações dos Sem Terra desde o início da organização, de forma muito vinculada à assistência aos camponeses e ao acesso amplo e efetivo do SUS (SILVA e PRADA, 2019, p.54). Em diversas manifestações do MST, saúde é definida como “a capacidade de lutar contra tudo aquilo que nos oprime”, designação que coloca a capacidade de lutar como aspecto central de

uma vida saudável. Trata-se de uma nítida concepção coletivista de saúde, visto que a luta como entendida dentro do MST não é algo que se faça sozinho. Não se trata da luta de um indivíduo, mas a luta de sujeitos inseridos em um coletivo em prol de objetivos comunais.

Como elaborado em diálogo com os interlocutores até aqui, a capacidade de lutar representa a transição dos militantes: de sujeitos invisíveis na história para indivíduos que refletem sobre suas condições de vida e vislumbram possibilidades de mudança. Essa transformação está diretamente ligada ao pertencimento coletivo, pois, como as trajetórias apresentadas demonstram, é o coletivo de militantes que oferece proteção, segurança e suporte. Formar o coletivo significa nutrir-se dele ao mesmo tempo em que o sujeito se torna suporte para outros.

O MST publicou diversos cadernos e boletins sobre temas como Educação, Cooperação Agrícola, Direitos Humanos e Cooperativismo, que são interessantes para compreender o MST, pois representam construções coletivas do próprio movimento. São textos formativos, destinados especialmente à própria militância. De modo a investigar a construção do conceito de saúde mental, tomo como ponto de partida os Cadernos de coletivo de Saúde publicados em 1999 e 2000 e a cartilha *Agentes Populares de Saúde: Ajudando a minha comunidade no enfrentamento da Pandemia de COVID-19*, divulgada em 2020. Em seguida, trato de uma cartilha sobre saúde mental no MST, construída junto à Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.

O motivo para utilizar esse material para o diálogo é exploratório e não exaustivo. O MST, conforme já mencionado, é um movimento com muitas décadas de existência. Ao longo deste período têm produzido uma larga gama de materiais, tanto por meio de seus congressos nacionais e notas públicas como também por meio dos trabalhos acadêmicos, artigos de opinião e entrevistas. O uso dos Cadernos do movimento nesta pesquisa tem uma dupla razão. Primeiro, deve-se ao ponto de ele ser um tipo de produção semelhante (em termos de tamanho e tipo de linguagem utilizada) a cartilha dos Agentes Populares de Saúde, que vi sendo recorrentemente utilizada como referência de uma produção do MST sobre o tema da saúde mental. Segundo, os cadernos do MST são uma produção que tem como público prioritário os próprios militantes. Assim sendo, dado que esta pesquisa volta-se principalmente para os

cuidados em saúde voltados para a própria militância, a comunicação feita por esses materiais se mostra como um bom ponto de diálogo.

O primeiro caderno de saúde era intitulado “Lutar por saúde é lutar pela vida” (MST, 1999). Esse primeiro documento teve dois objetivos: o primeiro é a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS) e o outro é apresentar os princípios da saúde no MST, que haviam sido decididos em um encontro nacional em 1998. Apesar da grande relevância que possui a relação do SUS com a saúde no MST, darei atenção ao segundo objetivo do caderno.

São oito os princípios da saúde no MST, a saber: 1 - Luta pela valorização da vida; 2 - Acesso ao conhecimento e informação; 3 - Saúde como dever do Estado; 4 - Atenção integral à saúde; 5 - Prioridade à promoção e à prevenção; 6 - Respeito às diferenças culturais; 7 - Fortalecimento das práticas não convencionais de saúde e; 8 - Saúde como uma conquista da luta popular (MST, 1999, p.13). Tais princípios desdobram a afirmação mais geral sobre saúde como capacidade de lutar contra o que causa opressão. Aqui vemos aspectos que se materializam nas trajetórias dos militantes apresentados nesta pesquisa. Por exemplo, a luta pela valorização da vida e a atenção integral à saúde são essenciais e aparecem de forma muito evidente na reflexão de Saccharino sobre ter encontrado na militância a doçura que lhe havia sido arrancada, ou quando Jericó relata sua jornada de superação da pobreza mais extrema e da alegria de ver suas filhas e netos engajados na militância é um legado dessa valorização da vida. O acesso à informação é essencial na formação dos militantes e surge no papel central que a educação, institucional ou não, tem nas trajetórias dos militantes. O acesso à informação é também o que resulta na formação dos militantes que os fazem ver suas condições como situação de uma exploração econômica e social que segue por gerações e que é passível de mudança. Como mencionou Corotá, é uma tentativa de colocar o conhecimento nas mãos dos Sem Terra.

Saúde como dever do estado é um dos pontos menos abordados nessa pesquisa visto que aqui me volto a militância feita para dentro do movimento, mas é um aspecto que não obstante está sempre presente nas manifestações do movimento sobre saúde. MST defende o pleno exercício, financiamento e funcionamento do SUS e pressiona o estado para que implemente políticas públicas de saúde, soberania alimentar e condições de vida dignas.

Esse primeiro documento não se propõe a realizar um debate específico sobre saúde mental, mas a elaboração presente nele já traz elementos centrais para o que vem sendo apresentado nesta tese. Saúde é algo intrinsecamente ligado ao processo de participação coletiva, seja na relação com o Estado por meio de garantias constitucionais, seja na luta popular. Outro ponto, também importante, é a relação da saúde com as práticas populares, com foco maior na prevenção do adoecimento, o que passa tanto por uma alimentação saudável e, principalmente, condições de vida dignas. O caderno ainda finaliza com uma reflexão sobre como uma pessoa saudável é feita não apenas por um corpo saudável, mas também pelo alimento para “coração, sentimentos, paixões, esperanças e sonhos” (*Ibidem*, p.15). Desta forma, a libertação que se busca não é apenas da terra, mas também a “edificação de novos seres humanos” (*Ibidem*, p.16). Lembro que diversos interlocutores já apresentados até aqui falaram sobre como eles se constroem enquanto pessoa do MST: Jericó falou sobre ir se forjando por meio das tarefas assumidas; Coroatá comentou da lapidação do ser humano no valores coletivos; Crassiflora falava de assumir um sobrenome “do MST”. Ao analisar uma militância para dentro, no sentido de um cuidado com os próprios militantes do MST, é possível verificar a recorrência com que surgem os dois primeiros pontos da elaboração acerca de saúde na cartilha do MST que está em análise aqui: a luta pela valorização da vida e o acesso ao conhecimento.

Em complemento, o caderno de saúde nº 5, intitulado *Construindo o Conceito de Saúde do MST* (MST, 2000), aborda aspectos gerais do campo da saúde no MST. Elaborado como material educativo para militantes, seu primeiro tópico declara que "uma sociedade com saúde é onde os homens e mulheres vivem com liberdade para participar e ter seus direitos respeitados. [...] Mas para que isso se torne realidade, é necessária a mobilização de todos os trabalhadores e trabalhadoras para lutar por uma sociedade justa e saudável" (*Ibidem*, p.12). Na perspectiva do MST, o engajamento em grupos que buscam ações coletivas de bem-estar é fundamental para uma existência saudável. A questão é compreendida de forma integral: "para falar de saúde, precisamos falar de como a gente vive, como moramos, comemos, trabalhamos. Precisamos dar uma olhada e ver como está a nossa vida, no dia a dia na luta pela sobrevivência" (*Ibidem*, p.13). Alinhado a esta perspectiva, argumento que, para entender a concepção de saúde mental no MST, é essencial examinar as trajetórias e experiências dos

militantes, seus cotidianos, anseios, receios e formas de organização. A teoria sobre saúde mental e cuidado é materializada no cotidiano dos militantes.

Vale mencionar brevemente outros cadernos de saúde publicados pelo MST. O segundo caderno, *Programa Terra e Saúde*, documenta uma parceria entre o MST e a Fiocruz para desenvolver práticas de saúde nos acampamentos. A iniciativa incentivava o cultivo de plantas medicinais e a produção e distribuição de produtos fitoterápicos. Para esta pesquisa, ressalto a defesa de uma alimentação saudável, do acesso à terra para cultivo, da disseminação de conhecimento e da participação em um modo de cuidado coletivo e solidário. Em 2020, foi publicada também a cartilha *Agentes Populares de Saúde: Ajudando a minha comunidade no enfrentamento da Pandemia de COVID-19*. Elaborada durante o curso de formação de Agentes Populares do Campo, mencionado no capítulo 1, a cartilha tinha como foco orientar sobre medidas preventivas contra a propagação do vírus, enfatizando a solidariedade como forma de responsabilidade coletiva.

O material apresentado até aqui também foi analisado por Silva e Prada (2019), que concluem que as principais reivindicações do MST em relação à saúde dizem respeito ao fortalecimento do SUS, à prevenção da saúde, à valorização das práticas populares em saúde e, de forma mais completa, o exercício de uma vida digna (*Ibidem*, p.55). A própria ideia, recorrentemente afirmada pelo Movimento, de discutir uma saúde “do campo” ou “popular” reflete o vínculo da discussão e formação dos militantes sobre os cuidados em saúde com o contexto e a situação histórica vivida por essas pessoas enquanto grupo social, e não como indivíduos, portanto aponta para as condições de vida desses sujeitos.

Por sua vez, um dos documentos pioneiros quando se fala da elaboração, em curso, da concepção do MST de saúde mental é a cartilha realizada em conjunto com a Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG), intitulada *Cuidados em saúde mental: diálogos entre o MST e o SUS* (2014). A cartilha buscou apresentar saberes e práticas em torno do sofrimento mental grave, do uso prejudicial de álcool e outras drogas, do direito à saúde, da saúde do campo (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DE MINAS GERAIS, 2014, 2014, p.11). O material que compõe a cartilha foi escrito a partir de uma Oficina de Educação Popular em saúde mental realizada pelo Setor de Saúde do MST e pela ESP-MG. A cartilha traz um breve relato de alguns militantes para expor uma compreensão sobre o que é saúde mental no âmbito da Reforma

Agrária, sobre alguns dos problemas centrais enfrentados pelos militantes e sobre a relação com o SUS. A Reforma Agrária em si é entendida como uma forma de cuidado em saúde para os militantes, “a própria luta pela terra e pela Reforma Agrária é uma forma de cuidado com a saúde, pois resgata a autoestima e a dignidade das famílias Sem Terra!” (ESP-MG, 2014, p.24). Nesse sentido, o engajamento é uma forma de enfrentamento daquilo que é visto como fatores de risco à saúde mental dos militantes.

A esperança é um fator importante na vida do militante, o que torna mais um motivo para a relevância dada à concretude da luta e das possibilidades alcançadas por meio dela. De acordo com a Cartilha, os militantes chegam ao MST por verem uma forma de construir uma alternativa à exploração do trabalho, à exclusão social e a precariedade das condições de vida (ESP-MG, 2014, p.22), há uma “esperança de uma vida melhor” (*Ibidem*). O ataque a essa esperança, de acordo com a cartilha, ocorre pela lentidão da Reforma Agrária, pelo tempo “embaixo da lona preta, sem saneamento básico e energia elétrica” (ESP-MG, 2014, p.22) e pela sobrecarga, que recai de forma desigual sobre homens e mulheres. O cenário de precariedade vivido pelos militantes é adoeceador em diversas camadas e a conclusão apresentada na Cartilha é que cuidar dos adoecimentos apenas, sem incluir as condições de vida e de pertencimento, seria infrutífero. Por isso, o MST reafirma nessa cartilha o que já havia dito no caderno de saúde mencionado anteriormente, que “Lutar por saúde é lutar pela vida” (*Ibidem*, p.23).

Resumindo, portanto, a noção de saúde mental que vem sendo construída no MST, com base nos documentos elaborados até o momento, está intrinsecamente ligada ao pertencimento coletivo e à luta pela terra, uma vez que o movimento compreende que a saúde não se limita apenas ao tratamento de doenças, mas sim abrange o “todo do humano” (MST, 1999, p.12). Nesse sentido, a própria luta pela Reforma Agrária atua como uma forma de cuidado em saúde mental, pois fortalece a autoestima e dignidade das famílias Sem Terra. Além disso, o MST entende que conquistar a saúde vai além da luta pela terra, visto que exige também a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Dessa forma, a visão de saúde mental do MST se materializa em práticas de cuidado que rejeitam a exclusão e priorizam o acolhimento das pessoas dentro dos mesmos coletivos que as possibilitam engajar-se em lutas coletivas.

### 3.2. A Rede de Saúde Mental (RSM)

A Rede de Saúde Mental é um coletivo criado dentro do MST que reúne diversos voluntários — tanto que já eram previamente militantes quanto não — sendo a maioria destes profissionais da psicologia, embora o coletivo incluía também profissionais de outras áreas. A construção e atuação deste grupo foi tema de alguns trabalhos na área da psicologia (COELHO, 2024; PIRRO, 2023; ROCHA et al, 2021), mas segue inédito na área da antropologia. Para o tema em questão nesta tese, porém, a Rede de Saúde Mental congrega vários pontos abordados até aqui e permite o estudo de uma forma de cuidado gerida no próprio movimento social para com seus militantes. Ao longo deste tópico e do próximo, apresento como a Rede desenvolve uma noção de militância por meio do cuidado. Como venho apresentando até aqui, o cuidado é inseparável da construção dos militantes enquanto sujeitos que formam e são suportados por um coletivo.

A Rede de Saúde Mental surgiu em 2020, simultaneamente ao início desta pesquisa, embora eu só tenha tomado conhecimento de sua existência e a incorporado ao estudo em 2023. Enquanto a presente investigação buscava compreender o bem-estar dos militantes e sua identidade como membros de um movimento caracterizado pela forte presença nas ruas e nos coletivos presenciais, a RSM se preocupava com os impactos do isolamento social, porém sob outra perspectiva. A Rede teve origem com a Rede de Combate à Violência Doméstica (RCVD), criada a partir de uma campanha do setor de gênero do MST durante a pandemia de COVID-19 (COELHO, 2024, p.70). Não é irrelevante que a RSM tenha origem a partir do setor de gênero do MST que, por sua vez, existe no MST desde o ano 2000. Naquele momento, vale lembrar, o crescimento dos casos de violência doméstica surgia como uma consequência não planejada do isolamento social. Inicialmente, a RCVD era estruturada em três frentes: comunicação audiovisual, grupo de militantes dirigentes e rede de saúde mental<sup>16</sup>. A Rede de Saúde Mental (RSM), o terceiro braço da RCVD, constitui o objeto de interesse nesse capítulo.

---

<sup>16</sup> A frente de comunicação audiovisual criava conteúdos acerca das questões de gênero e feminismo camponês popular para as bases do Movimento Sem Terra e para as redes sociais e mídias físicas, além de vídeos, áudios, artigos científicos, entre outros. O grupo de militantes dirigentes, por sua vez, foi um coletivo que assumiu o compromisso de representar a RCVD, que no momento de sua criação estava focada em São Paulo,, contribuindo na divulgação dos materiais de comunicação, na identificação dos casos de violência e apoio no cuidado desses casos nos territórios e acionamento da Rede.



Desde sua criação, a RSM apresentava um perfil multidisciplinar, inicialmente focado no atendimento à violência doméstica, incluindo não apenas psicólogos, mas também assistência jurídica com advogadas parceiras do MST (PIRRO, 2023, p.44). A necessidade premente de assistência psicológica, identificada pela RCVD, levou à consolidação da RSM "enquanto coletivo de saúde mental, a princípio composto por psicólogos parceiros do movimento e depois por outras categorias profissionais, que se autodenominou "Rede de Saúde Mental do MST" (*Ibidem*). As formas de atuar da rede aconteciam por meio de acolhimentos individuais, em grupo ou oficinas. Em geral, cada situação dessa era feita por meio de uma chamada de vídeo com duração de cerca de uma hora e pelo canal que fosse mais viável para o militante sendo atendido. A limitação de acesso a internet ou de espaço adequado para conversar com os profissionais da RSM era uma questão recorrente nos acolhimentos.

Ainda durante a Pandemia de COVID-19, devido à necessidade de isolamento social, o qual o MST defendeu para seus militantes, os atendimentos da Rede de Saúde Mental iniciaram de forma remota. Os profissionais parceiros que participavam do movimento agiam de modo voluntário, de modo que não eram, e seguiu sem serem, cobradas contrapartidas financeiras dos militantes para qualquer ação ofertada pela Rede de Saúde Mental. A transição da Rede de Combate à Violência Doméstica para a Rede de Saúde Mental aconteceu devido ao "aumento das queixas de adoecimento e sofrimento mental, consequentes da nova ordem social vigente de isolamento, inseguranças (econômica, política, territorial e alimentar) e medo, vivenciado pelos(as) militantes em geral" (PIRRO, 2023, p.45). O que não quer dizer, como demonstro adiante, que as questões de gênero tenham perdido centralidade, visto que muitas das militantes que buscaram a RSM eram mulheres e a presença de violência de gênero também era recorrente em suas trajetórias. Conforme fica demonstrado pelo momento de criação da RSM, a pandemia de COVID-19 foi um fator importante na virada do MST para a percepção em saúde mental de seus integrantes. As medidas de isolamento social retiraram os militantes de um formato de trocas coletivas e de ações com forte presença nas ruas e nas feiras, por exemplo, para um formato majoritariamente virtual.

Com a ampliação das demandas atendidas, de violência de gênero para demandas sob o guarda-chuva da saúde mental, o coletivo que se tornara a Rede de Saúde Mental passou a receber demandas não mais via Coletivo de Gênero, como vinha ocorrendo até então, mas de forma diversa. As solicitações vinham dos próprios

militantes que ouviam falar da rede ou das lideranças locais, estaduais, nacionais e internacionais do MST que recomendavam que militantes buscassem a Rede como forma de suporte. O meio pelo qual os pedidos de acolhimento chegavam a RSM era pelos contatos feitos, geralmente por aplicativos de mensagens, junto aos integrantes do coletivo. À medida que o coletivo crescia em quantidade de voluntários e de presença dentro do MST, os profissionais da RSM passaram a ser convidados pelo Movimento Sem Terra a participar de momentos de formação e para fazer ações de apresentação e intervenção nos acampamentos e assentamentos. Tais ações presenciais ocorriam principalmente na região de São Paulo, onde se encontravam a maior parte de seus voluntários e onde teve origem o coletivo.

O trabalho da Rede era fundamentado em alguns “combinados”, que compõem uma base inicial para a metodologia de trabalho da rede, enraizado em suas capacidades e reflexões. Esses combinados eram periodicamente debatidos nas reuniões do coletivo, podendo ser alterados. O que trago aqui é um registro do que eram esses combinados no momento da pesquisa. Os acolhimentos, via de regra, ocorriam em até oito encontros, podendo ser avaliado caso a caso a necessidade de mudanças pontuais (o plantão psicológico; cada profissional do coletivo tem seu modo e abordagem específicas de atuação, e no geral o primeiro encontro é para um escuta ativa, para acolher e se apresentarem, referenciando também o atendimento como parte da ação da rede; ao longo dos encontros, devia-se traçar com a pessoa atendida as redes que ela pode contar, seja no âmbito pessoal (familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, etc), território (unidades do SUS, atendimentos solidários ou particulares, etc) ou também no âmbito virtual; caso a pessoa atendida precise de acompanhamento psicoterapêutico de maior duração que o acolhimento, o profissional do acolhimento podia verificar se havia disponibilidade de fazer a continuidade (voluntária ou no valor social).

Juliana Pirro e Paula Coelho, pesquisadoras da Rede de Saúde Mental, também integravam essa rede durante o período em que participei e realizei minha pesquisa. Ambas são psicólogas, sendo Paula Coelho também militante de longa data do MST e uma das fundadoras da RSM. Neste tópico, combinarei as informações dessas pesquisadoras sobre a descrição e formação da Rede de Saúde Mental com minhas próprias observações.

De acordo com Pirro, as principais queixas advindas dos militantes que buscaram a Rede de Saúde Mental no período de 2020 a 2022 foram expressas na forma de ansiedade, tristeza, ideação suicida, luto, situação de crise, violência doméstica, sobrecarga, insônia, abuso de álcool e instabilidade emocional (PIRRO, 2023, p.45). Coelho (2024) categoriza as demandas recebidas pelo coletivo em dois tipos principais: questões estruturais (como exploração do trabalho, crises, individualismo, empobrecimento e violências) e questões singulares dos militantes (como conflitos de adaptação à luta social, sobrecarga de funções e desafios da vida coletiva). No contexto específico da Pandemia de COVID-19, Rocha et al (2021) identificaram ainda o "sofrimento advindo da impossibilidade de militar presencialmente; a preocupação com companheiras e companheiros que contraíram COVID e estiveram em situação de risco e o medo do adoecimento" (ROCHA et al, 2021, p.74).

Em minha própria experiência na Rede e ao longo de toda esta pesquisa, observei que o sofrimento dos militantes era, em geral, silencioso. Em relação a RSM, eles geralmente chegavam após suportar prolongado sofrimento, após haver tentado lidar com suas dores usando poucas palavras e ou por meio do acúmulo de tarefas como forma de desviar-se dos problemas sentidos ou por meio do isolamento dos demais militantes. A primeira estratégia é algo que abordei em outros trabalhos (FREITAS, 2019; 2023) como um meio de deslocamento de um sofrimento como forma de manter intacta a eficiência (FREITAS, 2023, p.21). Essa estratégia tende a ser problematizada mais lentamente, pois mantém o sujeito ativo com suas tarefas. Já a segunda forma de lidar com o sofrimento, a do isolamento, era percebida e encaminhada para a RSM mais rapidamente, inclusive pelo caráter bastante coletivo do MST. Poucas atividades são realizadas de modo compartimentalizado, fazendo com que a ausência prolongada de um militante tenda a ser fortemente sentida pelos demais.

A maioria das pessoas que buscou ajuda junto à RSM era composta por mulheres, que não raramente relataram ter sofrido abuso ou assédio em algum momento de suas vidas. Não por acaso, a Rede teve sua origem no setor de gênero do movimento. Outros padrões recorrentes incluíam militantes que haviam presenciado ou sofrido violências físicas em contextos urbanos e rurais, além do peso de serem referência para outros dentro do movimento social enquanto lidavam com suas próprias dores e responsabilidades. Havia também situações de abuso de álcool e outras drogas, embora eu não tenha entrado em contato diretamente com essas demandas.

Ao longo de sete meses, fui voluntário na Rede de Saúde Mental. Quanto a minha participação na Rede, destaco inicialmente que meu ingresso na Rede de Saúde Mental foi um desdobramento direto da pesquisa realizada com militantes no Distrito Federal, o que, por sua vez, resultou da relação com os militantes no Ceará. Foi por meio de uma das militantes apresentadas no capítulo anterior, Crassiflora, que cheguei à então coordenadora do Setor Nacional de Saúde do MST, que me levou ao contato com Pequi, militante apresentada neste capítulo.

Entre 2023 e 2024, participei da organização da Rede de Saúde Mental, junto com demais voluntários. Fui acolhido no grupo como um antropólogo em pesquisa e que, com o tempo, se colocava também à disposição para realizar os acolhimentos da rede. Passei por formações internas, assisti e coordenei debates e fiz parte de dois grupos de trabalho, plantão e núcleo de dados, que tanto permitiram minha atuação mais próxima aos militantes que buscavam à RSM como me permitiram conhecer melhor o coletivo.

No período que estive na RSM para esta pesquisa, as formações que participei foram sobre a abordagem, funcionamento e experiências do plantão psicológico em outras iniciativas e coletivos e sobre saúde mental da juventude e dos Sem Terra LGBT no MST. Algumas outras formações que aconteceram no coletivo ao longo de sua existência foram sobre a luta antimanicomial e o SUS e sobre masculinidades.

Também fiz parte do grupo de trabalho sobre de criação do plantão psicológico da RSM e do Núcleo de Dados. O primeiro grupo, foi responsável por estudar as formas de implantação do plantão na RSM, organizar a logística ligada a esse processo e dialogar com os demais membros da RSM para apresentação e convite à participação. Já o núcleo de dados, conforme mencionado anteriormente, era responsável por gerenciar as estatísticas sobre os atendimentos feitos e também os que aguardavam na fila. Ao longo de 2024, o plantão psicológico da RSM realizou 75 atendimentos (sendo quase 70% de mulheres) e teve sete voluntários envolvidos para a realização dos acolhimentos. Uma característica dessa modalidade de acolhimento fornecida pela rede era a proximidade entre a busca de ajuda pelos militantes e a resposta dada. Sua limitação, por outro lado, era a impossibilidade de realizar um acolhimento maior. Quanto aos agendamentos, de forma regular a mensagem abaixo era enviada a todas as

pessoas que estavam aguardando na fila da RSM ou que foram encaminhadas para os parceiros da Rede.

 Alô, companheirada! 

A Rede de Saúde Mental do MST oferta o Plantão de Saúde Mental.

O Plantão é um encontro online, individual e pontual com profissional da rede, para conversar sobre algum problema emocional que está acontecendo, com o objetivo de ofertar reflexão e acolhimento, e pode ser marcado quantas vezes for necessário.

A Rede também oferta acolhimento individual, grupos, oficinas e parcerias para acompanhamento psicológico de longo prazo.

Para agendamento, enviar mensagem para [telefone ocultado], com as palavras "Plantão da Rede".<sup>1</sup>

Auto-cuidado é ato político e, em tempos como esse, sempre importante lembrar, saúde é a nossa capacidade de lutar.

(Diário de Campo, outubro de 2024)

Em minha atuação como voluntário, realizei oito atendimentos, todos com mulheres militantes do MST, com idades entre 14 e 50 anos, dentro da modalidade de plantão. As militantes que acolhi no plantão da RSM exerciam suas atividades tanto no Brasil quanto nas brigadas internacionais. As demandas apresentadas por elas incluíam: acúmulo de angústias e sobrecarga emocional; conflitos raciais dentro e fora do movimento social; esgotamento por excesso de demandas; isolamento em tarefas militantes fora do Brasil; violência familiar e abuso de drogas; abuso na infância; e conflitos familiares. Compreendo que seria de grande valia a análise dessas demandas, porém neste capítulo, o foco está na percepção dos militantes que compõem a Rede de Saúde Mental. Minha atuação como voluntário e participante das interlocuções de casos não busca analisar as pessoas que procuraram atendimento. Minha atuação como voluntário serviu como forma de contribuir com os cuidados em saúde mental e estive posicionado como pesquisador unicamente junto aos militantes que compunham a Rede, mas não aqueles que foram atendidos por ela.

Busco compreender, por meio da atuação na Rede e dos relatos dos militantes que a compõem, os sofrimentos identificados, especialmente aqueles ligados à existência do sujeito como militante. Partindo de um outro perfil de militante e localizado de forma distinta daqueles que foram apresentados até aqui, busquei entender como sujeitos inseridos e feitores da RSM enxergavam o cuidado em saúde mental no MST e como suas próprias motivações se relacionavam com as práticas do coletivo.

A criação da RSM deu vazão a uma determinada demanda por acolhimento dentro do MST. Conforme venho ressaltando até aqui, a resposta por meio de um serviço de saúde mental não é a única dada pelo movimento, visto que as atividades de socialização e participação dos militantes e também de trabalho sobre suas percepções sociais de si no mundo, são também formas de cuidado. Porém, interessa aqui justamente esse momento e essa estratégia de cuidado dentro do MST no qual determinados sofrimentos são explicitamente traduzidos e recebidos enquanto demandas de saúde mental.

Passo agora a apresentação da dinâmica de funcionamento da Rede de Saúde Mental do MST. Além dos atendimentos realizados, os integrantes da Rede se reuniam semanalmente, às quartas pela manhã, de forma virtual. Os encontros semanais alternavam reuniões para organização e discussão de questões de funcionamento da Rede com encontros para interlocução de casos atendidos. No primeiro tipo de reuniões, eram discutidas as formas de funcionamento da Rede, que passavam por como distribuir casos entre os voluntários, como receber novos membros que chegavam à rede, como organizar as listas de atendimentos, verificar a lista de espera, verificar quem continuava disponível para atendimentos e outros aspectos. Ainda nas reuniões organizativas, também eram feitas formações para os membros da RSM ou compartilhados momentos de estudo sobre temas que diziam respeito ao bem-estar dos militantes e ao contexto social e político no qual os membros do MST e o próprio movimento estão inseridos. Nestas reuniões, “alinhamos fluxos, refletimos sobre saúde mental e especificidades das populações do campo, construímos os temas dos encontros, partilhamos as angústias e limitações dos atendimentos e dos grupos (e das profissões), ampliando nosso repertório teórico e técnico a partir das discussões e desdobramentos destes” (PIRRO, 2023, p.53).

Nas reuniões do segundo tipo eram discutidos os casos, como uma forma de supervisão horizontalizada<sup>17</sup> (PIRRO, 2023, p.49). Nessas situações, os voluntários da Rede traziam dificuldades que encontraram durante os atendimentos ou a necessidade de ajuda para além do atendimento individualizado. Também buscavam formas para que a coordenação do MST onde os militantes estavam exercendo suas atividades

---

<sup>17</sup> A supervisão horizontalizada refere-se a um modelo de supervisão do trabalho psicológico clínico fundamentado em relações não hierárquicas, colaborativas e dialógicas. Em vez de uma estrutura tradicional em que um supervisor mais experiente orienta e avalia um supervisionando, a supervisão horizontalizada ocorre com a reunião de profissionais que se orientam mutuamente sobre os casos acompanhados.

buscassem servissem de suporte, fosse por meio do encaminhamento para o SUS ou por meio de medidas dentro do próprio movimento ou ainda com familiares e amigos. Os atendimentos da Rede eram separados em três grupos no período de minha participação: atendimentos em grupo, como em oficinas terapêuticas; atendimento individualizado, que ocorreria, como regra geral, em oito encontros; e o plantão psicológico, modalidade que foi criada por último, em relação às demais<sup>18</sup>.

As reuniões eram organizadas por uma dupla rotativa de integrantes da Rede que ficava responsável por coletar os informes e as pautas para a reunião ao longo da semana, preparar a mística para abertura do encontro e fazer a ata. Durante sete meses, participei de aproximadamente 30 reuniões, alternando entre os dois tipos mencionados (interlocação e supervisão). Além disso, aconteceram encontros do Grupo de Trabalho do Plantão, do Núcleo de Dados e da Comissão de Entrada<sup>19</sup>, sendo que integrei os dois primeiros GTs. Nem todos os participantes da RSM integravam os grupos de trabalho específicos, apesar de ser algo incentivado, e alguns participavam de um ou mais grupos. Dado o caráter voluntário do trabalho, a participação acontecia de acordo com a disponibilidade de cada um, sendo necessário, porém, que alguns sempre estivessem disponíveis para o funcionamento do coletivo. As reuniões gerais e de interlocação, mencionadas anteriormente, aconteciam às quartas pela manhã, contando com média de 13 participantes, e seguiam o modelo organizativo característico do MST: mística, informes e discussão de pontos organizados em pautas.

Um dos temas mais recorrentes nos encontros dos membros da RSM era o tamanho da fila de espera de militantes para serem atendidos pela Rede de Saúde Mental, com algumas pessoas indicadas como situações de urgência. Por mais que diversos esforços fossem feitos para acolher todos que buscavam a rede, a fila seguiu crescendo por todo o tempo que lá estive. Como disse antes, havia cerca de 13 pessoas participando de forma ativa e constante da RSM, apesar de uma quantidade bem maior, de cerca de 70 pessoas, ter preenchido um formulário de ingresso e disponibilidade para

---

<sup>18</sup> A metodologia com oito encontros foi criada a partir das experiências da própria Rede de Saúde Mental. Esse quantitativo era passível de ser flexionado, mas a diretiva servia como forma de orientação. A limitação tem relação também com a proposição da RSM de não servir como um atendimento por tempo indeterminado. O Plantão, por sua vez, funcionava por meio de um acolhimento único. Esse modelo também já existe dentro das práticas clínicas da psicologia.

<sup>19</sup> O Núcleo de Dados tinha o trabalho de administrar e organizar os dados produzidos pela RSM, principalmente os dados de profissionais disponíveis e participando das reuniões e de militantes à espera de acolhimento. A Comissão de Entrada tinha a função de receber os novos voluntários da RSM e apresentar o coletivo.

atuar na rede. O perfil majoritário eram de profissionais da área psi, principalmente psicólogos e psicanalistas, mas havia também outras especialidades, como advogados, educadores e cientistas sociais.

A presença de profissionais que não eram do campo psi ia ao encontro da proposta da rede de criar um acolhimento que é, em parte, devedor da psicologia, mas é também, e principalmente, devedor da experiência do MST como movimento social. Alguns debates sobre esse tema foram induzidos justamente pela minha presença lá, como alguém que também se dispunha a contribuir com a RSM, mas que não era psicólogo. Recorrentemente era ressaltado que a presença na rede não significava a disponibilidade para fazer os acolhimentos dos militantes e que para o fazer não necessitava ser psicólogo. O imperativo era estar alinhado com a Rede e inserido no processo de construção coletiva.

A cada encontro semanal ficava mais evidente que a saúde mental não é protagonismo da psicologia e a **necessidade de combater a individualização do processo saúde-doença**, resquícios de uma prática neoliberal. Para o cuidado psicossocial, a composição - e não sobreposição - de diversos saberes e setores apresenta-se como direção. Dessa forma, as oficinas, grupos e atendimentos, ações inicialmente ofertadas, abrem espaço para outros desdobramentos que surgem a partir do pé no chão, escuta aterrada, vínculo, confiança e diálogo de saberes, principalmente com o Movimento. Estes nos ensinam a desindividualizar o sofrimento e apostam na partilha enquanto ferramenta ético-política, subjetiva e objetiva, indo contra a ordem neoliberal especialista e segmentada (PIRRO, 2023. p.55, grifos meus).

Há um caráter inseparável entre saúde mental e condições sociopolíticas nas quais os sujeitos que compõem o MST estão inseridos e que buscam construir. A abordagem da Rede de Saúde Mental é diretamente conectada à definição basilar de saúde como capacidade de lutar, ou seja, de se engajar, imaginar e produzir um mundo diferente.

Um aspecto crucial para esta pesquisa, e para o desenvolvimento do próximo tópico é como os cuidadores da Rede de Saúde Mental exercem também uma militância fortemente ligada ao MST. Pirro observou, ao fim de sua pesquisa, que "após três anos de Rede, há psicólogas/os militantes e militantes psicólogas/os" (PIRRO, 2023, p. 90),



o que também foi percebido por alguns estudantes de graduação de psicologia da UNIFESP que passaram pela RSM como um projeto de extensão, que percebiam seu trabalho não apenas como atendimento clínico, mas como uma forma de militância.

Ou seja, a Rede de Saúde Mental não apenas presta atendimento aos militantes, mas também acaba por transformar seus próprios integrantes. Como demonstrarei no próximo tópico, os voluntários que compõem a Rede encontram nesse coletivo formas de adquirir uma agência coletiva sobre aquilo que lhes aflige socialmente. Sentimentos como raiva ou gratidão são mobilizados em prol do suporte dos militantes e do MST. A RSM opera dentro de uma lógica que combina o atendimento em saúde mental, bastante vinculado à psicologia, com os princípios organizativos e políticos do MST. Essa fusão se manifesta tanto na estrutura das reuniões, que seguem a pedagogia do movimento, quanto na própria concepção de saúde mental adotada, que vai além do modelo individualista para abraçar uma perspectiva coletiva e politicamente engajada do cuidado.

### 3.3. Os militantes da RSM

A noção de saúde mental no MST está intrinsecamente ligada ao pertencimento coletivo e à luta pela terra. Como vimos até aqui, o movimento compreende que a saúde não se limita apenas ao tratamento de doenças, mas envolve o "todo do humano" e a própria luta pela Reforma Agrária é vista como uma forma de cuidado em saúde mental, pois fortalece a autoestima e dignidade das famílias Sem Terra. É seguro afirmar que o MST entende que conquistar a saúde vai além da luta pela terra, exigindo também a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Esta visão se reflete nas práticas de cuidado do movimento, que rejeitam a exclusão e privilegiam o acolhimento das pessoas em seu próprio meio social, considerando que o cuidado coletivo tem poder de fortalecer os indivíduos diante das dificuldades da vida.

Nos tópicos seguintes, apresento quatro militantes que compunham a Rede de Saúde Mental de forma bastante ativa. Os quatro são psicólogos, em idades na faixa etária de 35 a 45 anos, com experiência pregressa ou não com o MST, mas que a partir da formação da Rede foram construindo sua forma de se tornarem militantes dentro do movimento. Os quatro aqui mencionados faziam parte de um grupo que era chamado, de forma amistosa, mas não menos real, de uma "Velha Guarda" da Rede de Saúde

Mental. A primeira militante apresentada será Pequi, psicóloga, militante do MST em especial no setor de gênero e uma das criadoras da RSM. Em seguida, discutirei como a noção de militância e a mobilização de sentimentos surge a partir da trajetória de Pinheiro, também psicólogo e com uma trajetória militante que passa por outros movimentos sociais. Mauritia e Mirabilis, as duas militantes seguintes, também chegaram ao MST por meio da RSM. Cada um desses sujeitos traz, por meio de sua trajetória, contribuições e elaborações sobre o que significa saúde mental dentro do MST, o que fazer para cuidar dela, o que a prejudica e qual o papel da RSM dentro do MST.

Os tópicos a seguir são focados nas trajetórias dos militantes e não nos atendimentos realizados por eles dentro da Rede de Saúde Mental. Os quatro aqui apresentados trabalharam em diversas frentes dentro do coletivo de saúde mental do MST e por mais que alguns de seus acolhimentos tenham sido debatidos em reuniões de interlocução ou dentro dos grupos de trabalho específicos, não houve qualquer comunicação ao longo da pesquisa de que essas informações poderiam compor a presente tese. Desta forma, focarei em suas trajetórias e reflexões sobre o cuidado realizado por meio da Rede de Saúde Mental.

### 3.3.1. Pequi - “Acho que essa coisa de ser militante também, alguma medida é parte do que você é”

Pequi é militante do MST, psicóloga, mulher e mãe de uma filha. Pequi teve papel central na formação da Rede de Saúde Mental em 2020. Participou desde a criação e continua atuando ativamente. Durante esta pesquisa, cursava um doutorado onde também estudava a saúde mental no MST.

Pequi foi meu primeiro contato dentro da Rede de Saúde Mental e quem me acolheu nesse coletivo. Desde então, passei a encontrá-la em praticamente todas as reuniões da RSM, exceto quando ela estava envolvida em outras atividades do movimento ou na finalização de sua pós-graduação. Assim como outros militantes que compõem hoje o movimento, ela não é agricultora de origem e não necessariamente é ela mesma uma Sem Terra no sentido literal do termo. Sua aproximação ao MST se deu por uma comunhão de objetivos e identificação com as causas defendidas pelo movimento.

O primeiro contato de Pequi com o MST ocorreu por meio de sua graduação em psicologia, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Durante seu período de graduação, o Movimento Sem Terra esteve presente por meio de atividades de extensão e também por meio de sua orientadora. Sua aproximação com o MST teve um papel importante para fornecer significado a sua atuação como psicóloga, o que ficou evidente após sua graduação e no seu interesse em possibilidades profissionais fora dos atendimentos individuais.

Com o objetivo de trabalhar com saúde pública, Pequi tornou-se servidora do Sistema Único de Saúde (SUS) e foi imediatamente trabalhar e morar em um acampamento do MST, onde já conhecia outras militantes. Ao prestar o concurso, ela já visava poder paralelamente atuar em uma comuna urbana do MST que havia na região de atuação do concurso. Sua atuação no acampamento foi inicialmente com a construção das cirandas infantis, espaços que são importantes tanto para as próprias crianças como também para os pais e especialmente as mães. A ciranda infantil é uma atividade inseparável de uma política de gênero e de educação dentro MST, os quais seriam os dois primeiros setores por onde Pequi atuou no MST.

Eu fui trabalhar como psicóloga e acampada, em uma ocupação urbana nossa. Acho que essa entrada foi a entrada talvez mais orgânica. Já tinha saído do movimento estudantil. [...] Então, a minha trajetória na psicologia e no movimento, elas foram caminhando um tanto juntas, apesar de paralelas. Elas não se cruzavam até a rede existir. Quando a rede existiu aí a gente começou a cruzar mesmo. (Entrevista concedida em abril de 2024).

Quando os militantes que estavam assentados na comuna urbana foram para as casas que haviam conquistado, Pequi passou a compor a equipe de militantes da Regional da Grande São Paulo, no setor de Educação do MST, onde ficou por cerca de dois anos, indo em seguida para o setor de gênero. Esse momento é entendido como sua entrada mais orgânica no movimento, no sentido de organicidade dado como uma categoria de “integração” e “sintonia” com o movimento (CHAVES, 2000, p.131). Esse processo de tornar-se orgânica com o movimento é um processo de construção conjunta, agora de dentro e não como uma colaboradora externa. Esse processo de ingresso, de forma orgânica, tem relação com o que foi apresentado por Jericó no capítulo 1, quando esta falou de seu ingresso primeiro como uma apoiadora e depois como alguém que iria assumindo tarefas e se tornando uma militante.

Durante essa pesquisa, Pequi estava na direção regional e estadual de gênero, pelo estado de São Paulo, assim como compunha a coordenação nacional do MST. Por mais que sua atuação no MST e no SUS tenham se retroalimentado, foi apenas com a Rede de Combate a Violência Doméstica, e posteriormente a Rede de Saúde Mental, ambas do MST, que essas linhas passaram a se cruzar. O nascimento da Rede de Saúde Mental é devido ao processo de organização dos coletivos de mulheres dentro do MST. Pequi, em suas tarefas no setor de gênero, havia, logo antes da chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil, participado da organização 1º Encontro Nacional das Mulheres Sem Terra, ocorrido em Brasília em 2020.

A gente fez um encontro nacional das Mulheres Sem Terra, um pouquinho antes de fechar a pandemia. **Então a gente voltou, assim... a gente estava muito com aquela mística forte, daquele tanto de mulher reunida em Brasília, pensando conjunturas, fazendo análise, dançando, conspirando, tocando as tarefas e fazendo aquele evento daquele tamanho acontecer e funcionar, ser bom, e marchamos.** A gente voltou com essa força assim. É, e aí quando veio a pandemia, a gente não estava esperando. [...] E aí, logo em seguida, quando fechou [início das medidas de isolamento social] o setor de gênero nacional, começou um processo de uma campanha de que chamava contra os vírus e as violências e aí o mote, era “em casa, mas não em silêncio”. Que foi isso, a gente já sabia que estava num processo de violência. A gente sempre teve essa questão, historicamente, enquanto sociedade brasileira. E aí a gente... esse negócio vai pegar, porque as casas, que supostamente são um ambiente seguro, ela não é seguro para todas as pessoas. Então a gente começou esse processo dessa campanha e a ideia era que a gente desse um jeito. Vamos falar sobre isso. Vamos dar um jeito, as pessoas não podem ficar sozinhas. Nós não podemos ficar sozinhas de casa isoladas porque o bicho vai comer, vai ser foda. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Conforme ressaltado em alguns momentos ao longo desta pesquisa, há uma alimentação importante da força dos militantes e em suas razões para militar nos momentos de reunião, de modo semelhante ao que foi empregado por Cumaru no capítulo 1. A mística, no sentido utilizado por Pequi na citação acima, é impulsionada nesses encontros, que ocorrem em feiras, congressos, reuniões, marchas, etc. Esse é um dos motivos pelo qual a pandemia gerou uma grande preocupação nos militantes, a saber, a necessidade de evitar os espaços de ocupação dos espaços coletivos. Foi,

porém, impulsionado pelo Encontro de Mulheres recém ocorrido, que o setor de gênero do MST iniciou a campanha de combate à violência doméstica. Pequi foi convidada para compor a rede pela sua formação como psicóloga em um coletivo de profissionais que teria o papel de fornecer suporte, assessoria ou apoio para as pessoas que estivessem ou em risco ou que tivessem sido vítimas de algum tipo de violência. A análise de Butler sobre a relação entre o feminismo e os movimentos sociais, complementa a reflexão de Pequi sobre a relação entre o encontro das mulheres e a formação da RCVD, no sentido em que o feminismo é importante para redes de solidariedade e resistência no sentido em que questiona situações de reprodução de desigualdades (BUTLER,2016 , p.20). Nesse subtópico, darei preferência a abordar as reflexões de Pequi sobre a militância, deixando as demais contextualizações sobre funcionamento da Rede de Saúde Mental e seu processo de criação no trecho já abordado neste capítulo. Opto, portanto, em abordar dois pontos: sobre o manejo entre vida na militância e outras atividades e sobre o que a mantém enquanto militante.

Ao longo desta pesquisa, Pequi exercia funções na Rede de Saúde Mental, no setor de gênero, na regional de São Paulo, além de outras demandas não previstas que surgiam nas atividades com o MST, como as tarefas gerais de direção política do movimento, o que inclui participação em feiras, encontros estaduais, jornadas de luta e apoio a acampamentos que enfrentam riscos de despejo. Como todos os militantes retratados até aqui ressaltaram, as tarefas no movimento extrapolam aquelas das suas funções designadas. Além desses aspectos, ela estava concluindo seu doutorado em Psicologia Social, cuidava de sua filha e realizava atendimentos psicológicos como profissão. A mediação entre suas diversas atividades foi tema de nossas conversas.

**Acho que se a gente fosse colocar militância, fosse colocar é numa tabela de horas assim, a gente ia ver que é bem surreal assim a quantidade de horas, talvez por semana, por mês, não tem como contabilizar isso, porque é o tempo. E aí a gente vai encaixando as coisas. [...] Eu acho que o doutorado, por exemplo, agora ele está tomando mais tempo, mas por muito tempo ele tomou menos. Acho que a militância, se a gente for somar uma quantidade de horas, ela soma mais horas do que o trabalho, do que o doutorado, no geral, do cotidiano. Acho que se eu for pegar o trabalho doméstico de cuidado com a minha filha, aí a militância não ganha disso. Mas as outras esferas da vida? Eu acho que sim.**  
(Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Quando questionada sobre como equilibrava a militância com o doutorado e o trabalho, Pequi refletiu que "não tem equilíbrio". A quantidade de horas dedicadas à militância é "surreal", superando o tempo dedicado ao trabalho e ao doutorado. Apenas o trabalho doméstico e o cuidado com sua filha demandam mais tempo que a militância. Porém, isso não exclui as mediações que podem ser feitas. Em momentos específicos, como durante a finalização de seu doutorado, ela precisou estabelecer limites e recusar algumas tarefas. No entanto, ela ressaltou que a militância é uma parte fundamental de sua vida, não apenas uma atividade extra. A militância ser parte de como Pequi se entende no mundo é fator essencial para compreender como essa quantidade surreal de atividades e desafios convive com a mística ou com a vivacidade que as atividades militantes a proporcionam. Em outras palavras, entender a coexistência desses dois aspectos é necessário para compreender os caminhos que são constantemente negociados para evitar a exaustão.

Isso nos leva à questão de entender o que a mantém fortemente engajada na militância. A reflexão feita por ela arregimenta e compara sua trajetória enquanto militante com as possibilidades que ela teria enquanto não militante. Pequi compara seu estado de comprometimento em diversas tarefas com o de pessoas de fora da militância ou consigo mesmo, que não estava organicamente engajado ao MST. Ela contrapõe o mundo do trabalho (enquanto profissão no mercado) ao mundo da militância. Se ambos apresentam demandas contínuas, ela afirma que, no primeiro, não entende que recebe nem o reconhecimento nem as condições para alcançar uma vida digna. Por outro lado, dentro da militância, Pequi enxerga “uma forma de tornar esse mundo respirável, e da gente aspirar algum futuro que também possa ser melhor”. O caminho da organização social é a forma que ela entende como realista para enfrentar “as contradições, a barbárie, a violência, a desumanização que é inerente ao nosso sistema”. A dignidade de vida a qual Pequi se refere é justamente o significado de saúde que aparece em sua atuação enquanto militante.

**Acho que a saúde tem a ver com essa capacidade dos sujeitos e dos grupos de encontrar respostas possíveis diante das condições que se encontram.** E que essas respostas sejam no sentido da produção de vida, da produção de dignidade, de humanização e de uma relação com a natureza que seja também mais equilibrada. Então acho que isso seria aí a nossa... talvez um horizonte sobre o que é a saúde, como um processo dinâmico e algo não

com uma característica, algo que se obtém. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

A ideia de saúde como algo que se alcança continuamente se assemelha a outras bandeiras do movimento, como a luta pelo acesso à terra, pela reforma agrária ou por relações justas de gênero, que são constantemente tematizadas. No entanto, sua resposta sobre como se constrói essa dignidade e equilíbrio dentro da militância vai além do já mencionado ponto da construção coletiva para proteção diante dos problemas sociais — ela também inclui o afeto.

**E eu sinto que a militância, ela é esse processo da gente criar respostas coletivas concretas para esse momento que a gente já vive agora. E também é um processo que nos permite sonhar, vislumbrar outros futuros também a partir disso que a gente constrói no presente.** E seria a mentira, ou seria parcialmente a verdade, se eu não te dissesse que tem também uma vinculação, que é uma vinculação do campo, dos afetos, entre isso que a gente pode dizer que à nossa formação de identidade, a nossa formação de sujeito no mundo, de convívios que a gente tem de histórias, que a gente partilha, de valores que a gente partilha. Então, **estar também junto com a militância é também me cultivar enquanto pessoa. Também tem ali minhas relações que em alguma relação são pessoas que amam, que tem uma relação de companheirismo, de camaradagem, de partilha, de troca, de se acompanhar.** E não estou dizendo que é um mundo ideal, que a gente tem muitas discordâncias, e, isso acontece, mas eu acho que tem também essa vinculação. O MST, para mim, ele é uma grande Bandeira, mas dentro dessa Bandeira tem muitas pessoas e eu sei que a preenchem e muitas outras que eu vou conhecer, que eu não conheço ainda, enfim, que estão nesse processo. Então também tem esse lugar assim de uma afetividade que é disso, desse convívio e dessa sociabilidade que a gente vai criando a partir desses processos de luta. A partir dos processos de formação, de se repensar. Eu sinto que eu, como ser humano, aprendo muito e me transformo e sinto que dentro da militância a gente consegue transformar um pouquinho mais do que sozinho esse mundo que a gente tem que lidar assim cotidianamente. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

A noção de Butler de vulnerabilidade não como fraqueza e sim enquanto uma condição de ser afetado (BUTLER, 2016, p.6) incorre em uma possibilidade de cuidado fundamentada em relações que têm como objetivo a ação política coletiva. O afeto surge

como um componente-chave dos tipos de “ação cooperativa” dentro dos quais os interlocutores passam a habitar as ações uns dos outros (PRITZKER, 2020, p.143). A noção de Pequi de que ser militante é parte do que ela e outros membros do MST são, vai ao de uma ideia de reformulação do sujeito em primeira pessoa para um em terceira pessoa que faz com que os militantes procurem ações políticas que melhoram as suas condições de cuidar e serem cuidados. O relato de Pequi dialoga com a característica acolhedora do MST, que ela menciona posteriormente, onde diferentes perfis e trajetórias encontram espaço, demonstrando como o movimento consegue integrar as dimensões política e afetiva na construção de uma militância sustentável.

Conforme as etnografias de Loera (2015), Chaves (2000) e Lerrer (2008) têm demonstrado, a vivência dentro do MST é também uma vivência de vínculos afetivos. São amizades e relações familiares que se formam. Essas redes alimentam sentimentos tais como sacrifício, sofrimento, dignidade e coragem. A militância, conforme é apresentada por Pequi, não é apenas um meio de criar "respostas coletivas concretas" para os problemas atuais, mas também um espaço de construção de identidade e desenvolvimento pessoal. Pequi encontra sentido e sustentação por meio dos vínculos afetivos e da transformação pessoal que o movimento proporciona. A sua experiência no MST é tanto material quanto subjetiva.

A vertente material da militância se manifesta, segundo Pequi, ao perceber-se capaz de gerar resultados na vida da comunidade onde se vive: “a gente é capaz de fazer, de subir as estruturas, de montar uma ciranda, uma cozinha coletiva, de organizar a produção, de organizar guaritas, segurança”. Essa compreensão é oposta à alienação do trabalho, que Pequi elabora no sentido de ser roubado das capacidades de sentir-se útil em troca da necessidade de ser produtivo, sob uma ilusão de alcançar segurança socioeconômica.

Portanto, ser militante é quem Pequi é, para além de uma profissão que ela assume, é uma identidade formadora e que a localiza no mundo. Uma identidade que ela elege e reafirma em conjunto com uma visão de mundo: “É uma repactuação constante de uma escolha, mas é de uma escolha que também é uma necessidade. E ela é material, mas ela é também subjetiva. Eu sinto, acho que eu sou um ser humano transformado por conta disso, por conta desses processos e, pretendo seguir me transformando”. Amburana também ressaltou como ser militante e permanecer enquanto tal é uma



escolha feita, em oposição a uma posição de classe social. Pode-se verificar, que os militantes não apenas escolhem juntar-se ao MST, mas que renovam esses votos em vários momentos em suas vidas.

Reforço a importância da questão de porque é importante olhar o acolhimento no MST como uma forma de cuidar de seus militantes e a forma de manter o movimento vivo e atuante. Para Pequi, o que caracteriza o MST como um movimento acolhedor é a presença de “perfis muito variados, pessoas com histórias muito variadas, desde gente que nasceu em acampamento e assentamento, como gente como eu, que não sou filha de acampado, que não estou mais acampada”. Todos esses perfis vão construindo espaços diversos, porém negociados dentro da abrangência de ações do MST, para se sentirem agentes e construtores dos objetivos pelos quais trabalham. Quanto à construção coletiva de saúde mental do MST, Pequi reforça que esse processo está em processo, mas ele certamente não ocorrerá isolado das outras faces do que significa ser militante.

Possivelmente aí, alguns anos para frente, talvez a gente já tenha as linhas, o que o MST entende como saúde mental. Por enquanto a gente ainda não tem isso. A gente está nesse processo de construção, mas com certeza ele vai passar pela agroecologia, com certeza ela vai passar sobre os nossos valores de sociabilidade, com certeza, para mim, vai ter relação com o que é cultura, com o que é a mística, com o que a gente se apropriar dos meios de se fazer a arte, de vivenciar a arte, de lazer, de usufruir também. Vai ter a ver com a infância, com os cuidados que a gente tem com as crianças, tem a ver com ciranda infantil, tem a ver com cozinha comunitária pra gente poder partilhar aquilo que a gente tem. Então com solidariedade, vai ter a ver com certeza, com o processo de acesso à formação e de educação formal. Eu acho que tudo isso vai estar nesse bojo. (Entrevista concedida em abril de 2024).

A fala de Pequi sintetiza como a construção da saúde mental no MST está intrinsecamente ligada às várias dimensões que constituem o movimento. Não se trata de uma concepção isolada ou fragmentada, mas de um entendimento inserido nas condições de vida e de luta dos sujeitos. Esta visão integrada reflete o próprio caráter do movimento, onde o cuidado com a saúde mental emerge das práticas coletivas, das relações de solidariedade e da construção de um projeto de vida que vai além da militância política tradicional.

O que emerge desta análise é uma compreensão de saúde mental que não pode ser dissociada da própria identidade do movimento: ela está presente na mística, nas relações de companheirismo, no trabalho coletivo, na produção agroecológica, nas cirandas infantis e em todas as dimensões que fazem do MST não apenas um movimento social, mas um espaço de construção de vida e dignidade. Esta é uma perspectiva que desafia as concepções tradicionais de saúde mental, apresentando um modelo onde o cuidado é indissociável da luta por transformação social.

### 3.3.2. Pinheiro - “tem um ódio, tenho uma insatisfação, tenho uma revolta”

Pinheiro é um dos psicólogos que compõem a Rede de Saúde Mental. Ele é um homem branco, de voz suave e tranquila e mora no interior de São Paulo. Ao longo desta pesquisa ele participava ativamente das reuniões semanais da Rede, fazia acolhimentos com os militantes, compunha o núcleo de dados da RSM e ajudava na coordenação de uma parceria entre a Rede e o curso de psicologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Antes do MST, Pinheiro já estava engajado em outros movimentos sociais. Para ele, a ação coletiva e a luta por mudanças sociais eram de grande importância. Antes do contato com a RSM, Pinheiro foi militante no Partido Comunista Brasileiro (PCB), no Movimento de Organização Popular (MOP) e também atuava em um ambulatório voltado ao atendimento da população LGBT. Sua aproximação com o MST ocorreu por meio das feiras quinzenais que o movimento organizava em sua cidade, semelhantes às feiras da reforma agrária apresentadas na introdução. A parceria com o MST já existia naquele momento, por meio da conexão que Pinheiro estabelecia junto a outros movimentos onde militava, para levar alimentos do MST às periferias da cidade onde morava. Foi em uma dessas feiras, em 2021, que uma amiga sua e uma militante do MST o convidaram para compor a Rede de Combate à Violência Doméstica do MST, quando o coletivo funcionava há um ano.

Paralelamente às suas atividades militantes, está o seu trabalho remunerado no consultório. Pinheiro comentou que, em uma cidade pequena e conservadora, há certo custo de expor abertamente suas posições e engajamentos políticos, o “custo de não ser um psicanalista neutro”, o que pode se manifestar em deixar de conseguir clientes para

atender ou deixar de acessar alguns espaços. Nesse sentido, há uma sustentação da militância que precisa ser assumida. Porém, ele reafirma que o que ganha com a militância vale muito a pena. Apesar de prejudicar seu acesso a alguns espaços, suas posições políticas abrem outras relações. Entretanto, o mais importante para Pinheiro não é o que se perde com isso, mas o que se ganha em estar engajado, que é a multiplicidade de olhares, a relação da sua prática profissional com o mundo no qual vive e com as questões que o mobilizam.

Assim como Pequi, a relação de Pinheiro com a militância é também afetiva. Venho defendendo nesta tese que a política dos afetos é essencial para entender a relação dos militantes do MST com seu bem-estar, com sua visão de mundo e com sua noção de cuidado. A partir daqui, dedico este tópico à reflexão de Pinheiro sobre o significado do cuidado e da saúde na militância do MST, tomando como ponto de partida sua própria experiência. Sua resposta sobre o que o faz dividir seu empenho entre a militância e suas atividades necessárias para a manutenção financeira de suas vida é ilustrativa de como as emoções são importantes na sustentação dos militantes.

Ódio, talvez? Ódio é um bom motor. Cara, eu acho que é uma mistura de coisas. **Porque tem um ódio, tem uma insatisfação, tem uma revolta, tem uma inquietação com a vida, com a vida que a gente vive, com a vida que somos submetidos a viver.** Isso é uma coisa que para mim é muito intensa, é muito presente, uma coisa para mim, eu sinto que é muito visceral assim, sabe? (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

A mobilização da indignação e da raiva é um elemento central nos movimentos populares, e não é diferente no MST. Gohn, por exemplo, analisa a relação entre subjetividade dos participantes de novos atores de ações coletivas, chamados por ela de coletivos, como uma “gramática da ira” (GOHN, 2025, p.5). Diversos movimentos feministas, movimentos negros, LGBT, indígenas e os movimentos camponeses, como o MST, buscam organizar a indignação diante da violência sofrida pelos seus integrantes. Essa elaboração é importante para mobilizar de forma construtiva, mas também para combater o sentimento de incapacidade ou de impotência diante dos ataques sofridos. É interessante notar como Pinheiro conecta esse sentimento visceral de revolta com sua prática profissional e militante. Para ele, não há dissociação entre sua atuação clínica e sua atuação política - ambas são formas de responder à insatisfação com a realidade social, por isso sua militância alimenta sua prática profissional, não operando como um

empecilho. Essa perspectiva integrada demonstra como a militância pode ser tanto um espaço de transformação social quanto de formação pessoal e profissional. Ou seja, a forma como Pinheiro articula o ódio e a insatisfação também aponta para uma característica importante do cuidado em saúde mental no MST: não se trata apenas de acolher o sofrimento, mas de transformá-lo em ação política construtiva. Isso se alinha com a concepção do movimento de que "saúde é a capacidade de lutar contra tudo que nos oprime", onde o cuidado está intrinsecamente ligado à transformação social.

Porque, por exemplo, eu trabalho com psicanálise e tenho um consultório. Fiz a minha graduação numa universidade particular, que eu trabalhava para pagar, ao menos. **Eu não consigo diferenciar uma atuação clínica de uma atuação política. Eu não consigo acreditar, por exemplo, que eu aprimoro a minha clínica fazendo estudos, me distanciando do mundo onde vivo.** E eu acho que em grande medida é isto que a gente vê. **Para mim, enquanto pessoa, enquanto profissional, essa militância, essa participação na rede, por exemplo, não é só um espaço de transformar a minha insatisfação em algo criativo. É também. Mas é também um jeito de conhecer mais, é um espaço formativo.** Eu aprendo muita coisa e tenho discussão com pontos que para mim são muito importantes, que me fazem andar. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Para Pinheiro, o cuidado realizado na Rede de Saúde Mental é entendido como revolucionário porque tem o papel de possibilitar o sujeito cuidado a modificar o ambiente em que vive. A oposição que Pinheiro utilizou para pensar seria a entre o cuidado revolucionário e um cuidado de Recursos Humanos - “eu penso que ele tem a ver com um cuidado que visa a autonomia. Não é um cuidado interesseiro no sentido... não é um cuidado de RH, de empresa, que eu cuido para que você me dê mais, cuido entre aspas”. Nesse sentido, o cuidado feito pelo MST por meio da Rede de Saúde Mental é entendido como uma medida com potencial para ser modificado, mas também para modificar o próprio MST, pois potencializa a capacidade de lutar de seus militantes, inclusive nas instâncias internas dentro do movimento. Tal formulação vai ao encontro do que é compreendido por Engel (2021, 2020) sobre o cuidado, como uma relação que é estressante permeada de conflitos. Em suas pesquisas, Cintia Engel analisou como os medicamentos são também utilizados para suavizar as relações de cuidado. Para Engel, os medicamentos funcionam, em algumas das suas situações de pesquisa, como uma forma de manter “as relações como estão, silenciem os

sofrimentos, violências e desvios da norma” (2021, p.6). Conforme Pinheiro, o interlocutor acompanhado nesta seção, trata-se não de suavizar, mas de politizar o cuidado e permitir que ele incomode se assim for necessário.

Uma outra versão de cuidado seria a do cuidado ou tratamento como palimpsesto (EPELE, 2013), que é uma expressão utilizada por María Epele para abordar a necessidade de que as práticas de cuidado têm de ser situadas em relações e contextos sociais, não sendo replicáveis de forma automática de um cenário a outro. Esta abordagem implica que os tratamentos, as práticas e as ideias vinculadas à saúde não são lineares ou completamente novas, mas são construídas em um processo de tradução, superposição e coexistência de saberes, técnicas e tradições diversas ao longo do tempo (EPELE, 2013, p.9). Ao mesmo tempo que essa noção não fala de uma substituição completa de um modelo de cuidado por outro, também traz a ideia de que as formas de cuidado são sobrescritas umas sobre as outras, resultando em uma transformação. Ainda na imagem analítica de Pinheiro, a saúde de Recursos Humanos, por sua vez, não visa adequar ou tensionar as situações sociais, e sim amenizar os conflitos.

Eu acho que não tem como desassociar saúde de cuidado, assim como não tem como desassociar saúde, de cuidado e de transformação. Porque **eu entendo que a saúde e o cuidado elas resultam em transformação**. E não transformação num sentido bonitinho do termo. Sabe de que amorzinho a pessoa está, não, porque muitas vezes a pessoa que está com mais saúde [...] ela não vai lutar necessariamente por vias bonitinhas. A pessoa com saúde, ela vai lutar também ocupando uma terra, ela vai lutar também, às vezes, implodindo uma reunião que precisa ser implodida, ela vai tomar fala num lugar e numa fala cortante em algum momento. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Pinheiro reafirmava a noção de saúde enquanto capacidade de transformar. A transformação que ele evoca é de possibilitar sujeitos que vivem violências tão recorrentes a organizarem sua indignação em prol de mudanças coletivas e também subjetivas. A novidade do debate sobre saúde mental no MST, segundo Pinheiro, é o de abrir espaço para uma crítica potente sobre as formas de ter saúde para militar. A criação da Rede de Saúde Mental é um momento no qual o MST passa a construir elementos próprios para uma militância interna, uma “militância movimento adentro”, como nomeia Pinheiro com base em sua experiência tanto no MST como nos outros

coletivos que integra. Ele sintetiza: “A Rede é uma vontade do MST de cuidar do movimento adentro”. A noção de "militância movimento adentro" que Pinheiro apresenta é particularmente significativa, pois evidencia uma evolução na compreensão do MST sobre a necessidade de cuidar não apenas das lutas externas, mas também das relações e dos sujeitos que compõem o movimento. Esta perspectiva reforça o entendimento de que a saúde mental no MST não pode ser dissociada de sua identidade política e de seus objetivos de transformação social.

Thelen (2015) mostra que há um risco em tirar o cuidado dos contextos de prática e das relações que ele engendra. Alguns dos riscos mapeados pela autora dialogam diretamente com a análise de Pinheiro, em especial o cuidado como uma forma não apenas de manutenção de relações ou de hierarquias. O formato de cuidado desenvolvido pela RSM tem a intenção de criar possibilidades para o sujeito questionar o próprio contexto no qual está inserido, ao mesmo tempo que é profundamente enraizado nos ideais coletivos e em transformação. Ainda segundo Thelen, um lado negativo que algumas etnografias sobre contextos de cuidado têm apontado é essa prática surgir não apenas como forma de produzir boas relações, mas também de criar dependência e relações de poder sobre o sujeito cuidado, ou, dito de outra forma, como uma “assimetria institucionalizada” (DROTBOHM, 2022, p.3). A noção de cuidado enquanto militância mantém os sentimentos revolucionários que Pinheiro evoca em sua motivação para participar das atividades coletivas, por ele entender que são transformadoras e não em caráter de conformidade.

A experiência de Pinheiro na Rede de Saúde Mental do MST ilustra como o movimento tem desenvolvido uma compreensão própria do cuidado em saúde mental, que integra a prática clínica com a ação política. Sua trajetória demonstra que o cuidado revolucionário proposto pelo MST não busca apenas amenizar os sintomas ou adequar os sujeitos, mas sim potencializar sua capacidade de transformação social. A articulação que ele faz entre o ódio diante das injustiças e a construção de práticas de cuidado coletivo exemplifica como o MST consegue transformar sentimentos de revolta em ação política organizada. Por fim, sua atuação demonstra como é possível construir uma prática profissional em saúde mental que não se pretende neutra, mas que se posiciona politicamente sem perder sua efetividade terapêutica. Isso ressoa com a própria concepção do MST de que o cuidado deve visar à autonomia e à capacidade de luta, não a adaptação às estruturas existentes.

### 3.3.3. Mauritia - “Tirar isso que as pessoas estão sentindo do lugar do fracasso pessoal”

Mauritia é uma das psicólogas que compunha a Rede de forma regular e bastante ativa. Além de participar de todos os encontros regulares da Rede enquanto estive fazendo pesquisa, ela também compunha atividades presenciais e representou a Rede de Saúde Mental em eventos para os quais esse coletivo foi convidado. Durante essa pesquisa, ela compunha também o Setor de Saúde do MST em sua região.

Mauritia ingressou no MST entre 2017 e 2018, justamente em meio à ascensão política do então deputado federal Jair Bolsonaro para a política nacional por meio da disputa presidencial. Assim como Pinheiro nos trouxe a importância do ódio, no sentido do que fazer diante do sentimento de indignação, Mauritia me relatou que a corrida presidencial de 2018 a deixou com muita raiva.

Eu vou perceber o embaraço no Brasil quando o Bolsonaro ascende. Naquele momento, antes das eleições eu vou ficando também com raiva, porque ele vai tomando evidência. Eu vou ficar com raiva, ficando com raiva. Até que eu encontro uma amiga que fala para mim que **eu precisava organizar a minha raiva, que aquilo ia me fazer mal**. E aí eu começo a ir para o MST como o lado mais oposto que eu teria dessa pessoa [Bolsonaro]. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

O MST surge enquanto uma possibilidade para ela, por meio de um convite, como uma forma de contrabalancear o movimento político social representado por Jair Bolsonaro. A organização da raiva, como já dito anteriormente, é elemento central nos movimentos sociais populares, ao transformar indignação em ação social propositiva. A aproximação de Mauritia com o MST foi inicialmente junto aos coletivos de mulheres militantes do MST, por meio de atividades como construção de cirandas infantis e oficinas de economia feminista e geração de renda. Essa última atividade, porém, fora interrompida pela pandemia de COVID-19, em 2020.

Foi também em 2020 que Mauritia fora convidada para ingressar na Rede de Saúde Mental. O convite chegou a ela por ser uma psicóloga e que já estava próxima ao MST. A junção entre essas duas atuações, a clínica e a militante, são essenciais no

sentido que a atuação da Rede de Saúde Mental e a do próprio MST concebem saúde como algo inseparável das bandeiras defendidas pelo movimento social.

Se Pequi relatou que o equilíbrio entre militância e vida profissional (no sentido de onde obtém sua remuneração financeira) é "uma loucura" e Pinheiro mencionou que precisa lidar com os custos do engajamento em sua vida profissional, Mauritia revela que seu equilíbrio entre esses dois campos já ocorre de forma pouco conflituosa. O que permanece em comum, contudo, é uma retroalimentação: sua atividade militante fortalece sua atuação como psicóloga, que por sua vez é direcionada aos objetivos nos quais ela está engajada: "Tem o trabalho remunerado e o trabalho voluntário. O trabalho remunerado também consegue atualmente sustentar o meu tempo de militância".

Ter uma atuação, dentro e fora da profissão, que esteja alinhada com uma visão social que ela almeja é o que a mobiliza. Para Mauritia, "estar no MST é se fortalecer por meio do coletivo para combater o que está fora". Há uma perspectiva que mescla visão de mundo com atuação prática. Tal união é característica da forma de trabalhar do MST. Para Pirro, uma das dimensões mais singulares da Rede é a integralidade entre formação, cuidado e práxis (2023, p.114). Práxis é um termo caro ao MST e a diversos movimentos populares de esquerda. Ela é utilizada aqui no sentido elaborado por Freire, enquanto um meio de alimentar a teoria com a atuação prática e que, por sua vez, fomenta a teoria (FREIRE, 1987, p.14). Para Mauritia, o combustível de sua militância está no que ela entende como sendo os resultados de sua atuação no movimento social: ver pessoas protestando juntas, o ganho de dignidade dos assentados e uma certeza de que a vida seria pior sem a luta realizada.

Por outro lado, e como foi ressaltado por quase todos os militantes com quem tive contato ao longo dessa pesquisa, ao discutir saúde mental dentro do MST, fala-se também sobre como é um desafio viver essa prática, ou seja, colocar no cotidiano os objetivos almejados. Dessa forma, o MST não é imune ao individualismo ou ao machismo e racismo. No teor dessa pesquisa, e especificamente desse capítulo, trago como os voluntários da Rede de Saúde Mental do MST acolhiam as demandas dos militantes. De acordo com Mauritia, quem procura a rede o faz devido a "violências do capital, do patriarcado, pelo ódio de classe e da falta de direitos", mas também por questões mais relacionadas ao gênero, como assédio e relações tóxicas. Assim como Pinheiro elaborou que a RSM é uma militância feita para dentro, Mauritia considera que



a Rede de Saúde Mental é “um lugar para falar das violências sofridas e nomeá-las”. As violências trazidas são aquelas vividas enquanto militantes, mas também enquanto pessoas marcadas em termos de gênero, raça e classe. Para muitos militantes com quem fiz essa pesquisa, o MST é um movimento social em transformação devido tanto às novas condições de luta pela terra e por vida digna para Sem Terra como também pela emergência de novos perfis de militantes e lideranças. No capítulo anterior, por meio da fala da Aroeira, surgiu a reflexão de como os últimos anos têm sido marcados por uma mudança interna no MST. Tais mudanças podem ser evidentes no surgimento e força de novos coletivos dentro do MST (como o coletivo LGBT). Mauritia, por sua vez, reflete como sua experiência na Rede de Saúde Mental mostra como a experiência dos militantes (especialmente das militantes mulheres) evidencia que o “MST não é um lugar intocável”, no sentido que as pessoas dentro dos espaços do movimento também experimentam fenômenos como racismo e machismo. Evidencia-se, portanto, a ideia de que a contribuição da RSM para o MST seria justamente a de nomear e explicitar esses conflitos internos.

Uma das maiores contribuições de Mauritia, na compreensão da saúde mental no MST, diz respeito ao caráter construído coletivamente, tanto do adoecimento quanto das formas de cuidado. Segundo Mauritia, “Saúde é lutar contra a maré, é contra hegemônico”. Por isso, a noção de saúde mental do MST, e que é trabalhada na Rede de Saúde Mental, envolve uma discussão sobre a relação dos militantes com a terra, o alimento, as relações dentro do MST, com a arte, educação, o acesso à moradia e no acesso a políticas públicas, como é o caso do SUS. Para ela, um dos grandes objetivos de sua militância dentro do MST e da RSM é não individualizar o sofrimento.

**Eu vejo minha atuação no sentido de tirar isso que as pessoas estão sentindo, seja lá o que for, do lugar do fracasso pessoal, ‘eu dei errado, eu não consegui, eu não dou conta, eu sou fraco demais, eu estou sentindo demais’. Não é. Projeto é esse. Dar nome para isso é uma coisa que me parece relevante agora. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).**

Diversas pesquisas têm demonstrado os riscos da individualização do cuidado. Epele, em pesquisas com pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS e com usuários de drogas, mostrou como não ser capaz de seguir padrões de cuidado estabelecidos era utilizado como justificativa para o sujeito não receber outros cuidados

(2024, p.23). Algo semelhante se passou na investigação de Boldrin (2020), que investigou os cuidados e tratamentos para pessoas com tuberculose em um hospital especializado no tratamento. Os pacientes encaminhados ao hospital investigado pela antropóloga viviam uma vida de precariedade, o que acabava por dificultar imensamente o tratamento de longa temporalidade.

O que há em comum nos casos estudos por Epele e Boldrin, assim como nos casos analisados pela RSM e comentado por Mauritia nesse tópico, é a reflexão sobre cuidados com pessoas subalternizadas, o que também pode ser visualizado pela noção de uma vida sem promessa de estabilidade (TSING, 2015, p.2). O que há de novidade, porém, é que a RSM é simultaneamente fonte de cuidado e uma tentativa de criar a estabilidade que falta na vida dos sujeitos. Por essa razão, cuidado e militância são tão inseparáveis na formulação presente no MST e que a reflexão de Mauritia acerca de tirar o sofrimento do fracasso pessoal é tão relevante para o tema em questão.

A reflexão sobre saúde mental dentro do MST cumpre uma função de nomear e agir sobre os múltiplos mal-estares que afligem aqueles a quem seus cuidados são direcionados. Os militantes não estão destacados completamente da sociedade e dos valores englobantes, porém o que caracteriza o cuidado dentro do MST é uma forma de tornar o militante capacitado para mudar suas condições de vida, seja dentro ou fora do movimento, e não para realçar uma condição de produtividade. Ainda segundo Mauritia, “a gente [os militantes] quer ser imbatível, a gente quer não cansar diante das injustiças que sofremos, mas o cansaço e o abatimento chegam”. Dedicar, como diz um lema do MST, “toda uma vida à luta” é um horizonte ao mesmo tempo almejado e inalcançável. Uma solução para esse paradoxo está, segundo a análise de Mauritia, na mística, que é “um dos motivos do MST ser grande” e é o que “dá repouso, põe sensação de arrepio, renova o sentido, honra a história. A mística traz de volta ao corpo e ao território”.

A capacidade de se arrepiar e de buscar sentido é aqui justamente o contrário da exaustão e da falta de anseios tão conhecidos por aqueles que observam os malefícios dos transtornos psicológicos. Alcançar algum equilíbrio, dentro da militância, é um trabalho sensível e construído coletivamente, entre condições materiais e sentido da luta. A utopia dentro do MST tem um sentido próximo daquele elaborado por Eduardo Galeano, que dizia que ela serve “para que eu não deixe de caminhar”.

### 3.3.4. Mirabilis - “É ver na prática a possibilidade de mudança da sociedade”

Mirabilis é uma psicóloga que esteve à frente de algumas das inovações feitas na Rede de Saúde Mental. Ela é uma mulher paulistana, negra, mãe e psicóloga com atuação em alguns movimentos sociais. Ela exerce a profissão de psicóloga na clínica, com foco principalmente em saúde da mulher. Quando ingressei nesse coletivo, ela já vinha participando ativamente de grupos de Arpilleras do MST e também esteve no grupo que deu início aos atendimentos em formato de Plantão. As Arpilleras do MST se inspiram na experiência de mulheres após a ditadura chilena e consistem em grupos nos quais o cuidado é tecido junto com bordados. No MST, a prática desses grupos tem mesclado cuidado em saúde mental, gênero e militância por meio de ciclos de encontros que geram conjuntos de bordados e são chamados de Arpilleras. Um dos ciclos dessas oficinas, por exemplo, teve como tema “os sonhos de cada uma na luta com o MST”.

Um dos pontos que tenho buscado ao conhecer mais os militantes com quem essa pesquisa foi feita é como começam suas trajetórias de engajamento. O que tenho percebido são dois tipos de caminho: um que vem por meio de um crescimento nos movimentos sociais populares e/ou partidos de esquerda, outro que parte de uma identificação já na vida adulta. A trajetória de Mirabilis mescla esses dois pontos. Ela é filha de dois cientistas sociais e foi educada dentro de uma visão política popular e próxima ao Partido dos Trabalhadores (PT). Tal aspecto é importante, pois começa a criar nela um horizonte: “a questão da luta de classes, a luta social, uma sociedade mais justa, igualitária, a solidariedade sempre estava no meu horizonte”. Por outro lado, sua aproximação junto ao MST só veio surgir em sua vida adulta, enquanto cursava psicologia. Nas atividades extracurriculares ela passou a participar de plenárias de movimentos sociais que ocorriam em sua universidade e essas experiências a levaram inicialmente ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Novamente, são as emoções que a levam ao engajamento - “eu tinha ido num acampamento do MTST e eu tinha ficado extremamente encantada e tocada com aquilo”. Formada, Mirabilis foi trabalhar na saúde pública, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), mas também, foi convidada a integrar uma rede, entre 2018 e 2019, de psicólogos para apoio à pessoas de Povos e Comunidades Tradicionais, em especial grupos que lutavam por acesso à terra. No interior desta rede, veio o convite para integrar a então recém

formada Rede de Saúde Mental do MST, quando iniciou a pandemia de COVID-19 no Brasil, em 2020. O MST já estava presente tanto nas experiências extracurriculares de Mirabilis na faculdade como no contato com os Povos e Comunidades Tradicionais que lutavam por território, o que já gerava em Mirabilis uma admiração, mas foi com a RSM que a admiração virou militância.

Eu tinha uma aproximação de longe com o MST. Sempre admiradora, assistia os materiais que chegavam para mim, desde texto, vídeos e etc. Mas como por parte pertencente mesmo... a Pequi ela fala isso pra gente, eu fico comovida que a gente é Sem Terra. **A partir do momento que a gente é rede e atende a militância, a gente é parte disso.** (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Ou seja, o processo de engajamento de Mirabilis passa por uma forte identificação com os sentimentos envolvidos na militância do MST e também com sua formação política e profissional. Não desconsiderar tais fatores é essencial para entender o que a faz militar e como ela compreende os motivos e as condições para exercer essa função. Assim como ocorre com outros militantes, nem sempre sua atividade remunerada é proveniente da atividade dentro do MST e ela também se dedica a outros movimentos sociais.

Até hoje, na verdade, não é isso que me faz ganhar dinheiro, pagar minhas contas [...] Mas é isso, eu também não abro tanto espaço, porque eu fico militando - eu também me ligo a marcha mundial das mulheres, eu também sou mãe solo, eu tenho várias atividades que são não-remuneradas. E tem o trabalho doméstico, que é o famoso trabalho invisível. (Entrevista concedida em, Abril de 2024).

O equilíbrio entre essas atividades é dinâmico. No momento em que a necessidade financeira é maior, Mirabilis sente liberdade para liberar mais horários para os atendimentos clínicos. Em outros momentos, ela aumenta a dosagem para o lado da Rede de Saúde Mental, “já tive outras fases em que eu estava muito mais entregue para a militância, deixando o consultório mais no segundo plano. E aí eu fico muito mais apertada financeiramente. Recebendo o que eu pago praticamente”. A necessidade da militância em sua vida, porém, se dá pela existência de sentido da atividade em consonância com seus ideais políticos e sociais.

Para mim, faz tanto sentido fazer esse trabalho de militância que não faria sentido ficar afastada dele para ficar só no consultório. E eu acho que uma das coisas que me encantava no trabalho no CAPS é que junta os dois ali. Não é uma militância com um movimento Sem Terra, mas é uma militância pelo SUS, é uma militância pela população que é, majoritariamente, economicamente em desvantagem. (Entrevista concedida em, Abril de 2024).

Venho investigando ao longo desta tese o que é necessário para compreender o que serve como cuidado para um militante ao longo de sua trajetória. O apoio social dentro do grupo e dentro da sociedade de uma forma geral e o apoio material para realizar suas atividades são alguns desses pontos. Outro, também incontornável, é fazer sentido. É interessante como diversos militantes com quem tive contato ao longo da pesquisa comunicam que veem esse sentido na prática, e não apenas na forma de ideais.

Eu acho que dá para concretizar essa resposta [sobre suas motivações] quando eu fui a primeira vez na ENFF [Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>20</sup>] e acho que quando eu fui também no primeiro acampamento do MTST. É ver na prática a possibilidade de mudança da sociedade. Aquela mudança que eu desde criança estava com essa perspectiva, de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. Quando eu fui na ENFF a primeira vez... bom, todas as vezes que eu vou lá é assim, mas a primeira vez me impactou muito. Você vê que tem um trabalho coletivo acontecendo, que tem uma organização, que não é uma coisa bagunçada. É organizada e é coletivo. Então, trocando em miúdos, eu diria que o que faz sentido, é ter com perspectiva uma sociedade mais justa e solidária. E vê na prática isso acontecendo. (Entrevista concedida em, Abril de 2024).

A prática vivida pelos militantes do MST é experimentada dentro dos acampamentos e assentamentos. Não à toa, diversas etnografias sobre o MST trazem referência a uma saudade dos tempos de acampamento, ou dos tempos sob a lona preta (SIGAUD, 2000; LOERA, 2019). Esses momentos são considerados inclusive como formadores da compreensão do que significa ser militante.

A Rede de Saúde Mental, que é o local de militância de Mirabilis dentro do MST, tem para ela relação com as causas principais do movimento justamente no

---

<sup>20</sup> A Escola Nacional Florestan Fernandes é um espaço do MST localizado no Estado de São Paulo. No local ocorrem diversas atividades formativas do MST e, portanto, é também local de exercício da militância de diversos membros do movimento. A Rede de Saúde Mental esteve presente algumas vezes nesse espaço, mas não que não pude acompanhar.

sentido de cuidar dos militantes quando estes encontram-se frustrados e exaustos, além de enfrentar os problemas que estão relacionados à própria origem de RSM, como o combate à violência doméstica.

A relação da causa principal do movimento com a rede, entendendo que ela teve esse início, que foi específico no setor de gênero, específico da rede de combate à violência doméstica, ela trazer esse apoio psicoemocional, em saúde mental, nesse processo de luta, porque o processo de luta é árduo, é desanimador. É importante, é em direção a uma sociedade mais justa e tudo mais. Mas no dia a dia é bastante desanimador. (Entrevista concedida em, Abril de 2024).

É a partir da noção de que estar junto dos seus pares militantes fortalece sua convicção e sua capacidade de lutar que a noção de cuidado dentro do MST se separa de um cuidado mais individual. Para Mirabilis, o que leva os militantes a buscar a RSM não são os processos de enfrentamento próprios de estar engajado, “não é um problema da luta em si”, e sim um problema da condição de exploração vivida pelos Sem Terra.

**Primeiramente, eu acho que não é um problema da luta em si, de ‘estou exausto de fazer a luta diária’.** Não, não me aconteceu, pelo menos das pessoas que já atendi até hoje. Já apareceu assim a exaustão, porque tem muita exigência, dependendo da militância, tem uma militância que participa de algum cargo, tem que fazer assembleia, tem que fazer um monte de coisa lá, aí se sente sobrecarregado. As pessoas têm procurado mais porque sempre precisou, porque sempre disseram que precisava passar por uma psicóloga e então chegam na rede. Muito nesse sentido de uma, eu vou dizer assim, de uma sobrecarga... **eu acho que inclusive é mais por causa da sobrecarga capitalista, dar conta tudo sozinho do que da militância, do dia a dia, da luta.** Que também tem, né? Seus motivos para cansaço, mas que é o que aparece menos. (Entrevista concedida em abril de 2024, grifos meus).

Mirabilis fala de uma diferença entre o desgaste causado pela própria militância e aquele originado pela opressão do sistema capitalista. Segundo sua experiência como psicóloga da RSM, os militantes buscam apoio não tanto pelo cansaço do engajamento, mas principalmente devido às pressões e sobrecargas impostas pela estrutura social e econômica contra a qual lutam. Esta perspectiva dialoga diretamente com a concepção do MST de que o sofrimento não é prioritariamente individual, mas tem raízes nas

contradições sociais. Mirabilis menciona que os militantes precisam "dar conta de tudo sozinhos". Com isso, ela aponta uma das principais contradições do sistema capitalista: a tendência de transformar problemas coletivos em questões individuais. Essa crítica se conecta diretamente à perspectiva apresentada por Mauritia neste capítulo. Para Mauritia, o papel da rede é justamente retirar o sofrimento do campo do estritamente individual e trazê-lo para o coletivo. A reflexão de Mirabilis sugere que o engajamento na luta, mesmo com suas dificuldades, opera mais como um fator de proteção e fortalecimento do que como fonte primária de sofrimento psíquico, mas também deixa espaço para investigação de casos nos quais essa adequação e satisfação não sejam satisfatoriamente preenchidas.

Por fim, a experiência de Mirabilis na RSM a leva à compreensão de saúde mental do MST, além dos pontos que já foram ressaltados até aqui, enquanto um cuidado coletivo e multiprofissional. Para exemplificar o último ponto, ela mencionou como a RSM é formada por pessoas de distintas áreas; além de psicólogos, também os cientistas sociais, advogados e terapeutas corporais. O perfil de cuidado procurado, portanto, atua em campos nada isolados dentro das formas de exercer as lutas dos militantes no mundo.

### 3.4. Conclusão

Ao longo deste capítulo, investiguei a partir da trajetória de quatro militantes a construção e o funcionamento da Rede de Saúde Mental (RSM) do MST, revelando como esse coletivo parece condensar pontos que indicam os caminhos tomados pelo MST para cuidar de seus militantes. A RSM não apenas oferece suporte aos militantes, mas representa uma nova forma de pensar e praticar o cuidado em saúde mental, profundamente alinhada com os princípios e a realidade do movimento social.

O processo de construção da RSM demonstra como o MST compreende a necessidade de criar suas próprias estruturas de cuidado, adaptadas à sua realidade e princípios. Este processo não surgiu do acaso, mas da percepção aguda das necessidades específicas dos militantes e da compreensão de que as formas tradicionais de cuidado em saúde mental nem sempre respondem adequadamente às demandas de um movimento social. Também não surge do acaso, pois é desenvolvida inseparavelmente e enraizada nos princípios defendidos pelo MST.

Trazer para o capítulo as reflexões de quatro militantes que constroem a RSM ajuda a concretizar o que significa o cuidado e o que significa ser militante, assim como qual o significado que a RSM tem dentro do MST. O porquê começar e o porquê manter-se na militância são aspectos profundamente entrelaçados e que são realimentados seguidamente. Pequi nos apresenta uma perspectiva fundamental ao demonstrar como a militância não é apenas uma atividade externa ao sujeito, mas parte constitutiva de sua identidade. Esta compreensão nos ajuda a entender que o cuidado em saúde mental no MST não pode ser pensado de forma dissociada da própria militância - ele deve, necessariamente, incorporar e valorizar esta dimensão da vida dos sujeitos.

Sujeitos militantes esses que são formados a partir de ideais, teorias, práticas e sentimentos. A contribuição de Pinheiro sobre o papel do ódio nos processos de luta traz uma perspectiva importante dentro do MST e de vários outros movimentos sociais voltados a pessoas que são minorias em termos de direitos. Ao invés de patologizar emoções consideradas negativas, sua reflexão nos mostra como estas podem ser compreendidas e canalizadas como força motriz para a transformação social. Há aqui uma visão contrária à ideia de que emoções incômodas deveriam ser medicalizadas, domesticadas ou individualizadas. Mauritia, por sua vez, traz uma contribuição fundamental ao evidenciar a necessidade de deslocar a compreensão do fracasso do campo individual para o social. Esta perspectiva é especialmente relevante no contexto de um movimento social, onde as dificuldades e obstáculos enfrentados pelos militantes são, frequentemente, expressões de contradições sociais mais amplas. Mas sua análise não se restringe ao campo do MST, retirar o sofrimento do campo estritamente individual é uma missão social para além da militância para dentro.

Por sua vez, o relato de Mirabilis mobiliza outros sentimentos. Sua trajetória e sua experiência na RSM nos permite compreender como a admiração pelo MST e a possibilidade de ver na prática os resultados do horizonte político almejado funcionam como elementos fortalecedores da saúde mental dos militantes. Sua experiência demonstra como o engajamento na luta, mesmo com suas dificuldades, pode operar mais como um fator de proteção e fortalecimento do que como fonte primária de sofrimento psíquico.

A partir destas diferentes perspectivas, podemos delinear alguns aspectos fundamentais que devem compor a noção coletiva de saúde mental do MST: o



reconhecimento da militância como elemento constitutivo da identidade, a valorização do coletivo como espaço de cuidado, a compreensão do sofrimento em sua dimensão social e política, e a importância da práxis na construção de sentido para a luta.

A RSM emerge, assim, como uma estrutura que vai muito além do suporte psicológico individual. Ela representa uma forma de pensar e praticar o cuidado em saúde mental, onde o bem-estar individual está intrinsecamente ligado ao coletivo, e, principalmente, no qual a própria luta social opera como elemento terapêutico. Esta abordagem não apenas responde às necessidades específicas dos militantes do MST e aponta caminhos que estão sendo construídos por esse movimento social, mas também contribui para repensar as práticas em saúde mental, demonstrando como é possível construir formas de cuidado que sejam verdadeiramente emancipatórias e transformadoras.

O conceito de "cuidado além do reparo" de Drotbohm (2022) nos ajuda a compreender como o cuidado não se limita apenas às ações de consertar, arrumar ou reparar algo específico. A autora indica realizar a investigação do cuidado perguntando-se de que modo o cuidado, em sua dimensão social, emocional, técnica e política, é enquadrado em outras línguas e por meio de quais signos, gestos, atribuições e avaliações (*Ibidem*, p.13). Dessa forma, sugiro a investigação do cuidado por meio dos aspectos que compõem a militância.

O cuidado praticado pela rede não se limita a "consertar" ou "reparar" o sofrimento psíquico dos militantes, mas se configura como uma força transformadora que atravessa dimensões sociais, emocionais, técnicas e políticas. Este cuidado transformador se manifesta através de uma linguagem própria do movimento, por meio de gestos coletivos e através de práticas que valorizam a identidade militante.

Por sua vez, a noção de "abandono político" abordado por Povinelli (2011), em um trabalho sobre acesso à terra por comunidades nativas na Austrália, encontra eco nas discussões sobre como o MST precisou criar sua própria rede de cuidados. Para a autora, baseada nas perspectivas de W.E.B. Du Bois e Frantz Fanon, as formas de cuidado inseridas em uma lógica de mercado voltadas para pessoas subalternizadas não corrigem as desigualdades, mas sim as criam e consolidam (POVINELLI, 2011, p.25). A abordagem de cuidado criticada por Povinelli é uma que individualiza as causas de

sofrimento como um risco individual ou uma “prática comportamental” (*Ibidem*, p.158), ou seja, noções como a de que a desigualdade social é prejudicial para a saúde são convertidas em noções como falta de exercícios, falta de habilidades profissionais requeridas pelo mercado, tabagismo e outros problemas de saúde, sempre associados a escolha individual, que são as explicações em si para uma saúde ruim. Como trouxe a militante Mauritia, neste capítulo, uma das missões do cuidado no MST é o de tirar o sofrimento do lugar do fracasso pessoal. Quando Povinelli discute, em seu livro, como o cuidado pode ser problemático quando vinculado à avaliação de adequação a um estilo de vida específico (produtivo e adequado ao mercado), isso ressoa com a própria razão de ser da RSM: a necessidade de criar uma forma de cuidado que compreenda e valorize o modo de vida e a identidade dos militantes, em vez de tentar adequá-los a um padrão de produtividade.

Conforme demonstram Sônia Maluf, Érica Quinágua Silva e Marcos da Silva, o modelo hegemônico de saúde está localizado na biomedicina, que não por isso não é tensionado por áreas como antropologia e saúde pública (MALUF; SILVA; SILVA, 2020 ,p.1). Uma abordagem individualizante da saúde refere-se a modelos que reduzem os processos de saúde, adoecimento e cura a fenômenos puramente biológicos ou individuais, desconsiderando os contextos socioculturais, políticos e econômicos que os envolvem. A forma de cuidado desenvolvida ao longo desta tese e especialmente no que foi apresentado no presente capítulo se encaixam no campo das práticas sociais em torno de adoecimento e cura, das resistências e aos diferentes agenciamentos sociais e políticos que atravessam as práticas e os saberes (MALUF e SILVA ,2018, p.9). A abordagem combatida pelo MST e pela RSM é uma que reduz os processos de saúde, adoecimento e cura a fenômenos puramente biológicos ou individuais, desconsiderando os contextos socioculturais, políticos e econômicos que os envolvem. Nesse sentido, a abordagem antropológica e a elaboração do MST possuem aproximações importantes.

Assim como a contribuição da antropologia para o debate sobre saúde e o sofrimento social se dê através de um conjunto de ferramentas teóricas e metodológicas que nos permitam perguntar, de uma maneira comprometida com os sujeitos implicados e considerando sua história e situação social, como o sofrimento é produzido e reconhecido e quais as implicações éticas e políticas dos diferentes tipos de reconhecimento (VICTORA, 2011, p.9), a RSM busca no MST as ferramentas para

capacitar os militantes para um cuidado que os permita questionar suas condições de vida.

Justamente por reconhecer que as estruturas convencionais de saúde mental muitas vezes não contemplam ou até mesmo podem ser prejudiciais às especificidades da vida militante, a RSM surge, portanto, como uma resposta a situação de desigualdade social, criando um espaço onde o cuidado é pensado a partir das próprias condições materiais e arranjos institucionais do movimento. A Rede de Saúde Mental surge não como uma estrutura isolada, mas como parte integrante da luta do movimento, profundamente enraizada em seus princípios e práticas. Isso se evidencia nas falas dos entrevistados, especialmente quando discutem como o cuidado em saúde mental no MST não pode ser dissociado da própria militância e da compreensão do contexto social mais amplo em que se insere.

O repertório de cuidado apreendido por meio das trajetórias dos militantes apresentados neste capítulo inclui ações de nomeação e reconhecimento dos múltiplos sofrimentos enfrentados pelos militantes, como racismo, machismo, violência de gênero, assédio e violência institucional, permitindo que esses sofrimentos sejam abordados de forma coletiva e política. Além disso, a Rede de Saúde Mental promove um espaço para a expressão de emoções, conflitos internos e desafios pessoais. Essas práticas também envolvem a reflexão sobre a relação dos militantes com sua sociedade, terra, alimentação, arte, educação, moradia e acesso às políticas públicas. O cuidado aqui não é apenas terapêutico no sentido convencional, mas é também, essencialmente, político e formativo, potencialmente transformador. No caso do MST, o cuidado se materializa através de signos próprios do movimento, como a valorização da luta coletiva, os gestos de solidariedade e companheirismo, e avaliações que consideram o contexto social e político do sofrimento, indo muito além de uma perspectiva individualista da saúde mental.

## Conclusão

A investigação da qual trata essa tese passou por diferentes ambientes e grupos de militantes do MST em busca da investigação sobre o que há de cuidado e o que há de risco na formação dos sujeitos com quem essa pesquisa foi realizada enquanto militantes. A pesquisa iniciou no estado do Ceará e em seguida no Distrito Federal. Nesses dois locais, investiguei, junto aos meus interlocutores, o porquê deles serem militantes e o que precisamente isso queria dizer. Apostei em uma construção lenta e gradual da ideia de saúde e bem-estar por meio da formação desses sujeitos dentro do MST. A razão para tal ponto foi por entender que é justamente a transformação pessoal e as novas inserções sociais alcançadas pelos interlocutores desta pesquisa que constituem seus mecanismos de cuidado e sua compreensão dos riscos. Na última etapa desta pesquisa, investiguei a Rede de Saúde Mental, um coletivo criado em 2020 e que tornou mais explícita algumas das questões da presente tese, relacionando a militância com a saúde mental propriamente dita.

Era também objetivo da pesquisa identificar o que significa a saúde, e mais especificamente a saúde mental e os cuidados empregados neste sentido, para os militantes do MST. Vimos que os significados construídos dizem respeito a estar em coletivo, a ser capaz de contar com um grupo que encontra, em sua organização, forças e meios para intervir em situações de risco e de isolamento. Por outro lado, estar em coletivo significa também estar ativamente disponível para fornecer suporte para outros. Tal fator exige um preparo e uma transformação do militante enquanto pessoa, como alguém que precisa ver-se essencialmente como um ser não individual. Mas essa disposição para os outros é também algo que fornece um significado a sujeitos que se veem, em suas trajetórias pregressas à militância, como menos capazes de influenciar os rumos sociais nos quais estão inseridos. O engajamento político, longe de ser apenas uma fonte de desgaste, pode funcionar como um fator de proteção e fortalecimento psicossocial. A relação de engajamento a longo prazo é também uma relação de transformação social e subjetiva dos militantes. Nas palavras de outra militante, Ayala Ferreira:

É a relação com a terra, mas não descuidar do projeto político que a gente tem que construir. Essa compreensão de mundo, de realidade, de organização popular expandida. Não é só a organização dos sem-terra; é você estar nos processos concretos em que o povo, a sociedade brasileira, os setores populares

demandam. É se posicionar em temas com que não necessariamente temos um vínculo direto, mas em relação aos quais a gente precisa se posicionar. É ser essa voz permanente, de forma crítica, de acreditar nas transformações. Esse novo tipo seria isso, mas nunca perdendo de vista as suas raízes. Eu posso andar o mundo, gente, mas eu sei que o meu lugar é no Assentamento “26 de Março”, no Núcleo de Moradia 1, associada da cooperativa de produção do assentamento. E que eu tenho, obrigatoriamente, que compreender o espaço que eu vivo. E construir relações afetivas no espaço em que eu vivo, então essa coisa de estar no mundo é ter essa raiz. (FERREIRA, LOERA e ROLEMBERG, 2025, p.20).

Com esta pesquisa, espero ter contribuído para os estudos antropológicos sobre movimentos sociais ao evidenciar como as dimensões emocionais e afetivas são centrais para compreender o engajamento político e o cuidado realizado para dentro dos movimentos sociais. Sentimentos e afetos são mobilizados e transformados de forma ativa no contexto da luta social.

Os achados desta pesquisa sugerem ainda que as práticas de cuidado desenvolvidas pelo MST podem oferecer diálogos para pensar modelos de atenção à saúde mental, fundamentados na inserção social do sujeito adoecido e não em sua individualização. Os modos de cuidado apresentados pelo MST demonstram que é possível construir formas de atenção que não dissociam o bem-estar individual das lutas coletivas por transformação social.

Para além das contribuições acadêmicas, espero que esta tese possa servir como um registro e uma reflexão sobre as formas de cuidado e resistência desenvolvidas pelo MST, contribuindo para o reconhecimento e valorização destes saberes construídos dentro de uma prática de engajamento social e político. A presente pesquisa capta um momento de discussões novas e em ebulição dentro do MST, o que pode ser entendido como essa militância para dentro, ou seja, como cuidar dos sujeitos que constituem o próprio movimento social.

Defendo que a atenção com os próprios militantes é um objeto de reflexão importante pois faz pensar sobre os custos emocionais e sociais de estar engajado em uma luta social e na necessidade de não esgotar os sujeitos que compõem os coletivos formados nesses processos.

Os argumentos teóricos centrais desta pesquisa podem ser sintetizados em dois pontos principais. Primeiramente, a trajetória dos militantes e a construção realizada dentro do MST levam a uma concepção ampliada de saúde, no sentido em que entende a

saúde como intrinsecamente ligada à capacidade de luta e transformação social. Esta perspectiva integra aspectos individuais e coletivos, políticos e emocionais do bem-estar. Argumento, portanto, que o MST desenvolveu um sistema complexo de cuidado que, embora apresente seus próprios desafios, oferece recursos significativos para o bem-estar psicossocial de seus integrantes. A militância é apresentada não apenas como fonte potencial de desgaste, mas como fator de proteção e fortalecimento.

Um segundo aspecto, absolutamente central, é o cuidado como uma prática política. Tais práticas aqui estudadas são simultaneamente terapêuticas e políticas, criando um repertório próprio que responde às especificidades da vida militante e, simultaneamente, constroi o militante como modo específico de estar no mundo. O cuidado é visto como uma prática transformadora que integra diferentes saberes e formas de ação. Nesse sentido, o engajamento político não é puramente racional, mas profundamente emocional e afetivo. A construção da identidade militante envolve processos emocionais que são cruciais para a manutenção do compromisso com a luta social.

Por outro lado, essa tese nitidamente deixa de alcançar alguns pontos que são do interesse da melhor compreensão do objeto de pesquisa em questão. Sendo o MST um movimento de enorme abrangência, com décadas de existência, transformações internas, conexões internacionais e diversos perfis de participantes e de atividades, ficou evidente ao longo desta pesquisa que não fui capaz de abordar de forma abrangente a formação de militantes que estão em outras posições dentro da estrutura do movimento, como aqueles que exercem suas atividades essencialmente dentro dos acampamentos e assentamentos ou em nível regional. A pesquisa priorizou, e foi capaz de alcançar, apenas militantes que estavam em posições de coordenação em nível estadual ou nacional. Dessa forma, também ficou de fora desta pesquisa a participação mais direta em um dos momentos de maior formação dos militantes, a saber, aqueles de ocupação, montagem e manutenção dos acampamentos.

Outro ponto cego desta pesquisa foi que não fui capaz de alcançar as pessoas que deixaram o MST. Seria interessante conhecer suas perspectivas para entender porque se afastaram e por meio de qual processo isso aconteceu. Será que o afastamento implica um afastamento de todas as atividades, ou apenas uma redução da intensidade de tarefas realizadas? Será que implica em um corte dos laços sociais criados? Ou esses laços sociais mantêm-se dentro dos assentamentos? Pode a dedicação exigida causar

sofrimento que leva alguém a partir? São perguntas que infelizmente não foram respondidas nesta pesquisa.

Ressalto ainda algumas questões que foram trazidas por Ana Gretel na ocasião de arguição final do doutorado no qual essa pesquisa foi desenvolvida. Ela questionou se haveria espaço para o cuidado para além da luta, um cuidado para além do militante. Quanto a esse ponto, entendo que a noção de além da luta se torna uma horizonte de difícil visualização nas trajetórias dos militantes. Como apresentei nesta pesquisa, a luta, em diversos sentidos, passa a fazer parte do modo de estar no mundo de meus interlocutores. Mas Gretel trouxe ainda uma aprofundamento dessa questão e que não foi respondido dessa pesquisa, mas que aponta para caminhos interessantes de investigação. Haveria um caráter capacitista no cuidado como capacidade de lutar, no sentido de capacitismo como um sistema de opressão que valoriza determinados corpos e mentes em detrimento de outros, com base na ideia de que há um padrão esperado — nos níveis físico, cognitivo, ou sensorial — que todos no grupo deveriam alcançar? A pista de pesquisa que Ana Gretel deixou foi a de que a saúde como capacidade de lutar poderia excluir ou hierarquizar pessoas que apresentam menos condições de luta. Entretanto, indicando um caminho para estes questionamentos a partir da pesquisa apresentada nesta tese, a saúde militante ou saúde como capacidade de lutar é também uma forma de construção de dignidade de forma holística. É uma capacidade de sustentar a vida, para os diferentes perfis de militantes, e não uma capacidade de performatividade produtiva da luta. O caminho de saúde estudado aqui envolve justamente uma construção coletiva de cenários de pertencimento dentro e fora do MST ou, em outras palavras, de condições de exercer dignidade de vida.

Há, ainda, um ponto que não fui capaz de desenvolver a contento, mas que poderia, com mais fôlego e investimento teórico-etnográfico, ser abordado satisfatoriamente. Os marcadores sociais de raça, gênero e geração perpassam as trajetórias apresentadas nesta tese. Em alguma medida, busquei desenvolver o que os interlocutores trouxeram e demonstrar como a construção dos militantes está, por mais que idealmente seja igualitária, em constante diálogo com questões de gênero, raça e geração. A profundidade com a qual esses marcadores tensionam as relações militantes foi apenas iniciada aqui, mas pode e deve ser aprofundada em pesquisas futuras.

Acredito, entretanto, que foi possível avançar significativamente na proposta de cuidado elaborada pelo MST e seus militantes. Há, aqui, uma forma própria de compreender e praticar o cuidado, e em especial para a construção contemporânea que

essa pesquisa captou, o cuidado em saúde mental, que está intrinsecamente ligada à sua luta política e social. Em sua célebre etnografia, Foote-Whyte (2005) menciona que o fim da pesquisa ocorreu não porque ele havia esgotado como gostaria as questões que pode abordar, mas sim que suas condições para fazer a pesquisa haviam sido encerradas. “Se essas grandes áreas ainda precisavam ser preenchidas, o que eu tinha a apresentar?”, ele se perguntava e forneceu a seguinte resposta

Num certo sentido, o estudo de uma comunidade ou organização não tem um ponto final lógico. Quanto mais você aprende, mais coisas vê para aprender. Se tivesse tido três anos [de adiamento de prazo de pesquisa], em vez de um, levaria mais tempo para completar o trabalho. Talvez fosse um estudo melhor. Por outro lado, quando soube que só dispunha de 18 meses, tive de parar e reavaliar meus planos mais detalhadamente, avançando na pesquisa e na escrita com muita determinação. (WHYTE, 2005, p.321)

Não arrisco afirmar que a tese que apresento aqui alcançou sucesso semelhante ao de Foote Whyte, mas posso afirmar que avancei na pesquisa com determinação e seriedade até onde fui capaz. A elaboração coletiva sobre saúde mental no MST não chegou ao final e pode ser acompanhada e complementada em outros trabalhos. Almejo que essa tese sirva como registro da trajetória e dedicação de pessoas engajadas, que transformam sua inconformidade com a desigualdade social em objeto de ação coletiva. Também tenho esperança que a pesquisa traga contribuições para as reflexões sobre cuidado, e contribuam para um cenário onde sujeitos não sejam vistos apenas pelo que são capazes de oferecer em retorno, mas como seres humanos dignos de receber cuidado e de participarem ativamente da sociedade em que vivem.





## Referências

ALLEBRANDT, Débora; AURELIANO, Waleska. **Políticas do cuidado: Interfaces contemporâneas entre saúde e família**. Revista Mundaú, v. 6, p. 8-17, 2019.

AZEVEDO, Victoria. **Lira anuncia instalação de CPI do MST e outras 2 na Câmara**. Folha de São Paulo. 24 de abril. 2023.

BARROS, Larissa Daiane Vieira; TEIXEIRA, Carmen Fontes. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e saúde do campo: revisão integrativa do estado da arte**. Saúde em Debate, v. 42, n. spe2, p. 394–406, out. 2018.

BASTOS, Rafael. **Pretos, periurbanos e crentes na luta pela terra: O MST DFE**. 2018. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BETIM, Felipe. As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar. **El País**. Paraná, 31 de dezembro. 2018.

BOLDRIN, Juliana Ramos. **Instabilidade e potência: etnografia do tratamento hospitalar de pacientes com tuberculose em um centro de referência**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2020.

BONET, Octavio A. R.. **Itinerâncias e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold**. Sociologia & Antropologia, v. 4, p. 327-350, 2014.

BONET, Octavio A. R.. **Saber e Sentir. Uma etnografia da aprendizagem da biomedicina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. 136p .

BOULOS, Guilherme Castro. **Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BUTLER, Judith. Rethinking vulnerability and resistance IN BUTLER et al. **Vulnerability in Resistance**. Duke University Press. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. 1ª seção LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 57ª LEGISLATURA Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a atuação do grupo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do seu real propósito, assim como dos seus financiadores. Câmara dos deputados. 14 de junho de 2023. 2023b Disponível em <<https://escriba.camara.leg.br/escriba-servicosweb/html/68196>>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. 1ª seção LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 57ª LEGISLATURA Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar a atuação do grupo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do seu real propósito, assim como dos seus financiadores. Câmara dos deputados. 23 de maio de 2023. 2023a Disponível em <<https://escriba.camara.leg.br/escriba-servicosweb/html/68196>>

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília, Paralelo 15. São Paulo, Editora UNESP. 2000.

CARTA CAPITAL. **Lira lê requerimento e cria CPI do MST e outras 2 comissões na Câmara**. Carta Capital. 27 de abril. 2023.

CASTRO, Leonardo D.. Pagamento a participantes de pesquisa In DINIZ, Debora et al (Org.). **Ética em pesquisa: temas globais**. Brasília: Letras Livres e EdUnB, 2008.

CHAVES, Christine. de Alencar. **Rituais da mística: Fronteiras borradas entre política e religião**. Mana, v. 27, n. 2, p. e272205, 2021.

CHAVES, Christine. de Alencar. **Rituais da mística. A mística do MST e as aporias da ação coletiva**. Revista de Antropologia (São Paulo), v. 65, p. 1-33, 2022.

CHAVES, Christine de Alencar. **A marcha nacional dos sem terra: um estudo sobre a fabricação do social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política, 2000.

COELHO, Paula Sasaki. **saúde mental em tempos de crise: contribuições da luta dos movimentos sociais no enfrentamento aos Sofrimentos Psicossociais**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em psicologia social. 2024.

COMERFORD, John. **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

COMITÊ BRASILEIRO DE DEFENSORES E DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS. **Vidas em luta : criminalização e violência contra defensoras e defensores de direitos humanos no Brasil**. Curitiba : Terra de Direitos, 2017.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 4, p. 105-118. 2001.

CPT. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. **conflitos no campo Brasil 2023**. Goiânia. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia, GO. Comissão Pastoral da Terra, 2023.

CPT. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. **conflitos no campo Brasil 2024**. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia, GO. Comissão Pastoral da Terra, 2025.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DALLA COSTA, Julia Marques. **FUNAI and INCRA PCI - reflections on Anthropology and agribusiness**. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 20, p. e20802, 2023.

DALLA COSTA, Julia Marques. **O “agir temerário, fraudulento e tirânico”: a antropologia e os antropólogos segundo a CPI da Funai e do Incra (2015-2017)**.

154 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DAS, Veena; DIFRUSCIA, Kim Turcot. **Listening to Voices. An Interview with Veena Das.** *Altérités*, vol. 7, no 1, 2010 : 136-145.

DROTBOHM, Heike. **O Cuidado além do Reparo.** *Mana*, v. 28, n. 1. 2022.

EMICIDA. **"O racismo vai morrer gritando" - Emicida | ENTRELINHAS.** Youtube. 2020.

ENGEL, Cintia. **Cuidado medicado e esgotamento.** *REVISTA COLETIVA FUNDAJ*, v. 29, p. 1, 2021.

ENGEL, Cintia. **Partilha e cuidado das demências: entre interações medicamentosas e rotinas.** Tese (Doutorado). Doutorado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, UnB, Brasil. 2020.

EPELE, Mariá. **El cuidado habrá sido cuestionado: O cómo las Etnografías críticas confrontan las tramas entre el cuidado y el poder.** *Etnografías Contemporáneas*, 10(19). 2024.

EPELE, Mariá. **El tratamiento como palimpsesto. Cuando la medicalización se convierte en crítica "políticamente conecta".** *Cuadernos de Antropología Social*, núm. 38, 2013.

ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DE MINAS GERAIS (ESP-MG). **Cuidados em saúde mental: diálogos entre o MST e o SUS.** *Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.* - Belo Horizonte. 2014.

FERIANI, Daniela. **Entre sopros e assombros: estética e experiência na doença de Alzheimer.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2017.

FERRAZ, João Felipe de Almeida. **Os antigos novos rumos da reforma agrária na democracia brasileira: a participação do MST na chegada do PT ao poder.** *Mosaico*, 12(18). 2020.

FERREIRA, Ayala Lindabeth Dias; LOERA, Nashieli Rangel; ROLEMBERG, Igor. **Entrevista a Ayala Ferreira - “Sujeitos Inquietos”. 40 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra**. Anuário Antropológico [Online], v.50 | 2025.

FIOCRUZ BRASÍLIA. **Primeira turma dos Agentes Populares de Saúde do Ceará**. Fiocruz Brasília. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

FRIGO, Simone. “A luta é a nossa escola”: Educação e formação política no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Defesa: Curitiba, 2008

FROTA, Mainara Mizzi Rocha. **“Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher...”: Trajetórias de vida de mulheres dirigentes nacionais do Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Bahia**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador. 2021.

GARCIA, Júlia Vilela. **“A pandemia não parou só o mundo, ela parou a vida da minha filha”: etnografando as consequências da pandemia de Covid-19 no cotidiano de famílias atravessadas pelo Vírus Zika em Pernambuco**. 2022. 143 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GIRÃO, Ivna; PONTE, Jairo. **Dia do Cerco**. VIDEOTECA VIRTUAL GREGÓRIO BEZERRA. Youtube. 2015. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ZNvr7IDmQu0> >.

GLOBAL WITNESS. **Defending Tomorrow - The climate crisis and threats against land and environmental defenders**. Global Witness. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Coletivos: novas formas de expressão dos jovens no associativismo contemporâneo no Brasil**. Civitas 25: 1-14, jan.-dez. 2025.

GOLDMAN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia**. Revista de Antropologia, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003.

GUEDES, André D.. **Abrir no Mundo, Rasgando o Trecho: Mobilidade Popular, Família e Grandes Projetos de Desenvolvimento**. Cadernos de Campo (USP. 1991), v. 21, p. 137, 2012.

GUEDES, André D.. **Andança, Agitação, Luta, Autonomia, Evolução. Sentidos do Movimento e da Mobilidade**. Ruris (Campinas), v. 9, p. 111-141, 2015.

GUEDES, André D.. **Fevers, movements, passions and dead cities in northern Goiás**. Vibrant (Florianópolis), v. 11, p. 56-95, 2014.

KAUSS, Bruno et al. **“Semente para Luta”: ativismos, direito à saúde e enfrentamentos de pessoas LGBTI na pandemia da covid-19**. Saúde e Sociedade [online]. v. 30, n. 3. 2021.

KEPPLER, Isabel Lopes dos Santos. **Saúde e Militância: Reflexões a partir da escuta de militantes**. 2011. 144 f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Psicologia) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2011.

LERRER, Débora; FORIGO, Adriano de Almeida. **A política de silêncio do problema agrário brasileiro**. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 27, n. 3, p. 483-508, out. 2019

LERRER, Débora F. **A militância como devoção: a primeira geração de militantes do MST**. CADERNOS CERU, série 2, v. 20, n. 2, dezembro de 2009.

LERRER, Débora Franco. **Trajetória de militantes sulistas: tradição e modernidade do MST**. 267p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicada ao conhecimento do mundo rural). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008

LOERA, Nashieli Cecilia Rangel. **Tempo de acampamento**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015.

LOERA, Nashieli Rangel. **De movimientos, botellas y consideración: la producción cotidiana de lo común en asentamientos rurales del estado de São Paulo, Brasil**. Revista de Estudios Sociales 70: 37-48. 2019.

MALUF, Sônia W., SILVA, . Érica Q., & SILVA, . Marcos A. da. **Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas**. BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais, (91), 1–38. 2020.

MALUF, Sônia Weidner ; QUINAGLIA SILVA, Erica . Estado, políticas e agenciamentos sociais em saúde. In: Sônia Weidner Maluf; Érica Quinaglia Silva. (Org.). **Estado, políticas e agenciamentos sociais em saúde: etnografias comparadas**. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

MARIGHELLA, Carlos. **Manual do Guerrilheiro Urbano**. Sabotagem. 2003.

MARINHO, Vitória ; FLEISCHER, Soraya. **Nadando contra a ciência da onda: Uma análise sobre a atuação de terapeutas na epidemia do Zika Vírus**. Revista Primeiros Estudos, v. 12, p. 1-26, 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify. 2003.

MÁXIMO, Wellton. **Brasil resgatou 3,1 mil trabalhadores escravizados em 2023**. Agência Brasil. 3 de Janeiro. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e GUERREIRO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2014, v. 19, n. 04



MINETTO, Isadora. **Sofrimento psíquico na militância: uma análise de seus processos críticos**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MIRANDA, Roberto de Sousa; CUNHA, Luis Henrique Hermínio. **A Estrutura Organizacional Do Mst: lógica política e lógica prática**. CADERNO CRH, Salvador, v. 26, n. 68, p. 363-375, Maio/Ago. 2013.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Coletivo Nacional de Saúde. Lutar por saúde é lutar por vida**. São Paulo. 1999.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Construindo o conceito de saúde do MST**. São Paulo. 2000.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Instalação de CPI é mais um capítulo da ofensiva contra o MST**. mst.org.br. 2023a. Disponível em <<https://mst.org.br/2023/05/18/nota-instalacao-de-cpi-e-mais-um-capitulo-da-ofensiva-contra-o-mst/>>

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **MST lança “Parada Pela Vida” e reafirma o isolamento produtivo**. mst.org.br. 2021. Disponível em <<https://mst.org.br/2021/04/17/mst-lanca-parada-pela-vida-e-reafirma-o-isolamento-produtivo/>>.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Relatório final da CPI contra o MST é frágil, com inconsistências e não apresenta provas**. mst.org.br. 2023b. Disponível em <<https://mst.org.br/2023/09/21/relatorio-final-da-cpi-contra-o-mst-e-fragil-com-inconsistencias-e-nao-apresenta-provas/>>

NELSON, Alondra. **Body and soul : the Black Panther Party and the fight against medical discrimination**. University of Minnesota Press. 2011.

PELOSO, Roberto. **A força que anima o militante**. São Paulo: MST. 1994

PIRRO, Juliana Camargo de Faria. **Psicologia em Movimento: Encontro de saberes e fazeres entre psicologia e MST para o cuidado integral em saúde mental**

**do campo.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

POVINELLI, Elizabeth. 2011. **Economies of Abandonment. Social Belonging and Endurance in Late Liberalism.** Durham, London: Duke.

PRITZKER, Sonya E. **Language, Emotion, and the Politics of Vulnerability.** Annual Review of Anthropology Volume 49, 2020.

Projeto Sementes de Proteção. **Proteção popular de defensores e defensoras de direitos humanos.** Passo Fundo: Saluz. Núcleo de Antropologia da Política, 2022.

RATTES, Kleyton. **O Mel que outros faveiam, Guimarães Rosa e Antropologia.** Editora Multifoco. 2015.

ROCHA, Maria Cristina; TCHALEKIAN, Bruna Borba; SILVA, Lucilene. **Cuidados em Movimento: experiências com o MST em tempos de pandemia.** In: Fraturas expostas pela pandemia: conjugando juntas o verbo esperar. Volume II. FAPERJ; Edufpi, 2021.

ROSA, Leandro A.; COELHO, Paula S. Grupos virtuais de saúde mental junto ao MST: pandemia, cuidado e práxis *In* FURLAN, V; OLIVEIRA, P.R.S.; LIMA, A.F. **Psicologia política e políticas públicas.** Curitiba: CRV. 2022.

RÜCKERT, Bianca et al. **Diálogos entre a Saúde do Campo e a Saúde Mental: a experiência da Oficina de Educação Popular em Saúde Mental do MST na ESP MG.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2015,

SAEZ, Oscar Calavia. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia.** Edição do Autor. Ilha de Santa Catarina. 2013

SANTOS, Rafael Silva dos. **A juventude que ousa lutar: os sentidos subjetivos da participação política de jovens do MST no Coletivo Nacional de Juventude.** Orientador: Jáder Ferreira Leite. 2022. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SATIE, Anna. **A trajetória de Ricardo Salles e as controvérsias na gestão do Meio Ambiente**. CNN Brasil. On-line. 19 de maio de 2021,

SEYFERTH, Giralda. **Campesinato e o Estado no Brasil**. *Mana*, v. 17, n. 2, p. 395–417, ago. 2011.

SIGAUD, Lygia. **A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana**. *Novos Estudos*, 58: 73-92. 2000.

SIGAUD, Lygia. **As condições de possibilidade das ocupações de terra**. *Tempo Social*, v. 17, n. 1, p. 255–280, jun. 2005.

SILVA, Antonia Ivoneide Melo. **Terra, conflitos e disputa: significados da titulação em assentamentos rurais no Ceará**. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2018) – Universidade Estadual do Ceará, 2018.

SILVA, Mirabilis Goes da; PRADA, Clara Aleida. **Saúde no campo: caminhos percorridos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. *Saúde em Debate*, v. 43, n. spe8, p. 50–65, 2019.

SPOHR, Martina. **Apresentação do dossiê "Do passado ao presente: os Movimentos Sociais e a Democracia na América Latina"**. *Mosaico* 12 (18), 01-08, 2020.

TELEN, Tatjana. **Care as Social Organization: Creating, Maintaining and Dissolving Significant Relations**. *Anthropological Theory*. 2015.

TRONTO, Joan. **Caring democracy : markets, equality, and justice**. New York University Press. 2013.

TSING, Anna. **The Mushroom at the end of the world: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**. Princeton University Press, 2015.

VALACI, Silvia Fioravante Guimarães de Carvalho. **Contar para não esquecer: uma análise dos passados presentes na militância feminina em “que bom te ver viva”**. Orientador(a): Roberta Guimarães Franco Faria de Assis. Coorientador(a): Rodrigo Garcia Barbosa, Denis Leandro Francisco. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2022.

VÍCTORA, Ceres Gomes. **Sufrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia**. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 5(4), p. 514-548, 2011.

VIDAL E SOUZA, Candice ; GUEDES, André D. . **Antropologia das Mobilidades**. 1ª. ed. Brasília: Aba Publicações, 2021. v. 1. 523p .

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 294 pp. 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O campesinato brasileiro: uma história de resistência**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 52, p. 25–44, 2014.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390pp. 2005.

WOORTMANN, Klass. **“Com parente não se neguceia” - O Campesinato como ordem moral**. Anuário Antropológico. n. 87. 1990.

YON, Karel. **Modes de sociabilité et entretien de l'habitus militant Militier en bandes à l'AJS-OCI**. Politix, 70(2). 2005.

ZANOTTO, RITA; FLORES, Viviana Rojas. **La Via Campesina In Dicionário De Agroecologia e Educação**. Expressão Popular. 2021.